

Manuel J. Gandra

**O MONUMENTO DE MAFRA**

**visto por estrangeiros**

*seen by foreigners*

*vu par des étrangers*

**visto por extranjeros**

**(1716-1908)**

nova edição, revista e ampliada

Mafra – Rio de Janeiro  
2016

Editores: Instituto Mukharajj Brasilan & Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica-Cesdies

Est. da Grota Funda, 2440 – Guaratiba

Rio de Janeiro/RJ – CEP 22785-330

Tel.: +5521 9399-0997

Email: [secretaria@brasilan.com.br](mailto:secretaria@brasilan.com.br)

Site: [www.brasilan.org.br](http://www.brasilan.org.br)

Título: O MONUMENTO DE MAFRA VISTO PELOS ESTRANGEIROS, seen by foreigners - vu par des étrangers - visto por extranjeros (1716-1908) – nova edição, revista e ampliada

Autor: Manuel J. Gandra

Coordenação Editorial: Loryel Rocha [[loryel@brasilan.com.br](mailto:loryel@brasilan.com.br)]

Projeto Gráfico: Diogo Gandra

Design da Capa: Diogo Gandra

Copyright: ©Manuel J. Gandra/Instituto Mukharajj Edições

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada por escrito, do autor ou do Instituto Mukharajj Brasilan, no todo ou em parte, por quaisquer que sejam os meios, constitui violação das leis em vigor.

Fale com o Autor: [manueljgandra@gmail.com](mailto:manueljgandra@gmail.com)

1ª Edição Luso-Brasileira: Outubro de 2016 – 102 exemplares, todos numerados e assinados pelo autor; e-book - impresso a pedido.

## Proémio

*In memoriam*  
do extraordinário Patrick Newson, *The Plasterer*.

O papel creditado à viagem na formação do *gentleman* corresponde a uma tradição essencialmente britânica que remonta à época isabelina, se aprofundou sob o consulado Stuart, tendo-se popularizado durante o século XVIII.

Tal tradição alicerçava-se no reconhecimento da importância do contacto dos jovens com o mundo real, complementando a educação tradicional, livresca e académica. O *Grand Tour*, subordinando-se ao lema *pleasure and instruction*, preconizado por Fielding, tornar-se-ia, nesse contexto, o corolário de um processo educativo, assinalando a entrada plena na vida adulta e, designadamente, no mundo aristocrático. Constituía, em suma, a etapa decisiva na transformação dos mancebos jovens em adultos polidos, elegantes e cosmopolitas.

O *Grand Tour*, inicialmente circunscrito à Itália e à França, passaria, a partir de meados do século XVIII, a incluir destinos mais diversificados, abrangendo as regiões mais remotas ou periféricas do continente europeu e, nomeadamente, as nações ibéricas.

O Terramoto de Lisboa, de 1755, mais intensificaria a romaria dos britânicos que, em grande número, afluíram a Portugal, circunstância que se traduziria numa intensa publicação de relatos de viagens, nunca interrompida, nem mesmo quando, em consequência das campanhas napoleónicas, o *Grand Tour* tradicional entrou em declínio.

Com efeito, a partir do século XIX, o conceito de viagem, que imperara durante a centúria anterior, como veículo de aperfeiçoamento espiritual e formação intelectual, dessacralizar-se-ia. Mercê do desenvolvimento dos meios de transporte, a viagem outrora quase exclusivamente limitada à aristocracia, iria banalizar-se, alargando-se a um novo extracto social e aproximando-se daquilo que, sobretudo após a criação da agência Cook, em 1845, passaria a

denominar-se turismo (termo de origem francesa, inventado e difundido, a partir de 1857, por ingleses).

Diversos factores adicionais haviam de contribuir, doravante, para a inclusão da Península Ibérica no périplo obrigatório de quase todos quantos realizavam o novo *Grand Tour*, preferencialmente britânicos, mas não apenas, porquanto a moda se vulgarizara a outras nações, a saber: o clima ameno, a atracção pelo exótico (tão acarinhado pelo Romantismo), a actividade comercial, industrial, militar, científica, ou outras, a busca de cura para enfermidades, a catequese religiosa, o crescente interesse pelas culturas europeias meridionais, em particular aquelas em que os vestígios da civilização árabe eram mais evidentes, etc.

A alteração dos cânones subjacentes à viagem repercutir-se-ia necessariamente nas categorias estéticas que passaram a presidir à composição dos relatos. Não só se constata a subalternização da componente didáctica, como o viajante que, antes, pretendia descrever detalhadamente monumentos e registar, de forma tanto quanto possível impessoal, costumes e informações de interesse geral, cede o lugar a um narrador emocional que, exprime sentimentos sobre si próprio e juízos de valor, evidentemente condicionados pelo seu próprio horizonte cultural e profissional, acerca dos locais, temas e eventos que observa.

\*

\* \*

Demandar Maфра nos séculos XVIII e XIX era sinónimo de aventura certa e sabida. Mesmo assim, muitos foram aqueles que, atraídos pelo tão afamado e propalado *Escorial português*, se aventuraram.

Nenhum dos inúmeros viajantes estrangeiros regressaria à pátria indiferente. Os esboços do quotidiano mafrense e conventual que elaboraram constituem um legado indelével, um referencial de relevante e inequívoco interesse, para mais produzido por indivíduos partilhando e traduzindo espaços culturais e ideológicos distintos dos portugueses, com vista ao apuramento de uma identidade local, cuja autenticidade tem vindo a ser inquinada, desde os alvares do século XX, ora por preconceitos académicos, ora por um novo-riquismo promotor de uma visão de desenvolvimento estratégico causadora de

muitos dos inúmeros “pecados” e “depressões” que afligem as sociedades actuais, tais como:

- o da sobrelotação populacional, geradora de intolerância e agressividade;

- o da destruição do equilíbrio ambiental, seja o do mundo natural, seja o do universo específico de cada indivíduo, por via da imposição programada e subtil de um unanimismo conformado, arrasador da autonomia do pensamento, da auto-estima, bem como das emoções superiores;

- o dos conflitos entre gerações, provocados pela despersonalização e pela ruptura e alienação da identidade cultural;

- ou o da competição desenfreada pela posse do modelo de última geração, guerra essa ainda mais potenciada pelas constantes aquisições tecnológicas que tornam a humanidade cega para os valores da convivência e da partilha, provocando uma intolerância crescente relativamente a tudo quanto (pessoas e bens) possa gerar desprazer.

\*

\* \*

Como afirmei por ocasião da inauguração da exposição *Quando o Rei faz anos..., ideias para a musealização virtual do Monumento de Mafra* (1997), os relatos de viagens são um género de documentos que suscitam enorme curiosidade nos turistas nacionais, mas nomeadamente nos estrangeiros, que visitam o Palácio Nacional.

Sugeri, então, a organização no átrio ou em qualquer outro espaço propedêutico do Monumento, de uma exposição permanente (que poderia ser substituída ou acompanhada por um suporte informático interactivo) onde as narrativas dos viajantes (nas respectivas línguas nacionais e em tradução portuguesa) e as estampas e gravuras, de que fizeram acompanhar as obras que legaram à posteridade, decerto constituiriam pistas, sugeririam interrogações e alargariam horizontes, regra geral ausentes do monótono, porque estereotipado, roteiro oficial da visita.

Reitero agora a aludida sugestão. Além das vantagens indicadas, uma outra detecto, não menos assinalável: entreter os turistas, enquanto eles esperam (e por vezes desesperam) pelo início da visita.



## **Cronologia dos visitantes, autores e obras estrangeiras elencadas na presente antologia**

**1716**

Abade de Mornay

**1726**

Charles Frederic de Merveilleux

**1729**

Charles Alexandre de Montgon

**1730**

César de Saussure

Lord Tirawley

Francesco Spineda de Cataneis

Dom Gabriel Cimbali

Conde Francesco Spineda de Cataneis

**1743**

Guilherme Francisco Lourenço Debrie

**1744**

Nicola Albani

**1749**

Udal Ap Rhys

**1750**

Frei Francisco Garcia Flores

**1751**

Doutor Afonso Texedor

F. Blyth

**1755**

Cavalheiro de Courtils

**1761**

José Marco António Baretti

**1765**

José Gorani

**1766**

Charles François Dumouriez

**1775**

Richard Twiss

**1777**

Duque de Chatelet

William Dalrymple

**1780**

Alexandre Jean Noël

**1782**

Dom Francisco Perez Bayer

**1787**

William Beckford

Arthur William Costigan (James Ferrier)

**1788**

Marcos Maria, Marquês de Bombelles

**1795**

James Cavanah Murphy

**1797**

Robert Southey

**1798**

Joseph Barthélemy François Carrère

**1800**

Don José Andres Cornide y Saavedra

**1801**

Heinrich Friedrich Link

**1805**

Carl Israel Ruders

**1808**

Girod de Novilars

E. Paris

Laura Permon

**1809**

Lord George Noël Gordon Byron

Reverendo James Wilmot Ormsby

Adam Neale

Robert Ker Porter

**1811**

**A picture of Lisbon (I. Luffman)**

**1812**

Henri L'Évêque

Andrew Halliday

**1813**

Jácome Ratton

**1814**

Henri L'Évêque

J. Bailly

**1815**

Don Isidoro Antillon

Nathanael William Wraxall

Breton

**1816**

L. F. de Tollenare

**1817**

Heath

**1818**

George Landmann

**1821**

Jean Ferdinand Denis

**1822**

Conde Giuseppe Pecchio

**1823**

Leonard Gailois

John T. Jones

**1825**

Charles Landseer

**1827**

Isidore Justin Severin Taylor

Alfred Lyall

*Journal of an officer*

**1828**

William Morgan Kinsey

**1830**

Bertha Grey

**1831**

Sir William Napier

**1832**

D. Roberts

A. Fullarton

**1833**

Julia Pardoe

**1835**

James Edward Alexander

**1836**

John Murray

Heinrich Schaefer

**1837**

César Cantu

**1838**

Gustav von Heeringen

George Atkinson

**1839**

*Ausichten von Portugal*

C. Reiss

**1841**

Karl Dembrowski

Alfred von Bergh

Teodor Trippin

**1842**

Charles William Stuart Vane

**1843**

Príncipe Felix Lichnowsky

George Borrow

*Das Kloster zu Mafra*

**1844**

Atanásio Raczynski

**1850**

John Macphail

Luigi Cibrário

**1851**

Friedrich Heintelmann

Teodor Trippin

**1852**

John Murray

William Edward Baxter

**1854**

Lady Emmeline Stuart Wortley

**1855**

John Murray

Henri Petit

**1859**

Léopold Alfred Gabriel Germond de Lavigne

**1860**

Charles Vogel

**1861**

A. Rouargue

H. Catenacci

Olivier Merson

Emmanuel Raymond

**1863**

*Magasin Pittoresque*

**1865**

Henry George O'Shea

**1866**

Léopold Alfred Gabriel Germond de Lavigne

**1868**

Hans Christian Andersen

**1870**

Reverendo Alfred Charles Smith

**1874**

Modesto Fernandez y Gonzalez

Katherine Charlotte Lady Jackson

**1876**

Eliseu Réclus

**1880**

Maria Leticia Studolmina Wyse (Maria Ratazzi)

**1881**

*Harper's New Monthly Magazine*

H. Brunswick

**1883**

Ernst Bark

Abade Lucien Vigneron

**1884**

Teófilo Gautier

Jane Leck

**1886**

Francesco Varvaro Pojero

**1887**

Vivien de Saint-Martin *et alii*

**1888**

Francisco e Hermenegildo Giner de los Rios

**1889**

Don Rafael M. de Labra

Gustave Clausse

**1890**

Ernest Bergman

Don Antonio Hebert

**1891**

George Bailey Loring

Stanislas de Nolhac

**1893**

Alexandre Boutroue

**1896**

Juliette Lamber

**1898**

Karl Baëdeker

**1899**

Henry N. Shore

**1904**

Katisako Aragwisa

**1907**

A. C. Inchbold

Pierre Jousset

**1908**

Walter Crum Watson

# **IMAGENS FRANCESAS**



## Abade de MORNAY

De Lisboa escreve ao seu governo uma Carta, a 19 de Novembro de 1716, informando que “se El-Rei [D. João V] fosse por diante com o seu projecto de tão demarcada fábrica, ser-lhe-ia mister para executá-la todo o dinheiro que havia em Espanha e que ainda assim não seria bastante, mas que não havia probabilidade que nisso persistisse porque os rendimentos públicos se achavam exaustos” (cf. Visconde de Santarém, *Quadro Elementar*, v. 5, Paris, 1845, p. CCL-CCLI, nota 3).





## GUILHERME FRANCISCO LOURENÇO DEBRIE

*Joannes V. Portugalliae Rex*

Gravura a buril; 265 x 212 mm (c/ moldura)

subsc.: *G.. F. L. Debrie sculptor Regius inv. et sculpsit 1743*

Em moldura oval, o soberano em meio corpo e, na peanha, figuras alusivas à fundação da *Academia Real da História Portuguesa* e, ao fundo, uma vista do convento e Palácio de Mafra.

Inscrição *Joannes V. Portugalliae [et Algarbiae] Rex.*

Ocorre na *História Sagrada do Velho e Novo Testamento* de Royamont (trad. Luís Paulino da Silva e Azevedo, Lisboa, 1745). Foi novamente utilizada nos *Elogios dos Reis de Portugal de nome João [...]*, pelo Padre Manuel Monteiro (Lisboa, 1749). O mesmo gravador foi autor de uma estampa desdobrável, a buril (540 x 305 mm) que ocorre no *Monumento Sacro* (Lisboa, 1751), de Frei João de São José do Prado, intitulada *Explicação da Planta da Capella Mor, e Igreja de Mafra na manhã da sagração dia 22 de Outubro de 1730.*

## **Cavalheiro de COURTILS**

Compôs uma *Description de Lisbonne en juin de 1755* (in *Bulletin des Études Portugaises*, v. 26, Paris, 1965). Tendo visitado Mafra e os jardins anexos ao Palácio declarou-os "mais uma sala de verdura que um verdadeiro jardim".

## **CHARLES FRANÇOIS DUMOURIEZ**

Um dos exemplos mais negativos de quantos estrangeiros visitaram (1766) e escreveram sobre Portugal no séc. XVIII foi o deste general (1739-1823), autor do *État présent du royaume de Portugal* (Lausana, 1775). Chama soberbo ao Convento de Mafra e curioso ao local onde foi construído, registando ainda e apenas a existência de "uma biblioteca bem escolhida".

### **Livro IV Capítulo VIII**

[...] No seio de uma paz florescente [D. João V] buscava uma glória sólida e útil; acrescentou embelezamentos ao mais belo palácio dos Reis, de que não subsiste qualquer vestígio; construiu uma soberba igreja patriarcal, igualmente vítima do terramoto; ergueu o soberbo convento de Mafra a quatro léguas de Lisboa, local curioso, onde reuniu uma biblioteca bem escolhida [...].

## **Duque de Chatelet JEAN FRANÇOIS BOURGOING**

A 14 de Maio de 1777, chegou a Lisboa o redactor de um manuscrito encontrado na biblioteca do Duque de Chatelet, cuja autoria, durante muito tempo controvertida, passou a ser creditada ao seu detentor. Quem quer que tenha sido o visitante, metódico por excelência (na óptica iluminista), ensaia

uma interpretação francesa da política interna e externa de Portugal sob a forma de relato de viagens. De Mafra, onde não chegou a ir, só a Biblioteca conventual merece fugaz referência. Já o diplomata Jean François Bourgoing (1748-1811), revisor, anotador e editor da *Voyage du ci-devant Duc de Chatelet en Portugal* (Paris, 1801, 94-95), oferece uma panorâmica das opiniões correntes sobre a Real Obra de Mafra, avançando como motivo da sua construção uma doença cruel de D. João V.

## **Volume II - Capítulo XV Sciences et Belles-Lettres**

Je dois dire cependant que j'ai trouvé à Lisbonne quelques bibliothèques assez considérables et bien composées, telle est surtout celle des Hiéronymites, qui est publique, et où on est fort bien accueilli par les religieux, dont plusieurs savent apprécier les trésors littéraires dont ils sont les dépositaires. Telles sont encore celle de l'abbaye de Mafra et celle de Coimbre, qui appartenait autrefois aux jésuites de cette ville <sup>1</sup>.

---

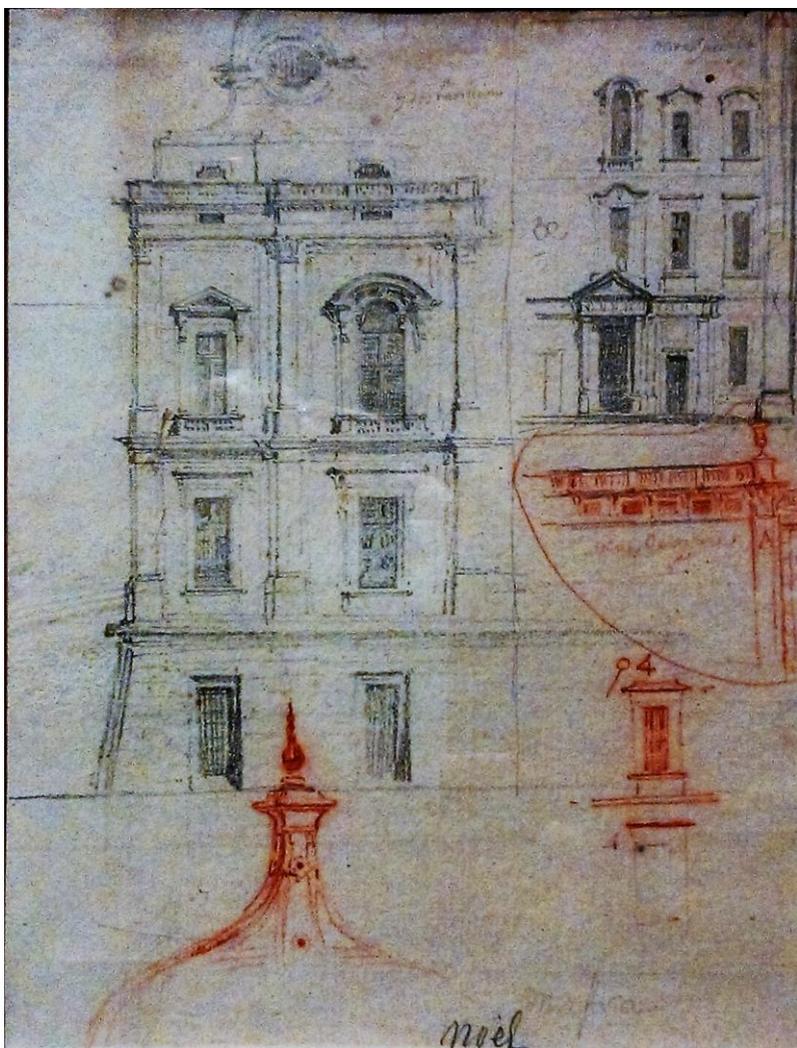
<sup>1</sup> Le roi Jean V, étant attaqué d'une maladie cruelle, fit le voeu de fonder une abbaye dans le lieu où serait situé le couvent des religieux les plus pauvres du royaume. Il se trouvait, à quelques lieues au nord-ouest de Lisbonne, une chaumière habitée par quelques capucins. C'est-là que le voeu de Jean V fut rempli. On construisit, sur l'emplacement de ce misérable monastère, un édifice très vaste, dont le plan fut envoyé d'Italie, et qui, au premier coup-d'oeil, paraît somptueux. Une église occupe le centre. Dernier le choeur sont 300 cellules; et, sur les deux côtes on a bâti au palais destiné à l'habitation de la famille royale et de toute la cour. Sous ce rapport, Mafra est l'Escorial du Portugal. Mais, à tous égards, Jean V paraît n'avoir été que mauvais copiste de Philippe II. L'emplacement de ces deux couvents royaux a été mal choisi. L'Escorial, bâti au milieu des rochers au pieds des montagnes pelées, domine sur un pays vaste mais raid et désert. Mafra, situé dans la plaine la plus aride, a du moins la vue sur l'Océan. L'auteur du *Tableau de Lisbonne*, si enclin, d'ailleurs, à dénigrer tout ce qui tient au Portugal, dit que le couvent de Mafra est *beau, bâti avec autant de goût que de magnificence*. Murphy, qui est un architecte, et qui est un des voyageurs qui ont le moins maltraité le Portugal, juge bien autrement ce monument de la peur et de la dévotion. *Si les trésors, dit-il, qu'a coûté cet établissement, avaient été appliqués à un meilleur plan, il aurait, sans contredit, offert une masse de bâtiments supérieurs à l'Escorial en fait d'architecture. Malheureusement l'architecte n'avait ni génie pour concevoir, ni main pour exécuter, je ne dis pas le plan d'une basilique ou d'un palais, mais même celui d'une simple cabane. Cet homme s'appelait Frédéric Ludovici. Il était orfèvre de profession.* D'après le témoignage des autres voyageurs, ce jugement de Murphy, sur Mafra, est au moins sévère; et ne serait-ce pas à lui qu'on pourrait dire: Vous êtes orfèvre, M. Josse.

## ALEXANDRE JEAN NOËL

Artista (1753-1834) que visitou Mafra, em 1780, tendo desenhado à vista a Real Obra. Nas fl. 18 e 26 do seu *Álbum de Desenhos* conservado no Museu Nacional de Arte Antiga [MNAA: 2544] acham-se quatro apontamentos: *Portail de Mafra*; *Mafra*; *Zimbório e entrada da Basílica de Mafra*; *Torre Sul da Basílica de Mafra*.



*Portail de Mafra*  
Desenho a sanguínea (169 x 108 mm)  
subsc.: Noël



*Torre Sul da Basílica de Mafra*  
Desenho a sanguínea (218 x 169 mm)  
subsc.: Noël

## MARCOS MARIA, Marquês de BOMBELLES

Embaixador de França, acreditado junto da corte de D. Maria I. Acompanhado pela esposa e pela irmã, foi recebido no Mosteiro de Mafra, onde pernitoiu de 16 para 17 de Abril de 1788. Duas cartas incluídas no *Journal d'un ambassadeur de France au Portugal, 1786-1788* (Paris, 1979) reportam-se especificamente a esse passeio (duas outras, de 1786 e 1787 respectivamente, aludem acidentalmente a questões relacionadas com Mafra). Não obstante, a deferência dos seus anfitriões, nada no Convento e fora dele, excepção feita aos jardins dos Ponte de Lima, parece ter satisfeito o diplomata (1744-1822). Convidado para "um mau jantar" pelo Juiz de Fora de Mafra, no Palácio do Visconde, queixar-se-ia das pulgas que "se elevam em nuvens nas salas cujos tectos e soalhos apodrecem".

1787

[...] Au surplus ces discours ne suffisent pas pour assurer au Portugal un règne plus vigoureux et plus attentif que celui sous lequel il se trouve. L'héritier de sa couronne n'aura vraisemblablement pas plus de caractère que ses prédécesseurs. Tout dépendra donc des personnes qui le gouverneront. Dans ce nombre sera la princesse du Brésil, sa femme qui, quoique douée de beaucoup d'esprit naturel et qui annonce de l'énergie, n'est pas moins soumise à plusieurs des préjugés qu'une mauvaise éducation et de sots entours lui ont laissé prendre. Il n'y a pas longtemps que si la Reine n'eût pas résisté, on aurait replacé à Mafra trois cents capucins parce que, suivant l'opinion de la princesse, c'était le seul moyen qu'elle eût des enfants de son mari, attendu que le prince qui fonda Mafra n'obtint de succession qu'après avoir consommé cette oeuvre agréable à Dieu. Ce qui contribua encore à ce que la Reine fit une vigoureuse défense, c'est que son confesseur, l'archevêque de Thessalonique est protecteur des ecclésiastiques qu'on a tirés de São Vicente de Fora pour les mettre dans le couvent de Mafra.

**Le 16 [ Avril 1788 ] à Mafra**

Un air pur et doux, une bourgade tranquille, le murmure des eaux, la fatigue du jour, tout à concouru à nous faire passer une excellente

nuit. A dix heures du matin nous sommes partis de Sintra: Louis sur un petit cheval avançait au petit trot auprès de sa mère qui menant bien sa monture donnait en même temps des principes à son fils. Nous avons parcouru un chemin peu agréable jusqu'à Granja, maison de campagne du marquis de Pombal. De là à Mafra le pays est plus agreste encore; après avoir dépassé le village où on a laissé sur des supports deux monstrueuses colonnes de marbre comme s'étant trouvées trop petites pour être employées à Mafra, on découvre le dôme et les clochers de ce monastère mais il faut faire d'énormes détours pour y arriver. La situation choisie pour couvrir la terre d'une masse énorme n'a pas été plus favorablement saisie que le bon goût dans la structure de cette merveille portugaise. [...].

Les moines actuels nous ont reçus à la porte de leur monastère où j'avais la permission de faire entrer ma femme et ma soeur, ne pouvant en profiter que pour une fois, nous avons mal pris nos mesures parce que ma soeur qui nous avait devancés en voiture se trouvait déjà dans la clôture et que pour la voir en détail avant de dîner, il nous a fallu hâter nos courses d'une manière fort gênante.

La salle de chapitre semble avoir dû être le chef d'oeuvre de l'artiste qui en a dirigé les travaux. Il doit effectivement avoir eu de la peine à gêner un beau vaisseau carré pour lui donner une forme ovale au moyen de laquelle tous les jours arrivent à faux. Le réfectoire propre à contenir trois cent moines est beau par son immensité. Les dortoirs, les salles utiles et les superflues, tout est taillé dans le plus grand, des marbres ornent en profusion ces halles, mais soit que ces marbres soient mal polis, soit que leur qualité se refuse à l'éclat qu'on eût voulu leur donner, ils sont bien moins brillants que ceux qui embellissent les édifices de l'Italie, nos palais ainsi que nos églises de France. La bibliothèque de Mafra est gigantesque; les places des livres sont sculptées avec dépense et l'on va encore employer beaucoup d'argent à des peintures et à des dorures de mauvais goût. Il n'y a en ce moment que soixante mille volumes pour garnir les rayons capables de contenir douze fois autant de livres.

Un petit bosquet sert de promenade aux moines. Malgré le soleil brûlant et notre faim dévorante, on a voulu nous faire voir ce qui appartenait à la clôture dans laquelle sont environ soixante écoliers, élevés, dit-on, fort médiocrement! En sortant du monastère, nous avons attendu à l'autre extrémité du bourg, dans une maison du vicomte de Ponte de Lima, le mauvais dîner que nous a fait apprêter

du mieux qu'il a pu le *juiz de fora*. En sortant de table, nous sommes retournés au couvent. Les moines nous attendaient à la porte de leur église: c'est là que la beauté des marbres du Portugal, au moins par la grandeur des mêmes blocs, paraît dans toute sa magnificence. Quelques statues passables font honneur à ces marbres. Le chœur de l'église est ridiculement petit, les ornements maladroitement copiés sur de beaux modèles. L'architecte qui n'avait été qu'un orfèvre habitant pendant quelques années Rome, a gâté dans l'exécution toutes ses réminiscences. Les combles de cette immense fabrique sont superbes. Ils offrent une belle promenade d'où l'on découvre un pays désert et aride malgré tout ce que M. Twiss nous en dit de ravissant. Quiconque voudra connaître Mafra dans toutes ses dimensions n'a qu'à lire la dévote description qui en fut publiée en 1751 par frère João de S. José do Prado, fameuse capucinade imprimée chez Miguel Rodrigues, imprimeur du cardinal patriarche.

### **Le 17 [Avril 1788] à Lisbonne**

Le palais de Mafra dans toute sa magnificence ne m'a pas procuré le plaisir que j'ai eu en me promenant ce matin dans le beau bois et le jardin du vicomte de Ponte de Lima. L'art a peu fait pour l'agrément de ces bosquets mais ils ont un si beau feuillage qu'il est enchanteur d'y chercher un abri contre un soleil brûlant dans une campagne d'ailleurs entièrement découverte. Le vicomte laisse remplir de ronces cette charmante promenade mais on peut encore s'en garantir. Il n'en est pas de même des puces de sa maison. Elles s'élèvent en nuages dans des chambres dont les plafonds et les planchers se pourrissent. Au lieu de se croire chez un secrétaire d'État bien payé et dont la fortune personnelle est assez considérable, on s'imagine entrer dans le château d'un pauvre baron allemand que ses chiens, ses chevaux, sa cave et les commissions impériales ont ruiné de fond en comble. Madame de Bombelles, ayant voulu revoir encore Sintra y est retournée pour dîner et y coucher tandis que je prenais avec l'abbé Garnier le chemin droit de Lisbonne; il est mal entretenu et désagréable jusqu'à Loures, mais dans ce charmant village jusqu'à la ville, tout est riant et aussi bien habité que cultivée. [...].

## JOSEPH BARTHELEMY FRANÇOIS CARRÈRE

Médecin, expulsé du territoire portugais, en 1795. Publia, en Paris, *un Voyage en Portugal et particulièrement à Lisbonne ou tableau moral, civil, politique, physique et religieux de cette capitale* (1798). À propos de la mode en Portugal, il avait beaucoup dépassé l'Europe, de fonder et doter des couvents. Les deux exemples de telle inutilité avancés par l'auteur sont Mafra et l'Estrela, à Lisbonne. Malgré tout, le couvent dédié par le Magnanime à Santo António est considéré "beau" et "construit avec tant de goût que sa magnificence".

### Mafra, Couvent neuf

La dévotion de nos pères, dans les siècles les plus reculés, fut le mobile de la fondation et de la dotation de beaucoup de monastères: la mode en est passée depuis longtemps en Europe; mais elle se soutient en Portugal. Le siècle où nous vivons y a vu fonder deux grands monastères, remarquables par la magnificence de leur construction et par la richesse de leur dotation.

Le roi Jean V, mort en 1750, a fondé un couvent pour les moines franciscains, et la reine Marie, aujourd'hui régnante, a fait bâtir et a doté un monastère pour des religieuses carmélites: l'un et l'autre ont coûté des sommes immenses pour leur construction; des sommes encore plus considérables ont été employées à leur dotation.

Le premier, situé à Mafra, à quinze ou seize lieues de Lisbonne, est d'une étendue immense, beau, bâti avec autant de goût que de magnificence; le dernier, qui est à Lisbonne, est également fort vaste; mais il est étriqué, sans développement, construit sans goût et avec une magnificence mal conçue et mal dirigée.

Que de réflexions à faire sur les dépenses monstrueuses que la construction et la dotation de ces inutiles monastères ont entraînées! Chaque pierre en est arrosée des larmes du pauvre et du sang des peuples; soixante-dix ou quatre-vingt individus absorbent ce qui suffirait à l'entretien de deux mille familles ou au soulagement de vingt mille infortunés... Je m'arrête ici; [...].

## GIROD DE NOVILARS

Um dos engenheiros militares franceses, encarregado, juntamente com o comandante de batalhão, E. Paris, de fazer o reconhecimento das estradas de Lisboa a Peniche, entre Janeiro e Março de 1808. Percebe-se pelo seu relatório que Junot procurava um local onde o seu exército pudesse aboletar-se e, concomitantemente, realizar manobras. O oficial aponta três possibilidades: uma situada a duas léguas de Mafra, à direita da estrada para a Ericeira; outra, na estrada de Sintra para Mafra, distante cerca de duas léguas desta vila; finalmente, o próprio palácio de Mafra, susceptível de abrigar dez mil homens, apesar das deficientes condições sanitárias. Anota, ainda, que não se encontra na região “madeira para construir abarracamentos” (cf. António Pedro Vicente, *Le Génie Français au Portugal sous l'Empire*, Lisboa, 1984, p. 211-213).

### **Rapport fait en vertu des ordres de son Excellence Le General en Chef de L'Armée de Portugal du 22 janvier**

Lisbonne, le 27 janvier 1808

Monseigneur,

Conformément aux ordres de Votre Excellence, je me suis rendu à Peniche en passant par Mafra et Torres Vedras, je vais essayer de lui rendre compte des objets dont elle m'a ordonné de m'occuper.

#### 1.º Les Routes.

Le Chemin de Lisbonne à Mafra est généralement, dans quelques parties entièrement réparé à neuf; cependant après avoir passé Bellas l'on trouve plus d'une lieue, dans les montagnes et plus d'un quart de lieue avant d'arriver à ce village, dont le chemin est à recharger de pierres cassées ou à réparer.

De Mafra à Torres Vedras le chemin est assez bien entretenu, il est mal tracé, les descentes et les montées y sont extrêmement roides et il existe trois passages que l'on peut regarder comme impraticables dans la saison des pluies: le 1<sup>e</sup> à l'extrémité du parc de Mafra ou tout de suite après l'avoir dépassé ; le 2<sup>e</sup> entre Gradhill [Gradil] et Bando Poeira [Bandalhoeira] et 3<sup>e</sup> et le plus mauvais à une demie lieue de Torres Vedras.

[...]. Dans l'état actuel les voitures légères passent partout et n'éprouvent de difficultés que celles occasionées par les mauvais pas

que j'ai indiqués, par la configuration du Terrain que l'on n'a pas corrigé par le tracé du chemin, et enfin par la nature du pavé qui est fort dur étant peu uni.

Rien de plus facile que de trouver l'emplacement d'un camp du moment, et rien de plus difficile que le choix de celui d'un camp permanent, dans le pays qui environne Mafra. Les bois y sont extrêmement rares et les fontaines qui paraissent abondantes aujourd'hui seront sous peu entièrement tarées. Le terrain extrêmement tourmenté et accidenté à plusieurs lieues à la ronde oblige à renoncer à ce que l'on regarde vulgairement à un beau camp de manoeuvre; à une plaine dans laquelle on puisse deployer plusieurs bataillons sur un terrain horizontal.

Après avoir parcouru les environs, je n'ai vu d'endroit convenable que la crête du coteau à deux lieues de Mafra à droite de la route d'Ericeira. Ce coteau est couronné en partie par un bois de pins, le reste est un terrain inculte où ne croit que de la bruyère. Une fontaine (peu abondant à la vérité) se trouve sur ses lieux. À gauche on trouve une bonne source dans le village de Boafonte [Boa Fonte dos Nabos], à droite dans un petit vallon se trouvent deux sources qui fournissent abondamment l'eau toute l'année.

Le soldat y aurait de l'eau de la bruyère qui augmenterait ses moyens de couchage et de chauffage et des bois qui lui offriraient des abris contre les ardeurs du soleil; mais je répugnerais à désigner ce local, placé d'ailleurs sur un fort beau chemin de Mafra à Ericeira, à cause de l'éloignement dont il est de toute habitation et du peu de ressources que trouveraient les soldats pour se procurer des habitants les choses nécessaires à la vie.

Un autre emplacement m'a paru beau, surtout si l'intention, de Son Excellence est de faire camper de la cavalerie avec l'infanterie. C'est sur la route de Sintra à Mafra, deux lieues avant d'arriver à Mafra dans une plaine étendue, fort bien cultivée, près de Lagrange [Granja do Marquês] maison de campagne du marquis de Pombal. On y trouve de l'eau un beau terrain pour manoeuvrer quoique cultivé, mais il n'y a point de bois du tout à proximité.

Un troisième local que l'on pourrait proposer pour réunir des troupes serait le château [aliás, o convento] de Mafra assez vaste pour contenir dix mille hommes; mais ce serait en entassant ainsi les hommes, les exposer au danger certain de maladies qui deviendraient

d'autant plus vite épidémiques qu'il y en aurait davantage de réunis, et au danger plus certain encore de manquer totalement d'eau.

Le pays n'offre point de ressources en planches pour barraquer, toutes doivent être amenées de Lisbonne en établissant le camp dans la première position indiquée entre Mafra et Ericeira, l'on pourra faire des baraques avec des trousés de puis recouverts de bruyère, mais ce ne serait qu'aux dépens des abris que fourniraient ces bois contre les ardeurs de l'été.

En établissant les troupes dans le château de Mafra, il n'y a que quelques cloisons en paravents à jeter bas et quelques nouvelles divisions à faire.

En les plaçant près de la grange il faut tout amener du dehors.

## **E. PARIS**

Engenheiro militar francês, encarregado, juntamente com Girod de Novilars, de fazer o reconhecimento para Junot das estradas de Lisboa a Peniche, entre Janeiro e Março de 1808. Precisa na *Memória*, que redigiu, que a estrada que passa por Mafra se encontra praticamente toda pavimentada e mesmo onde não está, “se passa facilmente”. Para melhorar as condições sanitárias da tropa que, eventualmente, pudesse ser aquartelada no Palácio e Convento de Mafra, sugere o levantamento do soalho e a demolição de divisórias e tabiques de muitas salas do edifício, estimando que, com esse expediente, se poderiam obter cerca de 1300 metros quadrados de madeira, para servirem como tarimbas a igual número de soldados (cf. António Pedro Vicente, *Le Génie Français au Portugal sous l'Empire*, Lisboa, 1984, p. 253-255)

### **Mémoire sur la place de Péniche et ses dépendances renfermant une Reconnoissance des routes entre cette ville et Lisbonne.**

Armée du Portugal  
1er mars 1808

Pour se rendre de Lisbonne à Péniche il y a deux routes, l'une passe par Lurece [Loures], Cabessa [Cabeça de Montachique], Euchara

[Enxara do Bispo], St. Sebastien [S. Sebastião] et Torres Vedras et l'autre par Bellas, Sanbujo [Sabugo], Mafra et se réunit à la première à Torres Vedras; de Torres-Vedras l'on passe par Lourinhar [Lourinhã] pour se rendre à Péniche.

[...]. Il y a de Lisbonne a Torrevedras en passant par Lurece neuf heures et demie de marche. Jusqu'à Lurece la Route est très belle, elle traverse la vallée de la petite rivière de Torres qui coule à une portée de fusil au delà de Lurece et que l'on passe sur un bon pont en pierre. De Lurece l'on monte à Cabessa petit village qui trouve sur le sommet des Eaux pendantes de la Chaîne du Junto [Montejunto] la pente n'est pas excessivement roide, Cabessa est à peu près à moitié chemin entre Lisbonne et Torres Vedras; après Cabessa l'on traverse plusieurs contreforts de la grande chaîne, les pentes de la route sont généralement roides et très mal ménagées; c'est vrai que le terrain est fortement accidenté mais au moyen des retours l'on aurait pu se procurer des rampes plus douces.

Celle route est presque entièrement pavée. Il n'y a qu'entre San Sébastien et Torres Vedras que l'on trouve plusieurs intervalles assez considérables qui ne le sont pas. Le pavé est presque généralement mauvais, et dans plusieurs endroits il est entièrement défectueux, entre San Sebastian et Torres Vedras. Dans les parties qui ne sont point faites il y a de mauvais pas. Cependant cette route peut être considérée comme Carrossable et avec peu de dépense on la mettrait en bon état.

De Lisbonne à Torres Vedras en passant par Mafra il y a onze heures et demi de marche. La route est belle jusqu'à Bellas, depuis Bellas jusqu'à Sanbugo il y a beaucoup de montées et de descentes qui étant assez douces rendent le chemin de peu de difficulté, San Bujo [Sabugo] est un petit bourg un peu de là du sommet des eaux pendantes de la grande chaîne de Junto. Entre Sanbujo et Mafra l'on rencontre le village de Chelleiros au bas duquel coule une petite rivière qui va se jeter dans la mer à peu de distance de là. Les pentes pour traverser la vallée de cette rivière sont très longues et fort roides et c'est la parte le plus difficile du chemin entre Lisbonne et Mafra ; Sanbujo est à peu près à moitié chemin de Mafra.

De Mafra a Torres Vedras il y a quatre heures et un quart de marche ce qui en donne sept et un quart de Lisbonne à Mafra il y a quelques ponts qui sont assez roides. Celle qui monte à Juradel petit village à une heure de Torres Vedras est la plus longue et la plus difficile.

La route entre Lisbonne et Mafra est presque entièrement pavée, et est assez bien entretenue les intervalles qui ne sont pas pavés n'offrent aucune difficulté et la route n'en est que plus douce. De Mafra à Torre Vedras la route est pareillement pavée.

Outre les lieux que nous avons nommés et qui se trouvent entre Lisbonne et Torres Vedras en passant par Mafra on se rencontre beaucoup d'autres de moindre importance, et en général cette partie de pays est bien peuplée.

La route par Mafra est meilleure et beaucoup plus carrossable que celle qui passe par Lurece et quoiqu'elle soit plus longue, nous croyons qu'elle doit être préférée pour le passage de la troupe excepté dans un cas pressé qui déciderait à faire faire dans un jour les neuf heures et demie de marche qu'il y a en passant par Lurece.

Dans les marches ordinaires la troupe peut aller coucher à Mafra. La journée est forte surtout si l'on considère que pour se rendre du centre de Lisbonne à sa sortie l'on a toujours trois quarts d'heure de marche, le second jour elle n'a que quatre heures et un quart pour se rendre à Torres Vedras en sorte qu'elle arrive sans être fatiguée.

Si l'on veut mettre qu'un jour de Lisbonne à Torre Vedras en passant par Lurece la journée est trop forte et la route mauvaise. Pour mettre deux jours il faudrait coucher à Euchara qui est à six heures de marche de Lisbonne c'est un bourg assez considérable mais qui ne vaut pas Mafra ainsi pour sauver les difficultés du chemin et un mauvais gîte, nous croyons qu'il est plus à propos de continuer la route d'Étapes par Mafra.

Mafra est un gros bourg qui n'est remarquable que par un Palais appartenant à la Couronne, et qui renferme un Couvent dans son intérieur.

Mafra est actuellement le quartier Général d'une des Divisions de l'armée. Le Château [i. e., o Palácio] et le Couvent pourraient contenir au besoin vingt mille hommes de troupes avec leurs officiers, et un Etat-major Général qui y serait commodément logé. Ce château ne renferme dans ce moment qu'une Brigade et ses officiers les soldats y sont spacieusement logés mais le manque de bois de lits rend cette habitation très mal saine. Les paillasses sur lesquelles couche la troupe posent sur le carreau: l'air salin venant de la mer qui n'est qu'à une lieue et demi de Mafra se fixe et entretient une humidité continuelle qui pourrit la partie des paillasses qui touche le carreau et est très préjudiciable aux hommes il suffirait pour empêcher cet air salin de se

fixer d'entretenir sous les paillasses un courant d'air, et il suffirait de les poser sur un plancher qui aurait quelque élévation au dessus du carrelage des Chambres et sous lequel l'air pourrait circuler; avec cette précaution la santé soldats ne sera pas si fort exposée.

L'on pourrait atteindre ce but avec peu de dépense; l'on trouve dans la partie de droite du Château [aliás, do Palácio], plusieurs grandes pièces dans lesquelles il y a des distributions faites en planche. Dans ces distributions quelques parties du Carrelage sont recouvertes en planches, l'on retirerait de ces appartements, environ 660 mètres carrés de planches.

L'on en trouvera à peu près une égale quantité dans les autres parties du bâtiment en défaisant plusieurs cloisons qui ne sont actuellement d'aucune utilité, ce qui donnera environ 1300 mètres carrés de plancher qui serviront à coucher 1300 hommes. Ce plancher pourra être élevé à 6 pouces au dessus du carrelage des chambres en appuyant les traverses sur lesquelles on le clouera, sur de petites consoles qui poseront par terre. Cette disposition sera peu coûteuse et permettra de laisser circuler l'air dessous ces planches, l'on pourra employer pour les traverses et les consoles les bois qui servaient aux chassis en toile qui formaient aussi des distributions dans les appartements, il faudra acheter le surplus des planches si l'on a plus des 1300 hommes à loger dans le couvent. [...].

## LAURA PERMON

Esposa do General Junot, mais conhecida por duquesa de Abrantes (1785-1838). Junot foi nomeado Embaixador da França junto da Corte portuguesa, por decreto de 4 do *pluviôse* do ano 13 (23 de Janeiro de 1805), com a missão de convencer o Regente a fechar os portos nacionais aos navios ingleses. Chegado a Lisboa a 12 de Abril desse ano, um despacho de Talleyrand, datado de 22 de Setembro, ordenaria o seu regresso a Paris. Preparando a abalada, visitou Mafra acompanhado por Madame Junot, a 12 de Outubro, no intuito de se despedir do Regente, futuro D. João VI, tendo jantado no Paço da vila com o conde de Vila Verde, outros ministros e o marquês de Pombal, camarista da semana. O casal pernoitaria no Paço após um jogo de *whist* com o conde de Vila Verde. A 19, voltaria a Mafra para, definitivamente, apresentar as despedidas ao Príncipe com quem se entrevistou. Antes de viajarem para Lisboa, ainda estiveram ambos no coro da capela real assistindo a uma festa que ali se realizava (cf. Pinto de Carvalho, Tinop, in *Ilustração Portuguesa*, n. 165, 19 Abr. 1909, p. 501-502). Junot entraria na capital, comandando a primeira invasão napoleónica, quando alguns dos navios que constituíam a frota que transportou a família real portuguesa para o Brasil, cruzavam a barra do Tejo. Laura Permon redigiu os seus *Souvenirs d'une ambassade et d'un séjour en Espagne et en Portugal* (Paris, 1837) no período entre 1808 e 1811. No que a Mafra concerne, pouco aproveita o que diz, tendo prestado maior atenção aos aspectos naturais e geomorfológicos do que à história ou à política. Declara-se encantada com o belo efeito das campânulas azuis nos campos mafrenses.

[...]. Mafra, onde se situa o mosteiro real, convertido em local de libertinagem, fica diante do cabo Espichel [!]. [...].

Desde o mar, todas estas montanhas [de Sintra ao Cabeço de Montachique] formam um grande anfiteatro. São constituídas por pedra calcária, laminosa e compacta.

Ali, onde começa a sua descida para o mar, acha-se o castelo de Mafra, com o convento que referi.

Foi edificado por João V, que era tão religioso como esplêndido, e creio que custou tanto quanto o Escorial.

Um dos encantos dos campos mafrenses e dos montes de Sintra são os tapetes de florinhas tricolores, em que predomina a cor azul, rivalizando com o céu puríssimo da região...

## JÁCOME RATTON

Famoso pelos seus empreendimentos industriais, nomeadamente nas áreas da fiação e do fabrico de chitas. No exílio, em Inglaterra, Rattton (1736-c.1822) publicaria as *Recordações sobre ocorrências do seu tempo em Portugal, durante o lapso de sessenta e três annos e meio, aliás de Maio 1747 a Setembro de 1810, que residiu em Lisboa* (Londres, 1813). Afirma que, quando chegou a Portugal, em 7 de Maio de 1747, ainda "a grande obra do palácio e convento de Mafra" estava inacabada. A ela, acrescenta, "os Portugueses devem a perfeição com que trabalharam em pedra, excedendo talvez a todas as nações da Europa [...]". Ocupa-se ainda da substituição dos Arrábidos pelos Cónegos Regrantes e destes, novamente, pelos Arrábidos no Real Convento de Santo António e da criação por D. José I do Colégio de Mafra, extinto com a saída dos padres Vicentes.

[...]. Um voto por ter sucessão o fez [Dom João V] empreender a grande obra do palácio e convento de Mafra; grande na verdade em toda a extensão desta palavra e que ainda alcancei por acabar. As gradarias, que a ornar foram feitas em Paris; e se não me engano, também de lá vieram os sinos, e de Liége o tocador do carrilhão. Foi a esta grande obra que os Portugueses devem a perfeição com que trabalham em pedra, excedendo talvez a todas as nações da Europa [...].

[...]. Alguns anos depois da criação do Colégio dos Nobres determinou o Senhor Rei D. José que os Cónegos Regrantes da Santo Agostinho, que ocupavam o convento de S. Vicente de fora, passassem para o Real Convento de Mafra, ocupado até então pelos Padres Arrábidos, ali sustentados à custa da Coroa. E como entre os ditos Cónegos Regrantes houvessem homens de muitos saber, determinou el-Rei que ali se estabelecesse um Colégio de educação, para as outras classes de Cidadãos; onde, se bem me lembro, eram os alunos supridos do necessário, por uma módica pensão anual de 60 mil réis e dali saíram muito bons estudantes.

Três foram os motivos, a meu ver, que teve o Senhor Rei D. José para fazer a mudança referida: 1. A necessidade de um templo, e acomodações para a Basílica Patriarcal, por se ter queimado o que existia abarracadamente construído, no sítio, que hoje se chama Erário novo; destinado o Convento dos Vicentes para o dito fim;

mandando os Padres Vicentes para Mafra, e os Arrábidos que o ocupavam para os seus conventos; 2. aliviar a Coroa da despesa de 60 a 80 mil cruzados anuais, que dispendia com os Arrábidos, e manutenção do edificio; podendo este último objecto ser melhor preenchido por uma Religião rica, e que cultivava as Ciências; 3. finalmente, o estabelecimento de um Colégio para educação Pública, sem despesa alguma para o Estado.

Porém, Sua Alteza Real o Príncipe Regente Nosso Senhor tendo sem dúvida motivos mais poderosos foi servido mandar os Cónegos Regrantes outra vez para S. Vicente, e os Arrábidos para Mafra; onde continuam a existir, mantidos de tudo pela Coroa, como era dantes: e assim acabou o Colégio de Mafra [...].

## HENRI L'ÉVEQUE

Gravador francês (1769-1832), autor de duas estampas com interesse para Mafra.



Estampa a água-tinta, colorida (502 x 376 mm; subsc.: *H. L'Evêque dt.*), datada de 1814 [BN: E 729 A]

Inscrição, em quatro linhas, no pé: *Mafra / Palais et Couvent a 7 lieues Nord Ouest de Lisbonne le monument a été bâti par ordre du roi D. Jean V por l'accomplissement du voeu qu'il avoit fait à St. Antoine de Lisbonne pour avoir de la succession / la lère pierre en fut posée le 17 novembre 1717. le couvent, partie du palais et l'eglise se trouvoient finies le 22 d'octobre 1730, jour auquel le couvent après la dedicace de l'Église, fut habite par 300 moines Arrabidos (recollets franciscains). ce vaste bâtiment compose de deux palais separés par l'eglise derrière laquelle se trouve le couvent, a dans sa façade 1000 palmes / (220 metres) de longueur et a peu près la même mesure*

*en profondeur. Il est entièrement vouté dans toutes ses parties et recouverts en terrasses. L'Église, le Couvent et le Palais sont construits en gros quartiers de marbre de différents couleurs dont les montagnes des environs fournissent des blocs du plus grand volumes [sic] les deux tours du portail de l'Église sont fournies de / carillons en cloches; le poids des deux plus grandes de ces cloches est de 800 arrobes chacune (2400 livres poids de marc) les autres succèdent diatoniquement et pesent a proportion. Il y en a en tout 114, en comptant celles qui sonnent aux offices, et qui sont au 2 d. étage des tours. L'architecte de Mafra étoit un milanais appelé frederic ludovici dont la famille existe encore en Portugal avec distinction.*

Estampa a água-tinta, colorida (180 x 130 mm), intitulada *A Peasant of the neighbourhood of Mafra - Paysan des environs de Mafra* (insc.: Londres: Publ. July 15, 1812, by Mess. Colnaghi and C.º 23 Cockspur Street).

Este elemento iconográfico de extraordinário interesse para a reconstituição do traje saloio de oitocentos, designadamente da região de Mafra, acha-se inserido numa coleção de estampas, subordinada ao título *Costume of Portugal, dédié a son Excellence Mon-seigneur Antoine de Araujo de Azevedo, Grand Croix de l'Ordre de Christ et de celui de la Tour et de l'Épée, conseiller d'Etat, Ministre et Secrétaire d'Etat pour le departement de la Marine et des colonies, etc, etc. par son très-humble et très obeissant serviteur [...]*.

O Saloio é representado com carapuça azul, casaco castanho, colete vermelho, calções cinzentos e cajado. Em segundo plano avista-se o torreão Norte do Palácio.



*A Peasant, of the Neighbourhood of Mafra.  
Paysan des environs de Mafra.*

*London, Print. July 18. 1812. by Messrs. Colnaghi & Co. 25. Colnagar Street.*

## BRETON

Autor de *L'Espagne et le Portugal, ou moeurs, usages et costumes des habitants de ces royaumes* (Paris, 1815), obra profusamente ilustrada com desenhos realizados durante a sua residência na península nos anos de 1809 e 1810.

Peca pela parcimónia: "[...] aqui os curiosos admiram o palácio e o mosteiro de Mafra cujas imensas construções não são em nada inferiores às do Escorial [...]".

## L. F. DE TOLLENARE

Visita Mafra em Agosto de 1816, relatando a aventura numa carta datada de Sintra, a 7 do mesmo mês, e publicada nas *Notes dominicales prises pendant un voyage en Portugal et au Brésil en 1816, 1817 et 1818* (Paris, 1971-1973). Na época, uma excursão a Mafra era, de facto, sinónimo de aventura em consequência do péssimo estado de conservação das estradas, o que somado à monotonia, geralmente alegada, da paisagem, decerto tornava cansativa e enfadonha a viagem. Queixa-se da dificuldade que teve em lograr alojamento condigno.

A "vila que rodeia Mafra é composta por cabanas o que constitui um contraste flagrante com o palácio", não deixará de sublinhar. Considera o Real edifício uma "imensa massa de pedra a que falta o principal mérito que se busca nas casas de recreio", no entanto afirma que a igreja é magnificente, nomeadamente em virtude da enorme profusão de mármore. O Palácio encontrou-o desguarnecido de móveis e ornamentos.

Quanto ao Convento, a sua atenção dirigiu-se por inteiro para a Biblioteca, que estimou corresponder a cerca de metade da de Santa Genevieve de Paris, tendo detectado a existência de muitas obras em língua francesa de entre as quais destacou a muito pouco ortodoxa *Encyclopédie par Ordre de Matières*, face à qual o padre bibliotecário manifestou dois pareceres contraditórios: ao visitante lamentou a lentidão a que se processava a edição da obra, enquanto a um compatriota afirmaria que, por sua vontade, a destinaria à fogueira.

No regresso a Lisboa, Tollenare seguiu por Cheleiros: "uma vila com uma ponte sobre um pequeno rio que corre no fundo de um desses vales [...], muito pitorescamente disposta". (v. 1, p. 132-134).

## Sintra, le 7 d'Aout 1816

[...]. Plusieurs lieues avant d'arriver à Mafra, on rencontre les murs du parc de cette résidence royale: il faut les suivre d'une manière fort ennuyeuse. On voit de temps à autre qu'ils renferment beaucoup de collines nues et arides. Il est probable que tout l'enclos n'a pas cette stérilité. On ne trouve point à Mafra d'auberge pour la nuit. Les moines vous reçoivent, mais il faut une espèce d'introduction. Nous avons eu beaucoup de peine à trouver un asile chez une vieille femme qui nous a fort bien traités.

Mafra est une résidence royale. C'est un grand et pesant palais d'où l'on a la vue sur une vaste plaine peu intéressante. On l'a aussi sur la mer qui en est éloignée de deux lieues et qui envoie toujours un air plus frais que celui de la terre. L'immense parc qui l'entoure ne paraît pas destiné à sa décoration et il ne s'y trouve point de cour qui le dégage. Ce n'est donc qu'une immense masse de pierre qui manque du principal mérite qu'on recherche dans les maisons de plaisance. On dit ce palais bâti sur le modèle de l'Escorial.

Sa façade principale présente un grand et assez beau développement, mais un peu lourd. Les deux pavillons qui forment les extrémités sont comme deux grosses tours qui écrasent le dessin central.

Ce dessin central, le point de mire de l'édifice, est une église d'une grande magnificence. Les marbres y sont répandus à profusion. Des statues et des bas-reliefs d'un grand prix la décorent et en font vraiment un temple solennel. On admire beaucoup deux campanules garnies de sonneries dont on se plaît à exagérer la dépense. Tout ce que j'en puis dire, c'est que 32 000 arbes de métal ont été employées à en faire les cloches et que, des deux cadrans, l'un marque douze heures comme les nôtres et l'autre seulement six heures. Je ne sais pas la raison de cette singularité. J'admire beaucoup plus les marbres, les statues et les bas-reliefs de l'intérieur.

Dans les palais que nos rois font construire à nos dépens en France, l'église ou la chapelle n'y est qu'un ouvrage accessoire qui, d'ordinaire, embarrasse assez l'architecte. Ici, c'est le temple qui est l'objet principal, et le palais paraît n'être qu'un accessoire. Les appartements sont vastes, mais aujourd'hui sans meubles ni ornements. Ce sont de grandes halles qui ont été décorées et sont susceptibles de se prêter à tout ce que voudrait en faire un habile

décorateur, car il travaillerait sur table rase. Il aurait la ressource des points de vue: ils ont tous été ménagés pour les appartements du palais. La mode, d'usage ou la dévotion semblent prescrire ici l'adjonction d'un couvent à tout palais royal. On dirait que D. João V, qui a fait bâtir celui-ci, a dit à son architecte: "Suivez l'usage qui veut que j'aie un couvent à mon palais, comme il veut qu'on porte des jabots à sa chemise; mais faites en sorte qu'il ne gêne pas la vue, principal mérite de la situation que j'ai choisie". L'architecte n'a pas manqué son coup. Il a placé le couvent au centre des constructions du palais. Celui-ci entoure celui-là et lui ôte toute vue à l'extérieur.

Ce sont des Franciscains qui desservent le couvent. Leur local est fort beau, mais enseveli. Il y a une superbe bibliothèque commune au palais et au couvent. Je dis superbe et ne parle que du vaisseau qui la renferme. Je l'estime moitié de celui de la bibliothèque de St. Geneviève à Paris.

Comme il était de très bonne heure quand je visitai le couvent, il fallut réveiller le moine bibliothécaire. Il se leva en grommelant un peu, et en effet il avait raison, car l'heure était presque indiscreète. Cependant, après avoir passé dix minutes ensemble, il se montra très aimable et très complaisant, dirigeant mon attention sur les ouvrages curieux. Au milieu d'une collection nombreuse de Bibles, il m'en fit voir une polyglotte qui présente sous un même coup d'œil tous les passages controversés en hébreu, syriaque, arabe, grec, latin, etc. Un tel livre doit être fort intéressant pour ceux qui ont fait l'étude de ces langues et qui veulent approfondir les nombreuses questions auxquelles l'interprétation de l'Écriture Sainte a donné lieu. Un français remarque toujours avec complaisance que, dans toutes les bibliothèques étrangères, le nombre des livres français prédomine. J'y remarquai l'*Encyclopédie par ordre de matières* qui n'est rien moins qu'orthodoxe, et le moine bibliothécaire m'expliquait comment, au lieu d'en ranger toutes les livraisons sur un seul rayon, il les distribuait dans toutes les grandes divisions suivant les sujets qu'elles traitaient. Il ne paraissait point scandalisé de cet ouvrage et m'en faisait au contraire l'éloge, regrettant qu'il marchât si lentement à son complètement. Un portugais qui nous accompagnait, curieux de savoir pourquoi ce livre fixait ainsi notre attention, s'informa de son contenu. "C'est un livre à brûler, lui dit le franciscain d'un air théâtral. C'est l'artillerie dont les incrédules se sont servi pour obscurcir les lumières de la foi et de la vérité". Et il me sourit ensuite,

probablement comme Cicéron dit que les augures le faisaient entre eux.

Le village qui entoure Mafra n'est composé que de cabanes, ce qui forme un contraste frappant avec le palais. Il y a peu de maisons chétives en Portugal. Comment se fait-il qu'elles se trouvent là?

Il y a deux routes qui vont de Mafra à Lisbonne. L'une va directement à la ville, l'autre va par Sintra. Elles sont l'une et l'autre pavées. J'ai suivi la dernière. Elle traverse un pays cultivé, mais tout à fait dénué d'arbres. On croyait avoir une plaine devant les yeux, et l'on a au contraire beaucoup à monter et à descendre. Un village avec un pont sur une petite rivière qui coule dans le fond d'une de ces vallées est assez pittoresquement disposé.

On passe près d'une carrière de marbre [Pero Pinheiro] d'où j'ai vu extraits des fûts de colonnes de plus de 30 pieds de longueur. Quand on ne rencontre pas ce marbre, on trouve une pierre noire que quelques personnes prétendent être le résultat des volcans. C'est cependant une sorte de brèche dont je ne connais pas du tout l'analogie. J'en emporte un échantillon.

La route était couverte de gens en voiture et à cheval qui se rendaient au service funèbre que l'on célébrait à Mafra pour la défunte reine de Portugal.

## JEAN FERDINAND DENIS

Este publicista (1798-1890) visitou Portugal em 1821, mas não se deu ao incômodo de se deslocar a Mafra para a avaliar com os seus próprios olhos. A descrição que apresenta no *Portugal pittoresco* (Lisboa, 1847), impresso em Paris no ano precedente (*Portugal*, p. 400b-403a), é decalcada daquela que o cônego Joaquim de Assunção Velho havia publicado nas *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*. Remata com a transcrição parcial das *Reflexões sobre a Granja Real de Mafra* da responsabilidade de Alexandre Herculano.

### Mafra

Distante 5 léguas de Lisboa está situada a vila de Mafra, que deu o nome ao vasto edifício apelidado o Escorial Português. A pequena vila de que falamos, e que assenta sobre um extenso plano, eleva-se 681 pés acima do nível do mar. Este monumento, objecto de toda a solicitude de el-Rei D. João V, foi edificado para o leste. A fachada principal, que assoma ao poente, apresenta três vastos corpos, erguendo-se no centro o frontispício do templo conhecido pelo nome de Basílica de Mafra; e para o lado do sul estende-se a parte do palácio que era especialmente destinada para residência da rainha. Ao norte prolonga-se a antiga habitação do rei. Cada uma destas fachadas laterais termina no ângulo extremo do edifício em um magnífico torreão, e cada um destes torreões eleva-se 100 palmos acima do nível dos terrados e pode ter de quadrado a oitava parte da extensão da fachada. São construídos de pedra admiravelmente trabalhada e têm a base em declívio e cercada de profundos fossos.

Quanto às particularidades arquitectónicas e especialmente quanto à indicação exacta das dimensões, remetemos o leitor para a sábia descrição feita noutro tempo nas memórias da Academia das Ciências pelo cônego Joaquim de Assunção Velho; e limitar-nos-emos a lembrar que o primitivo projecto do edifício não oferecia tão vastas dimensões como são aquelas que hoje nos maravilham. D. João V a princípio, tinha simplesmente tenção de erigir em Mafra um Convento, consagrado à Virgem Nossa Senhora, e a Santo António de Lisboa. Este monumento religioso, destinado, segundo os primeiros projectos, somente para treze frades, e depois para quarenta, veio

finalmente a sê-lo para trezentos; em consequência do que foram adoptados os riscos do architecto alemão Ludovici. Para dar uma ideia exacta das obras que então se empreenderam, bastará lembrar que se empregaram cinco mil operários em nivelar o terreno, e abater um enorme rochedo que dificultava a construção. A despesa destas primeiras disposições passava de setenta mil cruzados por mês. Aos 17 de Novembro de 1717 foi apontada a primeira pedra, e só com esta solenidade dispendeu D. João V duzentos mil cruzados; gastaram-se treze anos completos na edificação da basílica, e trabalhavam nela diariamente vinte a vinte cinco mil operários. Parece que em 1730 tinham de tal modo crescido as necessidades da construção que não havia menos de quarenta e cinco mil individuos inscritos nas matrículas da obra. Em o número destes trabalhadores estavam incorporados sete mil soldados. Depois de imensos trabalhos, foi finalmente consagrada a basílica aos 22 de Outubro de 1730. As festas que acompanharam esta solenidade não duravam menos de uma semana, e no próprio dia da consagração deu-se de comer a nove mil pessoas. Por outra parte foi tão prodigiosa a magnificência das alfaias e paramentos sagrados religiosos reunidos no real mosteiro, que anda na tradição um facto e este respeito que seria talvez taxado de exageração, se magníficos restos que ainda existem não provassem a sua realidade. Aos 22 de Outubro de 1730, quando D. João V mandou fazer exposição no adro do templo, dessa prodigiosa quantidade de estofos de seda bordados de pedras preciosas, de que em breve se devia fazer uso, disse aos cortesãos: “admirai e sabei que tudo quanto vedes diante de vós me custou mais caro do que a vasta máquina de pedra, que nos cerca.”

Não é nosso intento entrar em particularidades mui longas acerca das outras magnificências interiores do edificio, e já é até demais o repetimos com todos os (*touristes*)? Que todo o palácio de Mafra tem 886 salas da maior vastidão grandeza, e 5000 portas e janelas. Não podemos contudo guardar silêncio sobre o interior do magnífico zimbório. O que causa admiração; diz a conscienciosa obra portuguesa donde extraímos estas informações, é a variedade, e até profusão dos mármorees de todas as cores que ornam este templo, são os magníficos mosaicos, e as preciosas madeiras de toda a espécie que concorrem para o seu ornamento. Desde a porta até ao altar mor, não tem a basílica menos de 283 palmos de comprimento e 57 e meio de largura; mas contando com o espaço das capelas colaterais monta a

142 palmos. Tem onze capelas com seus altares ornados de pintura. O quadro que se eleva acima do altar mor pertence à escola romana, e representa os padroeiros titulares do edifício - a Virgem Santíssima, e Santo António. A igreja contém dois órgãos magníficos, guarnecidos de bronzes dourados; porém a maravilha por excelência, a parte do monumento cujo esplendor passa como provérbio, é o zimbório. Limitar-nos-emos a lembrar que se acha coroado por uma só pedra de 44 palmos de circunferência, e 13 de altura, e que foi transportada por assim dizer, milagrosamente para o lugar que ocupa, graças ao talento inventivo de Custódio Vieira. Em consequência dos cálculos deste hábil engenheiro, bastou que durante duas horas se empregasse a força de 160 homens para se operar este prodígio.

## **ISIDORE JUSTIN SEVERIN TAYLOR**

Em 1827, publicou, em Paris, a *Voyage pittoresque en Espagne, en Portugal et sur la côte d'Afrique de Tanger à Tetouan*. Contrariando a opinião da generalidade dos testemunhos dos seus compatriotas, afirma que, durante o trajecto que fez para se dirigir a Mafra: “De todas as partes somente vimos campos bem cultivados [...]”.

## **HENRI PETIT**

Pintor (?-1888), foi Sargento de Cavalaria do exército francês, tendo servido em Portugal como oficial durante a guerra civil no partido liberal. Após o termo das hostilidades fez-se instrutor de esgrima, tornando-se mestre de D. Pedro V, D. Luís, D. Carlos e do Infante D. Afonso. Entretanto dedicar-se-ia também à pintura de retratos.

*Retrato equestre de D. Pedro V* (óleo sobre tela; 2830 x 1960 mm; subscr.: *H. Petit, 1855* [PNMafra: inv. 2047])

Montado num cavalo branco, voltado de perfil à direita, o soberano, fardado de Generalíssimo, com o chapéu armado na mão direita, passa revista a uma formatura do regimento de Caçadores 5 no Terreiro diante do Palácio de Mafra, sendo acompanhado pelo seu Estado Maior.



## **CHARLES VOGEL**

Cartógrafo famoso pelos trabalhos realizados no Instituto Geográfico J. Perthe (1828-1897), autor de *Le Portugal et ses Colonies: tableau politique et commercial de la monarchie portugaise dans son état actuel* (Paris, 1860). A p. 485, escreve: “Mafra, o Escorial português, na extremidade ocidental do Junto [sic, i. e., Montejunto], não longe do mar e a 27 quilómetros N.NO. de Lisboa. Esta colossal mas sombria massa de arquitectura com a qual, apesar de inacabada, foram dispendidos 20 milhões de cruzados entre 1717 e 1731, compreende uma igreja completamente edificada em mármore, um palácio e um sumptuoso convento, formando um vasto quadrado, bem como uns grandes jardins. Foi lá instalado o Colégio militar”.

## **EMMANUEL RAYMOND**

Autor de *L’Espagne et le Portugal depuis l’invasion des Carthaginois jusqu’à nos jours* (Paris), obra na qual traça um quadro negro do reinado de D. João V, considerando que não contente com a existência de inúmeras instituições monásticas inúteis ao país, o monarca ainda “consagrou cento e cinquenta milhões de cruzados para fazer do convento de Mafra o mais rico e mais magnífico mosteiro da cristandade” (p. 180).



## A. ROUARGUE

Desenho (150 x 108 mm), intitulado *Le Palais de Mafra près de Cintra, en Portugal* (insc.: *Dessin de Rouargue, d'après le monument*). Originalmente publicado no *Magasin Pittoresque* (v. 29, 1861, p. 133), mas, igualmente num periódico alemão ainda não identificado.

Uma ilustração inserta por Alberto Teles em *O Occidente (Os Paços Monásticos de Mafra, 1893)* inspirar-se-ia nesta. Existe reprodução dela em formato de postal editado pela Comissão de Turismo de Mafra, na década de 1930, e na *Colecção de gravuras Portuguesas* (estampa n. 47).

## OLIVIER MERSON

Publicou *Voyage dans les provinces du Nord du Portugal* no periódico *Le Tour du Monde* (a. 2, Jan.-Jul. 1861, p. 273-320). Afirma, certamente baseado em artigos de *O Panorama* e em Ferdinand Denis, que a construção do Monumento de Mafra arruinou Portugal (p. 319). A p. 320 insere estampa (159 x 119 mm) do edifício, concebida por H. Catenacci, a partir de fotografia de Lefèvre.

Partimos pouco depois para Mafra: convento, igreja e palácio erguidos por D. João V. Acerca desse imenso edifício, de arquitectura fria e regular mas de muito bela construção, e por capricho do rei situado numa região triste e deserta, alguns números bastarão. Este edifício, construído segundo desenhos de um alemão chamado Ludovici, apresenta-nos uma planta quadrada com 245 metros em cada lado. Contam-se nele 870 aposentos, 5.200 janelas, 300 celas e três igrejas, a principal das quais é uma fastuosa cópia de S. Pedro de Roma cujas torres sineiras abrigam 128 sinos. As obras, iniciadas em 1717, foram conduzidas com grande actividade. Em 1729, não envolviam menos de 47.836 operários e 1.276 bois para o transporte das pedras. Os sinos foram fundidos em Paris e em Génova, e o carrilhão, proveniente de Antuérpia e de Amesterdão, custou 50.000 escudos de ouro. A igreja, enriquecida com mármore preciosos, dourados, estátuas e ornamentações prodigalizadas sem limite, foi consagrada em 1730. No ano seguinte, ainda estavam empregados nos acabamentos 12.000 operários aos quais eram devidos seis milhões de francos. Diz-se que, no dia da inauguração da basílica, D. João mandou expor no adro o acervo de tecidos preciosos, vasos sagrados e jóias que doava ao convento e declarou aos atónitos cortesãos: "Ficai sabendo que tudo o que aqui vedes me custou mais que a vasta máquina de pedra que nos rodeia". Para recompensar o seu zelo religioso, o papa Bento XIV concedeu-lhe o título de Majestade Fidelíssima, extensivo aos seus sucessores.

Seja como for, Mafra arruinou Portugal. Em 1750, quando o rei morreu, o tesouro estava vazio: não continha sequer cem cruzados para se mandar dizer uma missa pelo repouso da alma do defunto. Decorridos 27 anos, depois de reorganizar o exército, renovar a ma-

rinha e fundar cem estabelecimentos para a administração e o ensino, e tendo já reconstruído Lisboa, recuperando-a dos escombros de 1755, o marquês de Pombal deixava o poder entregando, à rainha D. Maria I os cofres do Estado enriquecidos com 156 milhões.

É em Mafra que se encontra instalada a escola militar.

### **Voyage dans les provinces du Nord du Portugal**

Nous partons bientôt pour Mafra, couvent, église, palais, élevés par D. Juan V. A propos de cet immense édifice d'une architecture froide et régulière, mais d'une très-belle construction, et placé par un caprice royal dans une contrée triste et déserte, quelques chiffres suffiront. L'établissement, dont les dessins ont été fournis par un Allemand nommé Ludovici, présente un plan carré de deux cent quarante-cinq mètres sur chaque face. On y compte huit cent soixante-dix appartements, cinq mille deux cents fenêtres, trois cents cellules, trois églises, dont la principale est une copie fastueuse de Saint-Pierre de Rome; - ses campaniles sont habités par cent vingt huit cloches. - Commencés en 1717, les travaux furent conduits avec la plus grande activité. En 1729 ils n'occupaient pas moins de quarante-sept mille huit cent trente-six ouvriers et mille deux cent soixante-seize bœufs pour le transport des pierres. Les cloches ont été fondues à Paris et à Gênes, et le carillon, expédié d'Anvers et d'Amsterdam, a coûté cinquante mille écus d'or. L'église, enrichie de marbres précieux, de dorures, de statues, d'ornements prodigués sans retenue, a été consacrée en 1730. L'année suivante, douze mille ouvriers étaient encore employés à l'achèvement de Mafra. Il leur était dû six millions de francs. On rapporte que le jour de l'inauguration de la basilique. D. Juan fit étaler sur le parvis l'amas de tissus précieux, de vases sacrés et de bijoux dont il dotait le couvent, et qu'il dit à ses courtisans étonnés : *Sachez que tout ce que vous voyez devant vous m'a plus coûté que la vaste machine de pierres qui nous environne.* Afin de récompenser son zèle religieux, le pape Benoît XIV accorda à D. Juan, pour lui et ses successeurs, le titre de Majesté Très-Fidèle.

Quoi qu'il en soit, Mafra ruina le Portugal. Quand le roi mourut, en 1750, le trésor était vide ; il ne contenait pas cent cruzades, on n'y trouva pas mêmes de quoi faire dire une messe pour le repos de l'âme du défunt. Vingt sept ans plus tard, après avoir réorganisé l'armée,

renouvelé la marine, fondé cent établissements d'administration et d'enseignement ; après avoir reconstruit Lisbonne, arrachée aux décombres de 1755, le marquis de Pombal quittait le pouvoir, laissant à la reine D. Maria I les caisses de l'État riches de cent cinquante six millions.

C'est à Mafra qu'est installée l'École militaire. [...].

## MAGASIN PITTORESQUE

Insero (a. 29, p. 132-134) artigo não assinado, intitulado *Mafra - Portugal*, acompanhado por desenho (150 x 108 mm) de A. Rouargue com a legenda *Le Palais de Mafra près de Cintra, en Portugal* (p. 133).

### Mafra - Portugal

Lorsque dom Juan V monta sur le trône, le Portugal était depuis longtemps déchu de son ancienne splendeur. [...].

L'aqueduc *das Agoas livres* n'est pas le seul monument qui marque le règne de dom Juan V. Ce prince, cependant, n'employa pas toujours à propos les fonds de l'État; le plus souvent, au contraire, ses prodigalités, épuisèrent le trésor sans utilité pour le pays. Voulant, par exemple, posséder une chapelle dépassant en richesse toutes celles connues jusqu'alors, il paya deux millions et demi l'orgueilleuse fantaisie d'élever dans un coin de l'église Saint-Roque, à Lisbonne, un autel en améthyste, en lapis-lazuli et en argent massif, surmonté de colonnes de cornaline, précédé de marches de porphyre, etc., etc. Quelques années auparavant, il avait dépensé quarante-sept millions pour construire dans une contrée stérile, triste et déserte, à Mafra, un établissement colossal, couvent et palais, où l'on compte plusieurs églises, trois cents cellules, huit cent soixante-dix appartements, et cinq mille deux cents portes et fenêtres. Des caprices de cette importance appauvriraient les nations les plus prospères; et ce fut seulement à la longue que le Brésil combla le déficit causé dans les finances par le règne de Juan V.

Mafra fut conquis sur les Mores, en 1146, par Afonso Henriques, fils du fondateur de la puissance portugaise, le comte français Henri de Bourgogne. [...].

Le palais et le couvent de Mafra sont réunis dans un seul et même édifice construit près d'un bourg, à trois lieues de Sintra, à sept de la capitale. Un allemand nommé Jean-Frédéric Ludovici fut l'architecte de ce monument, dont le plan présente un carré régulier de 245 mètres sur chaque face. Tournée à l'ouest, la façade principale est divisée en trois corps distincts de bâtiments: la partie centrale, ou l'église; la partie du sud, ou la résidence de la reine; la partie du nord, ou la résidence du roi. Du pavé à la platebande des terrasses, l'élévation du monument est de 30 mètres; celle de deux tours de l'église, y compris la croix qui les surmonte, d'environ 68 mètres, les gros pavillons carrés qui flanquent les angles de la façade ont près de 30 mètres sur chaque côté; construits en pierre de taille d'un beau travail, ils dépassent de 25 mètres le bord des terrasses, et leur soubassement de granit, en talus, plonge dans un fossé profond. On pénètre dans l'église par un portique à fronton décoré de six colonnes de 9 mètres de haut entre base et chapiteau; sous ce vestibule s'ouvrent trois portes cintrées donnant accès dans la nef. C'est sur le portique que s'étend la tribune dit de *Benedictione*. Elle est percée de trois hautes fenêtres; à l'extérieur, de chaque côté et la fenêtre du milieu, son placées, dans des niches, les statues de saint Dominique et de saint François, et, au-dessous, sur le fronton du portique, celles de sainte Claire et de sainte Isabelle de Hongrie. A la pointe du fronton se détache une grande plaque arrondie sur laquelle sont représentées, en demi-relief, les images de la sainte Vierge et de saint Antoine, patron du couvent. La façade de chaque palais a trois rangs de fenêtres, chaque rang se distinguant par des architraves d'un ordre différent. Enfin le dôme, qui se dresse au milieu de l'église, achève de donner au monument un caractère imposant de grandeur et de majesté. Ce dôme est par lui-même digne de remarque; le profil en est très élégant, la construction hardie, et l'ensemble offre une noble imitation de la célèbre coupole de Saint-Pierre de Rome. Au centre, la voûte est fermée par une pierre énorme dans laquelle huit lucarnes ont été pratiquées au ciseau. On dit que quarante ouvriers ont put être employés en même temps à ce travail sans se gêner les uns les autres; on assure en outre qu'à l'aide d'une machine inventée par Custodio Vieira, ingénieur portugais, elle fut, en moins de deux heures, hissée

au sommet du dôme et mise en place. Elle supporte une croix de bronze qui pèse, avec l'appareil de fer qui la consolide, 5.000 kilogrammes. Les cloches que renferment les tours, y compris celles du carillon, sont au nombre de cent quinze. Les carillons, mis en branle, pour la première fois, le 22 Octobre 1730, jour anniversaire de la naissance de Juan V, ont été fabriqués à Liège ; ils n'ont pas coûté moins de trois millions. L'intérieur de l'église est d'une magnificence peu ordinaire; toutefois, l'abondance nuit ici au goût, et dans cette profusion presque incroyable de statues, de bas-reliefs, d'ornements, de niches, de marbres de couleur disposés en compartiments, de moulures, de colonnes, de chapiteaux et de dorures, l'œil s'égaré et ne se repose nulle part. C'est une décoration pompeuse, d'un luxe effréné, et rien de plus. Les statues et les bas-reliefs ont été exécutés par des sculpteurs portugais qui formèrent une école, sous la direction d'un Italien nommé Justi.

La sacristie est immense, et en entier tapissée de marbres. Elle est précédée d'un superbe vestibule. Le vestiaire renferme les ornements sacerdotaux donnés au couvent par Juan V.

Une chapelle particulière était affectée au couvent. Ses proportions sont moindres que celles de l'église dont nous venons de parler, mais le luxe de son ornementation intérieure proclame à un égal degré le faste du royal fondateur. Sous le pavé de cette chapelle se trouve l'infirmerie. C'est une longue salle voutée, dont le fond est occupé par un autel, et sur laquelle s'ouvrent seize cellules, toutes décorées de deux tableaux en faïence représentant, l'un le Christ, l'autre la Vierge. On communique de l'infirmerie avec une autre église, dite église des Morts.

Le cadre de cet article ne saurait permettre la revue des huit cent soixante dix appartements de Mafra. Il suffira de dire qu'ils sont si vastes qu'en 1808, sans même les occuper tous, une armée française, forte de douze mille hommes, put s'y longer à l'aise. Nous signalerons cependant la salle du *baise-mains*, décorée de belles fresques; la salle à manger du palais du roi, meublée de beaux dressoirs des quatorzième, quinzième et seizième siècles, achetés aux moines de Necessidades, lors de la fermeture des couvents, par don Fernando, père du roi actuel. Le salon de don Fernando est une sorte de musée. Il ne s'y rencontre pas, il est vrai, d'œuvres importantes des anciennes écoles, mais seulement des tableaux de peintres modernes portugais, de MM. Menazès, Fonseca, etc., et aussi une toile

représentant la *Bataille navale du cap Saint-Vincent*. On sait que, dans cette affaire, la marine de dom Miguel périt accablée par la flotte de dom Pedro. Ce tableau est de M. Morel-Fatio. La chapelle privée du roi, ornée de tableaux qui datent de la fondation de l'établissement, est extrêmement riche; celle de la reine est plus belle encore, et les plus ingénieuses combinaisons de marbres de couleur, de mosaïques, de dorures, s'y trouvent rassemblées. Les salons de ce second palais sont de tous points magnifiques, soit comme ameublement, soit comme ornementation architecturale. Il faut aussi mentionner la bibliothèque du monastère. Son étendue exceptionnelle, ses galeries de bois sculpté, ses tribunes soutenues par des consoles d'une admirable exécution, son dallage de marbre, sa coupole, sa voûte à compartiments, en font une salle d'une beauté rare. Elle est surtout intéressante par le nombre immense de volumes et de manuscrits précieux qu'on y a accumulés. Parmi les manuscrits, on en distingue plusieurs qui offrent pour nous un attrait particulier; ce sont, entre autres, des *Heures*, en français, datant de 1437, 1439 et 1442, et surtout un livre de récits chevaleresques, sans nom d'auteur, dédié "à moult noble valoureux et redousté chevalier Pierre sire de Boufiers-Campigneulle, Ke Dieu garde moultes années". Il porte la date de 1450.

Mafra commencé en 1717, il ne fallut que treize années pour en achever la construction. Il est vrai que l'argent ne fut pas épargné, et qu'en moyenne quatorze mille sept cents ouvriers s'y trouvèrent constamment réunis. Les pierres employées aux travaux ont été extraites des montagnes de Sintra et de Pero-Pinheiro, où l'on a également pris les marbres noirs et rouges destinés au revêtement de l'église principale, de la sacristie et des chapelles royales.

Après l'achèvement de Mafra, dom Juan V reçut du pape Benoît XIV le titre de roi très-fidèle, que conservent toujours les souverains de Portugal.

Au moment de la fermeture des couvents, le monastère de Mafra n'était plus habité que par dix-neuf religieux. L'École militaire est aujourd'hui installée dans cet édifice, et les exercices des futurs officiers de l'armée du roi Pedro V troublent à peine des échos de cette immense solitude.

## A. GERMOND DE LAVIGNE

Membro da Academia Espanhola, reeditou, em 1866, o *Itinéraire descriptif, historique et artistique de l'Espagne et du Portugal* (Paris). Opina que Mafra, além de ter arruinado Portugal, é uma "confusão de construções sem planeamento nem estilo" (p. 661-662). Reimpresso com o título *Espagne et Portugal* (Paris, Librairie Hachette, 1888, p. 144 A).

Mafra é uma povoação vizinha da capital, na estrada de Torres Vedras, a 17 Kms. de Lisboa e tem cerca de 3.000 habitantes. Está edificada em anfiteatro e estende-se sobre as encostas de uma colina que coroa um imenso edifício que é simultaneamente convento, igreja e palácio. Esta acumulação um pouco confusa de construções sem planeamento e sem estilo definido apresenta um conjunto de curiosidades. As construções de Mafra compreendem 870 divisões, 5.200 portas e janelas; o convento tem 300 celas e 58 estátuas. Dois órgãos magníficos de bronze dourado e a cúpula são as obras-primas. A escola militar ocupa hoje em dia o antigo palácio.

Existe, nos arredores de Mafra, uma coutada para uso do rei de Portugal; estabeleceu-se ali uma quinta modelo.

## ELISEU RÉCLUS

Este famoso cientista e revolucionário (1830-1905) deu à estampa a *Nouvelle géographie universelle - la terre et les hommes* (Paris, 1876), obra na qual chama "imensa caserna" ao Convento de Mafra (v. 1, p. 913).

## MARIA RATAZZI

A escritora Maria Leticia Studolmina Wyse (1833-1902), visitante assídua de Portugal, também conhecida por Princesa Rattazzi, ou, simplesmente, por Maria Ratazzi, publica em Paris, no ano de 1880, *Le Portugal a vol d'oiseau - portugais et portugaises*. Um Camilo Castelo Branco exaltado sugeriu o título de *Portugal a voo de pássara* para este verdadeiro *cliché* romântico. Limita-se a repisar a célebre monografia de Joaquim da Conceição Gomes (*O Monumento de Mafra*, cuja 1ª edição estava disponível desde 1866), acrescentando que é preciso nunca ter visitado a Europa para se dizer que Mafra é um dos seus mais belos monumentos. Remata aconselhando a visita a Alcobaça e à Batalha a todos quantos queiram "arte na sua plena acepção". A tradução portuguesa, da responsabilidade de D. Guiomar Torrezão, intitula-se *Portugal de relance* (Lisboa, 1881).

[...]. Depois de Sintra, Mafra!

O sr. Joaquim Gomes, autor de uma notícia sobre Mafra, que ele chama o Monumento de Mafra, começa por estas palavras:

“Situada 40 quilómetros ao N. Lisboa, e 20 ao N. E. de Sintra, fica a povoação de Mafra, onde foi construído o maior edifício de Portugal, que se pode também considerar um dos maiores e mais belos da Europa. Este monumento é obra de D. João V, que perdendo a esperança de ter filhos fez voto à Virgem Maria de edificar um convento para uma ordem mendicante, se Deus lhe concedesse um herdeiro.

O edifício, que pertence ao estilo clássico-romano ocupa uma superfície de quatro hectares. Tem 4.500 portas e janelas, 880 salas, duas torres de 68 metros de altura, dois torreões colossais e um rico zimbório de Pedra. O conjunto é majestoso, um pouco pesado talvez, mas de uma execução perfeita e sobretudo de um estilo severo e puro”.

Para dizer com tanta intimativa que Mafra é um dos mais belos monumentos da Europa, é preciso não ter nunca visitado a Europa. Grande monumento decerto: quando um edifício ocupa uma área de quatro hectares tem jus ao título de grande e mesmo ao de sumptuoso. Mas o que excede os limites da liberdade é dizer-se que Mafra é de um estilo severo e puro. Como pode passar pela ideia de alguém aludir a estilo tratando-se desta amálgama de edifícios acumulados uns sobre

os outros, como fragmentos de construções ciclópicas, concebidas sem arte e executadas sem gosto?

Se quereis Arte na sua plena aceção ide ver Alcobça e Batalha. Estas dois nomes podem inscrever-se entre os primeiros que lembram os mais belos vestígios da arte gótica.

## H. BRUNSWICK

Autor do *Guide du voyageur en Portugal* (Lisboa, 1881), o qual seria editado no ano imediato em tradução portuguesa (*Guia do viajante em Portugal*). A p. 42-43 (93-94 da ed. portuguesa) destaca: a igreja, imitada da de São Pedro de Roma, a sua capela mor, onde se observa uma tela figurando Santo António em adoração à Virgem, bem como as estátuas de vulto e os retábulos em mármore, “obra de Giusti”; a “casa de espera do convento”, onde se acha a melhor tela do mosteiro (São Francisco e São Domingos em adoração a Cristo e à Virgem); o carrilhão, que “faz as delícias dos bons burgueses que visitam Mafra”. Conclui, afirmando que “este convento é uma obra monumental que não se pode deixar de visitar”, porém, avisa os visitantes que convém munirem-se em Sintra de algumas provisões para o almoço, uma vez que Mafra não dispõe de hospedarias.

## **Abade LUCIEN VIGNERON**

Religioso francês, missionário na China e Bispo de Tarentais. Viajante compulsivo e membro da Sociedade de Geografia.

Em 1883, saíram duas edições (com formatos diferentes) do seu livro *A travers l'Espagne et le Portugal: notes et impressions* (Paris), no qual se acham incluídas referências a Mafra (p. 203-204).

Nos arredores, pela estrada de Torres Vedras, também se pode ir ver Mafra, monstruoso edifício construído em cumprimento de uma promessa do rei D. João V e ao qual com razão se tem chamado o Escorial de Portugal. Foram ali postos a trabalhar todos os dias, durante treze anos, vinte e cinco mil operários, e o número de trabalhadores atingiu por vezes quarenta e cinco mil, entre os quais sete mil soldados; eram diariamente utilizadas até duas mil e quinhentas carroças para o transporte dos materiais; no dia da consagração da igreja - que, como no Escorial, ocupa o centro do palácio -, comeram de graça nove mil pessoas.

Mafra tem oitocentas e oitenta salas, cinco mil portas e janelas e duas torres, cada uma das quais com um carrilhão de cinquenta e sete sinos que custaram muitos milhões. Este vasto e pesado edifício, que é hoje um colégio para filhos de militares, absorveu as riquezas do Brasil, isto é, cinquenta e quatro milhões de cruzados ou cento e setenta milhões de francos!

## **TEÓFILO GAUTIER**

Propagandista da arte pela arte e da Escola Romântica e precursor dos parnasianos, Teófilo Gautier (1811-1872) confessaria nas suas *Voyages en Italie* (Paris, 1884): "[...] havia muito tempo que acariciávamos o sonho de ir acabar os nossos dias em hábito de monge em algum belo convento de Itália ou de Portugal, no Monte Cassino ou em Mafra, e hoje não temos mais vontade de nada disso" (p. 260).

**VIVIEN DE SAINT-MARTIN  
MAURY, BEAUDIN  
MATTE-BRUN  
LAVALIERE  
CORTEMBERT Y TOPINARD**

Autores da *Nova Geografia Universal*, publicada em Barcelona, no ano de 1887. Mafra é citada a p. 832 do v. 2.

**ERNEST BERGMAN**

Publica, em Meaux (1890), *Une excursion en Portugal: notes de voyage* (p. 83-84). Associa Mafra aos mosteiros de Alcobaça e da Batalha. Termina a descrição sumária do Monumento informando: “actualmente o antigo palácio encontra-se ocupado pelo Colégio Militar. Nas proximidades foi estabelecida uma quinta modelo”.

**STANISLAS DE NOLHAC**

Em 1891, deu à estampa *En Portugal* (Paris), obra que inclui referência a Mafra.

**ALEXANDRE BOUTROUE**

Editor do *Rapport à M. le Ministre de l'instruction publique et des Beaux-Arts sur une mission archéologique en Portugal et dans le Sud de l'Espagne* (Paris, 1893) no tomo segundo dos *Nouvelles Archives des missions scientifiques et littéraires*. Alude a Mafra.

## GUSTAVE CLAUSSE

Arquitecto francês e historiador de Arte. Publicou *Espagne Portugal. Notes historiques et artistiques sur les Villes principales de la Péninsule Ibérique*, Paris, 1889, onde dedica duas páginas (p. 82-84) a Mafra.

Dos terraços de Sintra avistamos no meio da planície, a cerca de quatro léguas de distância, um enorme edifício coroado por coruchéus e cúpulas: é Mafra. Erguido no meio da mais insípida, mais deserta, mais monótona e mais enfadonha região, o palácio de Mafra é uma imagem da insânia de certas concepções régias que não têm outra finalidade que não seja a de alimentar uma vida de langor e inutilidade. João V quis em 1717 copiar o Escorial; conseguiu imprimir na sua edificação o mesmo carácter de grandiosidade e de sumptuosidade, mas também a mesma solidão e o mesmo abandono envolvem essas duas moradas régias. Uma igreja de estilo italiano, com colunata, frontão, campanários e cúpula central, ocupa o meio da fachada, que em ambas as extremidades termina em dois enormes pavilhões quadrados, pesados e encimados por estranhas coberturas em forma de pagode; as outras construções rodeiam um imenso pátio quadrado. Este palácio abandonado, que apresenta o aspecto imponente e sombrio das estátuas cobertas de musgo que encontramos nos jardins desenhados por Le Nôtre, foi construído em treze anos. Seria impossível acreditar, se não fosse absolutamente autêntico, que João V, novo Xerxes ou Faraó, pôs a trabalhar nesta construção vinte ou vinte e cinco mil pessoas ao mesmo tempo, que mandou comprar 1.276 juntas de bois para o transporte das pedras das pedreiras para o local da obra, que em certos dias havia nos caminhos para Mafra 2.500 carroças e que esses caminhos se encontravam em tão mau estado que eram precisas, por vezes, 50 juntas de bois para transportar um único carregamento. Perto do fim da construção, de Junho a Outubro de 1730, não eram menos de 45.000 os indivíduos registados como empregados nas obras de Mafra. Quando João V morreu (1750), Portugal estava numa indescritível desordem: a ignorância, a preguiça, a falta de segurança e de justiça, a superstição e o arbítrio tinham quebrado todas as energias. Só a ascensão de José I ao trono e a firme energia do seu ministro Pombal puderam subtrair a nação a esse estado de envilecimento. O. Luís da Cunha, nessa época

embaixador em Paris, escrevia ao futuro rei: "Encontrareis muitas terras ocupadas pelo domínio público e outras incultas, e os caminhos impraticáveis; um terço de Portugal pertence ao clero, que não contribui para a segurança nem para a defesa do Estado: é propriedade dos capítulos, das dioceses, das colegiais, dos priorados, das abadias, das capelas e dos conventos de frades e de freiras. O reino está despovoado" <sup>2</sup>. Longe deste sombrio quadro, já em toda a parte encontrámos desafogo e prosperidade: são fundadas grandes indústrias, as cidades crescem e não vem longe o tempo em que Portugal, enriquecido pelo ouro das suas colónias, poderá bastar-se a si próprio sem ter de recorrer aos estrangeiros».

## JULIETTE LAMBER

Escritora vulgarmente conhecida por *Madame Adam* (1836-?), autora de *La Patrie Portugaise – Souvenirs Personnels*, obra que contou três edições só no ano de 1896. Seguidora fiel de Herculano, que cita expressa e reiteradamente. Opina que, ao invés dos Jerónimos, orgulho dos portugueses, Mafra deve ser para eles "uma fonte de amarga tristeza", porquanto, na sua opinião, grande parte da fortuna de Portugal foi para sempre enterrada ali. Sinal dos tempos é a circunstância apontada de a viagem Lisboa-Mafra-Lisboa poder ser realizada em apenas 10 horas (cf. 4<sup>a</sup> ed., Paris, 1896, p. 351-354).

Mafra, o Escorial português, dista de Lisboa apenas um longo passeio. Pode-se ir lá e voltar no mesmo dia, em dez horas. Esse colossal palácio, mandado erguer por João V, inclui no seu centro uma basílica. Mas é mais surpreendente que belo: há ali mais riqueza que bom gosto.

Na ideia de João V, Mafra seria simplesmente uma comunidade dedicada a Santo António. Depois, porém, o soberano entrou em delírio edificatório. No ano de 1730, chegaram a trabalhar na obra 25.000 operários. É incalculável o que Mafra custou. Todos os recursos de Portugal foram ali loucamente, culposamente engolfados.

---

<sup>2</sup> Billot, *Un Drame au Portugal*.

O palácio de Mafra tem 886 salas. Todo o ouro do Brasil ficou enterrado naquela colossal construção.

João V quis ter o seu Louvre, como Luis XIV - diz Herculano -, mas um Louvre de harmonia com o carácter beato e hipócrita que àquela época devemos reconhecer".

O rei tinha ali a sua ala, enfeitada com um pavilhão, e a rainha tinha também a sua, mas a uma distância mais que respeitosa: João V a norte e a sua augusta esposa a sul.

"Mafra - diz ainda Herculano - ficou hesitante no seu aspecto, entre convento e palácio. A púrpura deixa ver a peça de tecido grosseiro, o burel alterna com a púrpura e o ceptro real apoia-se no cordão monástico ao mesmo tempo que a sandália do franciscano ousa pisar os degraus do trono".

Não há na história de nenhum povo exemplo de festas semelhantes às que João V deu na inauguração de Mafra, nas quais 9.000 pessoas participaram num banquete em que foram servidos manjares e vinhos dos mais raros.

Depois da missa, o rei mandou estender nos degraus exteriores da basílica panejamentos bordados com pedrarias de que ousou dizer, indicando a enorme construção que o rodeava: "Isto ficou-me ainda mais caro que a máquina de pedra". João V adorava a elegância, as artes e as letras, e dedicou parte da sua vida a fazer desaparecer nos seus súbditos os últimos vestígios da barbárie; mas cometeu dois erros irreparáveis: enquanto esgotava os derradeiros recursos do país em gastos insensatos, entregava aos ingleses o comércio de Portugal, isto é, a possibilidade de reconstituir esses recursos.

Mas, tendo-se amedrontado com a morte durante uma doença grave, o rei caíra em acessos de feroz devoção. Sujeito à influência fatal de Frei Gaspar, deixou o poder aos hipócritas e aos corruptos que entregaram Portugal aos seus piores inimigos externos e internos [...].

[...] Mafra, l'Escorial portugais, est à la distance d'une longue promenade seulement de Lisbonne. On peut y aller et revenir dans la même journée, en dix heures.

Jean V construisit ce colossal palais qui contient à son centre une basilique. Mafra est plus surprenant que beau ; la richesse y est plus grande que le goût.

Dans l'esprit de Jean V, Mafra devait être simplement une communauté consacrée à saint antoine. Puis la folie de la bâtisse hanta le souverain. A Mafra travaillèrent en 1730, jusqu'à 25.000 ouvriers. Ce qu'a coûté Mafra ne se peut calculer. Toutes les ressources du Portugal s'y drainèrent follement, coupablement.

Le palais de Mafra a 886 salles. Tout l'or du Brésil est enfoui dans cette colossale construction. [...].

Dans l'histoire d'aucun peuple il n'y a d'exemple de fêtes semblables à celles qui furent données par Jean V, à l'inauguration de Mafra. 9.000 personnes prirent part a un banquet où furent servis les plats et les vins les plus rares. [...].

Autant Belem peut être regardé avec orgueil par les portugais, autant Mafra doit être pour eux une source d'amère tristesse, car la plus grand part de la fortune du Portugal est à jamais enterrée là [...].

## **PIERRE JOUSSET**

A p. 349 do *L'Espagne et le Portugal Illustrés* (Paris, 1907), alude de raspão à praia da Ericeira e ao palácio-convento de Mafra, cujo zimbório gigantesco constitui, segundo afirma, "referência útil aos marinheiros embarcados nas correntes desta costa perigosa". Publica foto do *Vestíbulo da igreja de Mafra*, de Emílio Biel.



# **IMAGENS HELVÉTICAS**



## CHARLES FREDERIC DE MERVEILLEUX

Achando-se em Portugal desde 1723 a convite de D. João V para realizar estudos de botânica e mineralogia, Merveilleux (?- 1749) foi o primeiro estrangeiro a ter o privilégio de lograr observar (em 1726) e deixar registo hoje conhecido acerca do andamento dos trabalhos da real Obra de Mafra (*Mémoires instructifs pour un Voyageur dans les divers états de l'Europe avec des remarques sur le commerce et l'histoire naturelle*, Amesterdão, 1738). Alega uma doença muito grave de D. João V como motivo do voto na origem "do soberbo edifício". Descreve o projecto em curso (o segundo de quatro), que afirma ter sido encomendado em Roma e de cuja execução Ludovice não seria senão um mero encarregado: "Por detrás do Coro está um vasto palácio para o rei, família real e os grandes oficiais da Corte. À esquerda há outro soberbo palácio para o patriarca e seus 24 bispos fingidos [...]". As *Memórias* de Merveilleux foram traduzidas para português por Ayres de Carvalho.

[...]. Obtido por fim o meu salvo-conduto para visitar tranquilamente a famosa Serra da Estrela, fiz-me acompanhar por um lacaio, um palafreheiro e um cozinheiro. Previa os trabalhos de semelhante viagem, mas tendo resolvido percorrer uma parte do reino em vez de me estar a aborrecer em Lisboa durante o desterro da maior parte da nobreza, não me assustou a aventura nem as fadigas a que ela me expunha numa viagem penosa que só empreendem os que procuram maravilhas na Natureza. Afastei-me do caminho direito para passar por Mafra, deserto onde o Rei. D. João está a fazer construir um segundo Escorial, em cumprimento de uma promessa feita numa grande aflição. Impensadamente deixou-se comprometer num gasto prodigioso, capaz, por si só, de esgotar as finanças de qualquer outro monarca que não tivesse, como ele, os tesouros do Brasil à sua disposição.

Sentindo-se em perigo de vida, o rei prometeu a Deus elevar-lhe um templo e foi esse voto que deu origem ao soberbo edifício de Mafra. Este príncipe sofria de uma grande enfermidade que lhe causava um total esgotamento de forças. O seu médico, sujeito muito ignorante, quis refazer o rei de tal esgotamento com um remédio por tal forma corrosivo que pôs o enfermo à beira do túmulo. Foi então que Sua Majestade fez o voto de fundar um convento destinado à comunidade mais pobre que houvesse na Europa. Depois de se ter

informado com segurança do estado dos conventos mais pobres do seu reino, veio a concluir que o de Mafra era o mais miserável, não havendo mais que uma cabana para alojar doze pobres franciscanos. Logo que teve conhecimento da existência de tal comunidade ordenou providências para melhor albergar. Como, porém, aos soberanos nunca faltam lisonjeadores e pessoas que só cuidam em os enganar para enriquecerem à custa de seus amos, D. João foi vítima de muitos desta laia. Cortesãos houve que o convenceram que um grande rei devia fazer uma obra que o eternizasse e que, para isso, se fazia mister obter, por intermédio do seu embaixador de Roma, um plano em condições de por ele se elevar um templo capaz de patentear dignamente o zelo de Sua Majestade pela glória de Deus. Foi encomendado em Roma o plano dum edifício mais sumptuoso que o Escorial. A sua traça é tal que o centro do edifício é construído por um soberbo templo, todo em mármore. Por detrás do coro existe uma casa para alojar duzentos capuchinhos, dotados com boas rendas, para servirem nessa magnífica igreja na qualidade de seus capelães. À direita do edifício está um vasto palácio para o rei, família real e os grandes oficiais da corte. À esquerda há outro soberbo palácio para o patriarca e seus vinte e quatro bispos fingidos ou sejam os cónegos mitrados. O arquitecto deste prodigioso edifício foi escolhido por Origine e um célebre ourives chamado Frederico, grão-mestre de Aliboron, ficou encarregado da direcção da obra. Era um alemão muito bruto que sabia alguma coisa de desenho. Ficou, além disso, encarregado da direcção de todas as obras de prata da igreja patriarcal, que, aliás, foi lavrada com bastante mau gosto, muito sobrecarregadas de adornos mas de um consistência enorme porque o trabalho era pago a tanto por onça. Nunca um ourives teve sorte semelhante e por isso esse alemão enriqueceu prodigiosamente,

De Roma enviaram ao rei uma *maquette* da Basílica de S. Pedro que, embora executada em pequena escala, ocupa um salão onde também existiam todos os modelos e raridades da cidade eterna. Os seus embaixadores gastaram nestas bagatelas o que bastava para erigir uma magnífica catedral.

O marquês de Abrantes não se limitou a isto e ordenou que também se fizessem estátuas do rei e outras que não primavam pela beleza – as quais, aliás, nunca foram utilizadas até eu abalar de Portugal.

Começaram o edifício pela igreja, que é toda de mármore, num deserto arenoso, onde não existe uma gota de água. Vi esse edifício já erguido até às abóbadas. Pareceu-me que ficaria magnífico mas com a sua beleza prejudicada pela sobrecarga de adornos. Vi ali duas peças de mármore negro, de um tamanho surpreendente, em cada lado do altar mor. Estavam bem lavradas e tão bem polidas que, segundo me contaram, o rei, poucos dias antes, se vestira diante delas, como se esses mármores fossem espelhos. Calcula-se quão grande número de operários exige uma obra como esta. Tem atingido os doze mil.

Tudo isto tornava geral a murmuração, exceptuando-se dela apenas o marquês de Abrantes e o mestre Frederiks [sic]. Não há dúvida porém, de que três quartas partes dos tesouros do rei e do ouro que traziam as frotas do Brasil eram convertidas naquela pedreira.

O rei havia proibido que alguém fosse a Mafra sem sua licença; ele vivia ali familiarmente no meio dos seus architectos, aos quais havia dado discípulos portugueses em tão grande número que de futuro não necessitaria de mais canteiros nem marmoristas, podendo até cedê-los aos países vizinhos. A constância de Sua Majestade em prosseguir no seu empreendimento não oferece qualquer dúvida de que ela seja levada até à perfeição e o edifício ficará verdadeiramente digno de um rei ao mesmo tempo tão piedoso e tão magnífico. Esse templo terá de comum com o de Júpiter Amon, construído no meio dos desertos da Líbia, o estar também edificado num lugar seco e árido. Os arredores do templo de Júpiter Amon, eram, segundo dizem, deliciosos; duvido, porém, que se possa dizer outro tanto dos arredores de Mafra, onde a água falta por completo. Poderá, porém, ser levada ali de longe – o que o rei não deixará de fazer pois está plantando ali um grande parque e jardins, povoados de toda a casta de árvores que florescem em todos os seus domínios, nas quatro partes do mundo. Duvido, porém, e julgo que com fundamento, que a maior parte dessas árvores possa vingar em semelhante terreno.

A um quarto de légua da igreja de Mafra, encontra-se a casa de um fidalgo que oferecia um belo efeito no meio deste areal. Era muito acomodada e adornava-a um pequeno bosque de grandes árvores que deleitavam tanto mais quanto é raro encontrar em Portugal árvores com um tal gosto. Se a terra de Mafra pudesse criá-las assim, o edifício que li estavam a construir seria com a sua tapada, um dos mais agradáveis do mundo, como já é um dos mais soberbos pela magnificência e formosos mármores que ali estão sendo empregados.

Aconteceu em Mafra o que sempre acontece quando o architecto é mau: viram-se obrigados a construir e demolir várias vezes a mesma obra. O duque Luís Everardo de Wurtemberg, que construiu a cidade e o castelo de Ludwigsburgo, empregou nessa obra um aventureiro italiano que o fez gastar em estátuas de gesso o que chegava para construir um soberbo palácio. O palácio desse príncipe, que é um dos maiores edificios da Alemanha, quase não possui um quarto onde se possa colocar uma cama que nela se fique confortavelmente.

O eleitor palatino, príncipe magnífico, construiu em Mannheim um castelo que é uma massa enorme, o qual pela ignorância do architecto ficou inabitável no verão por não estarem os sobrados devidamente preparados. Além disso, como as paredes são tão fortes em cima como em baixo, gretam por efeito do próprio peso. As abóbadas abrem fendas e as chaminés separam-se dos seus muros que corriam sobrecarregando as arrecadações do palácio com grande quantidade de tabaco que ali tinham armazenado, e por ter emitido esta advertência do considerado homem perigoso. A razão de assim o julgarem resultou das opiniões desse homem não concordarem com os interesses de certo ministro.

Esse ministro não cuida mal que faz ao castelo de Mannheim instalando ali cargas pesadas e apenas atende em manter as suas determinações. Esse edificio, assim como o de Mafra, está construído num terreno arenoso, mas a construção de Mafra é sólida enquanto já ameaça ruína. Estas considerações poderão ser úteis aos príncipes e particulares que não tenham cuidado em averiguar a tempo da competência daqueles que entreguem a execução dos seus empreendimentos.

Os capuchinhos ou franciscanos de Mafra ficaram muito contrariados por se verem obrigados a viver num palácio, sob as vistas de um rei como D. João. Apresentaram aos seus superiores os mais fortes argumentos para se eximirem à tutela do rei, mas tudo foi em vão. Preferiam calcorrear os campos, como outrora, em busca de pão que os havia de sustentar. Desgosta-os estarem providos de tudo o que é necessário às suas exigências por mera mercê régia. Nisto são estes bons frades muito diferentes dos jesuítas de Mannheim, ainda que em humildade devessem ser iguais, pois tanto uns como outros fizeram voto de pobreza e de renúncia às grandezas do mundo. Não obstante os padres jesuítas construíram, para maior glória de Deus, ali, nas barbas do Eleitor um palácio cuja situação domina o jardim do

soberano. Embora não sejam mais de doze no seu palácio, que pode alojar duzentas pessoas, além das salas e aposentos comuns que em tamanho e adornos são tão magníficos como os que exige a grandeza de qualquer príncipe. A pertinácia de uns estarem sempre juntos ao soberano e o pavor de outros se verem obrigados a aproximarem-se dele, oferece matéria a muitas reflexões a que deixamos entregue o judicioso leitor. Julgue-se por aqui quais destes reverendos padres segue mais exactamente os preceitos da sua religião e da moral evangélica. O Eleitor não vai a caçada nem dá festa sem que os jesuítas nelas sejam partícipes, certamente no intuito de santificar essas diversões profanas. Os franciscanos de Mafra, ao contrário, desejam que o seu soberano os ignore e, pode bem dizer-se, fogem do convento onde a luz é produzida pelos doirados que os rodeiam. Do palácio de Mafra ver-se-á o mar e ele, por sua vez, servirá de guia aos marinheiros. O palácio dos jesuítas de Mannheim encobre uma parte do palácio do Eleitor. Contudo esses excelentes padres jesuítas ainda não pensaram em colocar a primeira pedra da sua igreja e, segundo parece, não tencionam fazê-lo pelos tempos mais chegados. Teremos ocasião, mas adiante, de falar desses senhores e da sua política na Alemanha e noutras partes.

Depois de ter deixado Mafra, para me dirigir à serra da Estrela, tomei o caminho de Coimbra mas sem intuito de estacionar na cidade, pois não cuidava em mais que em satisfazer a minha curiosidade pelas maravilhas da Natureza, único objectivo da minha viagem. No regresso é que tencionava seguir o itinerário usual, pois de antemão sabia que por *fás* ou por *nefas* sempre as estalagens seriam más e que em nenhuma delas ficaria melhor alojado e mais bem tratado que noutra qualquer delas. O principal fim da minha viagem era ocupar o meu espírito.

Quando os portugueses de certa qualidade viajam, vão-se alojando de convento em convento e se não fosse assim muito havia de os lastimar.

## **CÉSAR DE SAUSSURE**

Escritor que reporta, por informações recebidas, as obras de Mafra (Carta de 28 de Janeiro de 1730).

### **Carta II**

(Lisboa, 28 de Janeiro de 1730)

[...]. João V, que hoje ocupa o trono de Portugal, é neto de João IV, duque de Bragança, que subtraiu o país ao domínio de Filipe IV, rei de Espanha, e subiu ao trono de seus avós. Este Príncipe andar­á pelos quarenta anos. tem boa figura, rosto comprido e é moreno como a maioria dos portugueses. Usa grande cabeleira negra, em­poada, e veste habitualmente com grande magnificência. Tive ensejo de o ver quatro ou cinco vezes, uma das quais em dia de festa, na capela real. Nessa ocasião cobria-lhe as vestes um longo manto de seda preta semeada de estrelas bordadas a ouro. O seu primogénito, príncipe do Brasil, trazia outro igual. O Rei é tido por pessoa espirituosa e de engenho, mas é completamente destituído de cultura. Dizem-no extraordinariamente mordaz e assumadiço, o que explica o chegar por vezes a tais extremos com os seus ministros e com os que de perto o tratam que não parece ser um príncipe e muito menos um rei. Ama excessivamente a magnificência e a ostentação. Presentemente está construindo numa alta e árida montanha chamada Mafra um palácio, uma igreja e um convento que ficarão soberbos e custarão quantias fabulosas. Informaram-me que muitos mil operários ali trabalham há cerca de três anos. [...].

# **IMAGENS ESPANHOLAS**



## **CHARLES ALEXANDRE DE MONTGON**

Agente secreto de Filipe V de Espanha. Visitou Mafra no final de Janeiro ou início de Fevereiro de 1729. Assistira no Caia à troca das princesas consortes D. Maria Bárbara de Bragança, noiva do Príncipe das Astúrias depois Fernando VI, por D. Mariana Vitória de Bourbon, princesa do Brasil pelo seu casamento com o futuro D. José I. Enquanto aguardava o regresso a Lisboa dos monarcas portugueses dirigiu-se a Mafra onde o palácio "ainda ia no princípio da construção". Ficou surpreendido com a vastidão do refeitório conventual conforme admite nas *Mémoires* editadas entre 1748 e 1752 (*Portugal nos séculos XVII e XVIII: quatro testemunhos*, Lisboa, 1990, p. 112-113).

Não devendo chegar Suas Majestades portuguesas [do Caia] senão sete ou oito dias depois da minha chegada, aproveitei o tempo indo a Mafra, onde o rei estava construindo um palácio, um convento e uma igreja. Este último edifício é todo em mármore, quer no interior, quer no exterior e onde se empregava tudo o que o possa tornar magnificente. Creio que o convento poderá albergar pelo menos 300 religiosos, tendo-me surpreendido o refeitório pela sua vastidão. Quanto ao palácio, quando ali estive ainda ia no princípio da construção.

## **Frei FRANCISCO GARCIA FLORES**

Mestre de Teologia no Convento de S. Francisco de Badajoz. Por ocasião da morte de D. João V, leu uma *oração fúnebre* intitulada *Exemplar de principes propuesto en las exequias funerales* (Lerena, 1750), na qual afirmava que o Magnânimo havia gasto “mais de vinte milhões de ducados na sua Fábrica [do Convento de Santo António] regiamente magnífica [...]”.

## **Doutor AFONSO TEXEDOR**

Este cónego pregou, em 10 de Novembro de 1750, na Catedral de Sevilha, O *Discurso sagrado, político moral* (Lisboa, 1751), por intenção de D. João V, recentemente falecido. Destinou ao Convento junto à vila de Mafra, que confessa ter visitado, grandes encómios.

[...] Que direi se aplico a atenção ao Convento de Nossa Senhora, e Santo António, junto à Vila de Mafra? Este Santuário não só no material é um riquíssimo agregado de portentos: as estátuas parecem animadas; os jaspes transparentes espelhos; as pinturas (que mágoa!) ainda que maltratadas dos ventos salitrosos do Oceano, são primoroso desempenho de seus celebres Autores; a copiosa multidão de sinos, o relógio de uma música perene, os seis órgãos do Templo, e outros realces do poder, em que quase exauriu a arte a sua valentia, e os seus primores, tudo servia de estímulo à minha tibieza, de tudo podia muito vem aproveitar-se o espírito. Até a finíssima calçada de sete léguas de distância, que vai de Lisboa a este sítio, foi um rasgo da sua propensão piedosa, para fazer mais comunicável a seus vassalos aquela portentosa maravilha. O culto, que ali se dá à Majestade suprema é um perpétuo milagre: trezentos e sessenta Religiosos Franciscanos da Reforma de S. Pedro de Alcântara (que vi juntos no Coro, e Refeitório) são os cuidados, e vigilantes obreiros desta mística herdade. E como os seus alimentos saem do Tesouro Real, alternam sem distinção os louvores. Divinos, com os desvelos do estudo: nas suas Aulas e nos seus Claustros vivem, como em sua própria morada, aquelas Artes e Ciências, que fomentam a erudição mais sólida e mais firme [...].

## **Don FRANCISCO PEREZ BAYER**

Arceidiago da Catedral de Valência, Mestre dos Infantes de Espanha, numismata e Bibliotecário Mor da Real Biblioteca de Madrid. De visita a Portugal, hospeda-se em Cheleiros, no dia 29 de Novembro de 1782, prosseguindo para Mafra a 30, aí permanecendo até 2 de Dezembro. Chegou ao seu destino cerca das 9 horas da manhã, "tudo era confusão por causa da feira [de Santo André] [...], panos, lençaria, couros, peles, frutas, pão, vinho, empadas ou pastéis e outros comestíveis [...] charlatões, dentistas, jogos de cartas e outras habilidades". A visita à Real Obra sugere-lhe reiteradas comparações com o Escorial e, nomeadamente, com S. Pedro de Roma. Em consequência da sua curiosidade esteve "perto de três quartos de hora encerrado no pátio da Igreja" por a porta de grades de ferro ter sido fechada a cadeado. Foi recebido pelo Padre D. Tomás da Virgem Maria, Mestre de Filosofia do Real Colégio de Mafra, a quem solicitou informações sobre o "método dos Estudos" e a Biblioteca conventual. Visitou demoradamente a livraria que, segundo lhe disseram, possuía cinquenta e três mil volumes divididos por duas casas devido às obras que prosseguiam na definitiva. Esquadrinhou diversas raridades bibliográficas emitindo opiniões seguras sobre tudo quanto lhe foi dado observar. O *Diário das primeiras viagens que fez pelas terras de Portugal [...] copiado de um Ms. que tem D. José Cornide de Saavedra* foi impresso em *O Arqueólogo Português* (v. 24, 1919-1920) e, na parte que a Mafra respeita, em *O Concelho de Mafra* (n. 344 a 346), retrovertido por Júlio Ivo.

### **Sexta-feira, 29 [de Novembro de 1782]**

Às nove da manhã parti de Lisboa, dirigindo-me ao Real sitio de Mafra, Mosteiro antes de franciscanos descalços ou Alcantareses, e agora de há onze anos e esta parte, de Cónegos Regulares de Santo Agostinho, transferidos para ali, com suas rendas, de outros Mosteiros do Reino, facto, segundo me disseram em Lisboa, devido ao Marquês de Pombal. Acompanhou-me Frei Vicente com outro cavalheiro até à saída de Lisboa, a bem dizer três quartos de légua e ali nos abraçámos e despedimos.

À saída vi o magnífico aqueduto ou canalização que transporta a Lisboa grande quantidade de água, obra verdadeiramente no estilo romano e comparável aos antigos aquedutos de Roma e de Itália pela

muita solidez e elevação dos seus arcos que se avistam a uma ou duas léguas da cidade.

Choveu todo o dia e os caminhos tornaram-se impraticáveis e como saímos tarde de Lisboa só poderíamos chegar a Mafra à noite o que eu não desejava pela prática que tenho da dificuldade em achar pousada depois de anoitecer, demais sabendo que no dia seguinte de *Santo André* se realizava em Mafra uma feira. Assim, parei em um pequeno lugar chamado de Cilleiros [Cheleiros], se bem o compreendi a uma légua daquela vila. Estava realmente cansado e com fortes dores de cabeça, tomei chocolate e descansei.

### **Sábado, 30**

Dormi, graças a Deus, quatro horas e acordei aliviado das dores de cabeça, o que muito agradável me foi. Antes das oito me pus outra vez em marcha. Às nove cheguei a Mafra onde tudo era confusão por causa da feira. Conquanto desse entrada de dia, muito tardou em achar pousada. Fui logo à igreja, ouvi missa Conventual que foi cantada e celebrada com muita gravidade. Visitei depois com algum cuidado o todo da igreja, o Presbitério, o Cruzeiro e suas capelas e as do corpo da igreja, tudo muito bom. A igreja de medianas dimensões, cabe com muita facilidade dentro da igreja do Escorial; o presbitério é muito belo; o quadro do altar mor é admirável: creio que é de Agustin Massucci, pintor romano de quem já falei. O coro está dentro do presbitério; as cadeiras estavam cobertas de pano ou baeta verde (se não me engano). Havia nele perto de vinte e seis Presidentes: a comunidade segundo me disseram era de sessenta e cinco. Há convento e colégio, não em edifícios separados como no Escorial mas no mesmo edifício, porém o convento está no rés-do-chão.

Voltando à igreja, tem o corpo ou nave três capelas de cada lado e uma porta muito ampla por onde se entra nelas. Tanto as capelas do cruzeiro como as da nave da igreja em lugar de quadros têm uns relevos admiráveis em mármore duma grande alvura com os seus retábulos de pedras correspondentes; dentro de cada capela há quatro nichos com suas estátuas de mármore e o tecto tem o fecho ou abóbada baixa admirável. A abóbada das Capelas como as do corpo da igreja têm as paredes incrustadas de várias pedras de cores diversas e dispostas de maneira que formam um matiz agradável. Tudo é

uniforme e vista uma capela são vistas as outras; têm mais fundo do que as do Escorial e devo confessar que as paredes da igreja de Mafra estão muito mais adornadas e são mais vistosas do que as do Escorial.

Voltei à minha pousada. Estava a praça que há defronte de Mosteiro feita uma Babilónia com a feira: panos, lençaria, couros, peles, frutas, pão, vinho, empadas ou pasteis e outros comestíveis. Havia também charlatães, dentistas, jogos de cartas e outras habilidades.

No meio desta multidão demorei-me a observar a fachada principal do Mosteiro que desde logo me pareceu não tem menos dimensões que as do Escorial, se é que as não tem maiores. Coloquei-me na frente do centro do edifício. Apresenta-se uma portada grandiosa, correspondente à elevação do corpo da igreja, entre duas Torres.

Campanários muito elevados e graciosos por entre os quais se descobre a cúpula ou zimbório que se eleva no centro da cruz que forma a igreja, muito elevado e elegante. De um e outro lado se prolonga uniformemente o edifício rematando em dois torreões mui belos, quadrados, cobertos por cima como os pavilhões de campanha. No intervalo, de um e outro lado, entre a fachada e os torreões dos ângulos há outros dois corpos do edifício que querem que sejam torreões; porém se elevam tão pouco sobre ele que só muito de perto se descobrem. Isto me disse alguém; no demais é seguramente um edifício magnífico e muito grandioso. Sobe-se à igreja por uma escadaria muito espaçosa de três lances, entre os quais se forma uma praça (largo) muito espaçosa ocupando toda a frente da fachada. Entra-se por esta praça no pórtico que é fechado com portões de ferro muito fortes e formosos o que o torna muito claro e mais desocupado, ao contrário do que sucede no Escorial que tem pouca luz. Há no pórtico, tenho dúvidas se não mais, oito grandes nichos, cada um com sua estátua de mármore semi-colossal, pelo menos iguais às que na igreja de S. Pedro de Roma representam os Fundadores das diferentes Religiões. As paredes e abóbadas também, no todo, revestidas de mármore, jaspes e outras pedras de várias cores, como no Pórtico da igreja de S. Pedro de Roma, de modo que parece querer o architecto de Mafra apresentar-nos aquela grande Basílica ou o seu desenho. A igreja é também muito bela pelo lado exterior. Está colocada no meio de um quadrado ou quadrilongo formado pelo todo do edifício. E

rodeada de um pátio muito espaçoso e quadrado. Entre o palácio e o convento há dois passadiços, sobre arcos, que os comunicam entre si.

Eu desejava tirar um desenho de tudo isto e da fachada (pelo menos) deste edifício, o que era impossível no meio daquela confusão de gente (rústica e aldeã quase toda) que esmagaria a quem tal tentasse. Demais chovia e o vento era fortíssimo.

Do sítio ou lugar que a igreja ocupa no centro do edifício, creio que poderei dar uma ligeira ideia, para que de algum modo se compreenda. Não posso explicar-me melhor. O edifício em volta da igreja tem muito fundo, mas não tanto como a frente da fachada principal. Devido à minha curiosidade estive perto de três quartos de hora encerrado no pátio da igreja, onde a erva crescia um palmo, molhada e com um único caminho estreito. Foi o caso que tendo encontrado aberta a porta de grades de ferro pela qual se entra naquele pátio, no lado esquerdo da escadaria, depressa entrei nele e dei volta em redor da igreja, notando a magnificência do seu exterior. Quis sair pela porta de grades que se encontra do outro lado da escadaria: estava fechada; retrocedi até à porta por onde havia entrado e também a encontrei fechada a cadeado. Comecei chamando, como os presos, a quantos passavam. Era quase tudo gente das aldeias que tinha os seus animais presos às grades da porta e ali estavam a coberto da chuva que caía pelas paredes. Essa gente bem me entendia, mas tinha mais cuidado em ir para suas casas. Debalde eu expunha a minha situação a quantos chegavam. Veio enfim um que me aconselhou a ter paciência; estava pobrementemente vestido: disse-lhe que o gratificaria pelo seu trabalho; procurou e trouxe consigo um indivíduo que me abriu a porta e me tirou deste cativeiro: peguei a minha encarceragem. Aquele indivíduo perguntou-me “como havia entrado ali?”. Respondi “por ter encontrado a porta aberta”. Não sabia nem quando nem como tinha sido a porta aberta; talvez algum criado, saindo em serviço deixasse abertas as grades; entrou sem me ver nem eu o vi (talvez porque estivesse do lado oposto do pátio), fechou as grades e me deixou em clausura.

Posto em liberdade encaminhei-me para o convento, que tem a entrada pela fachada do edifício que olha ao norte. Como tinha conhecimento de que em Mafra havia um Colégio de Religiosos, no qual eram admitidos colegiais seculares, *convictores* e outros estudantes de fora e que ali se ensinava Latinidade, Filosofia, Teologia, Matemática e línguas Grega, Francesa, Inglesa, etc., pedi ao Padre que

estava na Portaria o favor de me acompanhar à cela de algum dos Padres Professores. Levou-me à cela do Padre D. Tomás da Virgem Maria, Mestre de Filosofia, a quem eu disse ser um Cónego da Metropolitana de Valência e que tinha sido professor da Universidade de Salamanca; recebeu-me com a maior consideração. Manifestei-lhe o meu desejo de conhecer e conversar com os Reverendos Padres Professores especialmente com os de Teologia e Línguas, informando-me do método dos Estudos, e ver a Biblioteca e o que ela continha sobre literatura. Chamou alguns Padres com os quais estive em amena e erudita conversação. Perguntaram-me o que me tinha trazido a Portugal. Expus-lhe com toda a franqueza o motivo e nessa ocasião mostraram desejo de ver o primeiro tomo da Obra que eu estava escrevendo - *De numis Hebr. Samar* -, que eu tinha trazido da minha pousada, bem como o Diário desta viagem, e logo lhes agradou muito a impressão: dissertaram sobre os progressos da arte de imprimir em Espanha. Também não tinham visto o Salústio de Sua Alteza o Senhor Infante D. Gabriel, mostrando grande interesse em possuir um exemplar. O Padre D. Tomás da Virgem me ofereceu o Método de Estudo dos Colegiais Seminaristas, *Convictores* e alunos daquele colégio composto por ele e as suas Conclusões de Filosofia que alguns dos seus alunos tinham defendido naquele ano. Foram vendo o meu primeiro tomo. Leu o Padre D. Tomás a dedicatória, e fez-me a fineza de o elogiar, mais que vulgarmente; o mesmo fizeram os outros padres, não sei se pelo que acharam de bom na minha obra, se por amabilidade ou cortesia. Examinaram as gravuras, que todas lhes pareceram boas e a mim me repetiram os elogios. Tocámos nalguns pontos a Erudição Latina e Grega e a Disciplina Eclesiástica e a Liturgia. Expus todo o plano da minha obra; manifestaram o seu agrado em o ouvir, elogiaram-no e disseram que o elogio estava nele próprio o que lhes parecia muito justo e natural. Sentiram que eu não pudesse demorar-me alguns dias; respondi-lhes que tinha necessidade de partir no dia seguinte; que estávamos no primeiro domingo do Advento e que a sua presença no coro não lhes permitiria o acompanharem-me à Biblioteca, o que eu mais desejava ver. Prometeram-me que podia visitá-la quando quisesse, porque o Colégio e os Padres Mestres não iam ao coro. Comprometi-me a prolongar a minha estada em Mafra, durante a manhã e que ali iria muito cedo.

## Domingo, 1 de Dezembro

Fui com efeito à igreja antes das oito horas, ouvi missa e dirigi-me ao Colégio onde os Padres me esperavam. Ofereceram-me o almoço; já o tinha tomado. Mostraram-me a Sacristia e os paramentos, tudo muito rico; o lugar onde se preparam para o Sacrifício da Missa, o Lavatório, o armário dos cálices e tudo o mais me prendeu a minha atenção.

Fomos dali à Livraria; contém, segundo me disseram cinquenta e três mil volumes; está actualmente dividida em dois lugares separados, porque a casa destinada para esse fim ainda não tem estantes. Desta casa falarei depois. Está portanto a Livraria de Mafra como de empréstimo, ou provisoriamente, em dois compartimentos, um alto e outro baixo; aquele que tem três dimensões seguidas, as duas primeiras, por onde entramos, de dimensões médias e a terceira mais ampla, todas cheias de livros muito bem encadernados, com a indicação, superiormente, das faculdades de que tratam. Com muito agrado li em uma delas *Philosophia rancido – barbaro – sophistico – tumultuoso – inutilis*. Ali estavam os Conimbricenses e os nossos Froylan, Palanco, Bonaventura, Yribarren e muitos outros, o que me levou a acabar de crer que em Portugal também se iam afastando do mau gosto pela Filosofia que ultimamente tem reinado e reinou no século passado, nas Universidades de Espanha, a que têm querido chamar Peripatética e Aristotélica.

Outro título, semelhante vi na divisão ou Biblioteca baixa, que é um compartimento muito amplo, quadrado, com várias estantes soltas, no meio, e outras encostadas às paredes, com a indicação na parte superior dos livros de Teologia, chamada Escolástica: *Teologia Escolastica – garrulo - disceptatrix*.

Godoy, Palanco, os Salmanticenses e outros ocupavam ali o seu lugar, e eu dizia para mim: se o Mestre Apodaca, de Salamanca visse isto! (É um Padre Premonstracense, que escreve e escreverá até morrer sobre *Lumen Gloriam: de Gloria ut Corona, de si purus Homo de condigno, de si Angeli in primo suae creationis instanti*, etc.).

Voltando à livraria: só vi de particular nesta casa uma grande quantidade de livros. Manuscritos poucos; não está ali a Bíblia de Mogúncia e somente a Espanhola de Ferrara. Livros anteriores a 1500 não muitos, o mais antigo que ali se encontra será de 1474, Homero

Grego de Florença há, mas incompleto e sem data; outros livros antigos me mostraram que não me causaram surpresa.

A manhã passou rapidamente, em conversa sobre livros. Estavam o Padre Bibliotecário, o Padre Catedrático de Grego, o Padre D. Tomás da Virgem e outros, todos professores. Sobrevieram mais concluído o coro, e outros do Convento e do Colégio, um deles muito apaixonado de Horácio, que o sabia de memória, como me disseram; com efeito evoca as *Rapsódias* deste poeta sempre que o assunto da conversa o permitia. Por mais de uma vez lhe mostrei que não me era desconhecido o que me recitava, e quando acabava de recitar a *Ode*, *Epístola* ou *Sermão*, e alguma passagem da *Arte Poética*, prosseguia eu, que tenho desde a minha juventude, e conservo ainda, uma grande afeição por este Autor.

Sáimos enfim da Biblioteca, ou das casas onde estão agora os livros. Levaram-me à casa que está destinada desde a fundação do Mosteiro para que se juntem todos ali. É muito espaçosa e desafogada. Larga como a do Escorial e um terço mais alta e comprida. No meio forma uma cruz de braços não muito compridos. O tecto e as paredes até à cornija estão muitíssimo adornadas. Disseram-me que tencionavam ir construindo as estantes para o que tinham muita e boa madeira.

Manifestaram-me grande desejo de possuir a obra Salústio em espanhol de Sua Alteza o Sr. Infante D. Gabriel, que não tinham visto. Disseram-me que o comprariam por qualquer preço, caso estivesse à venda. Não pude fazer-lhes a oferta da obra, e que transmitiria o pedido a Sua Alteza, mas que existiam muito poucos exemplares. Presenteei-os com o meu livro *De numis Hebr. Samar*, pelo que se mostraram muito gratos. E fiquei por aqui.

A última cousa que vi do Convento de Mafra foi o Refeitório que me pareceu maior, melhor e muito mais curioso que o do Escorial e me disseram (quando se falou do Salústio), que o Mosteiro tinha anualmente de renda cento e vinte mil cruzados, que são sessenta mil pesos fortes.

Despedi-me daqueles bons Padres em cuja companhia tinha estado com muito prazer, pelo bom acolhimento que me dispensaram. Ficaram com o meu nome para o caso de lhes ser útil em algum encargo literário em Madrid ou em Espanha.

## **Torres Vedras**

Fui à minha pousada [em Mafra] comi à pressa e de tarde prossegui a minha rota para Espanha. Encaminhei-me em direcção à vila de Torres Vedras, que dista de Mafra três léguas. À uma légua de viagem passei pelo lugar do Livramento e a duas léguas por outro lugar chamado Turcifal, onde me não deram pousada, obrigando-me a continuar, de noite e com muita lama, até Torres Vedras, onde também tive muita dificuldade em a obter; deram-me enfim alojamento, graças a Deus e ao nosso dinheiro.

## **Don JOSÉ ANDRES CORNIDE Y SAAVEDRA**

Este antiquário continuou na Primavera de 1800 a sua digressão por Portugal, iniciada no ano anterior, percorrendo toda a Estremadura e parte do Alentejo acompanhado por um amanuense e por um desenhador. Encarregado por Godoy, mas alegadamente pela Academia Espanhola, de estudar as antiguidades do nosso país, a missão que, de facto, o trouxera até cá tinha por objectivo a espionagem militar. O seu relatório, *Estado de Portugal en el año de 1800*, cuja publicação só foi encetada em 1893, (*Memorial Historico Español*, v. 26), contribuiu decisivamente para o êxito da invasão espanhola de 1801, a qual resultaria na perda de Olivença, tendo servido igualmente de guia aos exércitos napoleónicos, a partir de 1807. Dedicou a Mafra todo o 2º artigo do capítulo 111. Afirma que a fundação do sumptuoso convento, "o edificio mais notável do reino" foi aquilo que tornou verdadeiramente conhecida a vila de cuja história antiga não logrou obter muitos detalhes. Regista a tradição, que hoje se sabe ter sido forjada pelos Arrábidos, do voto de D. João V para obter descendência, descrevendo as diligências do monarca português com vista à escolha do local para a edificação, as quais estiveram a cargo de António Rebelo da Fonseca. Questiona-se sobre a efectiva capacidade de Ludovici como arquitecto. Sustenta que, apesar de este se ter proposto imitar a planta do Escorial, não o conseguiu, como trata de demonstrar, com o recurso às dimensões, números extravagantes e considerações estéticas de vária índole. A propósito do quadro da capela-mor, da autoria de Trevisani, informa que brevemente seria substituído por outro de mármore a cargo da Escola de Escultura de Mafra. Alude ainda à tela de Sebastião Conca existente na Sala dos Actos, bem como a quadros de Conrado Jacinto, Quillard, Oliveira Bernardes e Masuchi. A Biblioteca chamou a sua atenção, referindo que no

tempo dos Cónegos de Santo Agostinho chegou a possuir 45 mil volumes, muitos dos quais foram levados para S. Vicente de Fora quando os Arrábidos voltaram para Mafra. Merecem-lhe registo ainda a Tapada e a Horta dos Frades (Cerca conventual), tal como a notícia sobre a forma como os Cónegos Regrantes substituíram os frades Franciscanos da Província da Arrábida na posse do Convento e como estes, para reaverem o edificio, alegaram que o Príncipe Regente e futuro D. João VI não possuía ainda descendência por haverem sido despojados do seu mosteiro de Santo António, doado por D. João V.

### **Capitulo III - Artículo 2.º**

#### **Villa de Mafra**

Era Mafra una pequeña y poco conocida villa de esta comarca hasta el año de 1717, en que el Rey D. Juan V fundó en ella un suntuoso Convento, destinado á una numerosa comunidad de religiosos de San Pedro de Alcántara, dedicándolo á la Virgen Santissima y á San Antonio de Padua. La situación de esta villa es tres leguas al Sudoeste de la capital de su comarca, dos y media al Nordeste de la de Cintra, seis al Noroeste de la ciudad de Lisboa, y una y media al Oriente de la costa del Océano, en terreno elevado y montuoso, pero rodeado de dos valles medianamente cultivados. Su antigüedad se ignora, y únicamente se sabe que el Rey D. Alfonso Enriquez la sacó del poder de los moros antes de la conquista de la ya dicha villa y castillo de Sintra, y que el Rey D. Dionisio la dió fuero por los años de 1304, pertenece su señorío á la casa de los Vizcondes de Vilanova de Cerveira (hoy Marqueses de Ponte de Lima) por casamiento de D. Diego de Lima con Doña Juana Vasconcelos, heredera del Mayorazgo y casa de Mafra, que tiene muy buena quinta en esta villa, la que en tiempo de Carvallo sólo tenía con su término 360 fuegos en dos parroquias con las advocaciones de San Andrés y San Isidoro, pero que hoy se compone de 931; tiene igualmente Juez de Fora y Vereadores, Casa de Misericordia, dos ermitas y el referido Convento, que se halla un poco separado y á la parte del Oriente, y que se puede considerar como el edificio más notable del reino, ya por su tamaño, ya por los preciosos mármoles que en su iglesia se han empleado, ya por las muchas obras de las artes que le adornan y que, aunque le hacen digno de una particular descripción, me ceñiré por ahora á hacerla sólo de lo más esencial, empezándola por el motivo

que tuvo el generoso y devoto Príncipe D. Juan el V para emprender esta obra de tanto coste, y fue el siguiente:

Habían solicitado algunos señores de la casa de Vilanova de Cerveira proporcionar algún pasto espiritual á las vecinos de Mafra y sus contornos, que estaban bastante escasos de él, y para conseguirlo trataron de fundar en aquella villa un Convento de alcantarinos de la provincia da Arrábida, cuya virtud era tan conocida en Portugal, como su disposición para llenar los deseos de aquellos señores, que habían sido infructíferos y contrariados por el Consejo Real ó desembargo do Pazo, que al informe pedido por el Rey y solicitado por el Vizconde D. Tomás de Noroña y Vasconcelos y por el Provincial de la Orden, había respondido no ser conveniente dicha fundación por estar el reino lleno de conventos, pero lo que resistió el consejo lo venció secretamente la política y en público la devoción y la piedad del Rey, pues hallándose casado hacia tres años con la señora Dona Mariana de Austria y no teniendo sucesión, que con ansia deseaba, empezó á hacer votos y promesas para obtenerla del cielo; disposición piadosa de que diestramente supieron aprovecharse los religiosos para dirigir los deseos del Rey al fin que se habían propuesto.

Había entre ellos un religioso lego llamado Fr. Antonio de San José, y a quien daban el sobrenombre de *la India* por haber estado en aquel país, varón que por su mucha virtud se hacia respetar como hombre espiritual, y cuyas oraciones se juzgaba eran aceptas en los ojos del Señor siendo conocido de todas las personas de palacio, entre las cuales recogía algunas limosnas para un Hospicio que tenia su religión en el Hospital Real, en el cual era Sacristán.

Continuando su cuesta, pasaba un día Fr. Antonio por una sala de palacio en que se hallaban hablando el Conde de Santa Cruz y el Cardenal de Acuña, que ejercía las funciones de Capellán mayor, vieron le pasar el Marqués (de quien era compadre, según costumbre de los señores portugueses) y el Cardinal, y llamándole el primero para besarle la mano y recibir su bendición, le dijo: “Padre, encomiende á Dios el Rey y pídale que se digne darle hijos y sucesión al reino”, á lo que respondió Fr. Antonio: “Él tendrá hijos si quisiere”, y se despidió con modestia y cortesía.

Hicieron alto en la respuesta el Cardenal y el Conde, y como tenían buena opinión de la virtud del religioso, creyeron que en ella se encerraba algún misterio; y habiendo pasado este otro día por la misma Sala y hallándose en ella los mismos señores, le repitió el

Cardenal el encargo y el le contesto en iguales hizo sin dificultad, diciendo que el Rey tendría hijos si hiciese voto de fundar un Convento dedicado à San Antonio en la villa de Mafra.

Llevaron esta noticia al Rey y à la Reina el Cardenal y el Marqués, refiriéndoles lo que les había pasado con Fr. Antonio, y los virtuosos Príncipes al instante hicieron el voto, ofreciendo edificar el Convento y fundirlo en los términos que les indicó el religioso de la Arrábida.

No tardo en llegar à los oídos del Vizconde de Vilanova tan agradable noticia, ni este en comunicarla à los religiosos, que se alegraron mucho con ella; y luego que la Reina empezó à dar señales de su embarazo, se la confirmó el Cardenal al Provincial, encargándole que mandase hacer preces en toda la provincia por el buen suceso de aquella señora, que à su debido tiempo dió con felicidad à luz la Infanta Doña Maria Bárbara, que casada con el Sr. D. Fernando el VI, fué Reina de España.

Cumplió exactamente el Sr. D. Juan el V su voto, y empezó por encargar la obra à un antiguo criado suyo, llamado Antonio Rebelo da Fonseca; y de luego à luego pasaron à Mafra dos religiosos de misa, que interinamente se establecieron en una alberguería llamada del Espíritu Santo.

Dos años se ocuparon en las diligencias encomendadas à Fonseca, y de ellas resulto elegir un terreno distante como un tiro de bala de la villa, à la parte del Oriente, y a cuyo sitio llamaban A Vela (La Vela). Parece que el Rey no sólo se había propuesto imitar en el cumplimiento de su voto la piedad del Sr. D. Felipe II, sino su magnificencia, y de luego à luego pensó agregar un palacio con habitaciones suficientes para pasar en él la Corte algunos meses del año; y para hacer menos enojosa y más divertida la estancia de esta soledad con la diversión de la caza, resolvió agregar al edificio un gran terreno de tres leguas de circunferencia, en el cual había varias casas y haciendas de labradores que compro con todos los terrenos adyacentes, haciéndoles más llevadera la pena de ser echados de sus hogares para que los ocupasen las fieras, pagándoselos por el tres tanto del valor en que fueron tasadas.

Concluidas estas previas diligencias y desmontando y allanando el terreno, se puso la primera piedra del edificio por el Patriarca de Lisboa à 17 de Noviembre de 1717, con asistencia del Rey y de toda su Corte.

Había mandado aquel hacer varias plantas y diseños para la obra, y entre todos fué elegido el de Juan Federico Ludovisi, platero alemán, que en la fabrica de muchas alhajas había ganado mucho dinero, de que dicen supo valerse para merecer la preferencia; pero como no nos han quedado ó no han llegado á mi noticia estas plantas, no puedo decir si el obtener la preferencia fué solo efecto del precitado manejo, ó si realmente eran las más arregladas de las que se presentaron: lo cierto es que en el año de 1717 no era el tiempo más feliz que tuvo la Arquitectura en España, y que la profesión de Ludovisi tampoco le había proporcionado ocasiones en que adquirir conocimientos.

Lo que no tiene duda es que le tuvo de la gran fábrica del Escorial, cuya planta se propuso en parte imitar, aunque se quedo muy atrás en el desempeño, como se verá por las noticias de lo que he podido observar en un día que me ocupé en recorrer este edificio que, al contrario de aquél, se halla colocado en la parte occidental de una poco elevada colina á la que da la espalda, dominando el frente en extenso y desahogado terreno, cuyo término es el Océano, en lo que le hace ventaja.

Precédele una espaciosa plaza con algún pendiente que insensiblemente se va elevando hasta terminar en el plano bajo, al cual conduce una ancha y desahogada rampa, acompañada de dos cómodas escaleras, y luego se entra en un atrio ó pórtico que corre todo el edificio, dando comunicación al templo y palacio, pues el Convento la tiene por los dos frentes laterales.

En estos tres edificios se divide el todo de la obra, ocupando el lado occidental la iglesia, los lados el Palacio y el oriental el Convento.

La fachada, que tiene como unos 1.000 palmos portugueses, se halla dividida en nueve cuerpos: el de en medio, que se adelanta un poco y consta de dos torres y su frontón, adornado con dos órdenes de columnas compuestas y corintias, tres puertas principales, nueve ventanas y cuatro estatuas; y es la parte que corresponde à la iglesia, dos pabellones ó torreones en los ángulos que terminan sus lados con adorno de pilastras y con remate à la mansarda, que por su forma y por la excesiva salida de estos cuerpos, hacen el todo de la obra bastante pesado. En los otros cuerpos, salientes y retirados, se hallan seis puertas que dan entrada al palacio; las de en medio tienen adorno sencillo de columnas, que sin saber por qué sostienen un frontón. El fondo del edificio es de 142 palmos más que el frente, y el alto de todo él de 114 palmos; y aunque supuesta su altura desde el plano de la

iglesia, sólo se debe considerar dividida en dos cuerpos, como entre aquel nivel y el del terreno continúa un zócalo, en la mayor parte se deben contar tres pisos ó divisiones horizontales, que en la fachada contienen unas 100 ventanas y 11 puertas, con varias mezaninas y guardillas en los techos de los pabellones, guardillas y cimborio.

La iglesia, que corresponde al medio del edificio, es una cruz latina de buena proporción adornada en todo su contorno de pilastras compuestas y dividida en ocho capillas, sin contar la del crucero. El altar mayor consta de dos columnas y un gran cuadro en que se representa á San Antonio presentando el Niño á la Virgen, que está rodeada de gloria: es obra de Trevisani, y aunque de buena composición, tiene pocas luces y la natural no le favorece.

El todo de la iglesia tiene regularidad, pero la afean unas tribunas demasiado voladas; el cimborio está adornado de columnas, pero es algo mezquino por poca elevación.

El Convento se halla á la espalda de la iglesia, así como el palacio al frente y á los lados, en los cuales tiene dos claustros de una sola galería con 30 columnas de orden dórico en cada lado, de que resulta que la iglesia se halla en los suyos y en la espalda exenta en la parte superior y, por consiguiente, goza bastantes luces.

Entre la iglesia y el Convento, por la espalda de aquélla, hay una galería baja y cerrada en que están las aulas, y entre ésta y el principal dormitorio del Convento, un jardín con dibujo de mirtos grandes y vasos de mármol para flores.

Entre las aulas está la Sala de actos, que tiene más de 30 varas de largo, y en ella hay una bella pintura de Sebastián Conca, que es un cuadro de 30 palmos de alto con marco de mármol negro.

En esta parte meridional cae la Sala de Capítulo que es de forma oval, de 170 palmos de largo y 54 de ancho, adornada con mármoles de varios colores y techos con compartimientos de estuco que la hacen un poco pesada.

En el fondo del patio del Norte cae la capilla del Campo Santo, porque en ella se hacen los oficios á los religiosos difuntos. Tiene un altar con columnas de mármol negro, y bases y capiteles corintios de mármol amarillo que hacen muy buen efecto.

En esta parte cae igualmente la Botica, compuesta de dos piezas de á 80 palmos de largo y 30 de ancho y desde ellas se sube á las enfermerías.

La parte oriental del jardín y sus dos lados de Norte y Sur la ocupa el Convento, que consta de 16 dormitorios y 300 celdas que tienen vista para el campo, para el jardín principal, para, para otros cuatro más pequeños y para varios lunetos.

En los dos frentes do Norte e Sur están las porterías, que constan de algunas piezas, y en la más grande hay varios cuadros de diversos autores, como son D. Conrado Giaquinto, Quillard, Oliveira y Masuchi, que fueron los que se sacaron de los altares de la iglesia: estas porterías no sólo sirven para dar entrada á las piezas bajas del Convento y subida á las altas por medio de buenas escaleras de 15 palmos de ancho, sino que la comunican á 18 hospederías, que cada una contiene seis camas.

En el cuarto principal, y á la parte del Oriente, está la Librería, con 381 palmos de largo y 43 de ancho, y en medio se extienden dos pequeños brazos en forma de cruz; el techo es de estuco con varios adornos, que ya por este, ya por su poca altura con respecto al largo del edificio, lo hacen mezuquino, y á ello no contribuyen poco las estantes, y particularmente un corredor que sirve para dar uso á éstos, que en el día contendrán como unos 25.000 cuerpos de libros, entre los cuales hay muchos duplicados, algunos raros, y particularmente una muy selecta colección de los que tratan de la historia patria y extranjera.

Esta Librería llegó en tiempo de los Canónigos reglares de San Agustín, que, como se dirá, ocuparon por algunos años este edificio, á 45.000 volúmenes; pero retirados aquellos retirados aquellos Padres á su Monasterio de San Vicente da Fora de Lisboa, se llevaron los que les pertenecían y enriquecían la primera Librería, dádiva del fundador.

Hizo éste otras muchas copiosas, aunque conformes al instituto para que lo destinaba, en candeleros, blandones, lámparas y otras alhajas de bronce, y en ropas de altar bordadas primorosamente de sedas de varios colores, según los tiempos, y sólo escaseó los mármoles y las piedras de colores en la habitación que destinaba para su persona, en la cual se contentó con un pavimento de muy comunes ladrillos.

Sin contar con que toda la iglesia, los tres cuerpos salientes de la fachada, las torres y el cimborio, con las esquinas, cornisas, zócalos y marcos de puertas y ventanas, son de aquella calidad de piedra, porque es la común del país, los adornos de la iglesia, los marcos de sus capillas, su pavimento, los del atrio, sacristía, tribuna, Casa de

Capítulo y otros muchos, son piedras más finas, como el azul y negro de Cintra; el blanco y rojo y salema de Pedro Piñeiro, y otros.

Contiguo al Convento hay un gran parque cerrado con un muro de quince palmos de alto y cuatro de grueso, que se extiende por espacio de tres leguas, y en él hay varias especies de caza, como venados, gamos, perdices, liebres y conejos; en lo más inmediato al Convento tiene algunos árboles y una huerta ó jardín del uso de Palacio y de unos pequeños edificios llamados la Barraca, porque los mandó construir D. José I para habitar en ellos, porque después del terremoto no quiso volver á vivir en edificio de piedra y con bóvedas.

La huerta del Convento está dentro de la ya dicha cerca, pero con puerta para afuera: es bastante extensa, pues por las disposiciones del fundador quedaron señalados sueldos para doce hortelanos, á los cuales dirige un hermano lego.

Conocida ya la forma de este Convento, sólo me falta dar noticia de las vicisitudes que ha tenido en su posesión.

Obtuvieronla los padres arrábidos desde el día en que, concluida la consagración de la iglesia, entraron en ella hasta 300 religiosos, que fueron los que, escogidos de varios conventos de la provincia, recogió en esta Casa el piadoso fundador para que en perennes laúdes diesen gracias al Señor por haberle concedido el gusto de verse con herederos del reino, y al mismo tiempo implorasen su auxilio para la felicidad pública; y no sólo se hizo Casa de noviciado para reemplazar tan numerosa comunidad, sino de estudios, para que al par de la virtud floreciesen las letras convenientes al instituto de los que habían de habitarle y para que de ellas pudiesen aprovecharse los naturales del país, y con este objeto fundó escuelas de leer y escribir y cátedras de Gramática, Lógica, Física, Metafísica, Teología moral, especulativa y positiva; y no poniendo límites á su generosidad, quiso que esta numerosa comunidad se mantuviese de un todo á costa de la Real Hacienda, y que sólo por cumplir con su instituto pidiesen en la villa y sus contornos, repartiendo lo que recogiesen á los pobres.

Continuó en esta disposición la comunidad hasta el reinado del D. José, que, aumentándose los gastos de la Corona y no siendo menores las desgracias, trató el Marqués de Pombal, su Ministro, de aliviar aquélla del coste que le tenía la subsistencia de esta numerosa comunidad; y para que no quedasen ilusorias las disposiciones del pío fundador, dispuso que en lugar de ella se subrogase otra Orden no menos virtuosa, pero más rica, cual fue la de los Canónigos reglares de

San Agustín, de los cuales suprimió varios monasterios, y con los individuos de ellos compuso una comunidad de 80 Canónigos que se establecieron en Mafra, aplicando para su subsistencia 120.000 cruzados de las rentas pertenecientes á las casas suprimidas y vendiendo algunas posesiones ó quintas (que sólo eran de recreo) á varias gentes acaudaladas, para con su producto fabricar en la arruinada plaza del Rosío casas cuyos alquileres aumentasen el fondo aplicado, del que se destinó la mitad para la manutención de la comunidad y la otra para los gastos del edificio y obras que faltaban para hermosearlo, y á sus antiguos habitantes los distribuyó por varios conventos de la provincia.

Esta disposición, obra de la fina política del Marqués de Pombal, no sólo alivió el Estado de la pesada carga que sufría, sino que contribuyó mucho á la mejora de las letras en el reino, pues á los nuevos pobladores se les confió la dirección de un Colegio y de varios estudios de otras ciencias más que las eclesiásticas, adonde se educaron muchos jóvenes que en gran parte fueron como los primeros renuevos de las semillas que aquel sabio Ministro iba derramando en su patria.

No habían perdido los Padres arrábidos la esperanza de recobrar la herencia de sus mayores, á que por la donación del Sr. D. Juan el V se creían con derecho, y aprovechándose de la circunstancia de retardarse la sucesión deseada del Príncipe Regente y la de haber-se muerto sin ella su hermano el Príncipe D. José, empezaron á esparcir diestramente la voz de que esto era un castigo del Altísimo por haberles despojado de Mafra, y lo dispusieron de tal modo, que llegando á oídos de la Reina y de su hijo, luego dieron disposición de enviar los Canónigos reglares á algunos de sus monasterios, que volvieron á repoblar, y de restituir á los arrábidos (aunque reducido su numero á solo 160 individuos)

Á su antigua posesión, dejándoles la mitad de los 120.000 cruzados de la primera consignación para continuar las obras y algunos gastos, á los que el Príncipe suele agregar unos 60 ó 70.000 cruzados de sus rentas para la manutención de la comunidad, que cuida de proveer de cuanto necesita un desembargador con varias dependientes y compradores.

Como á la restitución de Mafra á sus antiguos habitantes se siguió el haberse hecho embarazada la señora Princesa y seguir dando felizmente á luz una numerosa sucesión, se puede dar por bien

empleado este gasto y disimular el que, sin mucha crítica, lo atribuyan los Padres arrábidos á un milagro da la Omnipotencia, cuyos secretos me abstengo de escudriñar.

## **Don ISIDORO ANTILLON**

Professor de Astronomia, Geografia e História no Seminário Real dos Nobres de Madrid (1760-1820). Deu à estampa nesta cidade os *Elementos de la geografia astronomica, natural e politica de España y Portugal* (1815), nos quais consagra a Mafra duas passagens, uma na 1ª parte e outra na 2ª ou *Itinerário*.

## MODESTO FERNANDEZ Y GONZALEZ

Autor de *Portugal contemporâneo: de Madrid á Oporto passando por Lisboa* (Madrid, 1874), diário de viagens contendo referências a Mafra. Demorou-se três dias na vila, tendo-se retirado com saudades (p. 198, 397-403).

### Mafra, 21 de Junho

A 40 quilómetros a norte de Lisboa e a 20 a nordeste de Sintra, está situada a vila de Mafra, mais notável pela nomeada do convento que pela beleza da povoação.

Os que aqui vêm, agulhoados pela curiosidade ou movidos por um espírito artístico verdadeiramente nacional, apenas mostram interesse pelo convento e pelo templo, duas obras devidas ao bom do D. João V, que, desesperando de ter filhos, prometeu à Virgem que edificaria para uma ordem mendicante o mais grandioso dos abrigos se Deus lhe concedesse um herdeiro.

Eis aqui o extracto da inscrição gravada na primeira pedra do edificio:

JOANNES V LUSITANORUM REX  
VOTE COMPOS OB SUSCEPTOS LIBEROS

E aqui a inscrição das medalhas com o busto do rei, destinadas a solenizar o começo dos trabalhos inaugurais:

DIVO ANTONIO ULYSSIPONENSI DICATUM  
JOANNES V PORTUGALIA REX MANDAVIT. MAFRA 1717

O edificio apresenta 4.500 portas e janelas, 880 salas, dois campanários com 68 metros de altura, dois grandes miradores ou açoteias e uma cúpula elevada sobre o templo. Também custou ao tesouro público 670 milhões de reales, ou seja, na antiga moeda portuguesa, 54 milhões de cruzados, quantia que não está longe da verdade dadas as dificuldades da execução, o trabalho dos artistas, a escassez de operários e os gastos da escola de aprendizes.

O architecto que fez os desenhos e dirigiu as obras chamava-se João Frederico Luís. Era natural de Regensburg.

Para avaliar o mérito do templo e do convento, para compreender sem erros nem preconceitos as belezas que eles encerram e as imperfeições que têm, para olhar este monumento com a vista da inteligência, é necessário um estudo profundo das obras antigas e modernas.

Se o meu douto mestre, o Sr. Amador de los Rios, autoridade tão respeitável em Portugal, aqui estivesse - mas já esteve-, ele nos diria em puras e elegantes frases o seu juízo, sempre atinado e severo.

É indubitável que o convento de Mafra tem algo de grandioso e que o seu templo sugere magnificência; mas, considerado no aspecto artístico, o conjunto do edifício não mostra a mesma elegância que outros existentes em Portugal. A execução da obra pode ser considerada perfeita, e não poucos pormenores correspondem ao estilo architectónico dominante no monumento.

Apesar disto, parece-nos pesado o conjunto da construção, e de escassa elegância a perspectiva do edifício. Aqueles miradores sem gosto artístico contrastam com a esbeltez dos campanários e com o audacioso e delicado trabalho da cúpula do templo, verdadeira obra-prima pela sua riqueza e pelos seus labores.

A igreja é bela e majestosa. Bem podemos dizer que é o melhor de todo o convento. O vestibulo tem 28 metros de comprimento por 7 de largura, e três portas dão fácil acesso ao templo. Colunas, estátuas, abóbadas, retábulos, arcos, capelas, mosaicos, quadros, numa palavra, tudo o que foi trabalho do homem é primoroso.

A igreja tem 63 metros de projecção horizontal, 12 de largura e 24 de altura, estando perfeitamente distribuída a luz que penetra por grandes janelas e ilumina as cornijas e balaustradas para maior realce da vista e da arte.

A sacristia merece uma visita. Tem uma capela tão esbelta, tão graciosa e com tão bela combinação da variedade dos adornos e das cores dos mármorees que todos os forasteiros se demoram nela por instantes; não deixam também de chamar-lhes a atenção a sala das abluções e aquela em que estão guardados os paramentos sagrados.

### **Mafra, 22 de Junho**

Percorri ontem a igreja, as suas diversas e formosas capelas e as suas variadas e ricas dependências, contemplando com atenção as

muitas colunas que a casa de Deus ostenta e as muitas esculturas que adornam os altares do templo.

O dia de hoje será dedicado à cúpula e aos campanários, construções que honram o artista.

Os campanários estão divididos em compartimentos. Na primeiro deles estão instalados os relógios, cujos ponteiros têm dois metros de comprimento; no segundo, os sinos harmônicos, e no terceiro os do serviço do templo. Sobre estes compartimentos eleva-se a cúpula, que termina num globo. Os campanários têm 44 metros de altura, a contar do chão. Cada um deles tem duas máquinas de relojoaria: uma para medir o tempo e a outra para a música.

Vejamos as da música, que tanto atraem as atenções.

O Sr. Gomes, empregado do convento de Mafra, descreve estes mecanismos dizendo que eles se compõem de 48 sinos, ou quatro oitavas, cada um. As árias, ou sonatas, são executadas por meio de cilindros rotativos, à maneira dos das caixas de música, movidos por um tocador que acciona com os pés e as mãos um teclado duplo. Os dois campanários contêm 114 sinos, harmônicos ou não harmônicos, dos quais os dois maiores pesam, cada um, 12.000 quilogramas. A harmonia produzida pelo som de todos os sinos é verdadeiramente encantadora. As suas vozes melodiosas e fortes misturam-se com outras mais ligeiras e argentinas: parecem doces gorjeios de aves do campo quando se confundem com os murmúrios das ondas do oceano que se agitam a duas léguas do edifício.

O Sr. Gomes afirma que os mecanismos destes relógios são admiráveis pelas suas dimensões e pela sua magnificência.

Cada um deles é constituído por cinco partes diferentes: o movimento, os quartos, as horas e os dois cilindros. Os eixos destes cilindros medem quatro metros de comprimento. O perímetro de cada cilindro é de cinco metros. Pode-se mudar de música à vontade e, se os cilindros fossem ligados ao movimento do relógio, este tocaria todos os quartos de hora. Os motores são pesos enormes; as rodas são de bronze, e os eixos, de ferro polido.

Ambos estes mecanismos foram construídos, com os seus sinos harmônicos, em Antuérpia, por Levasche, e cada um deles custou 10 milhões de reales; há que atender a que o peso de todo e'se bronze excede 217.000 quilogramas.

Conta-se a este propósito que, tendo sido dito ao rei que um destes mecanismos custaria 10 milhões de reales, o monarca replicou imediatamente: "parece-me pouco; mandai vir dois".

A cúpula, ou meia-laranja, toda de mármore, arranca de um terraço; ostenta na sua base dezasseis colunas coríntias e é coroada por um balcão do qual são visíveis os mais variados horizontes: a oeste, o Oceano; a sudoeste, um lançaço de mar até Sintra, e a leste as colinas e as árvores da tapada. No topo da cúpula vê-se uma cruz, símbolo imortal da redenção humana.

### **Mafra, 23 de Junho**

O convento, o palácio e a tapada exigem algumas horas, nem que seja para uma visita ligeira.

O convento, com o seu vestíbulo, escadaria, sala de actos, sala capitular, capela mortuária, refeitório, tanque e jardim, mostra bom aspecto e serve perfeitamente para o fim a que foi destinado.

O palácio, com a sua extensa galeria que põe em comunicação dois pavilhões: a residência do rei e a da rainha; com as suas salas de audiência e antecâmara, nas quais há frescos alegóricos ao descobrimento do Novo Mundo e a factos da história de Portugal; com a sua capela e a sua biblioteca, esbelta uma e valiosa a outra; o palácio, repito, é uma moradia digna de um príncipe e de um homem de Estado.

Todos os mármoreos utilizados no edifício são de Portugal, e todos os relevos foram executados em Mafra por artistas portugueses.

A tapada, cujo perímetro murado mede cerca de 20 quilómetros, compõe-se de bosque e jardim. O primeiro, destinado ao cultivo e à caça, oferece tanques amplos e profundos e sítios pitorescos como o Celebredo, os lagos e o vale de Camões; o segundo tem nas suas estufas as mais exóticas e viçosas plantas.

Três dias nesta povoação obrigam-me a partir daqui. Saímos com pesar da vila de Mafra, que entre os seus monumentos artísticos conta o mais grandioso, o mais triste e o mais severo de Portugal; mas essa mesma massa de pedra ensina ao artista e ao católico que, em santo consórcio, as artes e o sentimento religioso levantaram à pátria uma obra de arquitectura e à fé um verdadeiro santuário.



*Monasterio de Mafra*

## ANÓNIMO

Gravura intitulada *Monasterio de Mafra* que ilustra o respectivo verbete em Dicionário espanhol ainda não identificado. Apresenta relativamente à estampa de D. Roberts (Londres, 1832) algumas dissemelhanças designadamente quanto ao número de árvores (4 em vez das duas da estampa inglesa) junto à fachada sul da Real Obra, bem como à disposição dos transeuntes.

## FRANCISCO GINER DE LOS RIOS HERMENEGILDO GINER DE LOS RIOS

Publicaram *Portugal: impressões para servir de guía al viajero* (Madrid, 1888). Citam Murray e Herculano, adoptando para definir o Monumento de Mafra expressões difamatórias deste, tais como "conjunto monstruoso, híbrido e extravagante" e "torreões gigantes, maciços e pesadamente estúpidos" (p. 81-82).

Deixando de lado as pitorescas excursões nos arredores de Sintra, sendo a principal a Colares, famosa pelos seus vinhos de tipo bordalês, pela sua deliciosa situação, pela pitoresca lagoa da Várzea e pelas suas quintas, passeios e penhascos sobre o mar, digamos algumas palavras acerca de Mafra.

Todos são concordes em ver nesta monstruosa construção -- palácio e convento ao mesmo tempo - uma imitação, tão sumptuosa como pouco feliz, do nosso Escorial.

[...]. Este monumento, situado a cerca de três léguas e meia de Sintra numa paisagem árida e destituída de interesse, foi mandado erguer pelo esplêndido D. João V em 1717; a sua construção demorou treze anos, custou 19 milhões de coroas (uns 380 de reales) e chegou a ocupar 45.000 pessoas ao mesmo tempo.

O bronze dos sinos, relógios, etc. (feitos em Liège <sup>3</sup>) de cada torre pesa 200 toneladas. É inútil acrescentar mais números: são eles que constituem praticamente a única importância deste vasto edifício. A igreja encontra-se adornada com extrema sumptuosidade no tocante aos ricos mármore, alabastros e outros materiais preciosos; e do zimbório - imitado, como toda a igreja, da de S. Pedro -, vê-se um extenso horizonte formado a oeste pelo mar.

Devem ser vistos os paramentos sagrados que ainda existem no templo.

A grande Biblioteca compreende, segundo uns, 30.000 volumes; segundo outros, 25.000.

---

<sup>3</sup> *Gabinete histórico*, t. VIII; Lisboa, 1820.

## Don RAFAEL M. DE LABRA

Chama “triste e descomunal” ao Monumento de Mafra, no *Portugal Contemporaneo: conferencias dadas en el Fomento de las Artes de Madrid* (Madrid, 1889, cap. 2, p. 149).



## Don ANTONIO HEBERT

Autor de uma ilustração, realizada a partir de fotografia, intitulada *Real Palacio y Monasterio de Mafra, cerca de Cintra*, publicada em *La Ilustración Española y Americana* (n. 31, 1890, p. 109).

# **IMAGENS BRITÂNICAS**



## Lord TIRAWLEY

Embaixador inglês em Lisboa. Enviou, em 1730, diversos relatórios ao Secretário de Estado do seu governo (duque de Newcastle), nos quais alude ao caos originado pela Real Obra de Mafra nos negócios e quotidiano português. Robert Smith transcreve excertos de duas dessas missivas (*The Building of Mafra*, in *Apollo*, v. 97, n. 134, Abr. 1973) que se arquivam, em Londres, na *British Library* [PRO, ST 89/37].

[7 de Abril de 1730]

[...]. I suppose you must have heard by Mr. Stert of a certain Church, Palace, and Convent, that the King of Portugal, is building about six leagues from Lisbon and that his heart is set upon the getting it finished, so strongly, that he has pressed above half his subjects to work there, all the oxen and mules are taken from the country people, and all the labouring people out of the country are at work upon this necessary piece of building, by which this year the whole country lies uncultivated [...]. We don't fare much better in Lisbon, the king having sent down to that building most of the trades men of all sorts that can possibly be wanted either for the building, finishing or furnishing. We can't in Lisbon get a furrier, coachmaker, sadler, or almost any tradesmen you can think of, all being pressed for that work, or to make and mend carts, harness, or either tools wanting there and I have sent ten messages to the Secretary of State, for leave to buy half a Moeda's worth of time to whitewash some part of my house, and I must have an Order signed by the King before I can have one shovel full, all Materials whatsoever being seized upon for the King's use. The King has laid new duties upon every article of living that can be thought of 25 per cent upon meat, 50 per cent upon fish, and so proportionally upon everything else, that which way we shall be able to live here God Knows. I believe the Secretary of State has not spoke to the King relating to anything except this building these six months, and it is quite impossible to get any answer to any sort of business at all.

[Setembro de 1730]

I must beg your Grace's pardon. If I am now obliged to give you a very Extraordinary Account of the affaires of Portugal, and such a One, as I should be afraid you would not believe if I was not persuaded that your Grace does not think me capable of trifling with you in business, or inserting a Syllable that is not litterally true, at any time, but more especially in a letter, that perhaps you may judge proper to lay before the King. I have nevertheless chose to write to you, under the Private Mark, because what I am now going to say would not be very proper to appear in your Office.

I must inform Your Grace, that for some Months past, the whole business of Portugal has stood quite still, as well the Affairs belonging to their own Government as what relates to the Strangers here established, and this, wholly upon account of a Church and Convent that the King is building six Leagues from Lisbon. It is now some months past that the King will not hear of anything else. He goes there himself three, our four times a week, and has expresses come from thence, every six hour's night and day, to give him a account, how the work goes on. We compute there may be employed there about fifty [sic] thousand men, who work day and night. This has drained the whole country of their labourers, and, consequently, half their lands this year have been left untilled, and also has taken up all sorts of Trades-Men in Lisbon for building, finishing and furnishing this Convent. Most of the horses, and mules of the King and Queens equipages, as well as those of the Nobility, and the troop horses of the whole cavalerie are at work there to draw materials. They have dismounted the whole Traine of Artillery to make parts of the carriages, and the whole kingdom is in a confusion next a rebellion, upon account of this building. The officers of justice patrol night and day to press men for it, and if a man absconds himself, for fear of being sent there, they put into a Prison, his wife and children, or mother, or whoever they can find of his relations till he surrenders himself. This oppression does not lie singly upon the portuguese, for the strangers here have likewise their share of it. Several of them having had their servants, horses, mules and carts forced from them upon his account, tho hitherto, I have been able to protect our people pretty well, as such of them as have had any forced from them, I have had restored to them. To raise money for this immense expense, the King

has taxed all sorts of provisions, some 20, some 30, some 50 per cent, which makes it so extravagant living here that I hardly know which way to support myself. This is the least part of the grievance to me, because I know I serve a Gracious Master who will always take care of me while I endeavour to deserve it, but our great misfortune is that, neither the King or the Secretary of State are to be spoke to about any business, and Monsieur de Mendonça is now no longer ashamed to tell me that he could not dispatch any orders I wanted for this, or that tribunal, the Customs House, etc., because that he had been very busy about Mafra. When I waited on him, to desire my Audience for these Notifications, and likewise to speak to him concerning some solicitations of a very old standing, he told me for excuse, that the papers I wanted were not ready, that the King had now been taken up more than usual, and he himself more employed that ever. That the Bells for Mafra, from France and Flanders were just arrived and that it was impossible he could attend to any other business until these Bells were landed, and that they were go safe to, and hung up at Mafra. I asked him whether he meant that I should give that as a reason to Your Grace, why business could not go on, he told me, by no means, for that people in England would wonder at it extremely. I replied that I did not doubt but people would be much astonished but that I must send to my Court such answers as he thought fit to give me. Monsieur de Mendonça sees the ridicule of all this as well as anybody, but cannot help it, and as I live in good friendship with him, has often talked freely upon the subject. We finished this most extraordinary conference by his assuring me that he would procure me my Audience and dispatch my other business as soon as the King was to be spoke to. His Majesty with his Patriarch, in the greatest pomp and ceremony went yesterday morning two leagues off where these Bells were landed, to Bless and to Christen them. During this farce the King was several hours upon his knees and a particular form of Prayer was said by the Patriarch, and answered by the whole choire of the Patriarchal Church over each bell. I cannot find words to express to your Grace, the Oppression, the Hurry, and Confusion the Kingdom is in upon account of this church. The King, his Ministers, the Patriarch, the Cardinals, and whole Court are as much employed about it, as if the fate of Portugal depended upon it. And your Grace, may give a guess what this mighty design will be when it is finished, when I tell you

that the Chief Architect is a Silver Smith, and Superintendant of the Works is the Kings Shoemaker [...].

## UDAL AP RHYS

Viajante galês, autor de *A Tour through Spain and Portugal* (Londres, 1749), obra na qual considera Mafra "um dos mais nobres e vastos edificios de toda a Europa". Atribui a responsabilidade da edificação em Mafra a D. Mariana de Áustria, por ter sido essa região aquela que a consorte de D. João V em primeiro lugar avistou do navio que a conduzia a Lisboa. Apresenta uma descrição expedita do edificio, transformando o medalhão de Lironi do frontão da fachada da Basílica, que sempre ostentou um Santo António em adoração à Virgem com o Menino, num Neptuno conduzido por cavalos marinhos!

### Mafra

Mafra is one of the noblest piles of Building in Europe, and was erected upon the following occasion: when Maria Anna of Austria, the consort of his present Majesty John the Fifth, approached the coast of Portugal, in her Voyage to Lisbon, the Mountains near Mafra being the first Land which she discovered, she made a Vow to build a church in some convenient spot not far from them; which the King took care to see performed, with the addition of a Palace, and a Convent; all which he has executed in so sumptuous a Manner, that every conspicuous part of it is adorned with the rarest and most beautiful marbles that could be procured: nor is the rest of the building less durable and solid; for it consists interely of a coarser Kind of Marble, which they had from the neighbouring Mountains, about 15 or 20 miles to the north-west of Lisbon.

The Convent is called Nossa Senhora da Natividade and Santo António, and lies near a Village called Mafra. The friars are in number about 360, of the Order of St. Francis, and call themselves Reformed Franciscans; they being more rigid than the common Franciscans. The front of the building has the church in the centre, and is terminated by

two grand pavilions, each of which projects 63 feet from the front line of the whole building, and is each of them 72 feet square.

The front of the church, is supported on each side, by two very high towers, of Four Orders of Architecture, the uppermost of which consists of insular or open columns and is crowned with a Kind of pyramidical covering, which is extremely airy and richly ornamented, and rises just 50 feet above the insular columns, and terminates in a cross. In each of these towers, there is an exceeding curious chime-clock, each of which cost a million of crusadoes.

The façade of the church (like that of St. Paul in London) projects a little, and is composed of two orders of Architecture over which there is a Pediment, with very large statues upon each Angle and in the middle or the fronton, there is in *basso-relievo* the figure of a Neptune, drawn by Sea-horses [!]; and near one of the angles, they have represented the sun, which, by the king of Portugal's possessions in both Indies, may be supposed to imply, its rising and setting in his dominions.

At the grand entrance into the church, there is a portico in which there are several fine statues in marble, each of which is 12 feet high; they are the images of saints, and were made by the best hands in Italy; the king having employed their best sculptors, architects and painters, for many years past, in adorning this noble edifice, which is supported by a great number of vast pillars, of the finest variegated marbles, each of which, is of one single stone. In this church, there are six organs and 160 bells. The canopies are all of crimson damask, and are so richly embroidered with Silk, that six of them cost no less than a million of crusadoes. The grand altar is 50 feet high, was made at Rome, is suitable to the magnificence of the edifice, and a fit receptacle for the image of the blessed Virgin which adorns it; tho' the statue be of massy Silver and gilt with gold. The pictures of the altars chiefly represent the life of St. Francis. And on the inside and outside of the church, there are no less than 58 fine marble statues of ancient and modern Saints, all bigger than the life.

If we suppose the whole building to be divided into two equal parts, that half, which is towards the front, is interely taken up by the king and queen's apartments, as is also that part, which is over the friars cells, which are all upon the Ground-floor. Their refectory is 90 feet long and above 30 broad. The library is 200 feet long, 32 feet broad, and 37 feet high, and be enriched with 80,000 volumes. There

is one gallery in the convent, which is above 750 feet long. They have 768 cells, and 7903 doors and windows. There are several fountains in their garden, and a reservoir cut out of a solid rock, which contains 11.000 pipes of water; and the whole is enclosed with a wall of four leagues in circumference within which there is a fine Park extremely well flocked with Deer.

## **F. BLYTH**

Uma *Oração fúnebre* (traduzida da língua latina) composta por este religioso britânico para as Exéquias de Dom João V que, em 1751, tiveram lugar em Londres, na capela dos Ministros de Portugal, regista a existência de oito órgãos na Basílica de Mafra.

[...] neste só Templo – Basílica de Mafra – se contam sete órgãos, não entrando aqui o oitavo composto de um número quase infinito de diversos e mores bronzes, que entre si formam uma agradável e bem concertada harmonia [...].

## RICHARD TWISS

Membro da Royal Society e autor de *Travels through Portugal and Spain in 1772 and 1773* (Londres, 1775). Em 1772, ou no ano seguinte, realizou excursão a Mafra, tendo visitado o Palácio e o Convento. Dá, comparativamente, maior destaque à estalagem onde pernitou, a melhor que encontrou em Portugal, fora de Lisboa, onde logrou repousar numa cama confortável. Aí teve, ainda, ensejo de ver dançar o *Fandango*, além de lhe ter sido servida "uma ceia muito boa" (p. 15-17).

[...]. Foi em Mafra, que tive o prazer de ver dançar o *Fandango*. Foi numa tasca. Foi dançado pelo dono da tasca com sua mulher, e com o acompanhamento duma guitarra. O tocador dedilhava várias cordas juntamente, a três tempos, e batia com a mão o compasso no corpo do instrumento. O fandango que se dança aos pares, parece-se muito com o que os holandeses chamam *plugge dansen*. Aparentemente estes povos adoptaram esta dança, bem como outros usos no tempo em que se achavam debaixo da dominação dos espanhóis. Os dançantes estão num movimento geral com todo o corpo, e todos os membros, algumas vezes até indecentemente: marcam o compasso com o pé e com castanholas. Havendo falta deste instrumento, marca-se a cadência com estalos dos dedos. O homem tem o chapéu posto na cabeça, e dança com sua dama chegando e afastando-se, e fazendo numerosas reviravoltas e requebros. Dança-se o fandango no teatro com muita arte: toda a orquestra toca a música que é a mesma, quase por toda a parte. Depois que o meu estalajadeiro e sua mulher acabaram de dançar correndo-lhes o suor em bica, um outro par os substituiu, e tendo-se a casa num instante enchido da melhor gente da vila que dançou sucessivamente, fiz as despesas do baile, e acabei a noite jogando uma partida de *whist* com o estalajadeiro, sua mulher e irmã. Tive uma ceia muito boa consistindo numa peça de caça assada, sardinhas com pimenta e vinagre, uma salada de toucinho, ovos, maçãs e laranjas e dormi num bom leito. [...].

Outra das minhas excursões foi a que fiz ao convento e palácio reais de Mafra, a cerca de trinta milhas de Lisboa. Parti de manhã cedo, com um criado, numa sege de duas rodas tirada por uma parelha de mulas; parámos mais ou menos a meio do caminho para merendar, pois todos nós, mulas, carreiro, criado e eu próprio, arranchámos

juntos com provisões trazidas de Lisboa visto que nada havia para comer naquela hostaria. Até ali, a estrada atravessara uma região como de romance que produz laranjeiras, limoeiros, oliveiras, amoreiras, ciprestes, palmeiras, renques de romãzeiras bravas, alecrim, jasmim, erva babosa, opúncias, loireiros, loiros-cerejas e murtas. Esta região está bem cultivada. Vi ali oito bois a puxar um arado. Mas depois "toma um aspecto semelhante ao dos Highlands, e as cercas são já de pedra solta amontoada, como no Derbyshire. À esquerda, vemos o Cabo da Roca; à direita, a tapada real, com três léguas de perímetro e cercada por um muro com quinze pés de altura. O edifício, situado junto da pequena aldeia de Mafra, foi construído com uma espécie de mármore branco. Tem trinta e sete janelas na fachada e é mais ou menos quadrado, com setecentos e vinte e oito pés de lado. A igreja ocupa o centro do edifício; de um dos lados, tem o palácio; e, do outro, o convento.

Na frente do edifício há uma grande escadaria que entra na praça até cento e cinquenta e dois pés. Na entrada, sob o pórtico, estão doze gigantescas estátuas de santos, de mármore italiano e de execução tolerável. A de S. Sebastião é muito boa. A arquitectura do pórtico é de duas ordens, cada uma com seis colunas: a primeira é jónica, e a outra é compósita. Entra-se na igreja por cinco portas.

O architecto de toda esta fábrica foi John Frederics, um alemão.

A construção iniciou-se no reinado de João V, em 1717, e terminou em 1731. O convento tem trezentas celas, cada uma com vinte palmos, ou pés, por dezoito; a cozinha mede noventa e seis por quarenta e dois; a biblioteca nova mede trezentos e oitenta e um por quarenta e três. As descrições impressas afirmam que todo o edifício possui oitocentas e setenta salas e cinco mil e duzentas janelas. Os pavimentos são de tijolo belamente assentado. Como o rei raramente ali se instala, o edifício não tem mobílias. Três ou quatro salas têm chaminés, e o falecido duque de York esteve alojado durante alguns dias nesses aposentos.

De cada lado da igreja há uma torre, ou campanário; cada uma tem quarenta e oito sinos que formam harmonias, isto é, o que os franceses chamam carillon e os espanhóis órgão de las campanas. A subida a estas torres faz-se por cento e sessenta e dois degraus, e as três últimas janelas de cada extremo da fachada estão adornadas com pequenas cúpulas. A cúpula da igreja é da ordem coríntia e tem uma galeria interior a toda a volta. Há seis altares, cada um deles com um

baixo-relevo de mármore, e o templo possui nada menos que seis órgãos. Existem algumas pinturas dispersas, mas são de obscuros mestres italianos. A cobertura de todo o edifício é plana, formando um terraço para agradáveis passeios. Há vários formosos pátios com pórticos, e um jardim bastante amplo nas traseiras do edifício.

A estalagem de Mafra é a melhor que eu encontrei em Portugal, com exceção de Lisboa.

## WILLIAM DALRYMPLE

Oficial do exército britânico. Deixou a sua passagem por Mafra, proveniente de Torres Vedras, registada nos *Travels through Spain and Portugal in 1774 with a short account of the Spanish expedition against Algiers in 1775* (Dublin, 1777, p. 135-136), colectânea de cartas em forma de diário e uma das obras setecentistas mais detraídas de Portugal. A 8 de Dezembro chega a Mafra, já noite cerrada, ao fim de doze horas de marcha, gastas a percorrer a distância de nove léguas. No seu destino encontrou “a mais excelente estalagem, mas prodigiosamente cara”.

No dia 9 visitou a Real Obra, a qual, diz, reúne o “orgulho e a pobreza; a presunção e a loucura; um Palácio magnífico cujas paredes se encontram nuas e um Mosteiro soberbo para padres insolentes”.

Partiu para Sintra a 10 (cf. Carta XIII, de 13 de Dezembro de 1774).

[Dia] 8. Das Caldas, por uma agradável região ao longo de cerca de uma légua, até Óbidos, que está situada numa elevação e rodeada por uma fortificação antiga; passámos por um considerável aqueduto que vai de um monte próximo até à vila e prosseguimos por uma região montanhosa e muito pouco cultivada até Torres, uma aldeia assente na encosta de um monte abrupto que domina a passagem entre dois outros e no qual existe um forte mourisco; dali, seguimos para Mafra: nove léguas em doze horas. A espantosa extensão das léguas iludira-nos, e fomos apanhados pelo anoitecer. Viajámos nessa tarde numa região montanhosa: passámos por algumas aldeias, por vários moinhos e por muitas pequenas cruces de madeira; vimos muitas vinhas, algumas oliveiras e searas de trigo junto das vilas;

encontrámos nesta última uma estalagem muitíssimo boa, mas prodigiosamente cara.

Existe aqui uma estrutura assombrosa: um palácio-convento, fundado pelo falecido rei em consequência de uma promessa que fizera a Santo António. A vaidade e o desejo de alcançar fama religiosa induziram-no a emular a ostentação de Filipe li, que mandara erguer o Escorial. É uma estupendíssima obra; mas, apesar de muito mais ornamentada e de apresentar maior riqueza de mármore, não tem uma aparência tão nobre como a do Escorial; a sacristia, a sala do Capítulo e o refeitório são primorosas; os altares da igreja são riquíssimos, e há muitas belas colunas de mármore, todas elas inteiriças. O convento destinava-se, na origem, aos franciscanos.

Há no palácio prodigiosas sucessões de aposentos, pois a sua extensão é a do quadrado exterior, superior, como já disse, a 700 pés em cada lado; o convento e a igreja formam o quadrado interior; o salão destinado à biblioteca é muito espaçoso e muito belo. Estão aqui em posição central o orgulho e a pobreza, a loucura e a arrogância: um palácio grandioso com as paredes nuas, um convento sumptuoso para padres sobranceiros!

Há um vasto terreno cercado para os divertimentos do rei e da rainha, pois parece que a dextreza e perseverança na caça tornam a consorte tão famosa como o seu católico irmão.

[Dia] 10. De Mafra para Sintra: três léguas em quatro horas. Atravessámos campos rasos que, embora estejam agora incultos, mostram ter havido neles muito trigo.

## ARTHUR WILLIAM COSTIGAN

Pseudónimo de James Ferrier, oficial de infantaria, engenheiro e um dos principais assessores do Conde de Lippe na tarefa de reorganização do exército português (1778). Descreve nos *Sketches of Society and Manners in Portugal* (Londres, 1787), o estado de degradação atingido, pelas instituições militares nacionais durante o reinado de D. João V. O azedume que revela relativamente a Portugal deriva decerto da circunstância de, por motivos religiosos, ter sido compelido a largar o comando do regimento de artilharia do Porto, sediado em Valença, e a abandonar o país. O monumento de Mafra teria sido construído "em imitação e competição com o Escorial". Aquilino Ribeiro fez tradução integral da obra em apreço, com o título *Cartas de Portugal, 1778-1779* (Lisboa, 1946).

### Carta XII

(Castelo Branco, 1778)

[...]. Aos anos seguiam-se rapidamente os anos, o exército era descuidado e ia de mal para pior, os oficiais morriam e não os substituíam de maneira que muitos regimentos eram comandados por subalternos e oficiais não comissionados. O único emprego que o rei D. João V dava às suas tropas era de as fazer tirar e levar pedras para a construção de uma igreja e convento magnífico em Mafra (nota do autor), para trezentos preguiçosos [...].

*Nota do autor:* Construído por D. João V, em imitação e competição com o Escorial, em Espanha, mas parecendo em tudo mais pequeno do que ele. Ficava a cerca de seis léguas ao norte de Lisboa. Durante o último reinado, trezentos frades capuchos tiveram de o abandonar para darem entrada a cónegos regulares de Santo Agostinho.

## WILLIAM BECKFORD

Escritor, antiquário e crítico de arte (1760-1844), que viveu em Portugal entre 1787-1788; 1791-1796 e 1798-1799. Foi durante a primeira dessas temporadas que visitou Mafra, onde chegou, a 27 de Agosto de 1787, na companhia do Marquês de Marialva, D. Pedro, e do Senhor de Verdeil, tendo ficado hospedado em casa do Capitão Mor até ao dia seguinte. Desde Sintra o Convento de Mafra "semelhava o palácio encantado dum gigante" (Carta de 9 de Julho). Chegados, em menos de uma hora e um quarto, foram recebidos à porta da Tapada por uma deputação de irmãos leigos e conduzidos até junto da Real Obra, perante a qual Beckford confessa ter sentido "uma grande impressão de prazer e surpresa" e, ao mesmo tempo, de esmagamento, face à vastidão do edifício. O pórtico recordou-lhe o de S. Pedro de Roma, "a primeira vista da igreja é impressionante [...] nunca tinha visto uma tal profusão de belos mármoreos resplandecendo por cima, por baixo e em torno de mim". Um frade conduziu-o e aos seus amigos em digressão pelo edifício, a grande velocidade, até à Biblioteca, onde o abade do convento lhes apresentou as boas vindas e os convidou a jantar consigo no dia seguinte, amabilidade que entenderam declinar. Da Biblioteca, onde lhes foram mostradas algumas preciosidades bibliográficas, subiram aos terraços avistando o zimbório que consideraria, entre os mais "elegantemente proporcionados da Europa". Observados os mecanismos dos carrilhões seguiram para a casa do Capitão Mor, a qual "tem todo o aspecto de pertencer a quem vive à larga e na opulência [...]. Tivemos um excelente jantar, preparado pelos cozinheiros e confeitores do marquês e uma sobremesa muito melhor do que aquela que os próprios frades nos poderiam dar. O Capitão Mor assistiu ao jantar de pé, por detrás das nossas cadeiras e tomou os pratos das mãos dos criados para no-los colocar na mesa". Após o jantar e as *Vésperas* a que assistiu com o Marialva na igreja do Convento, subiu ao Palácio que lhe desagradou porquanto "uma nua identidade geral é o que perdura". Regressados ao Convento, "para onde quer que fossem éramos seguidos [...] todas as vezes que eu fazia uma pergunta, havia sempre uma dúzia que estendia o pescoço para responder, como os perus [...]". Enfim, libertos dos perseguidores, peregrinaram durante algum tempo pelo Jardim do Cerco. De novo na Basílica e pelo espaço de cerca de 3 horas assistiram às *Matinas*, após o que seguiram os religiosos até ao Refeitório, onde "cada frade tinha diante de si a sua garrafa de água e a sua garrafa de vinho e o seu prato de maçãs e de salada". No dia seguinte o tempo seria passado nos agradáveis jardins da Quinta dos Ponte de Lima em amena conversação, até cerca das 4 da tarde, hora a que regressaram a Sintra "com pena de deixar Mafra" (*A Corte da Rainha D. Maria I*, Lisboa, 1954, cartas de 27 e 28 de Agosto), cumprida outra etapa da visita ao "Paraíso de D. Fagundes" (i. e. Portugal).

### **Carta XV**

(26 de Agosto de 1787)

[...]. Era digna de excitar um vivo interesse esta singular confiança, mas não obstante isso eu não lhe prestei metade da atenção, que ela merecia. Ainda me dominava a impressão, que me produzira a musica de Haydn e de Jomelli, que ouvira de manhã.

O Grão-Prior achando que a política não a podia desvanecer do meu espírito, consultou o seu sobrinho, que, por acaso, estava nos aposentos da rainha, e voltou a propor-me que, visto eu ter há muito manifestado o desejo de ver Mafra, puséssemos este plano em execução. Ficou, portanto, assente partir amanhã.

### **Carta XVI**

(27 de Agosto de 1787)

Às nove da manhã metia-mo-nos na carruagem, apesar do vento, que nos dava em cheio na cara. A distância da *villa* que eu habito a este estupendo convento é de catorze milhas inglesas, e a estrada, que, felizmente, foi há pouco consertada, conduziu-nos através de uma região adusta e aberta, salpicada aqui e ali de raras aldeias e moinhos.

É muito agradável o retrospecto das arborizadas encostas e dos agudos rochedos de Sintra, mas, quando olhais para a frente, não pode haver nada mais árido e frio do que esse prospecto. Graças à frequência das mudas corriamos a todo o galope, e em menos de uma hora e um quarto achamo-nos ao pé de um grosso muro, que corta audazmente pelos montes, e fecha a coutada de Mafra.

Vimos num relance as torres e o zimbório de mármore do convento, destacando-se sobre a superfície azul do oceano, e erguendo-se acima dos cumes silvestres dos montes, que se distinguem aqui e ali pelas copas fechadas dos seus pinheiros de Itália e as altas agulhas dos seus ciprestes. Ainda não apareciam os telhados do edifício, e continuámos por algum tempo a ascensão, rodeando o muro, pelo terreno acidentado da Tapada, antes de os descobrirmos. Esperava-nos um destacamento de leigos para nos abrirem as portas da Real Coutada, fortemente tisonadas pelo fogo, que há um mês consumiu grande parte do seu arvoredo e verdura. A nossa

aproximação incutiu um grande terror nos bandos de veados, que pastavam pacificamente numa encosta mais verde do que as outras próximas, e que abalaram, refugiando-se numa mata de pinheiros meio queimados.

Depois de costearmos a parede da grande quinta, dobrámos subitamente a esquina, e patenteou-se-nos uma das vastas fronteiras do convento, que parecia uma rua de palácios. Não posso pretender que o estilo do edifício seja tal, que mereça a aprovação de um amante de pura arquitectura grega; muitas das portas e janelas têm diferentes feitos, porém, ao menos, são bem proporcionadas.

Ia eu admirando, na rápida passagem, a sua extensa correnteza, quando, ao tornear o alto pavilhão quadrado, que flanqueia o edifício, se deparou aos meus olhos a grande fachada, que tem mais de oitocentos pés de comprimento.

O centro é ocupado pelos pórticos da igreja, ricamente adornados de colunas, de nichos, e de baixos-relevos de mármore. De cada lado erguem-se à altura de quase duzentos pés duas torres, um pouco semelhantes às de S. Paulo de Londres, e juntando-se ao enorme corpo do edifício, o palácio termina à direita e esquerda pelos seus magníficos pavilhões. Estas torres são ligeiras, graciosas, e ornadas de pilares extremamente formosos, mas a sua forma, em geral, aproxima-se muito do estilo dos pagodes, e não tem majestade. Encerram muitos sinos das maiores dimensões, e um famoso carrilhão, que importou em muitos centos de mil cruzados, e que principiou a tocar no momento em que anunciaram a nossa chegada. São muito grandes o adro e a escadaria, na frente da entrada da igreja, ornada de colunas, e o zimbório, que tão sobranceiro se eleva acima do frontão do pórtico, é digno de louvor pela sua altura e elegância.

Alonguei os olhos por todos os lados da vasta extensão do palácio, até que se cansou esse espectáculo, e foi com prazer que os desviei de esplendor dos mármore e da confusão dos ornatos esculpidos, para contemplar o imenso azul, do longínquo oceano. Em frente desta colossal fabrica há um grande largo, em cuja extremidade se vêem espalhadas algumas casas brancas. Não são elas de pequenas dimensões, mas, parecem barracas de trabalhadores, e por tais as tomei à primeira vista, até que, aproximando-me, fiquei surpreendido das suas verdadeiras dimensões.

É pouco interessante a perspectiva, que se goza do adro de Mafra: o que se vê são os telhados de uma aldeia insignificante e uns

cabeços de areia, destacando sobre uma estreita faixa do oceano. Da esquerda a vista é limitada pelos escarpados montes de Sintra, e à direita, um pinhal, na quinta do visconde de Ponte de Lima, é que dá aos olhos algum pequeno refrigério.

Para nos abrigarmos do sol, que dardejava sobre as nossas cabeças, entrámos na igreja, atravessando o magnifico pórtico, que me lembrou muito a entrada de S. Pedro, e que está cheio de estátuas de santos mártires, lavradas com infinita delicadeza.

A primeira impressão da igreja é muito imponente, e o que imediatamente dá na vista é o altar mor, adornado com duas majestosas colunas monólitas de mármore vermelho ondeado, de mais de trinta pés de altura. Trevisani ali tem um quadro magistral: representa Santo António em êxtase, contemplando o Menino Jesus, que desceu à sua cela envolto num resplendor de glória.

Amanhã é a festa de Santo Agostinho, cujos religiosos são os actuais possuidores deste mosteiro, e por isso estão patentes todos os candelabros de ouro, e acesos todos os círios. Depois de nos demorarmos alguns minutos no meio desta brilhante iluminação, visitámos as capelas colaterais, adornadas todas com baixos relevos de grande perfeição e magníficos arcos de mármore preto e amarelo, com formosos veios, e tão polido, que reflectia os objectos como um espelho!

Nunca vi uma tal variedade de belos mármorees, como os que esplendiam por cima, por baixo, e à roda de nós. O pavimento, o tecto abobadado, o zimbório, e até os mais altos lanternins, são revestidos dos mesmos custosos e duradoiros materiais.

Rosas de mármore branco e grinaldas de palmas, de um esquisito lavor, ornam todas as partes do edificio. Capitéis corínteos nunca os encontrei tão bem modelados, nem esculpidos com mais precisão e agudeza do que os das colunas, que suportam a nave.

Depois de saciarmos a curiosidade, examinando os vários ornamentos dos altares, seguimos o nosso guia por uma longa galeria arcada até à sacristia, magnifica sala de abóbada, apainelada com belas variedades de alabastro e pórfiro, e tanto ela como a capela adjunta atapetadas com a maior magnificência; e atravessámos muitos outros átrios e capelas adornadas com igual esplendor, até nos sentirmos cansados e perdidos, como uns cavaleiros andantes nos labirintos de um palácio encantado.

Principiava eu já a pensar, que não tinham fim aquelas espaçosas salas. O frade, que nos precedia - um bom velho de barba já grisalha - convencido de que eu não poderia entender uma sílaba da sua língua, tentou descrever-me por sinais os objectos que iam aparecendo, e custou-lhe a creditar os seus ouvidos, quando eu, em bom português, lhe perguntei quando acabariam aquelas capelas e sacristias!

Parecia o velhote gostar muito dos meninos - como ele nos chamava, a D. Pedro e a mim - e para dar às pessoas pernas juvenis uma oportunidade de se desenvolverem, largou num trote tão expedito, que o marquês e Verdeil chegaram a desejar-lhe o Purgatório! E decerto caminhávamos com a máxima celebridade, galgando de um extremo a outro do dormitório - seiscentos pés - em um ou dois minutos. Estes vastos corredores, bem como as celas com que eles comunicam, e que são trezentas, são todas em arcadas do mais sólido e sumptuoso estilo; e todas as celas, ou, para melhor dizer câmaras, porque são suficientemente espaçosas, altas e bem alumeadas, para merecerem aquele nome, são mobiladas com mesas e contadores de madeira do Brasil.

No momento em que entrávamos na livraria, dirigiu-se ao nosso encontro o Abade do convento, revestido dos seus hábitos de cerimónia, a dar-nos as boas vindas, convidando-nos a jantar com ele, no refeitório, amanhã, dia de Santo Agostinho, o que parece ser uma altíssima distinção. Julgámos, todavia, conveniente declinar tal honra, atendendo a que, para o gozar, havíamos de sacrificar pelo menos duas horas do nosso tempo, e ficar meio cozidos pelo fumo das vitelas assadas, e dos perus e leitões, que decerto há muito estavam a cevar para esta solene ocasião.

A livraria é de uma extensão prodigiosa; não tem menos de trezentos pés; o tecto é em abóbada, de uma forma elegante, com belos estuques, e o pavimento de mármore vermelho e branco. Aos armários em que os livros vão ser dispostos, é que não podemos tecer muitos louvores: é grosseiro o seu desenho, tosca a execução, e tira-lhes a luz uma desengraçada galeria, que se projecta em volta de toda a sala. A colecção de obras, que se compõe de mais de sessenta mil volumes, está agora encerrada numa série de casas, que comunicam com a livraria. O bibliotecário mostrou-me exemplares de algumas edições de clássicos gregos e latinos muito bem conservadas e com ricas iluminuras, porém, o meu lépido guia não me concedeu muito tempo

para as examinar; deitou a correr, e, subindo por uma escada de caracol, levou-nos ao telhado do convento e do palácio, que forma um largo terraço plano, cercado por uma magnífica balaustrada, despejado de chaminés, e de onde a nossa vista dominava a cavaleiro as cercas e a quinta.

Desta altura pode abranger-se num relance todo o plano do edifício. No centro ergue-se o zimbório, como um belo templo no meio das espaçosas avenidas de um jardim real.

Como desenho é infinitamente superior ao resto do edifício e pode com certeza ser classificado entre os mais elegantes e bem proporcionados da Europa. D. Pedro e M. Verdeil propuseram treparmos por uma escada de mão, que vai dar à lanterna, mas eu pedi para ser dispensado de os acompanhar, e durante a sua ausência, entretive-me em passear pelas extensas *loggias*, aventurando de vez em quando um olhar para os pátios e terraços lá muito em baixo, mas demorando mais a vista nas torres, que resplandeciam à luz do sol, e na azulada superfície do longínquo oceano. Uma brisa fresca, e embalsamada pelos pomares de laranjeiras e limoeiros, vinha refrigerar-me nos degraus do zimbório em que eu me sentava, e temperava a ardência do éter abrasador.

Não tardou, porém, muito que eu fosse arrancado a esta serena e pacífica situação por uma confusa matinada de todos os sinos, a que se seguiu uma complicadíssima sonata, executada nos carrilhões por um grande artista. O marquês, que subira lá acima, para gozar na sua origem esta catarata do que alguns chamam melodiosos sons, desejou que eu me aproximasse para observar o mecanismo. Fiquei meio surdo! De relógios e carrilhões muito pouco entendo, e perdia completamente o meu tempo, se me quisesse divertir num campanário. O meu amigo, que de seu pai, afamado amador de relógios e despertadores, herdou a predilecção pela mecânica, examinou cada roda com minuciosa atenção.

Terminado o seu exame, descemos inúmeras escadas, e retiramo-nos para casa do Capitão Mor, cuja jurisdição abrange a Tapada e o distrito de Mafra. Montam os seus rendimentos a sete ou oito mil cruzados por ano, e a sua casa tem toda a aparência do conforto e da opulência. Os pavimentos são cobertos com esteiras de mais fino lavor, as portas têm reposteiros de damasco vermelho, e os nossos leitos, novos em folha, ostentavam colchas de cetim ricamente bordadas e franjadas. O nosso jantar foi muito mais aparatoso, e a

sobremesa muito superior à que os frades nos poderiam dar, recebendo o Capitão mor da mão dos seus numerosos criados as iguarias, que ele próprio colocava na mesa, inteiramente à moda feudal.

Depois do café fomos assistir às vésperas na vasta igreja do convento, e, passando entre as capelas iluminadas, ocupamos os nossos lugares na tribuna real. Acabávamos apenas de nos sentar, quando os frades entraram em procissão, precedendo o Abade, que subiu ao seu trono, tendo aos seus pés uma fileira de sacristães, e à direita os cônegos com os seus hábitos bordados a oiro. O officio divino foi cantado com a mais imponente solenidade, com o majestoso acompanhamento dos órgãos, que não são menos de seis, todos de enormes dimensões.

Acabados os officios, fomos novamente empolgados pelo ágil frade leigo, que por uma escada magnífica nos conduziu ao palácio. Tem a série das salas setecentos ou oitocentos pés de extensão, e enche-nos de assombro a correnteza, que parece não ter fim, das altas portas, vistas em perspectiva; mas em breve nos sentimos cansados de tanto admirar, e concordámos em afirmar que estes aposentos eram os mais monótonos e desconfortáveis, que tínhamos visto: não têm variedade alguma na disposição e pouca nas dimensões. Reina em todos eles a mesma uniforme nudez, porque a mobília está guardada em Lisboa: nem um nicho, nem uma cornija, nem uma moldura quebram com a sua curva a tediosa uniformidade daquelas paredes brancas e nuas.

Foi com prazer que voltei para o convento, saciei os meus olhos com o espectáculo das colunas de mármore, e senti sob os pés os macios tapetes da Pérsia. Para toda a parte a que nos dirigíamos, celas, capelas, salas, corredores ou sacristias - éramos seguidos por uma singular e confusa comitiva de frades curiosos, de sacristães, de leigos, de corregedores, de curas de aldeia, e de elegantes da terra com os seus longos espadins e rabichos. Se acontecia eu fazer uma pergunta, havia logo meia dúzia de pescoços que se estendiam, para me responderem, como fazem os perus, quando ouvem imitar o seu *glu-glu*.

Estava já o marquês verdadeiramente incomodado com aquela tumultuosa corrida, e tentou muitas vezes fugir a este séquito, dando inesperadas voltas, mas ele, agarrado aos nossos calcanhares, iludiu todas as tentativas, e foi crescendo a tal ponto, que parecia que

tínhamos varrido todos os moradores da vila e do convento, e que os arrastávamos atrás de nós por uma dessas atracções sobrenaturais, de que falam as lendas e os romances!

Finalmente, descobrindo uma porta larga, que dava para a quinta, fugimos por ela de repente, e dando connosco num labirinto de murtas e loureiros, livramo-nos dos nossos perseguidores. Na quinta, que tem proximamente milha e meia de circunferência, há, além de matas silvestres de pinheiros e loureiros, alguns pomares de laranjeiras e limoeiros, e dois ou três canteiros ajardinados, mais cheios de ervas do que flores. Desagradou-me muito achar este belo jardim tão miseravelmente abandonado, e os seus viçosos arbustos principiando a murchar por não serem convenientemente regados.

Podeis supor que, depois de acrescentar um passeio pelas ruas principais da quinta às nossas outras peregrinações, começámos a sentir-nos um pouco cansados, e não desgostámos de repousar nos aposentos do Abade, até sermos intimados mais uma vez para da nossa tribuna assistirmos às matinas.

Ia crescendo a noite. Inúmeras velas, ardendo nos altares e por toda a parte, começam a difundir uma misteriosa claridade; tornaram a ouvir-se os cheios acordes dos órgãos; entraram novamente as longas filas de frades noviços com vagarosos e solenes passos, e o Abade voltou a ocupar o seu trono com pompa igual à das vésperas.

O marquês principiou a murmurar as suas orações, o Grão-Prior recitava o seu breviário, e eu caí num profundo cismar, que durou tanto tempo como o ofício, quero dizer, mais de duas horas. Verdeil, quase morto de aborrecimento, não pôde conservar-se na tribuna, no meio das nuvens de incenso que enchiam o coro, e foi respirar um ar mais puro no corpo de igreja e nas capelas adjacentes.

Eram quase nove horas, quando os frades saíram do coro, depois de entoarem um soleníssimo e estrondoso hino em louvor do seu venerado padroeiro Santo Agostinho. Seguimos a procissão, atravessando altas capelas e abobadados claustros, que uma frouxa claridade nos fazia parecer não terem tectos, nem limites, até que ela entrou numa sala octógona de quarenta pés de diâmetro, ornada de fontes nos quatro ângulos principais. Os frades, depois de dispersarem, para lavarem as mãos nas fontes, retomaram novamente os seus lugares, e passaram a dois e dois, por uma porta de trinta pés de altura, para uma vasta quadra comunicando com o refeitório por outra porta das mesmas elevadas dimensões. Aqui a procissão fez uma

paragem, porque aquela casa é consagrada à memória dos finados, e chamam-lhe a sala *de profundis*. Ali, antes de cada refeição, os monges, de pé, em solene postura, alinhados em volta da sala, meditam silenciosos no precário da nossa fraca existência, e oferecem a Deus as suas preces pela salvação dos que os precederam naqueles lugares.

Apoderou-se de mim um sentimento de respeitoso temor, quando, à luz das lâmpadas fumegantes, contemplei tantos vultos venerandos, com os seus hábitos brancos e pretos e os olhos pregados no chão, absorvidos nas mais profundas e tristes meditações!

Decorrido o tempo destinado a estas preces solenes, ocupou dada um o seu lugar nas longas mesas do refeitório, que são de pau Brasil, cobertas com o mais alvo linho. Cada frade tinha diante de si a sua garrafa de água e vinho, um prato de maçãs e salada. Não se serviu nem peixe nem carne, porque o jejum de Santo Agostinho era observado com o maior rigor.

Para desfrutarmos o conjunto deste singular e majestoso espectáculo retirámo-nos para um vestíbulo, que procede o octógono, e dali contemplámos, através de todas as portas, a extensa fileira de lâmpadas do refeitório, que, tendo duzentos pés de comprimento, parecia terminar num ponto. Depois de nos demormos alguns minutos a gozar esta perspectiva, vieram quatro monges com brandões acesos alumiar-nos até fora do convento, e aí nos deram as boas noites com muitas cortesias e genuflexões.

A ceia em casa do Capitão Mor foi muito alegre. Velámos até tarde, apesar do nosso cansaço, discorrendo acerca dos variados objectos, que haviam passado diante dos meus olhos em tão curto espaço de tempo, da multidão de figuras grotescas, que tão pertinazmente se tinham agarrado a nós, e da tosca vivacidade do frade leigo.

## **Carta XVII**

(28 de Agosto de 1787)

Estava eu entre o sono e a vigília, quando me estrugiram os ouvidos os sonoros sinos do convento: as vozes do marquês e de D. Pedro, em acalorada conversação com o Capitão Mor no quarto próximo, acabaram de me despertar. Engolimos o café à pressa; o

Grão-Prior deixou com grande relutância o seu travesseiro, e acompanhou-nos à missa cantada. Os frades insistiram outra vez connosco para que jantássemos com eles, mas nós ficámos inflexíveis, e, para evitar as suas importunidades, apenas terminou a missa, partimos imediatamente para a Quinta do Visconde de Ponte de Lima, onde a sombra densa dos loureiros e dos robles nos abrigou do excessivo ardor do sol.

O marquês, sentando-se ao meu lado, próximo de uma das cristalinas e abundantes fontes que refrescam e dão vida a esta quinta magnífica, no gosto italiano, começou um discurso muito sério e semi-official acerca da minha estada em Portugal, e sobre os meios que se projectava empregar numa alta região, para a tornar não só agradável para mim, mas de alguma importância para muitos outros.

\*

\* \*

Senti-me aliviado quando a aparição de D. Pedro e seu tio, que tinham ido de passeio até ao fim de uma extensíssima avenida de pinheiros, pôs ponto numa conversação que já principiava a pesar-me. Voltámos juntos para casa do Capitão Mor, e achámos o jantar pronto.

Tanto D. Pedro como eu tínhamos pena de deixar Mafra, e não oporíamos objecção alguma a outra corrida pelos claustros e dormitórios com o frade leigo. A tarde estava esplendida, e os tons azulados do mar, ao longe, eram de uma inefável suavidade. Corríamos com tal velocidade sobre as mal calçadas estradas, que nem o marquês nem eu podíamos perceber uma palavra do que dizíamos um ao outro. D. Pedro ia no seu cavalo. Verdeil, que nos precedia no caminho, parecia vencer o próprio vento. A sua mula, uma das mais possantes e agigantadas da espécie, excitada pelos repetidos berros e chicotadas de um asselvajado postilhão português, empoleirado na traseira do carro, corria num galope desenfreado, e a uma légua dos montes de Sintra julgou conveniente atirar os seus condutores para o meio de umas moitas, no fundo de uma alta ribanceira quase perpendicular, onde eles ainda estavam perneando, quando passámos.

Verdeil veio para nós a manquejar, apontando para o carrinho, voltado lá em baixo no fosso, mas, a não ser uma contusão leve num joelho, não tinha lesão alguma. Eu disse-lhe logo que a sua salvação fora milagrosa, e que sem dúvida ali andava a protecção de Santo

António. O meu amigo, que traz sempre diante dos olhos os horrores da heresia, afirmou-me, em segredo, que desta vez fora o demónio quem o salvara, mas que para a outra talvez não estivesse de tão boa feição. Ainda não eram cinco e meia quando chegámos a Sintra. A marquesa, o abade e os meninos, estavam à nossa espera.

Sentindo andar-me a cabeça à roda e as ideias confusas e tão agitadas como o corpo, ainda antes do anoitecer já eu me recolhia a casa, a gozar em sossego algumas horas de descanso.

O aspecto do meu vasto salão, o seu ar de clausura, e o seu silêncio, pareceram restituir ao meu espírito uma momentânea tranquilidade. A polida esteira que cobria o chão, e que era da mais fina e lustrosa palha, tinha, à luz das velas, uma cor deliciosa, suave e harmoniosa, e pareceu-me tão fresca e macia, que me estendi sobre ela.

Assim fiquei contemplando o sereno e estivo firmamento e a lua, que surgia por detrás de um cabeço coberto de arvoredo. Uma leve aragem, afastando as cortinas, deixava-me ver a copa das arvores da quinta, e para além delas uma grande extensão de terra, limitada pelas planícies do oceano e pelos nublados promontórios.

## JAMES CAVANAH MURPHY

Arquitecto e arqueólogo (1760-1814 ou 1816). Chegado a Portugal, em 1788, na companhia de Burton Conyngham, iniciou uma excursão pelo país detendo-se em Mafra, no ano de 1790. As suas observações acham-se registadas nos *Travels in Portugal through the Provinces of Entre-Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem-tejo in the years 1789 and 1790* (Londres, 1795, p. 287-290). Face à sua dimensão e estrutura considera o edifício fundado por D. João V émulo do Escorial, apesar de, do ponto de vista da concepção arquitectónica, lhe parecer inferior. Faz referências especiais ao Real Colégio criado por D. José I e cujo professor de matemática, D. Joaquim de Assunção Velho, conheceu pessoalmente, aos pára-raios concebidos pelo supracitado cientista e aos jardins conventuais, ornados de espécies exóticas oriundas das “possessões na Ásia, África ou América”. Para mais minudências remete os interessados para *O Monumento Sacro*, de frei João de S. José do Prado. O livreiro antiquário Américo F. Marques é proprietário de uma aguarela subscrita por Murphy, representando o Real Edifício de Mafra.

### Mafra

É este o nome de um sumptuoso edifício constituído por uma igreja, um palácio real e um convento, situado numa região árida e solitária a cerca de dezanove milhas de Lisboa e fundado por João Quinto em mil setecentos e dezassete.

Pela sua natureza e magnitude, este edifício pode ser considerado o Escorial de Portugal (o régio fundador pretendeu emular aquela estrutura); ocupa mais terreno, mas, se adequadamente aplicados, os tesouros ali prodigalizados teriam permitido erguer um edifício muito superior ao Escorial em termos de arquitectura [...].

[...]. A planta deste edifício forma um quadrângulo que mede de leste a oeste setecentos e sessenta pés e de norte a sul seiscentos e setenta pés. Ao meio da fachada do Oeste, está uma espécie de pórtico jónico hexastilo que dá entrada para a igreja; de cada um dos lados há um pavilhão; um deles é para acomodar a família real, e o outro para o Patriarca e para os cônegos mitrados. Nas traseiras do edifício está um convento com trezentas celas. Tem também um colégio, instituído em mil setecentos e setenta e dois por José I. O professor de matemática, D. Joaquim de Assunção, mostrou-nos muito amavelmente o

repositório de instrumentos matemáticos. A biblioteca tem trezentos e oitenta e um palmos de comprimento por quarenta e três de largura, e diz-se que contém entre quarenta e cinquenta mil volumes.

No dado do altar-mor há dois grandes painéis de mármore negro, tão bem polidos que João Quinto os usava como espelhos antes de os enviar para ali. Entre os ornamentos do edifício, há cinquenta e oito estátuas de mármore de Carrara, algumas delas muito bem executadas. Podemos fazer uma ideia da magnitude do conjunto pelo número de aposentos que ele contém, e que são ao todo oitocentos e sessenta e seis. As portas e janelas são cinco mil e duzentas.

Toda esta imensa mole é abobadada e coberta com lajes que formam uma plataforma pela qual se pode passear no cimo do edifício. Observei ali vários grandes blocos de pedra feitos em pedaços pelos raios. Estão montados pára-raios nos diversos sítios onde isso aconteceu, mas em mais nenhum outro. Os jardins, nas traseiras, são muito vastos e estão bem fornecidos de grande variedade de plantas exóticas que o fundador importou, com grandes despesas, das suas possessões de África, da Ásia e da América. Para mais pormenores sobre esta estrutura, remetemos o leitor para a descrição que dela dá o Padre John do Prado, publicada em Lisboa no ano de mil setecentos e cinquenta e um.

## **Mafra**

The name of a magnificent edifice, consisting of a church, royal palace, and monastery, is situated in a bleak solitary country, about nineteen miles West of Lisbon, was founded by John the Fifth, in one thousand seven hundred and seventeen.

From the nature and magnitude of the edifice, it may be considered as the Escorial of Portugal; which structure the Royal founder intended to emulate; it occupies more ground; and the treasures he lavished on it, if properly applied, would raise a pile much superior to the Escorial in point of architecture; but unfortunately the designer of it had neither a mind to conceive, or a hand to execute, a design for a globe-house, much less a basilick and Royal palace.

The name of this mechanic was Frederic Ludovici; he was native of Germany, and a goldsmith by profession. Having amassed a considerable fortune in executing the gold and silver utensils of the

patriarchal church, he was appointed, under the specious title of Architect, to design and execute this fabric, through the interest of one of his Majesty's ministers, with whom his money had greater weight than his talents.

The plan of this edifice forms a quadrangle, measuring from east to west seven hundred and sixty feet, and from north to south six hundred and seventy feet. In the center of the west front is a sort of an Ionic hexastyle portico, which leads to the church; at each side is a pavilion, one for the accommodation of the Royal Family, the other for the Patriarch and mitred canons. At the rear of the building is a monastery with three hundred cells. It has also a college, instituted in one thousand seven hundred and seventy-two, by Joseph the First. Don Joaquim de Assumpção, the professor of mathematics, very obligingly showed us the repository of mathematical instruments. The library is three hundred and eighty-one palmos long, by forty-three broad, and supposed to contain between forty and fifty thousand volumes.

In the dado of the high altar are two large tables of black marble, so highly polished, that John the Fifth used them as looking-glasses before they were sent hither. Among the ornaments of the edifice are fifty-eight statues of Carrara marble; some of which are very well executed. We may form some idea of the magnitude of the whole by the number of apartments it contains, which amount to eight hundred and sixty-six. The doors and windows amount to five thousand two hundred.

The entire of this vast pile is vaulted and covered over with flags, forming a platform, whereby we may walk over the summit of the edifice. Here I observed several large blocks of stones that were shivered by lightning. Conductors are erected in the different parts wherein the injuries happened, but nowhere else. The gardens, which are at the rear, are very extensive, and well-stored with a variety of exotics, which the founder imported at a great expense from his possessions in Asia, Africa, or America. For a more particular account of this structure, we refer the reader to Father John do Prado's description of it, published at Lisbon in the year one thousand seven hundred and fifty-one. [...].

## ROBERT SOUTHEY

Poeta e polígrafo lusófilo (1774-1843), a quem um crítico já apelidou de "Romântico entre os Filisteus". Entreviu do alto da sua muito amada Serra de Sintra o "distante convento de Mafra", conforme revela numa carta de 9 de Abril de 1795, incluída na compilação *Letters written during a short residence in Spain and Portugal* (Bristol-Londres, 1797).

### **Carta XXVII** (9 de Abril de 1795)

[...]. I know not how to describe to you the strange beauties of Sintra: it is, perhaps, more beautiful than sublime, more grotesque than beautiful, yet I never beheld scenery more calculated to fill the beholder with admiration and delight. This immense rock or mountain is in part covered with scanty herbage, in parts it rises into conical hills, formed of such immense stones, and piled so strangely, that all the machinery of deluges and volcanoes must fail to satisfy the enquiry for their origin. Nearly at the base stands the town of Sintra and its palace; an old and irregular pile with two chimnies, each shaped like a glass-house. But the abundance of wood forms the most striking feature in this retreat from the Portuguese summer. The houses of the English are seen scattered on the ascent half hid among cork trees, elms, oaks, hazels, walnuts, the tall canes, and the rich green of the lemon gardens.

On one of the mountain eminences stands the Penha Convent, visible from the hills near Lisbon. On another are the ruins of a Moorish castle, and a cistern, within its boundaries, keep always full by a spring of purest water that rises in it. From this elevation the eye stretches over a bare and melancholy country to Lisbon on the one side, and on the other to the distant convent of Mafra, the Atlantic bounding the greater part of the prospect. I never beheld a view that so effectually checked the wish of wandering. Had I been born at Sintra, me thinks no inducement could have tempted me to leave its delightful springs and shades, and cross the dreary wilderness that insulates them [...].

## Reverendo JAMES WILMOT ORMSBY

Autor de *An account of the operations of the British Army, and of the state and sentiments of the people of Portugal and Spain, during the campaigns of the years 1808 & 1809 in a series of letters* (Londres, 1809, 2 vols.). Na Carta 3 (v. 1, p. 45-49) reporta-se ao Monumento de Mafra, declarando-se espantado com a sua má localização e considerando o efeito que causa mais devido à dimensão que à arquitectura. “Não dispondo de muito tempo para proceder à inspecção” do imenso edifício, solicitou que lhe fossem mostradas as maiores curiosidades. Confessa que a Basílica transmite ao visitante uma impressão sublime, referindo-se ainda à Cerca conventual, já negligenciada mas em tempos idos detentora de uma notável colecção de espécies exóticas, e à Tapada destinada pelo Príncipe Regente à “bárbara” caça do javali.

[...] I left them, not without regret, and overtook the army near the heights of Mafra, from which they obliged to measure back their way three miles, the enemy not having evacuated his position there, as was expected and arranged. I passed the night, which was fortunately fair, in an extensive vineyard. On the morning of the third we proceeded, through the strongest and bleakest country we had yet seen, over narrow paved roads and very steep acclivities, to Mafra. There is here a stupendously large edifice, comprising a church, a royal palace, and monastery; and the first thing which strikes the beholder, is the bad selection of the site, close by the high road; and that it is much more indebted for its effect to magnificence of extent than to beauty of architecture. It is of that spurious kind of Doric which is said to prevail in most of the public edifices in Portugal, retaining every gloomy and massive effect of the true Doric order, without its magnificence of design and proportion. The two ponderous towers at each end of the building, added to the excessive depth of the window-frames, and the unpleasant dingy-red colour of the whole, destroy the impression which an edifice of such gigantic dimensions must otherwise have made on the mind of the spectator. It is built in the form of a quadrangle, and measures from east to west seven hundred and sixty feet, and from north to south six hundred and seventy. The library is three hundred and eighty-one *palmos* long, and forty-three broad: it is said to have contained above forty thousand volumes before the French arrived; but they have carried off the most valuable works, and the

most ancient and precious manuscripts. Not having much time to devote to the inspection of this immense pile, including apartments to the number of eight hundred and fifty-six, I request to be shown what was most curious, and my attention was directed to two very large tables of black marble at the principal altar, which are so highly polished, that before they were sent here, they served as mirrors for John the Fifth, the founder of the edifice. The pillars in the church are grand, and produce, as you enter, a sublime effect. These are in different places fifty-eight statues of Carrara marble, many of which possess considerable merit. On the summit of the building, the entire of which is vaulted, there is a platform of flags, on which one may walk, and command a prospect without bounds. In the rear there are gardens, which have been latterly neglected, but had formerly to boast a choice collection of exotics from Asia, Africa and America; and for a wide extent to the north-east is a royal chase, containing, as I was informed, but do not believe, ten thousand acres, inclosed by a wall. For the amusement of boar-hunting, the Prince Regent frequently visited the palace, and a spacious tract of land was appropriated to the barbarous pastime of a rational being, and the inhuman torture of harmless wild beasts.

Having satisfied my curiosity, I joined the heroes of Maida, the 20th regiment, at Chillieros [Cheleiros], in a lovely fruit garden, overhanging a well-wooded and well-watered glen; and being not a little fatigued, I shall conclude, poetically, by acquainting you, that an umbrageous quince invites me to repose.

## ADAM NEALE

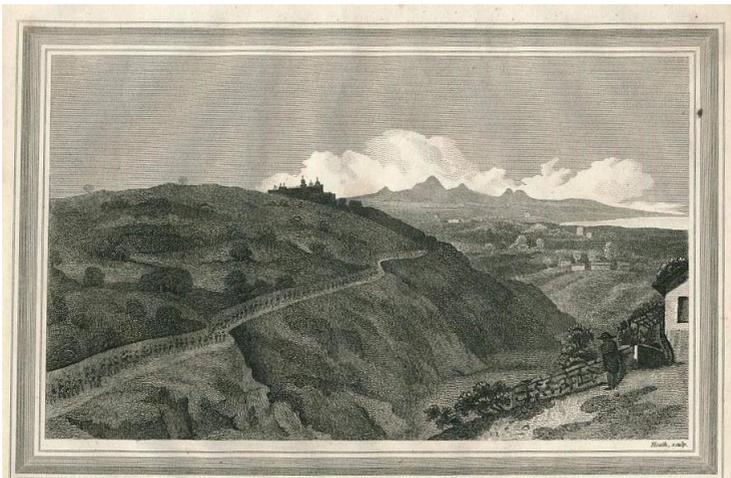
Deu à estampa as *Letters from Portugal and Spain, comprising an account of the operations of the armies under their excellencies Sir Arthur Wellesley and Sir John Moore, from the landing troops in Mondego Bay to the battle at Corunna* (Londres, 1809). Além de um mapa com o itinerário das tropas (junto ao rosto), a obra inclui doze gravuras abertas em folha de metal, segundo desenhos feitos à vista por Thomas Kelly (?), uma das quais intitulada *Distant view of Mafra & the mountains of Cintra* (185 x 220 mm; insc.: London Published by Thomas Kelly, 17 Paternoster Row, Londres, 1832). Tem esta a particularidade, exclusiva, de reproduzir o Monumento de Mafra a partir da estrada da Murgeira. A partir dela foram abertas duas outras estampas com variantes, uma das quais retrata uma coluna do exército inglês dirigindo-se para Mafra.





DISTANT VIEW OF MAFRA & THE MOUNTAINS OF CINTRA.

London published by Thomas Kelly 77 Fitzroy Square 1830



DISTANT VIEW OF MAFRA & THE MOUNTAINS OF CINTRA.

## Lord GEORGE NOËL GORDON BYRON

Poeta (1788-1824). Deslocou, se a Mafra em Julho de 1809, remetendo à mãe as suas impressões por carta datada de Agosto. A, nas suas palavras, prodigiosa mas deselegante grandeza de Mafra inspirou-lhe a estrofe XXIX do canto I do *Childe Harold's Pilgrimage to Portugal* (Londres, 1812): “Todavia, Mafra lhe pedirá um momento de demora; Mafra onde viveu noutro tempo a infeliz rainha de Portugal, onde as vestes da Igreja se confundiam com as galas da corte, onde se alternavam missas e festins; e ora se viam nobres, ora se viam frades, estranha salsada, penso! Mas a prostituta de Babilónia levantou a ti um monumento com o qual se pavoneia então glorioso esplendor que os homens se esquecem do sangue que ela tem derramado, para dobrarem o joelho à Pompa com que praz de revestir-se o crime” (trad. Alberto Teles, *Lord Byron em Portugal*, Lisboa, 1883).

### To Mrs. Byron

August 1809

[...]. Near this place [Sintra], about ten miles to the right, is the palace of Mafra, the boast of Portugal, as it might be of any country, in point of magnificence, without elegance. There is a convent annexed; the monks who possess large revenues, are courteous enough, and understand Latin; so that we had a long conversation. They have a large library, and asked me if the English had any books in their country. [...].

### *Childe Harold's Pilgrimage*

[Canto I, XXIX]

Yet Mafra shall one moment claim delay,  
Where dwelt of yore the Lusians' luckless queen;  
And church and court did mingle their array,  
And mass and revel where alternate seen;  
Lordlings and frères - ill-sorted fry I ween!

But here the Babylonian whore hath built <sup>4</sup>  
A dome, where flaunts she in such glorious sheen,  
That men forget the blood which she hath spilt,  
And bow the knee to Pomp loves to varnish guilt.

## **ROBERT KER PORTER**

Autor (1777-1842) das *Letters from Portugal and Spain, written during the march of the British troops under Sir John Moore* (Londres), nas quais inclui algumas fugazes referências a Mafra.

### **I. LUFFMAN** (editor)

Em 1811, foi impressa em Londres, anónima, a obra intitulada *A picture of Lisbon, taken on the spot: being a description, moral, civil, political, physical, and religious of that capital with sketches of the government, character and manners of the portuguese in general*, alegadamente composta por um seu habitante (*by an inhabitant*). Ao Monumento de Mafra são creditadas as lágrimas e o sangue de muitos portugueses (p. 214-215).

---

<sup>4</sup> The six organs are the most beautiful I ever beheld, in point of decoration: we did not hear them, but were told that their tones were correspondent to their splendour.

## **ANDREW HALLIDAY**

Médico e inspetor dos hospitais das forças anglo-lusas e autor do *The present state of Portugal and of the Portuguese army: with an epitome of the ancient history of that kingdom, a sketch of the campaigns of the Marquis of Wellington for the last four years: and observations on the manners and customs of the people, agriculture, commerce, arts, sciences, and literature* (Edimburgo, 1812). A obra inclui duas breves alusões a Mafra (p. 246 e 439).

## **NATHANAEL WILLIAM WRAXALL**

Autor (1772-1784) das *Historical memoirs of my own time* (Londres, 1815). A Real Obra de Mafra é considerada emulação do Escorial e fruto concomitante da prodigalidade real e da superstição. Chama-lhe "Versailles de Portugal".

## **HEATH**

Gravador de *Chegada das tropas inglesas a Mafra, em Agosto de 1808* (Londres, 1817). Esta estampa alerta para a possível existência de inúmera outra iconografia do Monumento de Mafra entre os papéis e pertences dos militares britânicos que participaram nas campanhas peninsulares e muitos foram os que transitaram pela região, nela estiveram aboletados ou, posteriormente, a visitaram como turistas.

## GEORGE LANDMANN

Oficial de Engenharia no exército inglês e, igualmente, no exército espanhol, com o posto de coronel. Publicou as *Historical, military and picturesque observations on Portugal, illustrated by seventy-five coloured Plates, including authentic Plans of the Siege and Battles fought in the Peninsula during the late War* (Londres, 1818). No v. 2, o capítulo XXXV é expressamente destinado a relatar a viagem a Mafra, a partir de Sintra, via Cheleiros (p. 160-173). Primeira constatação: "Mafra não possui boas estalagens: a vila é dispersa e possui muitas casas respeitáveis, porém, nenhuma com o porte que a vizinhança de um palácio real, faria prever". A descrição do edifício corre segundo os cânones habituais. A Biblioteca "onde se observa uma boa colecção das melhores publicações inglesas, possuía antes da invasão francesa de 1807 um número de livros superior aos 25 mil então existentes. Dedicava referências especiais à Tapada, bem aprovionada de gamos, e às fortificações das Linhas de Torres, que salvaram Lisboa da fúria de Massena, durante o Inverno de 1810 e 1811, as quais, adivinha-se lhe mereceram uma inspecção minuciosa. No mesmo v. 2 desta obra ocorre uma água-tinta, da responsabilidade de J. Baily, com o título *Royal Palace de Mafra: Estremadura*, a qual havia de servir de protótipo a cerca de meia dúzia de outras que, com ligeiríssimas alterações, circulariam.

### Capítulo XXXV

*Partida para Mafra; vista de Sintra; a estrada; Cheleiros; Mafra; o Palácio Real de Mafra e sua descrição; vista do Palácio; o Jardim e a Tapada; um esboço das posições fortificadas que cobrem Lisboa; regresso à capital*

O palácio de Mafra é muito visível, até de Sintra, de onde parece não estar a mais de oito ou nove milhas em linha recta; por estrada, dizem que está a três léguas, mas veremos depois que são treze a catorze milhas; toda esta estrada está pavimentada. Ao sair de Sintra, olharemos repetidamente para trás com pena; e, perto de uma pequena capela no primeiro monte que subirmos, teremos uma interessantíssima vista da cidade e dos picos das elevações que lhe servem de fundo, bem como do palácio real, mais ou menos em primeiro plano.

As primeiras três milhas são percorridas sobre algumas suaves colinas onde o solo é muito pedregoso e desfavorável mas que não estão totalmente destituídas de cultivo; à medida que avançamos, porém, a região assume um aspecto muito árido e não há uma árvore ou uma casa para nos alegrar a vista; chegamos depois a um lugar apresentável mas pequeno, chamado Vila de Cheleiros, situado num profundo barranco que no Inverno é banhado por um arroio; uma alta ponte de pedra reduz aqui a profundidade e o alcantilado da estrada. Depois de passar por este lugar, entramos nas ramificações inferiores dos montes que se estendem do mar para leste, passando por Mafra, e a região parece já bastante mais frutífera, mas os montes são agora mais altos.

Mafra não tem boas estalagens; a vila está muito dispersa e tem muitas casas merecedoras de respeito, - mas nenhuma delas atinge a escala que a sua proximidade do palácio real nos leva a esperar.

O palácio real de Mafra é olhado pelos portugueses com tanto respeito como o que os espanhóis dedicam ao seu Escorial; é, de facto, uma vasta mole de materiais que formam um dos maiores edifícios da Europa sem no entanto dar grande honra ao seu architecto, o alemão Frederic Ludovici. Este edifício foi fundado por João V no ano de 1717 e inclui um palácio, uma igreja e um convento, este último sob a protecção de Santo António. A planta desta construção cobre um terreno aproximadamente quadrado, com uma cruz no seu interior; os lados desse quadrado medem setecentos e sessenta pés por seiscentos e setenta; pode-se fazer uma ideia das dimensões de toda esta construção sabendo que o número dos seus aposentos é de oitocentos e que o das suas portas e janelas atinge mais de cinco mil. A igreja está no centro da fachada ocidental, e sobe-se para ela por uma enorme escadaria que se projecta muito para diante e que é de tão grande escala que só a ideia de a subir causa fadiga; mas a subida é fácil, e os degraus estão bem proporcionados. Adornam a igreja seis órgãos, uma enorme quantidade de bellissimo mármore nas colunas, mesas, etc., e grande número de colossais estátuas de mármore branco, algumas delas muito bem executadas. De cada lado da entrada há uma torre, ou campanário, e diz-se que cada uma delas tem quarenta e oito sinos que formam o que em francês se chama um carillon, que toca de quatro em quatro horas; a sua música é muitíssimo agradável, pois os sinos são accionados com precisão por uma maquinaria construída segundo o principio dos realejos; por este motivo, os espanhóis

chamam-lhe órgão de las campanas, isto é, órgão de sinos. A parte ocupada pelos frades é do lado de trás, e tem trezentas celas, todas de confortáveis dimensões; a biblioteca, também desse lado, é um salão comprido, mal proporcionado, com duzentos e cinquenta ou duzentos e sessenta pés de comprido por cerca de vinte e oito de largo; antes da invasão francesa de 1807, fora dali retirado um certo número de livros, e depois de o inimigo abandonar o palácio, no qual aquartelara uma força considerável, houve nova remoção de volumes que reduziu o total para cerca de vinte e cinco mil; entre estes, observámos com prazer uma boa colecção das melhores publicações inglesas. Todo o edifício está coberto por um terraço de onde se vê em muito boas condições o mar e toda a região em redor.

Nas traseiras deste edifício há um grande jardim, mal planeado mas com uma boa colecção de plantas trazidas de remotas regiões do mundo; e a tapada, em cuja esquina de sudoeste se encontra o palácio, tem, segundo se diz, três léguas de perímetro e está fechada por um substancial muro de pedra com quinze pés de altura; encontra-se bem povoada de gamos. A posição deste palácio é das mais desabrigadas; instalado em terreno muito elevado, está totalmente exposto a todos os ventos, desprovido de arvoredos e virado para o Oceano Atlântico, a oeste, que dele dista cerca de cinco ou seis milhas e que dele pode ser visto até tão longe quanto a vista alcança. Mafra dista cerca de vinte e cinco milhas de Lisboa pelo caminho mais curto, que está pavimentado e deixa Sintra a uma considerável distância para oeste.

Devemos iniciar neste local a nossa inspecção às famosas linhas, ou elevações fortificadas, que no Inverno de 1810 para 1811 salvaram Lisboa da rapacidade de Massena e do seu voracíssimo exército.

Estas fortificações, a que, com não muito grande propriedade, chamam linhas, consistem, no seu conjunto, incluindo as que cobrem o forte de S. Julião, etc., em cerca de cento e trinta fortes, redutos, baterias, etc., que são os elementos mais importantes de duas grandes linhas de defesa. A primeira começa perto do mar, junto de Torres Vedras, passa em frente dessa cidade e por trás de Sobral de Monte-Agraço e chega depois ao Tejo, excluindo a vila de Alhandra; o terreno assim fortificado é formado até Sobral de Monte-Agraço por montes muito irregulares, não muito altos e desligados em muitos locais; mas dali até ao Tejo a cadeia de fortes ocupa os cumes de uma cadeia de montes mais altos e mais íngremes, e tem ao longo da frente um vale fundo que não é atravessado por boas estradas. A segunda linha parte

do mar, em frente do palácio de Mafra, cobre este palácio, acompanha os cumes de uma grande cadeia de montes, protege a vila de Montachique e, passando depois por Bucelas, vai terminar no Tejo, perto de Alverca; esta cadeia de montes só é interrompida em três pontos por desfiladeiros: um em Mafra, outro em Montachique e o outro em Bucelas, onde passam três grandes estradas da capital para as províncias do norte; e, por conseguinte, estas três estradas conduzem também à primeira linha. A distância entre estas duas linhas é geralmente irregular, mas maior à esquerda, entre Mafra e Torres Vedras, que à direita, entre Alverca e Alhandra; está avaliada no primeiro caso em cerca de quatro léguas; no segundo caso, as duas linhas por pouco se não encontram. As obras que constituem estas linhas fortificadas são, principalmente, redutos que em certos casos foram ligados; assim, em Torres Vedras tinham sido erguidos três redutos muito próximos uns dos outros, para defesa mútua, que depois foram ligados por linhas rectas, como cortinas, servindo os redutos de bastiões; o conjunto formou assim uma grande obra triangular, capaz de montar trinta e quatro canhões e calculada para uma guarnição de cerca de mil e oitocentos homens. Outra grande obra foi erguida em Sobral de Monte-Agraço, em terreno muito dominador; este forte, bem provido de casernas, armazéns, etc., montava vinte e quatro canhões e ainda tinha canhoneiras desocupadas, e estava preparado para uma guarnição de cerca de mil e seiscentos homens.

Além destas duas cadeias de fortes, foram ainda construídos outros, destinados a defender as entradas para o forte de S. Julião; o maior deles foi uma robusta obra para vinte canhões e mil e seiscentos homens, situada numa elevação que nas mãos do inimigo prejudicaria seriamente a defesa do forte de S. Julião.

Seria interminável uma descrição pormenorizada de cada uma destas obras, que, em muitos casos, tanto se assemelham umas às outras no essencial; e poderá ser suficiente notar que, exceptuando as três grandes obras acima mencionadas, foram calculadas, na sua maioria, para guarnições de noventa a cerca de setecentos homens e para montar de três a doze ou quinze canhões; na sua maior parte, eram obras fechadas, com respeitáveis perfis e fossos com estacadas.

Os fortes e redutos foram erguidos nas mais judiciosas e dominantes posições e, em geral, tão próximos uns dos outros que pudessem fazer fogo cruzado sobre todos os pontos intermédios; perto

das passagens e das grandes estradas, eram, naturalmente, mais numerosos. No seu conjunto, podem ser considerados como excelentes cadeias de fortificações, com fortes e redutos a servir de bastiões ligados por cortinas e formados com as tropas disponíveis.

Com respeito a uma opinião militar sobre estas linhas fortificadas, seria indecoroso para o Autor esboçar uma na sua própria linguagem quando já o coronel James exprimiu o seu sentir a esse respeito nos *Journals of the Sieges* de um modo tão adequado e em termos que sempre farão honra ao seu talento: foi um dos oficiais do corpo de engenheiros mais empenhados no projecto e na execução, e o que segue é um extracto da sua primeira nota: "As linhas em frente de Lisboa são um triunfo para a nação inglesa, cujos oficiais é costume apresentar como inferiores em ciência militar aos das outras nações. Essas linhas são, sem dúvida, o melhor exemplar jamais realizado de uma posição fortificada. Todas as objecções até agora apresentadas contra as linhas fortificadas falham quando applicadas a estas. Pela sua posição peninsular, não há possibilidade de manobrar nos seus flancos, cortar-lhes os abastecimentos ou chegar à sua retaguarda; não há pedantaria de ciência nos pormenores da obra; não há longas linhas de fortificações para ostentação sem força; os próprios montes foram tomados como pontos proeminentes; só as gargantas devem toda a sua força a entrincheiramentos. A quantidade de mão-de-obra ali applicada é incrível, mas em parte alguma o engenheiro fez mais que o seu dever; a natureza auxiliou o general e auxiliou as tropas, e para cada arma criou um campo de acção favorável. Para a milícia, há postos praticamente inatacáveis para guardar as passagens; para a infantaria, admiráveis campos de batalha, adequados para garantir a vitória e tirar proveito dela; para a cavalaria, planuras espaçosas às quais o inimigo só pode chegar por passagens que foram tornadas impraticáveis para a sua cavalaria e a sua artilharia. Nenhum movimento está embaraçado, quer para diante quer para o lado; pelo contrário, uma das maiores belezas destas linhas é a facilidade de comunicação: um sistema de estradas judiciosamente planeadas encurtou de metade a distância de cada ponto a cada corpo de tropas, e a precaução de dominar essas estradas por obras construídas de tal modo que só com artilharia poderão ser reduzidas torna-as inúteis ao inimigo em caso de acidente ou de êxito parcial; e, na grande escala, a natureza contribuiu muito para este objectivo ao colocar Montejuento imediatamente em frente do centro desta linha, cujas ramificações,

que se estendem até às próprias obras, tornam morosos e difíceis os movimentos do inimigo em frente da linha e dão a um corpo de tropas nela postado uma superioridade de movimentos que o tornam equivalente ao dobro dos seus homens em diferentes condições".

As estradas que acompanham as mencionadas cadeias de fortes são, em geral, boas, e o conjunto pode ser visto com a suficiente atenção em quatro ou cinco dias; a direita da primeira linha em Alhandra é particularmente merecedora da nossa inspecção e vai ocupar a maior parte de um dia. Depois disso, poderemos regressar a Lisboa para iniciar outra excursão.

### Chapter XXXV

*Departure towards Mafra; View of Sintra; the Road; Chileiros; Mafra; the Royal Palace of Mafra, and Description; View of the Palace; the Garden and Park; a Sketch of the Fortified Positions covering Lisboa, and Return to the Capital*

The palace of Mafra is very conspicuous object even from Sintra, whence it appears not to exceed a distance of eight or nine miles in a direct line; by the road it is stated at three leagues, and we shall find it to be from thirteen to fourteen miles; the whole of this road is paved. In leaving Sintra, we shall repeatedly look back with regret; and close to a small chapel on the first hill we ascend, a very interesting view is obtained of the town and pointed summits of the mountain in rear, together with the royal palace almost in the foreground.

The first three miles are passed over some gentle hills where the soil is very stony and unfavourable, yet they are not quite destitute of cultivation; but in advancing, the country assumes a most dreary aspect, and not a tree nor house cheers the eye; thus we reach a neat but small place called Villa Chileros [Cheleiros], situated in a deep ravine, watered in winter by a rivulet; a high stone bridge here materially reduces the depth and steepness of the road. After passing this place, we enter the lower branches of the mountains that extend from the sea through Mafra towards the east; and the country seems to be rather more fruitful, but the hills increase in height.

Mafra contains no good inns; the town lies dispersedly, and contains many respectable houses, yet none of them are upon that scale which, from the vicinity of a royal palace, we are inclined to expect.

The Royal Palace of Mafra is viewed by the Portuguese with as much respect as the Escorial is by the Spaniards; it certainly is a vast pile of materials forming one of the most extensive buildings in Europe, without doing honour to the architect, Frederic Ludovici, a German. This edifice was founded by João V in the year 1717, and contains a palace, a church, and a monastery; the latter under the protection of San Antonio; the plan of the building nearly forms a square, with a cross within it; the sides of the former measuring seven-hundred and sixty feet by six-hundred and seventy; some idea of its magnitude and construction may be formed, by knowing that the number of apartments amounts to eight-hundred and sixty, and that of the doors and windows to upwards of five-thousand. The church stands in the centre of the western front, to which the ascent is by an enormous flight of steps, that project very considerably, and are upon so extensive a scale, that the very thought of walking up them fatigue us; yet they are easy, and individually well proportioned. Six organs, a vast quantity of very fine marble in columns, tables, etc., and a great number of colossal statues of white marble, some of them well executed, adorn the church: on each side of the entrance is a tower, or belfry, each of which is said to contain forty-eight bells, forming what is termed in French, a *carillon*, that chimes a tune every four hours; the music thus produced is exceedingly agreeable, for the bells are accurately sounded by machinery, constructed on the principle of the barrel-organ; the Spaniards for this reason call it *organo de las campanas*, or a bell-organ. The part occupied by the friars is towards the rear, and contains three-hundred cells, each of handsome dimensions; the library also is on the same side, and is a long ill-proportioned room about two-hundred and fifty or two-hundred and sixty feet in length by about twenty-eight feet wide; prior to the French invasion, in 1807, some of the books had been removed, and on the departure of that enemy from the palace, where a considerable force had been quartered, a farther reduction took place, which has diminished the number of books to about twenty-five thousand volumes; amongst them, we observe with pleasure a good collection of the best English publications. The whole of the building is covered

with a flat roof, whence the sea and surrounding country are seen to advantage.

In the rear is an extensive garden, badly planned, but filled with a good collection of plants brought from distant parts of the world; and the park, at the southwest corner of which stands the above-mentioned palace, is said to measure three leagues in circumference, which is inclosed by a substantial stone wall fifteen feet high, and is well stocked with deer. The position of this palace is one of the bleakest; it stands on very high ground, totally exposed to every wind, destitute of trees, and faces the Atlantic Ocean, in the west, whence it is distant about five or six miles, and is thence seen as far almost as the land can be discerned. Mafra is distant from Lisboa about twenty-five miles by the shortest road, which is paved, and leaves Sintra at a considerable distance to the west.

At this place we must commence our inspection of the famed lines, or fortified heights, which saved Lisboa from the rapacity of Massena and his all-devouring army in the winter of 1810 and 1811. [...].



*Royal Palace of Mafra, Estremadura.*

London, Pub. 1814 by T. Cadell & W. Davies.

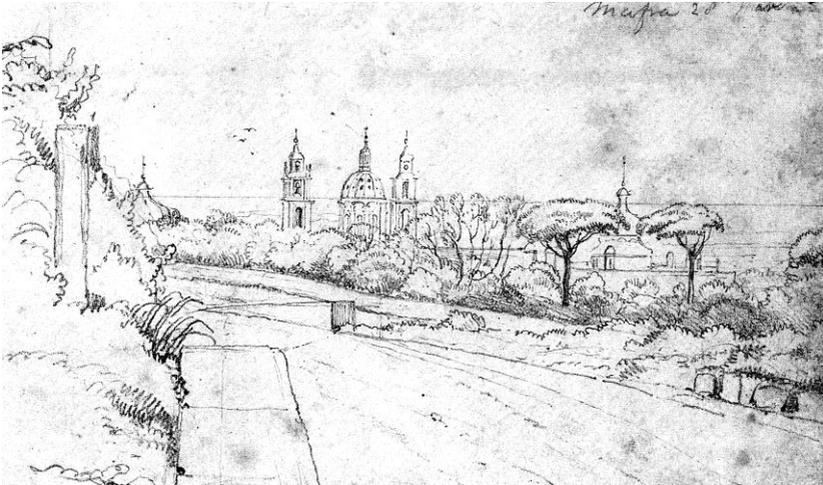
Ed. Mundo do Livro

## **J. BAILY**

Gravador de *Royal Palace of Mafra: Estremadura* (subscr.: *J. Baily. Sculp.s / London Pub. 1814 by T. Cadell & W. Davies*), estampa que ocorre na supracitada obra de George Landmann. Oferece uma vista de Mafra a partir da antiga estrada da Fonte da Vila. Existe reprodução recente pelo *Mundo do Livro* (Lisboa) e pelo jornal *Correio da Manhã* (2004).

## CHARLES LANDSEER

Terceiro filho (1799-1879) de uma família de artistas e discípulo do pai, John Landseer, bem como do famoso Haydon. De um dos seus *Sketchbooks*, datável de 1825-1826, quando, como artista, integrou a Missão de Sir Charles Stuart, encarregada de negociar o reconhecimento da Independência do Império do Brasil por Portugal, constam três desenhos a grafite, com vistas de Mafra e arredores, realizados durante a sua passagem pela vila. Os desenhos em apreço, observam-se na página 24 (de um total de 125; 50 x 61 mm), do caderno descoberto pelo historiador brasileiro Alberto Rangel, em 1924, no castelo de Highcliffe, onde fora enviado por Guilherme Guinle no intuito de adquirir diversa iconografia brasileira. Posteriormente, haviam de servir de base a estampas muito divulgadas. De 3 a 15 de Outubro de 1972, a Embaixada do Brasil, em Lisboa, em parceria com a Secretaria de Estado da Informação e Turismo, promoveu, no Palácio Foz, uma mostra de 65 desenhos originais de Landseer (correspondentes a 30 páginas do seu *Sketchbook*), incluindo os três que ora se reproduzem, actualmente propriedade do Instituto Moreira Salles, do Rio de Janeiro.



*O Palácio de Mafra visto dos jardins.* Desenho, 11,4 x 22,9 cm  
[Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro, inv. 131]



*A fachada do Palácio Nacional de Mafra.* Desenho, 26,2 x 36,2 cm  
[Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro, inv. 132]



*O Palácio de Mafra visto da povoação.* Desenho, 10,5 x 18 cm [Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro, inv. 133]

## WILLIAM MORGAN KINSEY

Sacerdote protestante, *fellow* do Trinity College de Oxford (1788-1851). Entrou em Mafra, em 1827, proveniente de Torres Vedras, como se colige da Carta XVI do seu *Portugal illustrated in a series of letters* (Londres, 1829, p. 465-469). Avistou o zimbório e as torres do Palácio muito antes de ter chegado a Mafra, onde ainda deparou com os únicos dois regimentos da guarnição inglesa que não tinham sido chamados a Belém, em virtude da instabilidade política reinante, na qual, afirma, os ingleses não pretendiam interferir. Um benefício resultante da presença na vila de tropas britânicas foi a instalação de uma nova estalagem com o conforto e a limpeza que caracteriza os estabelecimentos ingleses similares e a vantagem adicional, sublinha, de se situar diante da "bonita fachada ocidental do edifício real". Admira-se com a magnitude da sumptuosa construção que supõe comemorar "o triunfo da loucura, do fanatismo e da Inquisição". Verifica que os frades cederam quase por completo o lugar à tropa inglesa no convento, encontrando-se "a maior parte das janelas sem vidros e fechadas com postigos pintados de vermelho que conferem um aspecto miserável ao edifício". Deste retoma a descrição já estereotipada de Murphy ou de Frei João de S. José do Prado. Alude ao processo de fabricação das disciplinas usadas pelos religiosos de Mafra, publicando uma ilustração exemplificativa, e dá uma sumária explicação sobre a estrutura e significado do terço.

A estrada de Torres Vedras para Mafra atravessa uma região montanhosa que apresenta como única paisagem umas extensas charnecas debruadas do lado do mar por pinhais e atravessadas por vales profundos que nenhuma beleza oferecem quando comparados com os do Minho ou de Trás-os-Montes. A cúpula e as torres do palácio tornaram-se nos visíveis muito antes da nossa chegada à vila, que alcançámos depois de íngreme subida ao longo de uma interminável muralha que rodeia o parque real (a Tapada de Mafra) anexo ao edifício. Encontrámos ali uma guarnição formada por dois regimentos britânicos; o resto das nossas tropas fora chamado para os quartéis de Belém, em Lisboa, e dos arredores. Diz-se que os receios do governo, que se faz notar pela fraqueza e pelas vacilações, o levaram a pedir esse movimento; mas é difícil compreender para que eventual propósito, porque já a todos os partidos fora suficientemente demonstrado pela moderada e paciente política do nosso embaixador e comandante-chefe que é intenção da Inglaterra não se imiscuir em

qualquer grau no problema interno da carta constitucional e deixar exclusivamente aos portugueses a sua resolução. Um dos benefícios resultantes da presença das nossas tropas em Mafra foi o estímulo com que contribuiu para a instalação de uma nova e confortável estalagem na qual, como até agora não foram ocupados por viajantes nacionais, os quartos de cama e as salas ainda não deixaram de merecer que os consideremos em pé de igualdade, quanto a conforto e asseio, com os que as estalagens de Inglaterra costumam oferecer. E tem também a vantagem de estar mesmo em frente da bela fachada ocidental do régio edifício.

É prodigiosa a extensão desta nobre estrutura, que contém ao mesmo tempo um palácio, um convento e uma igreja de imponentes dimensões e é orgulhosamente chamado o 'Escorial de Portugal'. Mafra está a cerca de trinta milhas a norte de Lisboa, no meio de uma região árida e solitária, à vista do mar. Era considerada uma posição muito forte no tempo dos mouros, que ali construíram uma fortaleza da qual não há hoje, porém, quaisquer vestígios. Foi nesse local que João V, que se deixara dominar por uma nobreza corrompida, um clero intriguista e ardiloso e mulheres de mau carácter, não contente com a vã ostentação de ter elevado a igreja de Lisboa a patriarcado a fim de rivalizar com a de 5. Pedro de Roma, empregou as suas tropas na construção de um edifício destinado a eclipsar em esplendor e magnificência as glórias do Escorial espanhol. A construção foi confiada a um arquitecto estrangeiro; os adornos foram completados por artistas holandeses, franceses e italianos; e os esplêndidos paramentos de seda para uso dos padres foram manufacturados em Lyon. Os mármore, que parecem madeira marchetada, são produto, principalmente, do monte que domina Sintra e da famosa pedreira de Pêro Pinheiro. As seis colossais colunas inteiriças de mármore vermelho que ornamentam os três principais altares da igreja e os grandes painéis de mármore perfeitamente negro que adornam a parte inferior das paredes laterais suscitam justamente a admiração dos viajantes. Os seis órgãos da capela-mor são extremamente elegantes, e o seu som corresponde com perfeição à riqueza da sua ornamentação exterior. Poderíamos supor que este sumptuoso edifício se destinava a comemorar o triunfo da loucura, da beatice e da Inquisição. No reinado de José, o marquês de Pombal converteu-o para alguns fins úteis e expulsou os frades; mas, por morte deste monarca, eles foram reinstalados no palácio por uma rainha imbecil e supersticiosa e

recuperaram o gozo completo de todos os seus privilégios de penitência, jejum, missas e adoração de imagens. Presentemente, o seu número está muito reduzido e os claustros foram concedidos para alojamento dos militares britânicos. A maior parte das janelas não tem vidros; são fechadas com portas pintadas de vermelho que dão a todo o edifício um aspecto muito mesquinho. [ ... ]

A planta deste edifício forma um quadrângulo que mede de leste a oeste 760 pés e de norte a sul 670 pés. Ao meio da fachada do Oeste, está uma espécie de pórtico jónico hexastilo que dá entrada para a igreja; de cada um dos lados há um pavilhão; um deles é para acomodar a família real, e o outro para o Patriarca e para os cônegos mitrados. Nas traseiras do edifício está um convento com 300 celas. A biblioteca tem 381 palmos de comprimento por 43 de largura, e supõe-se que contém entre 40.000 e 50.000 volumes. No dado do altar-mor há dois grandes painéis de mármore negro, tão bem polidos que João V os usava como espelhos antes de os enviar para ali. Entre os ornamentos do edifício, há 58 estátuas de mármore de Carrara, algumas delas muito bem executadas. Podemos fazer uma ideia da magnitude do conjunto pelo número de aposentos que ele contém, e que são ao todo 866. As portas e janelas são 5.200. Toda esta imensa mole é abobadada e coberta com lajes que formam uma plataforma pela qual se pode passear no cimo do edifício. Os jardins, nas traseiras, são muito vastos e estavam antigamente bem fornecidos de plantas exóticas que o fundador importou de África, da Ásia e da América. O Padre John de Prado publicou em 1751 uma descrição especial dos edifícios de Mafra.

A melhor maneira de concluir esta descrição de Mafra será, talvez, enviando-vos um esboço da disciplina usada pelos frades arrábidos que agora voltaram à posse das suas celas. É feita com as fibras do aloé americano, "fio de pita", que só são preparadas no Algarve, especialmente nos arredores de Loulé. Escolhidas as folhas mais perfeitas e espremido o sumo e a polpa de modo a que só fiquem as fibras, estas são divididas em fios muito delgados que ficam expostos ao sol para secar. Podem ser utilizadas para todos os fins, mas a sua mais útil aplicação é decididamente na forma de açoite para as costas dos frades auto-penitentes. Com respeito ao rosário, esta carta ficará completa com algumas palavras de Costigan: "O rosário completo consiste em quinze Padre-nossos e cinquenta Ave-Marias, sendo dez destas para cada um dos primeiros; de modo que o rosário todo contém quinze

partes, ou mistérios, respeitantes ao Filho e à Virgem Maria. O 'terço' é uma terça parte do rosário. Os mistérios dividem-se em terços: os primeiros cinco chamam-se 'gozosos'; os segundos cinco, 'dolorosos', e os últimos cinco, 'gloriosos'. O missal contém orações e instruções para o culto religioso numa 'língua não compreendida pelo povo'.



[...] The road from Torres Vedras to Mafra runs across a mountainous district, presenting no other scenery than extensive heaths bounded towards the sea by pine-woods; and deep intervening vallies, which have no beauties to offer in comparison with those of the Minho and Tras-os-Montes. The dome and towers of the palace presented

themselves a long time to our view before we reached the town, which we at last effected by a steep ascent under an almost interminable line of high walls, by which the royal park (the Tapada de Mafra), attached to the building, is surrounded. Here we found two British regiments in garrison, the remainder of our troops having been called in from their out-quarters into barracks at Belem, Lisbon, and in its immediate neighbourhood. The apprehensions of the government, remarkable for its weakness and vacillation, are said to have called for this movement; but for what eventual purpose it is difficult to comprehend, because all parties have already had it sufficiently proved to them by temperate and forbearing policy of our ambassador and commander-in-chief, that the intentions of England are not to interfere in any degree with their domestic question of the Portuguese themselves. One benefit derived from the presence of the British troops here, is the encouragement which has in consequence been given to the establishment of a new and comfortable *estalagem*, in which the sitting and bedrooms, from not having been occupied by native travellers, have not yet lost their claims to be considered on a par in point of comfort and cleanliness with those usually afforded by the inns of England. It has the advantage likewise of standing immediately in front of the fine west façade of the royal edifice.

The extent of this noble structure is prodigious; it contains at once a palace, a convent, and a church of imposing magnitude, and it is proudly termed the Escorial of Portugal. Mafra is about twenty miles north of Lisbon, and is surrounded by a bleak and solitary country within view of the sea. It was considered a place of great strength in the time of the Moors, who built a fortress here, of which, however, no vestiges are discoverable at the present day. On this spot, John V, who surrendered himself to a corrupt nobility, an intriguing and artful priesthood, and women of bad character, not contented with the vain display of having elevated the church of Lisbon into a patriarchate, to vie with that of St. Peter's at Rome employed his troops in the erection of an edifice that was to eclipse by its splendour and magnificence the glories of the Spanish Escorial. Its construction was confided to a foreign architect; its embellishments were completed by Dutch, French, and Italian artists; and the splendid vestments in silk for the service of the priests were manufactured at Lyons. The marbles, which resemble wood with work inlaid, are principally the productions of the overlooking Sintra, and of the

celebrated quarry of Pero-Pinheiro. The six colossal columns in red marble, of one single block, which decorate the three chief altars of the church, and the large panels of marble, perfectly black, which adorn the lower part the side walls, justly challenge the admiration of travellers. The six organs in the chapel are extremely handsome, and their tones perfectly correspond with the richness of their exterior ornaments. This sumptuous building might be supposed to commemorate the triumph of folly, bigotry, and the inquisition. The Marques Pombal converted it to some useful purposes during the reign of Joseph, and dismissed the monks; but on the death of that monarch, they were restored by an imbecile and superstitious queen to the full enjoyment of all their privileges of penance, fast, mass, and image-worship, within the palace. At present their number is greatly reduced, and their cloisters are given up for the reception of the British soldiers. The greater portion of the windows have no glass in them, and are closed with shutters painted red, which give the whole building a most shabby appearance.

[...]. We cannot better perhaps conclude this account of Mafra, than by sending you a sketch of the discipline used by the Arrábidos monks, who have now resumed possession of their cells. It is made of the threads of the American aloe, "fio de pita," which are prepared only in Algarve, and particularly in the neighbourhood of Loulé. The most perfect leaves being selected, their juices and pulp are pressed out, when only the nerves of the leaves remain, which are afterwards divided into very fine threads, and these are exposed to the beams of the sun for the purpose of being dried. They may be employed for almost any purposes, but their most useful application is decidedly in the form of a scourge to the shoulders of selfchastising monks. [...].

## **ALFRED LYALL**

Publicou, anonimamente, *Rambles in Madeira and in Portugal in the early part of 1826* (Londres, 1827). O voto de D. João V, na origem de Mafra, é apresentado como uma lenda (p. 214).

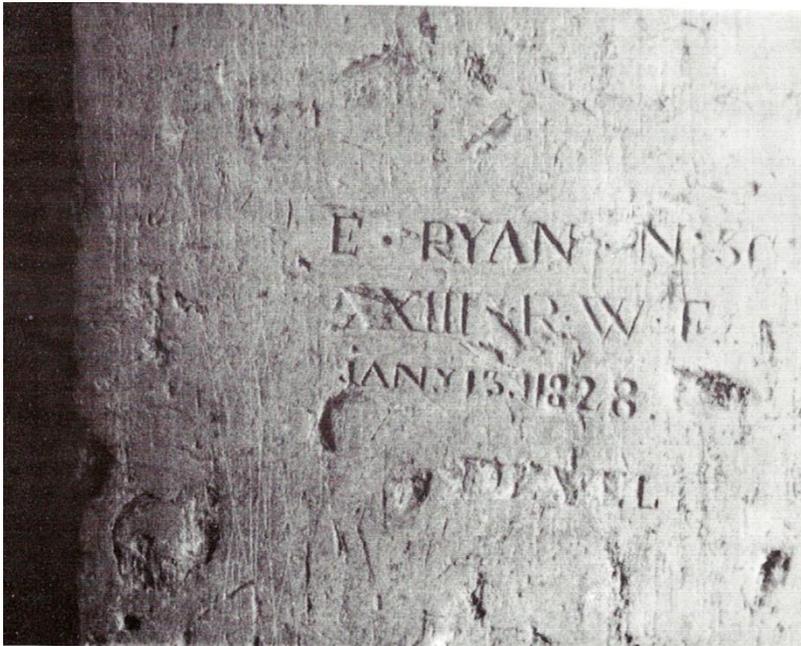
## **ANÓNIMO**

Apesar de todos os esforços que envidei, ainda permanece por determinar a autoria de uma obra com referências ao Monumento de Mafra, intitulada, *Journal of an officer in the king's German Legion: comprising an account of his campaigns and adventures in England, Ireland, Denmark, Portugal, Spain, Malta, Sicily and Italy* (Londres, 1827).

## E. RYAN

Sir Arthur Wellesley tencionava marchar sobre Mafra, nas vésperas da batalha do Vimeiro, a 21 de Agosto de 1808. Esse evento adiaria o desiderato para 2 de Setembro do mesmo ano, tendo o exército inglês sido recebido "ao som dos sinos e dos carrilhões". Uma gravura de William Heath (1795-1840) regista a entrada das tropas inglesas na vila de Mafra, evento, aliás, incorrectamente, situado em finais de Agosto de 1808 (cf. Adam Neale, Londres, 1809).

Um dos raros testemunhos conservados dessa estadia é uma inscrição produzida, a 13 de Janeiro de 1828, pelo soldado E. Ryan, do XXIII Regimento dos Royal Welsh Fusiliers, na ombreira esquerda de uma porta sita diante da actual sala 8 e junto à Messe de Oficiais, na face poente do corredor do terceiro piso que dá para o Jardim do Buxo.



Esgrafito do soldado E. Ryan

## **BERTHA GREY**

Benjamim de uma família inglesa que, entre 1811 e 1821, se deslocou a Portugal, no intuito de procurar remédio para a doença pulmonar da filha mais velha. Autora de um *Diário* romanceado, subordinado ao título *Portugal or the young travellers: being some account of Lisbon and its environs, and a tour in the Alentejo from a journal kept by a lady three year's actual residence* (Londres, 1830).

## D. ROBERTS

*Estampa (141 x 116 mm) intitulada Mafra (subsc.: Drawn by D. Roberts from a sketch by Landseer / Engraved by W. Finden), cujo desenho foi realizado a partir de um esboço de Charles Landseer. Originalmente, gravada por William Finden, publicada por John Murray e vendida por G. Tilt, 86, Fleet Street (Londres, 1832), existe reprodução recente dela pela Litografia Nacional. Serviu de modelo a uma estampa anônima, intitulada Maffra [sic] (Água forte e buril; 172 x 131 mm), da qual, além de outras ligeiríssimas variações, desapareceram dois dos transeuntes presentes no protótipo, na escadaria de acesso à Basílica. Os exemplares conhecidos denotam terem sido arrancados de um livro cujo título ainda não foi possível determinar. Ocorre no v. 1 da obra de Edward e William Finden, intitulada Finden's illustrations of the life and works of Lord Byron (Londres, 1833).*



## A. FULLARTON

Autor de uma gravura em aço, colorida (130 x 150 mm), intitulada *Mafra* (subsc.: *A. Fullarton*), publicada em Londres, eventualmente no ano de 1832. O único exemplar que conheço existe no Palácio Nacional de Mafra.



Drawn by B. Roberts; Engr'd by C. Landseer.

Engraved by W. Finden.

M A F R A .

*London published June 1832 by J. Murray, and sold by v. Tite de Blaquiere.*

## JULIA PARDOE

Desembarcou em Janeiro de 1827 no porto de Lisboa, tendo acompanhado o périplo das tropas inglesas comandadas por Sir William Clinton, em cujo exército seu pai prestava serviço como oficial. Mafra foi o único dos cinco locais de aquartelamento (os outros quatro ficavam situados em Lisboa, Sacavém, Leiria e Coimbra) que a autora não visitou, apesar de se lhe reportar nos *Traits and traditions of Portugal, collected during a residence in that country*. (Londres, 1833, v. 2).

Todos sabem que um corpo de tropas inglesas, comandado por Sir William Clinton, se fez de vela para Portugal nos meses de Dezembro de 1826 e Janeiro de 1827; o meu pai seguiu com estes, e eu acompanhei-o. Direi muito pouco acerca da viagem, a não ser que durou mais de três semanas; que arribámos a Plymouth por causa do mau tempo e andámos à deriva no *Sound*; que chegámos à fala com um navio cuja tripulação estava reduzida a meio biscoito por dia para cada homem e que lhes demos pão; que em Torbay comprámos três peixes-galos por um xelim; que, com poucas excepções, todos estivemos enjoados durante a maior parte do tempo em que andámos no mar; e, finalmente, que depois de lançar ferro no Tejo fomos obrigados a ficar mais três dias a bordo antes de procurar alojamentos em terra. Passámos o cabo da Roca em bom estilo e tivemos dele uma gloriosa vista: erguia-se, alto e escuro, sob um claro sol de Primavera, revelando completamente todos os seus precipícios e fendas e a pequena vila de Mafra, com o seu enorme e majestoso convento, nitidamente visível ao longe.

## JAMES EDWARD ALEXANDER

Capitão do Royal Highlanders (1803-1885). Publicou *Sketches in Portugal during the civil war of 1834, with observations on the present state and future prospects of Portugal* (Londres, 1835). No cap. 10 dedica algumas páginas a Mafra, onde chegou a cavalo, proveniente de Sintra. Conta que se hospedou em casa de “uma viúva decente com suas três filhas”, tendo visitado o Monumento e dele retido uma impressão positiva (p. 235-238).

Na pequena aldeia de Mafra encontrei uma casa asseada mantida por uma viúva decente com as suas três filhas. Pediram-me com simpatia que entrasse e confortaram-me, a mim e ao meu animal, depois da nossa desagradável viagem.

Caminhei até um edifício enorme, o Escurial português, subi por uma pequena escadaria até um pórtico esplêndido adornado com estátuas. De cada lado havia um campanário e sobre a cúpula que ficava no meio, dentro de um globo de ferro, uma parte da verdadeira cruz. Os aposentos reais e patriarcais, com as suas muitas janelas, estendiam-se de cada lado do pórtico e eram delimitados por maciças torres quadradas. No seu conjunto, uma fachada extremamente imponente a atestar a riqueza e magnificência de João V e o seu desejo extremo de ter um herdeiro para a sua coroa e ceptro.

A igreja, de muito bom gosto e desprovida de quaisquer ornamentos de ouropel, estava coberta por painéis de mármore preto e branco e outras pedras de veios finos. Lustres de cobre pendiam do tecto e as vozes graves dos monges, entoando cânticos diante do altar acompanhados por um órgão, ouviam-se com um efeito magnífico, por entre os muitos arcos desta soberba casa de Deus.

Ao passar por uma sacristia, enriquecida com pias baptismas ricamente esculpidas em mármore representando plantas em flor, um rapazito esperto conduziu-me através de três centenas de dormitórios e, em seguida, subimos para os telhados planos do edifício. No pátio quadrangular em baixo via-se um lindo jardim, no qual os buxos estavam dispostos em padrões de renda, como um véu sumptuoso, e bancos e fontes de mármore convidavam ao repouso e à contemplação.

O mecanismo do grande relógio, com os seus carrilhões, era extremamente curioso, e os sinos tinham nomes e sons adequados a diferentes ocasiões. Um sino de tom doce e agudo chamava-se "sino da graça", enquanto outro, que chamava para os sermões e procissões, tinha um "som muito queixoso, instigando à compaixão".

Os recipientes e vestes sagradas não pareciam ser particularmente dispendiosos, a biblioteca tinha (diz-se) 50.000 volumes e, para dar uma ideia mais clara desta enorme estrutura quadrangular, posso mencionar que tinha 866 salas, 5.000 janelas e 58 estátuas em mármore Carrara.

Regressei a Lisboa por uma óptima estrada pavimentada, testemunho do poder e da influência dos primeiros monges.

## Chapter X

[...]. It appeared to me that no where was the air so balmy, the trees so green, and the songs of the birds so sweet as at Sintra; awaking at early dawn after a tranquil sleep, and enjoying the sights and sounds which nature furnished, I felt myself in an elysium that I at last mounted and rode towards Mafra.

*The air salubrious of her lofty hills,  
The cheering fragrance of her dewy vales,  
And music of her woods. No works of man  
My rival these; these all bespeak a power  
Peculiar, and exclusively her own.*

I was drenched with torrents of rain, which swept across the bare country, accompanied with thunder and lightning; and I could hardly get my horse forward, the rain and execrable road distressed him so much, though he had no great weight to carry, as I was without baggage.

Here were neither mile-stones nor direction posts, and I was frequently at a loss, as I could not see far before me; but at last I fell in with strings of mules, crossed a stream, and found myself under the high walls enclosing the deer park of Mafra, and then stood before the vast pile of the united palace, convent, and church.

In the small village of Mafra, I found a clean house, kept by a decent widow with her three daughters; they entreated me kindly to enter and comforted myself and beast after our unpleasant journey.

I walked towards the immense building, the Portuguese Escorial; ascended by an easy slope to a splendid portico adorned with statues; on each side were belfry towers, and the dome in the centre of all, on the top of which, in an iron globe, is a portion of the true cross. The royal and patriarchal apartments, with their many windows, extend on each side of the portico, and are terminated by massive square towers; altogether a most imposing façade attesting the wealth and magnificence of John V and his extreme desire to have an heir to this crown and sceptre.

The church, in excellent taste and void of any tinsel ornaments, is panelled with black and white marble and other finely veined stones; brass chandeliers depend from the ceiling, and the deep-toned voices of the monks, chanting before the high altar, were heard with excellent effect, accompanying an organ, among the many arches of this superb house of God.

Passing through a vestry, enriched with highly carved marble founts, representing flowering plants, a small little boy conducted me past three hundred dormitories, and then we ascended to the flat roofs of the building. In the square court below was a beautiful garden, in which the boxwood was arranged in lace patters, like a rich veil, and marble seats and fountains invited to repose and contemplation.

The mechanism of the great clock, with its chimes, was highly curious, and the bells have names and sounds appropriate for different occasions. A sweet bell with a high note, is called the “bell of grace;” while another, which summons to sermons and processions, is “of a very doleful sound, moving to compassion”.

The sacred vessels and vestments did not appear to be particularly costly; the library was stored with (it is said) 50.000 volumes; whilst, to give a further idea of this vast quadrangular structure, I may mention there are 866 apartments, 5.000 windows, and 58 statues of Carrara marble.

I returned to Lisbon by an excellent causewayed road, showing the power and influence of the former monks, and passed some pleasant villages and ancient quintas during my twenty miles’ ride; while hurried with produce to market, anxious to reach the city before nightfall made the environs dangerous [...].

## JOHN MURRAY (editor)

Filho (1808-1892) do livreiro homónimo, ambos tornados famosos pelo guia para viajantes *A Handbook for Travellers in Portugal: a complete guide for Lisbon, Cintra, Mafra*, [...] (Londres, 1855), sucessivamente reeditado em 1864 (2ª ed.), 1875 (3ª ed.), 1887 (4ª ed.), etc. Foi o editor de *Portugal and Galicia* (Londres, 1836), obra saída da pena de Henry John George Herbert, Conde de Canarvon. Inclui extractos do diário de Lord Porchester, o qual visitou Portugal em 1827-28, e, em trânsito para o Porto, deambulou pelos lugares de interesse que achou no caminho, entre os quais Mafra. Entrou nesta vila, a 25 de Agosto, quando fazia um calor insuportável, tendo encontrado, instalado no Palácio, Sir Edward Blakeney, o qual tinha o comando da força expedicionária inglesa ali aquartelada, bem como dois antigos camaradas dos bancos escolares, Henry Upton e Augustus Ellis. Porchester aproveitou para visitar o Refeitório, o Jardim do buxo [claustro] e a Biblioteca. Revela que os frades ficavam "imensamente transtornados com algumas ocorrências de mínimo valor. O verem atirar de qualquer janela [...] com um sapato velho constituía para eles o cúmulo da agressão britânica e bem burlescas reclamações foram apresentadas ao general em tais circunstâncias".

No dia 25 de Agosto, cortando por uma sombria, não porém desagradável região, dirigi-me a cavalo em direcção a Mafra. O Convento e o Palácio unidos constituem uma imensa pilha de edificações que excitam a nossa admiração mais pela sua extensão do que pelos seus méritos architectónicos. O conjunto foi construído tomando como modelo o Escorial e forma um quadrângulo que mede 760 pés de Este para Oeste e 670 de Norte para Sul. No centro encontra-se situado o mosteiro com 300 celas por detrás do coro; o palácio, no qual Sir Edward Blakeney tinha os seus aposentos e aonde me recebeu com a maior hospitalidade, poderia talvez alojar sem inconveniente todas as cortes da Europa. O termómetro subira a mais de 90° [Fahrenheit] e dificilmente se poderá imaginar o prazer com que uma pessoa se afastaria de tão intolerável calor para a refrescante temperatura dos corredores do Convento, todos eles de pedra, altos, largos, escuros e aparentemente intermináveis. A dentro daquelas paredes maciças as variações da atmosfera exterior nunca se fazem sentir, em verdade, raramente os sons do exterior logram insinuar-se através de tão poderosas barreiras. Por postigo, que deita para um

lindo e desprezado jardim, é que os frades faziam a sua vigilância quando chegaram as nossas tropas e ficaram imensamente transtornados com algumas ocorrências de mínimo valor. O verem atirar de qualquer janela fronteira com um sapato velho constituía para eles o cumulo da agressão britânica e bem burlescas reclamações foram apresentadas ao General em tais circunstâncias, Sir Edward Blakeney restringiu tão poderosas infracções dos direitos conventuais e, pela judiciosa atenção dada aos seus sentimentos, ganhou completamente o coração dos reverendos queixosos: na verdade era uma coisa bem agradável escutar os louvores por toda a parte concedidos prodigamente às nossas tropas, até mesmo por pessoas em absoluto contrarias aos princípios que haviam transportado até aquela região os nossos soldados. Os monges mostraram-nos o refeitório, espaçosa quadra, e a livraria, bem fornecida de livros. E depois de ter passado algumas horas bem agradáveis com os meus antigos camaradas dos bancos escolares, Henry Upton e Augustus Ellis, despedi-me de Sir Edward Blakeney.

## GEORGE ATKINSON

Autor de um desenho aguarelado, figurando o *Claustro Norte do Palácio de Mafra* (1838). Modernamente reproduzido sob a forma de estampa.



## JOHN MACPHAIL

Autor de uma litografia intitulada *View of the Convent and Palace of Mafra* (130 x 198 mm)], datável de cerca de 1850. Seria reproduzida, em 1853, por Diogo José de Oliveira da Cunha (*Portugal Artístico*, n. 2; 300 x 432 mm).



## CHARLES WILLIAM STUART VANE

Natural de Dublin (1778), faleceu a 6 de Março de 1854. Bisavô de Winston Churchill, terceiro Marquês de Londonderry, diplomata e oficial de cavalaria, adjunto de Wellington nas campanhas napoleónicas, durante as quais comandou o 25<sup>o</sup> *Light Dragoons* (1809-1812). Autor de *A steam voyage to Constantinople, by the Rhine and the Danube in 1840-1841, and to Portugal & Spain, etc., in 1839* (Londres, 1842, 2 vols.). No cap. 21 (v. 2, p. 142-143) diz que o “Palácio de Mafra é bem conhecido dos Ingleses”, tendo sido utilizado como hospital das reservas Portuguesas durante a Guerra Civil. Está convicta que se trata do maior edifício do mundo, onde se poderiam alojar pelo menos 40 mil homens. Considera dignos de uma visita a “esplêndida catedral de mármore” e a “magnificente biblioteca, [...] com seus vinte e nove mil volumes”.

O palácio de Mafra é bem conhecido dos ingleses. Na última guerra foi principalmente usado como hospital para os reservistas portugueses, havia habitualmente sete ou oito mil homens nele; poderiam ter tido quarenta mil, pelo menos. É, segundo creio, o maior edifício do mundo e foi fundado por João I <sup>5</sup>. Diz-se que houve uma competição entre os monges de Mafra, onde houve um convento, e os cidadãos de Lisboa, sobre o que é que devia ser construído, se este lugar se um magnífico cais nas margens do Tejo. O poder do mosteiro prevaleceu sobre os habitantes da capital, e foi erguida esta enorme estrutura situada num descampado, quase inacessível, e agora impróprio para qualquer uso. O convento, que durante muito tempo esteve cheio de monges está inutilizado; e as centenas de salas estão desabitadas. A esplêndida catedral de mármore pede, sem dúvida, um melhor destino do que ser sepultada nas suas próprias ruínas, que alguns poucos anos acabarão por concretizar; o telhado já necessita de algumas reparações urgentes. No entanto, uma magnífica biblioteca com 29.000 volumes na melhor ordem, não é a última propriedade valiosa pertencente a este interessante lugar; cuja riqueza merece ser examinada pelos interessados em estruturas de arquitectura, não

---

<sup>5</sup> Trata-se de evidente erro do autor.

obstante a fadiga e a dificuldade que se tem que passar para chegar a este recinto.

The palace of Mafra is well known to Englishmen. In the late war it was chiefly used as an hospital for the Portuguese reserves, and they had usually seven thousand or eight thousand men in it; it would hold forty thousand, at least. This is, I believe, the largest building in the world; and was founded by John the First [aliás, Fifth]. It is said there was a contest between the monks of Mafra, where there had been a convent, and the citizens of Lisbon, as to whether this palace, or a magnificent quay along the banks of the Tagus, should be constructed. The power of the monastery prevailed over the inhabitants of the capital, and this huge structure was undertaken, situated in the wilds, almost incapable of access, and unfit now for any purpose whatsoever. The convent, that for ages had been filled with monks, is now broken up; and the hundreds of apartments are tenantless. The splendid marble cathedral doubtless demands a better fate than to be buried in its own ruins, which some few years will accomplish; already the roof is going, for want of needful repairs. A magnificent library, however, with twenty-nine thousand volumes in the very best order, is not the least valuable property belonging to this interesting palace; which richly deserves examination by the curious in architectural structure, notwithstanding the fatigue and difficulty you must go through to arrive in its precincts.

## GEORGE BORROW

Autor (1803-1881) de *The Bible in Spain; or the journeys, adventures and imprisonments of an Englishman, in an attempt to circulate the Scriptures in the Peninsula* (Londres, 1843). Chegou a Mafra proveniente de Sintra. Afirma que “neste edifício existe a melhor biblioteca de Portugal”, descrevendo o seu encontro e as conversas mantidas com alguns dos mafrenses com quem se cruzou, de entre os quais destaca um rapaz e seu mestre escola, um antigo frade expulso do convento pelo decreto de abolição das ordens religiosas (v. 1, p. 15-20).

Mafra é uma grande aldeia disposta em redor de um imenso edifício destinado a servir de convento e de palácio e construído, mais ou menos, segundo o estilo do Escorial. Esse edifício alberga a melhor biblioteca de Portugal, na qual há livros sobre todas as ciências e em todas as línguas e que corresponde muito bem às dimensões e à grandeza do edifício em que se encontra. Não havia, porém, quaisquer monges para cuidar dela, como noutros tempos; tinham sido expulsos, e uns andavam a mendigar o seu pão, outros haviam passado a Espanha para ali combater sob a bandeira de D. Carlos e, segundo me foi dito, muitos outros andavam a monte como bandidos. Encontrei o palácio confiado a dois ou três criados e com um aspecto de solidão e abandono verdadeiramente medonho. Enquanto ia vendo os claustros, apareceu-me um rapaz, com muito bom aspecto e ar de inteligente, a indagar (na esperança, suponho, de ganhar uns tostões) se eu lhe permitia que me mostrasse a igreja da aldeia, que dizia digna de ver; respondi-lhe que não, mas acrescentei que muito lhe agradeceria se me mostrasse a escola. Olhando-me com espanto, garantiu-me que a escola nada tinha para se ver e que só lá havia meia-dúzia de rapazes, um dos quais era ele próprio. Mas, como eu repliquei que não queria que me mostrasse mais nada, acabou, contrafeito, por levar-me lá. No caminho, fiquei a saber por ele que o mestre-escola era um dos frades recentemente expulsos do convento, um homem muito instruído que falava francês e grego. Ao passar por uma cruz de pedra, o rapaz baixou a cabeça e persignou-se com grande devoção. Menciono este facto por ter sido a primeira vez, desde que chegara, que observava semelhante comportamento em portugueses. Ao chegar perto da casa

do mestre-escola, indicou-me e foi esconder-se atrás de um muro onde ficou a aguardar o meu regresso.

Fui recebido à porta por um homem baixo e forte, de sessenta a setenta anos de idade, que vestia jaleca azul e calças cinzentas, sem camisa nem colete; olhando-me com ar severo, inquiriu em língua francesa em que poderia ser-me útil. Pedi desculpa por incomodá-lo e expliquei que, tendo ouvido dizer que desempenhava as funções de mestre-escola, vinha apresentar-lhe os meus respeitos e pedir-lhe alguns informes sobre o seu seminário. Respondeu-me que quem me dissera ser ele o mestre-escola mentira, pois era um simples frade do convento e nada mais. "Então não é verdade que os conventos foram extintos e os frades dispersos?". "Sim, sim - respondeu ele com um suspiro -, é verdade; infelizmente, é verdade". Manteve-se em silêncio por um minuto e por fim, quando o melhor da sua natureza tinha já vencido a indignação, puxou de uma caixinha de rapé e estendeu-me. A caixinha de rapé é o ramo de oliveira dos portugueses, e quem quiser dar-se bem com eles nunca deve recusar-se a mergulhar nela o indicador e o polegar quando lha oferecerem. Se bem que deteste aquele pó, tirei, portanto, uma grande pitada, e não tardámos a encontrar-nos nas melhores relações. Ele ansiava por notícias, especialmente de Lisboa e de Espanha, e eu contei-lhe que, na véspera da minha partida de Lisboa, os oficiais da guarnição da cidade tinham ido em grupo falar à rainha, insistindo com ela para que lhes recebesse as espadas se não quisesse demitir os ministros; ouvindo isto, esfregou as mãos e declarou estar certo de que as coisas não continuariam tranquilas em Lisboa. Mas, quando eu disse pensar que a causa de D. Carlos estava em declínio (isto passava-se pouco depois da morte de Zumalacárregui), franziu o sobrolho e bradou que isso não podia ser, pois Deus era muito justo e não o permitiria. Tive pena do pobre homem, expulso do nobre convento ali ao pé e reduzido na velhice, de uma situação de desafogo e conforto, à indigência e à miséria - pois a sua actual morada parecia não ter qualquer peça de mobília. Tentei por duas ou três vezes fazê-lo falar da escola, mas ele ou evitava o assunto ou respondia secamente que nada sabia a esse respeito. Quando dali saí, o rapaz deixou o esconderijo e veio ter comigo dizendo que se escondera por temer que o mestre-escola descobrisse ter sido ele quem ali me levara, visto não querer que pessoas estranhas soubessem dessa sua ocupação.

Indagando eu se ele ou os seus pais conheciam a Escritura e se alguma vez a tinham lido, pareceu não compreender o que eu dizia. Devo neste momento fazer notar que este rapaz tinha quinze anos, parecia, sob muitos aspectos, bastante inteligente e tinha alguns conhecimentos da língua latina; no entanto, não conhecia a Escritura, nem sequer de nome, e não duvido, pelo que depois observei, de que pelo menos dois terços dos seus compatriotas não são, neste aspecto, mais ilustrados que ele. Eu interroguei muitas pessoas da classe baixa de Portugal - à porta das estalagens de aldeia, à lareira dos rústicos, nos campos onde eles trabalham ou à beira dos caminhos, junto dos chafarizes de pedra onde levam o gado a beber - acerca da Escritura, da Bíblia, do Velho e do Novo Testamento, mas nem num só caso compreenderam ao que eu aludia ou me responderam de modo inteligível. Apesar disso, davam-me respostas bastante sensatas sobre todos os outros assuntos: na verdade, nada me surpreendeu mais que o modo livre e desembaraçado como os rurais portugueses mantêm uma conversa, e a pureza da língua em que exprimem as suas ideias, se bem que poucos saibam ler ou escrever - ao passo que os camponeses de Inglaterra, cuja educação é, de um modo geral, muito superior, são grosseiros e obtusos na conversa, por vezes a raiar a brutalidade, e absurdamente ingramáticos na linguagem - embora a língua inglesa seja, em globo, de estrutura mais simples que a portuguesa.

#### [Capítulo I]

[...]. In a day or two I made an excursion to Mafra, distant about three leagues from Sintra: the principal part of the way lay over steep hills, somewhat dangerous for horses; however, I reached the place in safety.

Mafra is a large village in the neighbourhood of an immense building intended to serve as a convent and palace, which is built somewhat after the fashion of the Escorial. In this edifice exists the finest library in Portugal, containing books on all sciences and in all languages, and well suited to the size and grandeur of the edifice which contains it. There were no monks, however, to take care of it, as in former times; they had been driven forth, some to beg their bread, some to serve under the banners of Don Carlos, in Spain, and many, as

I was informed to prowl about as *banditti*. I found the place abandoned to two or three menials, and exhibiting an aspect of solitude and desolation truly appalling. Whilst I was viewing the cloisters a fine intelligent-looking lad came up and asked (I suppose in hope of obtaining a trifle) whether I would permit him to show me the village church, which he informed me was well worth seeing: I said no, but added, that if he would show me the village school I should feel much obliged to him. He looked at me with astonishment, and assured me that there was nothing to be seen at the school, which did not contain more than half a dozen boys, and that he himself was one of the number. On my telling him, however, that he should show me no other place, he at length unwillingly attended me. On the way I learned from him that the schoolmaster was one of the friars who had lately been expelled from the convent, that he was a very learned man, and spoke French and Greek. We passed a stone cross and the boy bent his head and crossed himself with much devotion. I mention this circumstance, as it was the first instance of the kind which I had observed amongst the portuguese since my arrival. When near the house where the schoolmaster resided, he pointed it out to me, and then hid himself behind a wall, where he awaited my return.

On stepping over the threshold I was confronted by a short stout man, between sixty and seventy years of age, dressed in a blue jerkin and grey trousers, without shirt or waistcoat; he looked at me sternly, and inquired in the French language what was my pleasure. I apologized for intruding upon him, and stated that, being informed he occupied the situation of schoolmaster, I had come to pay my respects to him and to beg permission to ask a few questions respecting the seminary. He answered, that whoever told me he was a schoolmaster lied, for that he was a friar of the convent, and nothing else. "It is not then true," said I, "that all the convents have been seen broken up and the monks dismissed?" - "Yes, yes", said he with a sigh, "it is true; it is but too true". He then was silent for a minute, and his better nature overcoming his angry feelings, he produced a snuff-box and offered it to me. The snuff-box is the olive-branch of the portuguese, and he who wishes to be on good terms with them must never refuse to dip his finger and thumb into it when offered. I took, therefore, a huge pinch, though I detest the dust, and we were soon on the best possible terms. He was eager to obtain news, especially from Lisbon and Spain. I told him that the officers of the troops at Lisbon had, the day before I left

that place, gone in a body to the queen and insisted upon her either receiving their swords or dismissing her ministers; whereupon he rubbed his hands and said that he was sure matters would not remain tranquil at Lisbon. On my saying, however, that I thought the affairs of Don Carlos were on the decline (this was shortly after the death of Zumalacarregui), he frowned, and cried that it could not possibly be, for that God was too just to suffer it. I felt for the poor man who had been driven out of his home in the noble convent close by, and from a state of affluence and comfort reduced in his old age to indigence and misery, for his present dwelling scarcely seemed to contain an article of furniture. I tried twice or thrice to induce him to converse about the school, but he either avoided the subject or said shortly that he knew nothing about it. On my leaving him, the boy came from his hiding-place and rejoined me; he said that he had hidden himself through fear of his master's knowing that he had brought to me to him, for that he was unwilling that any stranger should know that he was a schoolmaster.

I asked the boy whether he or his parents were acquainted with the Scripture, and ever read it; he did not, however, seem to understand me. I must here observe that the boy was fifteen years of age, that he was in many respects very intelligent, and had some knowledge of the Latin language; nevertheless he knew not the Scripture even by name, and I have no doubt from what I subsequently observed that at least two-thirds of his countrymen are on that important point no wiser than himself. At the doors of village inns, at the hearths of the rustics, in the fields where they labour, at the stone fountains by the way-side where they water their cattle, I have questioned the lower class of the children of Portugal about the Scripture, the Bible, the Old and New Testament, and in no one instance have they known what I was alluding to, or could return me a rational answer, though on all other matters their replies were sensible enough; indeed, nothing surprise me more than the free and unembarrassed manner in which the portuguese peasantry sustain a conversation, and the purity of the language in which they express their thoughts, and yet few of them can read or write; whereas the peasantry of England, whose education is in general much superior, are in their conversation coarse and dull almost to brutality, and absurdly ungrammatical in their language though the English tongue is upon the whole more simple in its structure than the Portuguese.

## WILLIAM EDWARD BAXTER

No volume 1 do seu *The Tagus and the Tiber; or notes of travel in Portugal, Spain and Italy, in 1850-1851* (Londres, 1852, 2 vols.), após descrever as Linhas de Torres, refere a sua passagem por Mafra (cap. 3, p. 52-53), sublinhando o abandono a que chegara o Monumento e acrescentando que o principal motivo de interesse na vila de então era a biblioteca conventual.

A quatro milhas de Mafra, chegámos junto de um muro com quinze milhas de perímetro que rodeia a couçada real anexa àquele palácio. Pouco mais adiante, os cavalos dianteiros quebraram a barra que os ligava à lança da carruagem; deste modo, apeámo-nos e seguimos a pé para a aldeia, construída no cimo de um monte e fronteira a um enorme edifício com três altas torres que consiste numa igreja, vários quadrângulos anteriormente habitados por trezentos frades franciscanos e um palácio agora devoluto que está a entrar rapidamente em declínio. A sucessão de aposentos das traseiras está a servir de quartel e escola militar. Este vasto edifício mostra um aspecto de desolação muito deprimente. O vento assobia pela entrada sem portas, os espaçosos pátios estão atravancados por pilhas de madeira, a chuva que vem do Atlântico entra pelas janelas quebradas e os espíritos escrevem *Mene, mene, tekel* em todas as paredes abandonadas, recordando-nos os versos de Hannah More sobre a Babilónia:

While Desolation, snatching from the hand  
Of Time the scythe of ruin, sits aloft,  
Or stalks in dreadful majesty abroad <sup>6</sup>.

Deambulámos por sucessões de salas desmobiladas ou com cadeiras e mesas que a custo seriam boas para uma casa de penhores inglesa de segunda categoria. E, no entanto, a Rainha residira ali durante quatro semanas muito pouco antes da nossa visita. A igreja, que é admirada por vários autores, pareceu-me um edifício pesado, semelhante a um vasto sepulcro de mármore. O peso da parte superior

---

<sup>6</sup> Enquanto a Desolação, que arrebatou da mão/do Tempo a gadanha da ruína, no alto está sentada/ou em terrível majestade se passeia.

parece prestes a esmagar as colunas e as arcadas. O principal objecto que em Mafra atrai as atenções é a biblioteca, que contém um número extraordinário de livros em todas as línguas, sobre assuntos principalmente eclesiásticos mas também históricos, jurídicos, filosóficos, poéticos ou relativos a temas literários variados. Os volumes estão belamente encadernados e notavelmente bem arrumados.

Depois de ter ousado jantar uma ave que fora morta à nossa chegada, partimos para Sintra passando primeiramente pela tapada real e depois por uma estrada muito melhor que a que anteriormente havíamos percorrido».

### [Capítulo III]

[...]. After breakfast we set out for Mafra, passing through vineyards in which the husbandmen were busy plucking the grapes. [...]. Four miles before reaching Mafra, we came to a wall fifteen miles in circumference, which surrounds the royal hunting-ground attached to that palace. A short distance beyond, the leaders broke the bar attaching them to the pole of the carriage; so we got out and walked to the village, built on the top of a hill, and in front of an enormous edifice with three lofty towers, and consisting of a church, several quadrangles, formerly tenanted by three hundred Franciscan monks, and a palace now empty and rapidly falling into decay. The suit of rooms behind serve as a barrack and a military school. This vast building presents an aspect of desolation quite overwhelming. The wind whistles through the doorless entrance, piles of wood lumber the spacious courts, the rain from the Atlantic pours in at the broken windows, and spirits write “Mene, mene, tekell,” on every deserted wall, reminding one of Hannah More’s lines on Babylon:

*While Desolation, snatching from the hand  
Of Time the scythe of ruin, sits aloft,  
Or stalks in dreadful majesty abroad.*

We wandered through suites of rooms, either unfurnished or containing chairs and tables scarcely good enough for a second-rate English pawnshop. Yet the Queen had resided in them for four weeks, a very short time previous to our visit. The church, which various

writers admire, appeared to me a heavy building, more like a vast marble tomb. The weight above seems as if about to crush the pillars and arches. The chief object of attraction at Mafra is the library, containing an extraordinary number of books in all languages, chiefly on church matters, but also historical, legal, philosophical, poetical, and connected with miscellaneous literature. The volumes are handsomely bound and remarkably well arranged.

Having attempted to dine on a fowl which had been killed since our arrival, we started for Sintra, passing first through the royal park and then over a much better road than we had hitherto travelled upon. They have taken up the stones and are macadamising it. [...].

## LADY EMMELINE STUART WORTLEY

Autora (1805-1855) de *A visit to Portugal and Madeira* (Londres, 1854), obra na qual apresenta uma minuciosa descrição do Monumento de Mafra (p. 117-125). Afirma que na América o edifício teria sido transformado num gigantesco hotel, em Inglaterra numa fábrica, na Baviera numa galeria de arte, na Áustria, talvez, numa prisão, na França numa vasta academia de dança, na Holanda num manicómio, na Itália numa ópera, “mas em Portugal... em nada”!

E depois também não deve ser esquecido o "abundante rio", nem as distantes colinas de Monsanto, na direcção da belamente situada metrópole. E, até tão longe quanto um esforçado olhar pode alcançar a norte, vê-se depois uma vasta planície belamente diversificada com tractos cultivados, maciços de árvores ou de arbustos aromáticos e charnecas solitárias, por vezes variegadas por campos de cana de açúcar com aspecto tropical; campos estes salpicados de lugarejos e casas dispersas, quintas, hortas e terrenos de recreio. Mafra, com a sua colossal grandiosidade, salta-nos à vista causando admiração, pois se ergue ao céu como alta torre, difundindo até longe as suas enormes proporções como uma montanha modelada arquitectonicamente por gigantes.

Não podem estar aqui deslocadas algumas palavras a respeito desta vasta estrutura. É uma combinação de convento e palácio - se bem que, para falar com rigor, se componha de um convento, uma catedral e dois palácios -, e todo o edifício forma um enorme paralelogramo cujos dois lados maiores vão de norte a sul e são de um comprimento imenso: dizem certos autores que 700 pés, e outros que 1.150; a verdade estará, provavelmente, entre estes dois números. Diz-se que foi construído segundo o modelo do Escorial espanhol. Desta vasta massa de edifícios, a fachada principal, virada para oeste, inclui os palácios e a igreja, que ocupa o centro. A entrada para esta igreja é feita por uma majestosa escadaria de aspecto muito impressionante e imponente.

O palácio que está do lado norte da igreja era a residência do rei; o do lado sul era a da rainha. São ambos de quatro pisos, terminam em magníficas torres com balcões e têm no cimo nobres terraços. Diz-se que estes dois palácios reunidos poderiam conter

todas as cortes da Europa sem lhes dar má acomodação. A quão diversos fins poderia esta mole colossal ser destinada, e decerto o seria, noutros países!

Na América, seria provavelmente um hotel-mamute; em Inglaterra, uma fábrica, se escapasse a ser balneário e lavanderia; na Rússia, um quartel; na Baviera, uma galeria nacional de pintura; na Irlanda, um asilo-oficina; na África ocidental, um grande armazém geral; na Áustria, talvez dela fizessem uma prisão; na Califórnia, um casino gigantesco; em França, uma enorme academia de dança para milhões; na utilitária Holanda, poderia ser transformada num manicómio - se os frugais e fleumáticos holandeses viessem a dar em doidos; em Itália, seria um monstruoso teatro de ópera - ou melhor, três ou quatro reunidos num (o *Scala* de Milano teria, de facto, de esconder a sua diminuta cabeça!); mas em Portugal ela é, simplesmente, nada.

A cobertura de toda esta imensa estrutura é um único grandioso terraço a grande altura acima do solo. As suas únicas aberturas são as dos pátios, que são nove: um deles muito grande, dois outros menos espaçosos e seis de tamanho pouco digno de nota. Os únicos objectos que se elevam acima do nível desse vasto e majestoso terraço são as cúpulas: a da igreja e as das duas bonitas torres laterais, viradas para oeste (cada uma delas com 350 pés de altura). Julga-se que nessa soberba plataforma de mármore a meio caminho das nuvens se poderia passar revista a dez mil homens!

Toda esta massa edificada contém perto de mil salas, antecâmaras e quartos e mais de cinco mil portas e portões. Os dois palácios são mais ou menos *fac-similes* um do outro no respeitante a pormenores arquitectónicos, e por isso bastará a ligeira descrição de um deles. Vamos apresentar ao leitor o lado norte. Ao entrar, encontrar-se-á numa interminável série de corredores de grande comprimento. Para o libertar deste labirinto, descobrirá portas que comunicam com os aposentos de ambos os lados; estes aposentos têm também comunicação uns com os outros. Quando essas portas estão todas abertas, o conjunto dos aposentos apresenta um belo aspecto; individualmente, contudo, nem todos correspondem ao colossal e verdadeiramente régio edifício de que fazem parte, pois são desproporcionadamente diminutos, se bem que alguns deles pudessem, noutras circunstâncias, ser considerados excelentes.

As decorações que embelezam as paredes e os tectos destes salões são representações a fresco de assuntos mitológicos e alegóricos; o chão compõe-se de mármore organizados em complicados e fantásticos padrões; e muitas salas apresentam dispendiosas colunas de material semelhante.

A sala de audiências de D. João VI continua exactamente como quando ele morou em Mafra depois de regressar da América do Sul. Tem reposteiros de damasco e veludo e é a única sala que ali nos dá uma leve ideia do que foi este majestoso palácio quando as suas gigantescas paredes abrigaram uma corte luxuosa e resplandecente. As janelas e as portas foram feitas com as mais preciosas madeiras que o vasto império dos Brasis podia fornecer, mas um gosto vil amortalhou sob uma camada de tinta o seu variegado esplendor.

A seguir, deve-se visitar o convento. Foi dedicado a Santo António e pertenceu aos franciscanos reformados. Os cônegos agostinhos substituíram-nos durante algum tempo, mas eles foram depois reinstalados neste edifício, que continuou na sua posse até à supressão do convento, em 1833. Foi construído em forma de quadrado com um claustro ao ar livre no interior; este claustro foi transformado com fino gosto num encantador jardim, refrescado e embelezado por uma graciosa fonte com grande tanque no centro. Nos meses de Verão, a luxuosa frescura deste espaçoso retiro é, ao que se diz, deliciosa para lá do que se possa imaginar.

Como acontece em S. Pedro de Roma, este enorme edifício pode gabar-se de possuir um clima peculiar. Quando lá fora tudo é calor e ofuscação, reina dentro das suas grossas paredes uma temperatura agradável e refrescante; no frio do Inverno, a atmosfera é ali branda e suave. O silêncio é também digno de nota. Poucos sons conseguem lá penetrar através de tão fortes obstáculos. Todas as entradas para o mosteiro, quer do exterior quer do palácio ou da igreja, nos conduzem a um grande corredor que cobre toda a extensão do edifício de norte a sul. Há nele três filas de janelas, como se vê do exterior; uma delas dá para o refeitório, para os lavabos e para uma sala chamada "De Profundis"; outra dá para uma série de celas, com parte das quais se formou uma capela com sete altares para que os reverendos irmãos dissessem missa nas primeiras horas do dia. A terceira fila de janelas pertence à capela e às celas do noviciado. Se entrarmos pelo Sul, passaremos previamente por um nobre claustro rodeado por colunas que sustentam uma arcada e sobre as quais há uma varanda com

balaustrada. Se entrarmos pelo Norte, atravessaremos um claustro semelhante e passaremos à bonita capela do Campo Santo, assim chamada porque os frades eram ali sepultados e ali eram celebradas as suas exéquias. Tem um altar de mármore branco, assente em colunas pretas e brancas do mesmo material. Cada um destes claustros tem dois corredores mais pequenos para acomodação da comunidade quando há procissões públicas em volta da igreja. O famoso corredor anteriormente mencionado é de grande comprimento e largura; nobres pórticos e portões dão acesso a vários aposentos públicos, entre eles à espaçosa Casa dos Actos, onde eram defendidas as teses escolásticas. O lavatório é um dos aposentos seguintes: tem fontes e pias de mármore. Depois de atravessar outra elegante sala, o visitante chega ao refeitório, de belas proporções. Está ali colocado um grande quadro da Ceia do Senhor, montado em moldura de mármore azul. As mesas são trinta e seis; as cadeiras são de madeira brasileira e têm encostos de mármore polido amarelo. Há cerca de 300 celas e uma enfermaria; as celas são cómodos quartos, de dimensões confortáveis; a enfermaria divide-se em diversas partes. Num dos extremos, está uma capela bem construída e bem acabada, munida de galerias correspondentes aos diversos pisos, de modo que os doentes possam receber o conforto e benefício dos ministros da religião sem muita fadiga nem perigo de apanhar correntes de ar ao percorrer tantos corredores. Há um interessante eco na Sala do Capítulo - um belo salão de forma oval; dizem que este eco suplanta o de S. Paulo de Londres. Os nossos militares comportaram-se de uma maneira excelente quando estiveram em Mafra e, embora heréticos e estrangeiros, ganharam a simpatia dos frades. A princípio, segundo nos informa Lord Carnarvon, não resistiam à tentação de enfiar sapatos velhos nos capuzes dos reverendos padres; mas, depois de Sir Edward Blakeney ter reprimido essas leves efervescências de travesura, restabeleceram-se a paz e a simpatia.

Não devo omitir uma breve menção à biblioteca de Mafra, que tem trezentos pés de comprimento e largura e altura na mesma proporção. Há ali alguns exemplares, esplendidamente iluminados, das primeiras edições dos clássicos gregos e romanos. Julga-se que esta biblioteca possui, pelo menos, trinta mil volumes. Suponho que o sr. Beckford fala de sessenta mil, mas isso parece ser um exagero involuntário. Há um recinto, adjacente ao mosteiro, que tem um poço de água da mais pura e um espaçoso tanque. Há ainda uns bosquezinhos

encantadores, maciços de árvores de fruto e veredas à sombra ladeadas por sebes de buxo. Além disto, há dois lagos ornamentais artificiais; estes são contíguos à horta ou pertencem-lhe: como é evidente, há ali uma horta importante! Tudo quanto contribui para produzir boa comida existe, de certeza, onde quer que tenham florescido comunidades monásticas - *ça va sans dire*. Dizem que havia nesta horta vinte e seis estátuas; de quem, não sei, mas parece que tais obras de arte são supérfluas numa horta. Vénus a surgir-nos de um canteiro de couves estaria, decerto, tão deslocada como Alexandre Magno entre renques de espinafres, Júlio César sufocado em cebolas, Bacon reclinado entre feijoeiros ou Santo António (se as estátuas fossem de carácter eclesiástico) rodeado de couves-flor. É certo que já vi nuvens esculpidas no mármore que apresentavam um singular aspecto de hortaliças, mas isso era uma semelhança accidental. A estátua que talvez devesse ter sido ali colocada seria a do grande cozinheiro Vatel, que se matou porque não havia peixe para o jantar do rei. Atrás deste recinto, há uma tapada real cercada por um muro com três léguas de perímetro. Os relógios e os sinos merecem ser mencionados; a maquinaria dos primeiros enche uma sala de boas dimensões. Os sinos foram fundidos em Liège ou em Antuérpia; contêm (e custaram) um peso de metal verdadeiramente enorme e, segundo me informaram, possuem muita suavidade e profundidade de som.

A igreja, muito requintada, é uma imitação - em muito menor escala - da imponentíssima catedral de S. Pedro de Roma. Foi completamente construída com mármore diversos, das mais requintadas tonalidades e cuidadosamente talhados numa inumerável variedade de desenhos. O altar-mor está ornamentado com dois magníficos pilares de mármore variegado de tons avermelhados; cada um deles é inteiro e tem cerca de trinta pés de altura. O retábulo foi pintado por Trevisani. Há seis capelas laterais, cada uma delas adornada com belos baixos-relevos; os seus nobres portais, o tecto, o chão e a cúpula, até ao alto lanternim, tudo está enriquecido e incrustado com o mesmo esplêndido e imperecível material. Chega-se à sacristia por uma longa galeria coberta. É uma soberba sala abobadada, com apainelados das mais requintadas e caríssimas variedades de pórfiro e alabastro. A igreja possui seis órgãos altamente ornamentados.

A respeito das vastas dimensões da cúpula, os portugueses adaptaram um provérbio para significar qualquer enorme e grandiosa

empresa. Está orgulhosamente sobre o transepto e, vista do grande terraço que já mencionei (que forma a cobertura deste majestoso edifício), parece um imponente templo a erguer-se das amplas veredas e avenidas de um principesco jardim. No seu conjunto, a igreja é geralmente considerada superior em formas arquitectónicas ao resto da estrutura. De facto, como produção arquitectónica, vários bons apreciadores a acham perfeita, e livre do tão prevalente absurdo dos anacronismos desfiguradores e de qualquer inconsiderada mistura de estilos.

[...]. Há várias versões acerca da origem de Mafra; aquela que parece mais digna de crédito diz que João V prometera, se lhe nascesse um filho, erguer um convento no sitio onde estivesse o mais pobre priorado que pudesse encontrar nos seus domínios. Quando nasceu O. José (que depois seria José 1), foi-lhe indicada Mafra, pois havia ali uma cabana onde se abrigavam uns doze frades, meio mortos de fome, de alguma ordem desprezada e empobrecida. O arquitecto foi um tal João Frederico Ludovici, que dizem ser alemão apesar de o seu nome poder, certamente, sugerir uma origem italiana».

[...]. Mafra with its colossal grandeur, strikes the eye with wonder, as it rises, towering towards the sky, and spreading afar its enormous proportions, looking like a mountain architecturally fashioned by giants.

A few words respecting this vast structure may not be amiss here. It is a united convent and palace, - indeed altogether, strictly speaking, it consists of a monastery, a cathedral, and two palaces, the entire edifice forming an enormous parallelogram, of which the two longest sides run from north to south, and are of immense length: some writers say, 1150 feet long; others 760: probably the truth lies between these two figures. It is supposed to be built on the model of Spanish Escorial. Of this vast mass of buildings, the front, which faces the west, comprises the palaces and the church – the latter being in the centre. The approach to this church is gained by a majestic flight of steps, which have a very striking and imposing appearance.

That palace which lies on the north side of the church was the residence of the King, and the one to the south that of his consort. Both have four stories, are terminated by magnificent parapetted

towers, and are surmounted by noble terraces. These united palaces might, it is said, and without giving them bad accommodation, contain all the courts of Europe together. To what various purposes might, and probably would, this colossal pile be applied in different countries! In America, would most like a mammoth hotel; in England, a manufactory, if it escaped being baths and a huge wash-house; in Russia, a barrack; in Bavaria, a national gallery; in Ireland, a poor-house; in Western Africa, a big barracoon; in Austria, perhaps it would made a prison; in California a gigantic gambling-house; in France, a vast dancing academy for the million; in utilitarian Holland it might be turned into a madhouse, - if the sober, phlegmatic Dutch, ever *do* go mad; in Italy, into a monster opera-house – or rather three or four opera houses rolled into one, (the Scala at Milan would indeed have to hide its diminished head!) – but, in Portugal, it is simply – nothing.

The roof of the whole immense structure is one grand terrace, at a great height from the ground. The sole apertures are those of the courts, of which there are nine – one very large one, two rather less spacious, and six of inconsiderable size. The only objects which soar above the level of this vast majestic terrace are the cupolas and the dome of the church, and the two fine lateral towers facing the west (each 350 in height). It is thought that ten thousand men might be reviewed upon this superb marble plain, half-way to the clouds!

The entire mass of buildings contains not far from a thousand halls, ante-rooms, and chambers, and more than five thousand doors and gates. The two palaces are almost facsimiles of each other in point of architectural details, and therefore a slight description of one will suffice. We will introduce the reader to the northern one. On entering, he will find himself in a nearly interminable series of passages and corridors, of vast length. To extricate him from this labyrinth, he will find doors that communicate to the apartments on either side; these apartments also have a communication with each other. When they are thrown open, the suite of rooms collectively have a fine effect, but individually they do not at all correspond with the colossal and truly regal edifice of which they form part, being disproportionately diminutive, although some of them would in other situations be considered fine apartments.

Representations of mythological and allegorical subjects in fresco form the decorations that embellish the walls and ceilings of these saloons; marbles, arranged in complicated fantastical patterns,

constitute the floors; and there are frequently seen in the rooms costly columns of a similar material.

Dom John VI's audience room remains exactly as it was when he inhabited Mafra after his return from South America. It is hung with damask and velvet curtains, and it is the only room here that affords a slight idea of what this mighty palace was when its huge walls sheltered a luxurious and brilliant court. The window-frames and the doors are constructed of the most precious woods the vast empire of the Brazils could supply, but a vile taste has actually shrouded under coat of paint their varied splendour.

The convent should next be visited. It is dedicated to St. Anthony, and held by reformed Franciscans. Augustinian canons superseded these for a time, but they were subsequently reinstated in the building, and continued to possess it till the monastery was finally suppressed in the year 1833 [aliás, 1834]. It is built in the form of a square, having an open cloister in the interior, and this with great taste is made into a charming garden, which is freshened and embellished by a graceful fountain and a large tank in the centre. In the summer months, the luxurious coolness of this spacious retreat is described as being beyond imagination delightful.

As is the case with St. Peter's in Rome, this enormous pile boasts of a special climate of its own. When all is heat and glare without, within those massive walls reigns a pleasant and refreshing temperature; and amidst the cold of winter, the atmosphere here is mild and softened. The stillness, too, is worthy of remark. Few sounds can find their way through these strong obstructions. The different entrances into the monastery, those from without as well as those from the palace or church, all conduct you to a large corridor, that runs the entire length of the building from north to south. There are three rows of windows in this, as beheld from the exterior: one looking toward the refectory, the lavatories, and a chamber known by the denomination *De Profundis*; another to a set of chambers, out of some of which a chapel, which had seven altars, was formed, to enable the reverend brethren to say their masses at an earlier period of the day. The third row of windows are those belonging to the chapel and the chambers of the novitiate. If we enter it from the south, we previously pass through a noble cloister, environed by columns, supporting an arcade over which there is a balustraded verandah. If it is from the north, we cross a similar cloister, and pass the fine chapel,

*do Campo Santo*, named thus on account of the monks being interred, and their funeral obsequies taking place in it. It has a white marble altar, sustained by white and black columns of the same material. These cloisters have each two lesser corridors, for the accommodation of the community when public processions were made around the church. The celebrated corridor before mentioned is of great length and breadth; noble porticoes and doorways from this lead to various public apartments, among others to the spacious *Casa dos Actos*, where were held the scholastic theses. The lavatory is one of the next rooms; it is fitted with fountains and basins of marble. After passing through another handsome chamber, the visitor reaches the refectory, which is of fine proportions. Here is placed a large painting of the Lord's Supper, enclosed in a frame of blue marble. There are thirty-six tables, the seats around are formed of Brazilian wood, with backs of polished yellow marble. There are about 300 cells and an infirmary; these cells are comfortably-sized, commodious rooms. The infirmary is divided into different parts. At one end is a chapel, well built and finished, and provided with galleries corresponding to the different floors, so that the sick might have the solace and benefit of the ministrations of religion, without much fatigue or risk of draughts by coming through many winding passages.

There is a curious echo in the chapter room – a fine apartment, of an oval shape; this echo is said to surpass the one at St. Paul's. When our troops were at Mafra, they conducted themselves exceedingly well, and gained – heretics and foreigners though they were – the good-will of the monks. At first they could not resist occasionally the temptation of shying an old shoe, Lord Carnarvon inform us, at the cowls of the reverend fathers, but on Sir Edward Blakeney restraining these slight ebullitions of mischievous spirit, peace and good-feeling were re-established.

I must not omit a brief mention of the Library at Mafra, which is three hundred feet long, and large and lofty in proportion. Here are some splendidly illuminated copies of the first editions of the Roman and Greek classics. The library is supposed to contain at least thirty thousand volumes. Mr. Beckford, I believe, says sixty thousand; but this appears to be an unintentional exaggeration. There is a walled enclosure attached to the monastery, containing a well of the purest water, and a spacious tank. There are also some charming shrubberies, and clusters of fruit-trees and clusters and shady pathways, lined with

box-hedges. Besides this, there are two artificial ornamental lakes; these are contiguous to, or belonging to, the kitchen garden: - of course, there is a capital one here! Everything that aids to produce good cheer is sure to be found where monkish establishments have flourished – *ça va sans dire*. There are said to be six-and-twenty statues in this kitchen-garden; of whom I know not, and such artificial works seem works of supererogation in the kitchen-garden. Venus rising from a bed of cabbages would be certainly out of place, or Alexander the Great bounded by a border of spinage, or Julius Caesar smothered in onions, or Bacon recumbent amid beans, or St. Anthony himself (if the statues were of an ecclesiastical description) surrounded by clouds of cauli-flowers. It is true that I have seen clouds carved in marble that presented a singularly colewortical appearance, - but was an accidental resemblance. The statue, perhaps, that *should* have been placed here is that of the great cook, Vatel, who killed himself because there was no fish for the king's dinner. There is a royal park behind this; its wall measures three leagues in circumference. The clocks and belfry are deserving of mention; the machinery of the former fills a good-sized room. The bells were cast at Liege or Antwerp; they contain (and they cost) a truly enormous weight of metal, and possess, I am informed, much sweetness and depth of tone.

The church is a very fine one, and is an imitation on a far smaller scale of the mighty St. Peter's. It is completely built of different marbles, of the most exquisite hues, carved carefully into almost innumerable varieties of designs. The high altar is decorated by two magnificent pillars, of a reddish-coloured and variegated marble, each being a single block, about thirty feet high. The altar-piece is painted by Trevisani. There are six collateral chapels, each adorned with fine *bassi relievi*; the noble portals of these, the ceiling, the pavement, the dome, even to the very highest lantern, are all enriched and crusted over with the same splendid and imperishable material. The sacristy is reached through a lengthy, covered gallery. It is a superb vaulted hall, panelled with the most exquisite varieties of costly porphyry and alabaster. The church possesses six highly-decorated organs.

With reference to the vast dimensions of the dome the Portuguese have adopted a proverb, to signify any huge and grand undertaking. It stands proudly over the transept, and from the great terrace I remarked upon (which forms the roof of this majestic

edifice), it looks like a stately temple from the ample paths and walks of a princely garden. Altogether, the church is generally reckoned superior in architectural design to the rest of the structure. Indeed, as an architectural production it is by some good judges pronounced to be perfect, and free from the too-prevalent absurdity of disfiguring anachronisms, and from any inconsiderately-introduced admixture of styles.

Viewed as a whole, the enormous double palaces and church of Mafra are ordinarily pronounced to be, architecturally considered, more remarkable for their extraordinary size than for any superior or striking merits.

This vast pile looks almost like a mountain reared on a mountain, an architectural Alp, a very Caucasus of stone, and mortar, and masonry.

There are various accounts commonly given respecting the origin of Mafra; the one that appears most worthy of credit is, that John V vowed if a son were born to him, he would erect a monastery in the place where stood the poorest priory that could be discovered in his royal dominions. When Dom Joseph (after Joseph I) was born, Mafra was pointed out, since there stood a hut holding a dozen half-starved monks of some neglected impoverished order. The architect was one João Frederico Ludovici, said to be a German, although the name would assuredly suggest an Italian origin.

## **HENRY GEORGE O'SHEA**

Correspondente da Real Academia da História Francesa e Presidente da Sociedade das Ciências, Arte e Literatura de Biarritz (1838-1905), publicou, no ano de 1865 (em Edimburgo), a 3ª edição do seu *Guide to Spain and Portugal*, o qual inclui notícia sobre Mafra.

## **Reverendo ALFRED CHARLES SMITH**

Avistou o Monumento de Mafra desde Sintra, considerando-o “de dimensão colossal” mesmo atendendo à distância a que se achava (cap. 53, p. 53). A p. 93, do seu *Narrative of a spring tour in Portugal* (Londres, 1870), aproxima o mosteiro de Mafra dos seus “irmãos” de Belém e Alcobaça.



*Palacio and Basalic [sic] de Mafra*, gravura (subsc.: Mearsonco?; 112 x 183 mm) que ocorre em *Fair Lusitania* (1874) de Katherine Charlotte Lady Jackson, que teve tradução portuguesa, impressa no Porto, em 1878, acompanhada pela mesma estampa.

## **KATHERINE CHARLOTE LADY JACKSON**

Autora (?-1889) de *Fair Lusitania* (Londres, 1874). Narra, no capítulo XIV, a sua segunda visita ao "celebrado Escorial português" e à granja-modelo instituída por D. Fernando de Sax, na Tapada. Considera a região de Mafra indigna do monumento erigido por D. João V, aproveitando o ensejo para expôr a tradição do voto para obter descendência, as diligências efectuadas com vista à selecção do local de implantação do edificio e as contradições entre a austeridade da regra dos Arrábidos e o fausto, nunca convenientemente contabilizado, que o Magnânimo, "o mais luxuoso dos Salomões modernos", lhes proporcionou. Louva a magnificência, "não obstante as nódoas, o desbotar dos anos e o descuido que se manifestam em muitos objectos", rematando, num tom que agradaria a Herculano: "Mafra [...] assombra-nos porque é coisa para espantar quanto a tamanho e urdidura, mas por beleza, não [...]. Mafra recorda, naquela planície erma um século

corrupto, pródigo e devasso". Teve tradução portuguesa, impressa no Porto, em 1878, e, anotada por Camilo Castelo Branco.

## Capítulo XVI

[...]. Dirigimo-nos pois esta manhã ao palácio real [de Sintra], tencionando ir em seguida a Mafra [...].

Era já tarde para passarmos a Mafra, que dista de Sintra pelo menos três léguas: e a estrada, logo que terminam os subúrbios de Sintra e Colares, é erma e tristíssima. Divagamos, pois apazivelmente por um caminho arrelvado, e, seguindo uma vereda sombria de ramagem, emboscamos-nos numa encosta de matagal. Por entre castanheiros antigos, nogueiras e velhíssimos carvalhos havia vários e belos fetos sobre o álveo agora enxuto dos arroios que na primavera se despenham espumando do topo da serra [...].

Desistimos da nossa expedição a Mafra: eu pelo menos, porque já tinha visto noutra ocasião o celebrado Escorial português, situado desastradamente no mais estéril e desconvidativo local que podia escolher-se de um cabo a outro daquele país. Também vi a real *granja-modelo* estabelecida há anos, e, segundo ouvi, tem prosperado muito, distendendo-se obra de onze milhas à volta do palácio e basílica de Mafra.

O erguer-se tão enorme edifício em tão indigno local deve-se sem dúvida à natureza do voto de D. João V seu fundador. Porquanto, não só prometeu a Santo António, se, por sua intercessão, alcançasse um herdeiro ao trono, lhe ergueria o mais esplêndido templo de Portugal: mas também esse templo seria erecto no lugar do reino em que existissem os mais pobres frades. A olhos vistos se manifestou o patrocínio do santo, porque em tempo competente nasceu uma criança; D. João, porém, não começou logo o edifício porque precisava de um filho, e o adventiciosinho era uma menina. Voltou de novo a pedir ao santo, que lhe respondeu no ano seguinte com um robusto rapaz; e D. João, à vista disto, mandou os seus agentes por aí fora em cata do mais pobre mosteiro.

Eram decorridos dois anos sem que as investigações se concluíssem por serem numerosos os ermos monásticos que abundavam em tristes localidades da *formosa Lusitânia*. Nessa

ocasião morreu de sarampo D. Pedro. Por fortuna D. José tinha nascido treze meses antes de morrer o irmão; ainda assim achou prudente D. João adiar a dedicação do mosteiro a Santo António para quando o príncipe completasse três anos. Entretanto, os enviados do rei descobriram doze capuchinhos da Arrábida habitando pobre casa em uma eminência triste e árida de Mafra, cerca de 224 metros sobre o nível do mar. Era impossível encontrar-se casa mais pobre e vida mais austera. D. José no entanto completou os três anos. Em Novembro de 1717, com a maior pompa e cerimónia, assentou o rei a primeira pedra do majestoso templo.

Os príncipes e fidalgos iam depós o rei carreando pedras; e o patriarca de Lisboa, que também assistiu, abençoou o lugar que se presumiu ser muito a contento de Santo António.

No percurso de treze anos, dia por dia, 25.000 operários trabalharam na obra; e, durante três meses de preparos no interior do templo para o cerimonial da consagração, acrescentaram-lhes mais 20.000. Mas havia ainda muito que fazer em Mafra. Por mais de um ano, aquele exército de obreiros, em que se avultavam distintos escultores, prosseguiram na lida até que se anunciou que o ingente monumento, - mosteiro, basílica e palácio - era enfim acabado. O remate foi estrondosamente solenizado pela corte. Houve casa e mesa franca por oito dias para todos os bem-vindos que a quisessem.

Que mudança para os pobres frades da Arrábida! De um triste cabanal em charneca passaram para este mosteiro real construído das mais ricas pedreiras de Pero Pinheiro, que lhe deram o finíssimo pórfiro variegado, e do admirável mármore preto de Colares, e do selecto jaspe colorido da serra da Arrábida. Aos frades desta ordem era defeso, em virtude do austero voto de pobreza, officiar com vestimentas bordadas a ouro, prata e pedras preciosas. Ora, D. João, como extremado católico, não podia querer que a austeridade se relaxasse, em obséquio aos frades. Portanto, a rouparia conventual, em vez de cintilar com os dourados, como aliás de certo sucederia, compunha-se da mais fina seda que se pôde manufacturar para tal fim, e cada vestuário era ornado de bordados de grande labor e perfeitíssima execução. Era tamanho o luxo que se conta - mas eu duvido - que a vestiaría monacal e paramentos de altar e outros adornos semelhantes custaram tanto como custou o edifício todo, e que o tempo consumido em fabricá-lo foi menos que o dispendido nos bordados. Ainda subsiste porção destas ricas vestimentas; as outras

levaram-nas os franceses que as admiraram e roubaram quando por aí estiveram. Nunca se soube ao certo o total do custo de Mafra. Conjecturaram-se cerca de cinco milhões; sendo que os mármorees estavam ali perto e o jaspe e mais pedras eram nacionais.

[...]. Chamaram a D. João V *o mais luxuoso dos Salomões modernos*: ora a sua semelhança com o hebreu protótipo não está somente em terem ambos edificado templos majestosos... Não obstante, em 1748, dois anos antes de morrer, em paga dos serviços prestados à Igreja, recebeu D. João do Papa Benedito XIV o titulo de *Fidelíssimo* que os reis portugueses actualmente usam. D. José, seu sucessor, gostaria muito mais de encontrar os cofres repletos.

Já houve em Mafra quartel de tropa; actualmente, está ali o colégio militar para filhos orfanados de oficiais do exército. Se os meios lhes escasseiam, lá se educam militarmente à custa do Estado.

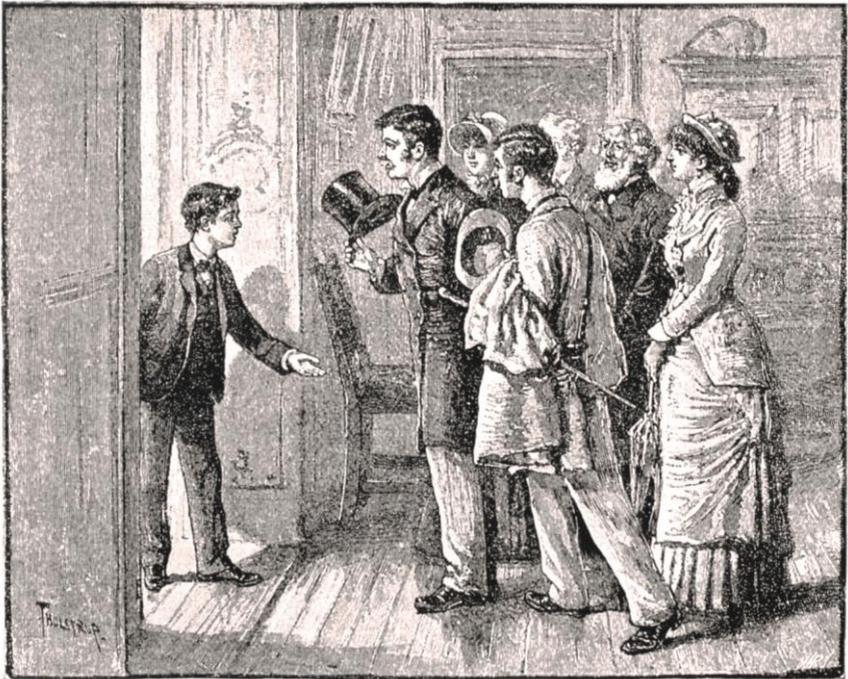
Só por sua extensão, que mede oitocentos pés, a principal frontaria de Mafra que olha ao poente, bastaria a impressionar. Sobese para o pórtico cheio de imagens de santos de perfeita escultura por uma vasta escadaria de mármore. O zimbório de elegantes proporções rodeado por uma larga varanda, é a perspectiva mais para admirar daquele edificio. De cada lado alteia-se um torreão rodeado de pilares, e em cada extremidade do edificio surge um pavilhão. Em outras duas torres, estão os celebrados carrilhões, com cinquenta e um sinos cada um, fabricados em Liège. São complicadamente construídos, e custaram enorme quantia. É arrebatadora, ao entrar no templo, a magnificência dos mármorees variegados, dos pórfiros, dos mosaicos, dos pavimentos, dos estuques, das colunas e paredes, não obstante as nódoas, o desbotar dos anos e o descuido que se manifestam em muitos objectos. Havia e creio que há ainda seis órgãos. O retábulo do altar mor, tido em conta de obra-prima, representa Santo António adorando o Menino Jesus. A livraria orça por 300 pés de comprimento; é lajeada de mármorees de mármore branco e rosa, contém cerca de 25.000 volumes e alguns raros manuscritos. A sala do trono conserva ainda os seus pesados reposteiros de veludo e seda, que dizem ser os genuínos que se usavam em dias solenes no tempo de D. João V. O estilo do mosteiro é o clássico italiano. Frederico Ludovici, alemão que italianizara o nome, foi o architecto.

Mafra, em seu complexo, assombra-vos porque é coisa para espantar quanto a tamanho e urdiduras; mas por beleza, não. Talvez que a fantasia não possa idear mais grandiosos espectáculos do que

deviam ser aqueles esplendores monásticos e realengos em dias festivos, quando nas vastas e confortáveis celas se abrigavam trezentos monges pitorescamente vestidos; quando o pio e magnífico e espaventoso Lotário, D. João, com a rainha e suas açafatas e seus próceres, enchiam os dois palácios ou pavilhões; quando diariamente se cantava missa no soberbo altar, com a máxima pompa; quando as damas da corte e prazenteiros fidalgos divagavam por aqueles jardins; quando a religião e o prazer andavam de braço dado, e as imponentes cerimónias do templo se revezavam com festas de grandeza real. Todas as pompas e vaidades realengas e monásticas passaram, e o magnífico Escorial de Mafra recorda, naquela planície erma, um século corrupto, pródigo e devasso.

## ANÓNIMO

*Tomás de Mello Breyner recebe no Palácio de Mafra um grupo de ingleses (1880). Gravura anónima, a partir de desenho, publicada na Harper's New Monthly Magazine (v. 63, n. 375, Ago. 1881), de Londres, acompanhando relato da excursão e, posteriormente, no v. 1 das Memórias do celebrado médico e 4º Conde de Mafra.*



## JANE LECK

Publicou *Iberian sketches: travels in Portugal and in the north-west of Spain* (Glasgow, 1884). Dedicou algumas páginas do capítulo 7 ao Monumento de Mafra, que visitou num dia ventoso. Considera a Basílica “o único acontecimento redentor” na vila, sublinhando a sua magnificência (p. 93-98) e descrevendo sumariamente um casamento que presenciou.

### **De Sintra a Mafra - Mafra. A igreja e o palácio - A Batalha**

A estrada de Sintra para Mafra é bastante árida; salvam-na, porém, da monotonia a abundância e variedade das flores silvestres e a sempre bonita vista da serra de Sintra, que nunca deixamos de ver. No caminho não há qualquer povoação, seja de que tamanho for, a não ser Cheleiros, em cujas cercanias existem grandes vinhedos. As cepas são mantidas baixas, a rastejar sobre montículos de terra, a fim de, segundo suponho, aromatizar o fruto para obter um vinho especial.

Mais ou menos a meio caminho de Sintra para Mafra há uma granja-modelo, ou quinta científica, na qual são utilizadas as mais recentes alfaias agrícolas. Os campos são muito mais amplos que o habitual no país, e as novidades surgem incomparavelmente melhores e mais temporãs que nas vizinhanças. Pelo rápido relance que lhes demos ao passar, as instalações pareceram-nos cómodas e bem mantidas; incluem uma oficina de marceneiro, uma forja e outras dependências, decerto destinadas a todos os trabalhos da granja. A agricultura é, regra geral, praticada em toda a Península de uma maneira muito primitiva; o arado, por exemplo, é igual ao que continua a ser usado nas Hébrides exteriores: um comprido madeiro encurvado com uma relha rudimentar na extremidade. Estes toscos arados são invariavelmente tirados a bois.

A grande mole monástica de Mafra começou a ser construída em 1717 por ordem de João V de Portugal, em cumprimento de uma promessa segundo a qual transformaria o mais pobre convento do seu reino no mais rico de todos eles se lhe nascesse um herdeiro para o trono. É um enorme edifício de pedra, quadrangular, perfeitamente raso, com excepção de dois torreões baixos com cobertura de zinco, um em cada extremidade, e da igreja que está ao centro da frente

oeste, com fachada à italiana e duas torres. Pode-se fazer uma ideia das dimensões deste edifício sabendo que se diz - seja ou não verdade - que na sua cobertura poderiam receber instrução dez mil soldados. Muito poucos anos bastaram para se erguer tão grande massa de cantaria, pois trabalharam nela milhares de operários. Conta-se que, quando os sinos foram encomendados na Holanda, os fundidores holandeses recusaram a encomenda com receio de que um país tão pequeno como Portugal não pudesse arcar com a despesa, mas que o rei os tranquilizou mandando-lhes fazer um conjunto de sinos pelo dobro do preço inicial e pagando-lhos por adiantado.

[...]. Estavam visíveis poucas pessoas, e todas elas tinham o mesmo aspecto melancólico e apático. Foi com alguma dificuldade que conseguimos arranjar um guia que nos conduziu pelo interior do palácio vazio com ares de carrancuda indiferença e que só no fim mostrou um sorriso quando recebeu uma gratificação maior que aquela que, evidentemente, esperava.

O corredor principal do palácio mede 770 pés de comprimento.

Abrem para ele inúmeráveis salas e sucessões de salas devolutas e sem tapeçarias, mas muitas delas ostentam tectos requintadamente pintados. Uma sala em especial - a Sala da Audiência - tem belas pinturas, tanto no tecto como nas paredes. Alguns dos painéis, pintados em imitação de baixos-relevos de mármore, foram executados com tanta perfeição que só pelo tacto nos convencemos de a sua superfície ser lisa. Apenas a biblioteca - um comprido salão com galeria, alargado a meio por duas fundas sacadas envidraçadas - continua num estado mais ou menos igual ao original. Contém uma colecção, muito grande e muito valiosa, de livros sobre todos os assuntos e em todas as línguas; mas um bibliófilo ficaria com o coração a sangrar se visse a destruição que as cruéis e impunes baratas têm feito nas esplêndidas encadernações de pergaminho e de carneira.

Por toda a parte há gonzos que não funcionam, a obra de madeira dá de si e estala, e as próprias pedras se vão esboroando, por pura e simples negligência. A parte monástica do edifício não está em melhor situação que a palaciana. Foi construída para acolher 300 frades, mas nem nos seus mais prósperos dias chegou a ter mais de metade desse número. Hoje, todo o seu pessoal eclesiástico se reduz a um prior, o cura da aldeia. O actual, que encontrámos na igreja, é um homem muito cavalheiresco, bastante bom conhecedor do francês e decidido a não morrer sem ter também dominado o inglês. Que

sociedade compatível com ele pode esse homem encontrar na melancólica aldeiazinha de Mafra, é para mim um enigma. Talvez esta vida esteja reservada para os que desejam fazer penitência.

A igreja, [...]é realmente magnífica. É um espaçoso edifício cruciforme com alta cúpula, inteiramente constituído por mármore coloridos locais que, no entanto, muito necessitam de limpeza e polimento. A maior parte das belas estátuas que adornam a igreja foi talhada em mármore de Carrara por artistas italianos. Mas os imensos baixos-relevos de mármore que formam os altares das capelas do transepto são obra de artistas nacionais, dignas do nobre edifício que adornam. Justamente por baixo de uma dessas finas peças de escultura está, porém, pendurada uma estampa colorida horrorosamente feia, por cuja presença o nosso amigo prior nos pediu desculpa. Se pudesse agir à sua vontade - disse-, já teria feito desaparecer tão berrantes e incongruentes decorações, mas o gosto do povo tinha de ser respeitado. As capelas laterais estão separadas por altos e belos gradeamentos de ferro forjado de manufatura belga. É triste ver praticamente abandonado um lugar destes, para cuja ornamentação ainda há século e meio se não achou grande nenhum esforço ou despesa. A ruína total teria um efeito menos deprimente.

Enquanto estávamos na igreja, tivemos a sorte de assistir a um casamento de camponeses. Os noivos eram realmente idosos - ou, como o padre nos disse depois, menos compassivo: *ils étaient assez durs*. Salvo poucas excepções, as amigas da noiva vinham vestidas de seda lustrosa azul e traziam grossas cadeias e brincos de ouro. Ninguém no grupo mostrou grande comoção: a curiosidade pelas nossas pessoas suplantava o seu interesse pelo caso do dia. O serviço religioso foi muito breve, com evidente alívio do noivo, que, estou certa, não se mostraria mais lúgubre se o estivessem a condenar à força.

De Mafra, voltámos para Sintra pelo mesmo caminho. Em muitos sítios, as bermas da estrada estavam coloridas de púrpura por uma espécie de pequena espadana (*Iris sisvrinchium*) que nenhum de nós tinha notado de manhã, embora sempre todos a ver se encontrávamos flores silvestres; do que deduzimos, acho que com razão, que esta florinha deve ter hábitos preguiçosos e só desperta à tarde. Colhi várias delas no intuito de espalmá-las em Sintra, mas fecharam rapidamente, encurvando as pétalas umas sobre as outras e transformando-se numa espécie de botõesinhos de açafraão, e não houve maneira de fazê-las abrir de novo. Não vimos laranjeiras

nenhumas entre Mafra e Sintra, se bem que em linha recta não se esteja ali a muitas milhas de Setúbal, do outro lado do Tejo, que é uma da melhores regiões de laranjas de Portugal apesar de Sintra ser um dos primeiros lugares da Europa onde a laranja foi introduzida.

### **Sintra to Mafra – Mafra Church and Palace**

The road between Sintra and Mafra is rather bleak, but is redeemed from monotony by the abundance and variety of wildflowers, and by the ever beautiful view which one never loses of Sintra hill. There is only one village of any size on the way, Chilhero [Cheleiros], in the neighbourhood of which grapes are extensively cultivated. The vines are kept low, and trained over small mounds of earth, to flavour the fruit, I suppose, for a particular wine.

About midway between Sintra and Mafra there is a model, or scientific farm, on which the newest agricultural implements are used. The fields are much larger than is usual in Portugal, and the crops appear incomparably better, as well as much earlier, than those even in the immediate neighbourhood. From the passing glimpse we had of the steadying it seemed commodious and well kept, including within its limits a joiner's shop and a blacksmith's forge, with other conveniences doubtless for the thorough working of a farm. As a rule, farming is carried on throughout the Peninsula in a very primitive manner; the plough, for instance, being such as in use in the outer Hebrides, namely, a long bent pole with a rough coulter at the end of it. Those rude ploughs are drawn almost invariably by oxen.

The huge monastic pile of Mafra was commenced in 1717 by John V of Portugal, in fulfilment of his vow to convert the poorest monastery of his kingdom into the richest, in the event of an heir being born to his throne. It is a large quadrangular stone building, perfectly plain except for a low zinc-roofed tower at each corner, and the Italian façade and towers to the church which forms the centre of the western front. One can have an idea of the extent of the building from the belief, whether correct or not, that ten thousand troops could be exercised on the roof. A very few years sufficed for the erection of this mass of masonry, for thousands of workmen were employed in it. It is said that when the order was given in Holland for the bells, the

Dutch founders at first refused to undertake the commission, fearing that a small country like Portugal could not bear the expense; the king, however, set their minds at rest by giving orders for a set of bells at double the originally estimated cost, for which he paid in advance.

“Talk not of grief till thou hast seen the tears of war-like men”, and talk not of desolation till you have seen Mafra. We saw it on a dull windy day that accorded well with the deserted aspect of the little village, over which the colossal convent-palace appears to shed the baleful influence of the Upas tree. There were few people to be seen, and those few all wore the same listless melancholy look. With some difficulty we succeeded in getting hold of a guide, who marshalled us through the empty palace with an air of grim indifference, only giving way to a smile when, at the end, he got rather a larger gratuity than evidently he had expected.

The main corridor of the palace is 770 feet long, from its open rooms and suites of rooms innumerable, empty and uncarpeted, but many of them with exquisitely painted ceilings. One room in particular, the *Sala da Audiência*, is beautifully painted both on walls and ceiling. Some of its panels, painted in imitation of marble bas-reliefs, are so perfectly executed that nothing short of actually touching them is sufficient to convince one of their flat surface. The library alone, a long galleried hall, made broader in the middle by deep oriel windows, remains in something like its former state. It contains a very large and valuable collection of books on all subjects and in all languages, but it would make the heart of a bibliophile bleed, to see the havoc that is wrought in the splendid vellum and calf bindings by the ruthless and unmolested beetles.

Everywhere hinges are failing, woodwork starting and splitting, and the very stones crumbling away from sheer neglect. The monastic portion of the building is in no better plight than the palatial. It was built to accommodate 300 monks, though even in its palmiest days it never had more than half that number. Now, however, the whole ecclesiastical stall consists of one curé, the village priest. The present incumbent, whom we met in the church, is a most gentlemanlike man, pretty well acquainted with French, and determined not to die till he has mastered English also. What congenial society such a man can find in the melancholy little village of Mafra, is a puzzle to me. Perhaps this living may be reserved for those who wish to do penance.

The church is the only redeeming feature of Mafra, and it really is magnificent. It is spacious cruciform building with a high dome, and is composed entirely of native coloured marbles, which are in great need, however, of cleaning and polishing. Most of the beautiful statues which adorn the church were wrought in Carrara marble by Italian artists. The immense marble bas-reliefs, however, which form the altar-pieces of the transept chapels, are the work of native artists, and are worthy of the noble building they adorn. Just beneath one of these exquisite pieces of sculpture, there hung a hideously ugly coloured print, for the presence of which our friend the priest apologised. If he could have his own way, he said, he would do away with such tawdry and incongruous decorations, but the taste of the people had to be recognised. The side chapels are partitioned off by high and beautifully wrought iron screens of Belgian manufacture. It is sad to see such a place almost deserted, for the adornment of which, only a century and a half ago, no trouble nor expense was deemed too great. An utter ruin would have a less depressing effect.

We had the good fortune while in the church to witness a peasant's wedding. The contracting parties were certainly of age, or as the priest put it to us afterwards less mercifully, "ils étaient assez durs". The bride's friends were dressed almost all in brilliant blue silk, and wore heavy gold chains and earrings. There was little emotion displayed by any of the party, curiosity regarding us quite superseding their interest in the business of the day. The service was very short, much to the evident relief of the happy man, who I am sure will not look more lugubrious should he ever be sentenced to be hanged.

From Mafra we drove back to Sintra as we came. In many places the roadsides were purple with a kind of small flag (*Iris sisyrinchium*) which none of us had noticed in the morning, although we had all been looking out for wild flowers; from which we have concluded, I think reasonably, that this particular floweret must be lazy in its habits, waking up only in the afternoon. [...].

## HENRY NOEL SHORE

Quinto Barão de Teignmouth (1847-1926). Oficial da Royal Navy, dedicou-se à investigação do contrabando na Cornualha, tendo publicado a esse propósito *Smuggling Days and smuggling Ways* (Londres, 1881). É autor de *Three pleasant springs in Portugal*, (Londres, 1899), obra na qual reporta uma visita a Mafra (p. 114-122).

O nosso passeio mais agradável foi a Mafra - cerca de dezassete milhas -, por uma estrada pouco conhecida dos estrangeiros mas de longe preferível à habitual, que parte de Sintra e atravessa uma região monótona e sem interesse. A estrada que parte de Torres conduz-nos, pelo contrário, através da bonita e variada paisagem montanhosa do desfiladeiro de Mafra.

Grande parte do percurso segue o traçado da velha estrada calçada de Lisboa para o norte, da qual nos aparecem *en route* frequentes vestígios. Depois de subir a serra de Chipre e de passar pela pitoresca aldeia do Gradil, a estrada desce para uma funda garganta, talvez a mil pés mais abaixo, onde atravessa o rio de S. Lourenço - que no Verão é um mero fio de água-, e começa depois a subir uma sucessão de suaves rampas em linha quebrada, admirável obra de engenharia, até alcançar o cimo dos montes, de onde há grandiosas vistas de uma bela paisagem. Na pressa de chegar ao seu destino, a antiga calçada corria a direito pela encosta acima até junto do alto muro que encerra a Tapada, ou parque real, de Mafra, que cobre ampla extensão de terreno e proporciona bom recreio aos régios caçadores.

Resistirei à tentação de desatar a elogiar as glórias e maravilhas da combinação de convento, palácio e igreja de Mafra, correntemente chamada "Escorial de Portugal", pela muito excelente razão de ela já ter sido descrita e redescrita por todos os viajantes que a visitaram. Bastará dizer que o seu pio fundador se consumia no desejo de construir uma coisa grande - de "marcar pontos" sobre os seus vizinhos espanhóis -, e construiu, de facto, uma coisa muito grande; no entanto, João V não era homem que se ralasse muito para saber se ela fazia alguma falta ao país ou se este ficava um nadinha melhor com ela. O leitor que goste de estudar estatísticas para desenfastiar a mente

encontrará em variados guias e manuais de viagem, e aí louvados com o seco humor próprio desta espécie de sabedoria, todos os pormenores relativos ao comprimento, largura e altura do edifício, ao número das suas janelas e das suas portas, ao tamanho das salas, à quantidade dos livros existentes na biblioteca e até ao número de soldados que poderiam manobrar na cobertura.

A história da sua origem é de algum interesse como exemplificação dos princípios subjacentes à maioria dos empreendimentos régios em Portugal. Mafra foi construída por D. João V, esse "paradigma de esplendor e santidade", em cumprimento de uma promessa, mas parece incerto se essa promessa foi dele ou de sua esposa, Maria Ana de Áustria. As autoridades divergem neste ponto, e também no tocante à natureza da promessa. A versão comumente aceite diz que a promessa estava condicionada ao nascimento de um herdeiro do trono; e este auspicioso acontecimento veio a realizar-se por intercessão do obsequioso santo que tanto fez por Portugal: Santo António. Uma cláusula vinculativa do contracto estipulava que o convento teria de ser erguido no local onde se encontrasse a mais pobre casa de religiosos do país, a qual acabou por ser descoberta em Mafra. Uma vez fixado o local, João V entregou-se à construção do que não só deveria ser o mais magnífico templo de Portugal como teria de eclipsar, se possível, com o seu esplendor e grandiosidade, as glórias do Escorial espanhol. Não havia qualquer embaraçoso problema com os gastos, uma vez que, como soberano despótico, João V podia meter a mão à sua vontade nas bolsas nacionais; e meteu-a, como os reis adoram metê-la quando não há contas a prestar. Portugal forneceu os materiais: pedras, mármore e jaspes, e foi dito que trabalharam naquela obra 25.000 operários durante treze anos. De facto, é mais que sugerido por um escritor do século passado que o único uso que João V alguma vez fez dos seus soldados foi para escavar e transportar as pedras com que mandou construir em Mafra "uma igreja e um convento magníficos para trezentos madraços".

As ornamentações interiores foram efectuadas na mais dispendiosa e extravagante escala - a Europa foi esquadrihada em busca de escultores e outros artistas-, e nos preparativos da consagração esteve empregado durante um ano um exército adicional de 20.000 trabalhadores. [...].

O custo desta régia loucura foi simplesmente aterrador. Já foi avaliado em cinco milhões de libras esterlinas - o bastante para dar ao reino uma esquadra verdadeiramente de respeito! - Mas a verdadeira quantia nunca será conhecida, visto que D. João nunca se dignou submeter as contas à auditoria pública. Além disso, já foi afirmado que os paramentos e as ornamentações dos altares, especialmente manufacturados em Lyon com as mais ricas sedas e os mais sumptuosos bordados, por pouco não igualaram o custo de todo o edifício; e os carrilhões instalados nas duas torres - cinquenta e sete sinos em cada uma - foram feitos em Liège por mais de quatro milhões de francos.

Assim é o Escorial de Portugal - o *chef d'oeuvre* do "mais magnífico dos modernos Salomões", D. João V, de quem está registado que "se deixara dominar por uma nobreza corrompida, um clero intriguista e ardisoso e mulheres de mau carácter". Na verdade, a semelhança dos dois Salomões não se limita à edificação de um templo, pois João V

"wide as his command,  
scattered his Maker's image through the land" 7.

Sem entrar em pormenores, podemos anotar que o interesse que este pio monarca manifestava pelas formosas ocupantes de um convento de freiras próximo de Lisboa esteve prestes a desencadear um escândalo. João V não foi, contudo, o único "firme membro da igreja" a cujos descuidos se fez vista grossa desde que "saldasse a dívida"; mas nunca enquanto este mundo durar se saberá se a construção do templo de Mafra foi levada a seu favor na conta da rectidão.

"Poderíamos supor - observa causticamente Murphy - que este sumptuoso edifício se destinava a comemorar o triunfo da loucura, da beatice e da Inquisição". O rei João instalou ali trezentos frades, e era nessa casa de religião que o monarca costumava "recolher-se" com algumas especiais pessoas laicas da sua predilecção para estimular umas recreações teatrais em que o elenco dos actores, a orquestra e o público eram inteiramente constituídos por frades: precedente que, a avaliar por aquele espectáculo dado em Alcobaça que Beckford tão

---

7 [...] com amplidão igual à do seu poder, /semeou na terra a imagem do Criador.

apropriadamente descreveu, não tardou a ser adoptado por outras casas de religião.

Nunca um fiel filho da Igreja conseguiu tão elevada cotação com as suas escorregadelas morais como João V, esse paradigma de esplendor e santidade; e nunca uma nação pagou mais pesada multa pelos pecados dos seus monarcas que o pobre Portugal, porque era, evidentemente, com o dinheiro que os seus súbditos granjeavam com o suor dos seus rostos que o pio rei João "calava" a Igreja. E, com o cofre público à sua discrição, pecava muito regiamente. Na verdade, talvez Portugal nunca se tenha recomposto do esbanjamento dos recursos nacionais que preencheu o reinado do rei João. Até já foi afirmado que não havia no tesouro quinhentas libras quando ele se decidiu a morrer.

É claro que - como quadrava ao representante do Todo-Poderoso na terra - o Papa achou seu dever recompensar tanta devoção; e, em paga dos "serviços prestados à Igreja" por João, conferiu-lhe o título de "fidelíssimo", que desde então tem sido ostentado pelos reis de Portugal. O fim deste firme membro da Igreja correspondeu à sua vida: "Depois de viver como um sultão no gozo do seu prazer favorito - diz um escritor do século passado-, teve não só o tempo, como também todos os meios de conversão e reconciliação com o Céu que padres dissimulados e bajuladores podiam proporcionar-lhe, para morrer como um santo (1750); de modo que os seus súbditos disseram a respeito dele que 'viveu e morreu exactamente como podia ter desejado'". Na verdade, a parábola sobre o camelo e o fundo da agulha nunca poderia ser aplicada aos reis de Portugal!

Surgiu depois no país um ministro que não dava importância nenhuma das coisas que divertiam João V e que, pelo contrário, detestava jesuítas e clérigos, tratou de ter mão forte sobre os seus direitos, os seus privilégios e a sua propriedade, e cedo farejou as infâmias do régio pombal monástico de Mafra. Esse ministro foi Pombal, que dedicou a sua vida a erradicar o "bichedo monástico" que despovoava e arruinava Portugal. E, de todas as ordens religiosas, Pombal via que as mendicantes eram as mais nefastas. Deste modo, os trezentos franciscanos que vegetavam em Mafra foram mandados tratar das suas vidas e o convento foi confiado aos cônegos regulares de Santo Agostinho, que viviam de rendimentos próprios e por isso

estavam menos inclinados a explorar e empobrecer todos os que os rodeavam.

No seu girar, a roda do tempo trouxe a desforra aos franciscanos, porque, depois da morte do rei José, que achara por bem deixar as rédeas do governo na firme mão do seu hábil e decidido ministro Pombal - o Richelieu de Portugal, como lhe chamaram - , houve uma "viradeira geral"; o poderio de Pombal desfez-se, e foi grande a decadência que se lhe seguiu: dentro de poucos anos, "uma rainha imbecil e supersticiosa" reinstalava os franciscanos em Mafra e restituía-lhes todos os antigos privilégios. O modo como esta restauração foi efectuada lança uma luz tão impressionante sobre o governo monárquico de Portugal que vale a pena recordá-lo, tanto mais que os livros-guias se mostram diplomaticamente silenciosos sobre tais assuntos e, na verdade, sobre tudo quanto possa fazer nova luz sobre o governo monárquico na terra de Camões.

Os factos são, em resumo, os seguintes: quando o Príncipe do Brasil casou, o seu confessor - que era franciscano e ansiava, muito naturalmente, pela restauração da sua ordem no seu convento e nos seus direitos - disse-lhe que nunca teria um filho enquanto os franciscanos não estivessem reinstalados em Mafra. "O Príncipe teve fé, os mendicantes tiveram Mafra, S. Francisco teve piedade e a Princesa teve um filho". Entre os nomes dados no baptismo a este "esperançoso jovem", figurava o de um santo cuja escolha deu origem à contínua perplexidade dos cortesãos. Finalmente, tendo a dúvida sido exposta directamente ao Príncipe, este explicou à sua intrigada corte que esse nome fora escolhido por ter sido no dia desse santo que se lhe metera na cabeça ter um filho!

De novo a roda do tempo trouxe uma viragem nos destinos dos habitantes da régia Mafra - a saber, a chegada dos franceses, cuja sensibilidade artística foi fortemente excitada pelo espectáculo de tão grande esplendor, do que resultou dizer-se desses "libertadores dos oprimidos" que não só se apaixonaram pelos paramentos da igreja como anexaram alguns dos melhores como recordações da sua visita. Diga-se, no entanto, para seu crédito, que deixaram intacta a biblioteca e intacto o convento - podiam perfeitamente ser dispensados alguns bonitos paramentos.

Mais uma vez girou a roda, e eis que uma brigada da cavalaria britânica se aquartelou ali: a maior parte do 16.º de Dragões Ligeiros foi instalada nos estábulos e claustros do convento. Depois disto, a

maré da guerra seguiu o seu curso: os soldados partiram e de novo Mafra ficou entregue à solidão e aos franciscanos.

Mas os anos continuavam passando: em 1827, durante as turbulências miguelistas e perante a ameaça da intervenção espanhola, o convento de Mafra foi ocupado por tropas britânicas, cujo comandante, o general Sir Richard Blakeney, ficou instalado no palácio. É agradável ler que o comportamento das tropas se revelou excelente: "o máximo da agressão britânica parece ter consistido num ou outro lançamento pela janela de um sapato velho para um jardim abandonado" - escreveu um visitante. Na realidade, esta "ocupação britânica", como muitas outras, só deixou recordações agradáveis:

"Foi um prazer ouvir os elogios que em toda a parte faziam aos nossos militares - escrevia o mesmo autor-, e até de pessoas das mais opostas aos princípios que os haviam trazido ao reino".

Estava reservado a homens de sangue português desferir em Mafra o golpe fatal: os piores inimigos das ordens religiosas eram os seus próprios membros.

Havia já muitos anos que os excessos do sistema monástico bradavam aos céus, mas não se podia esperar nenhuma reforma por iniciativa das próprias ordens, pois todo o exército fradesco se havia desde sempre mostrado unicamente disposto a conservar "as coisas" e a utilizar todo o poder e influência da Igreja para apoiar uma casta de monarcas despóticos e imbecis que mantinham os direitos e privilégios das ordens em troca dos seus fiéis serviços. "Tu fazes-me cócegas a mim e eu faço-te cócegas a ti, Toby!"<sup>8</sup> O golpe foi desferido em 1834, com o decreto que impôs a extinção das ordens religiosas e a dissolução de todos os mosteiros e conventos de Portugal; e quem dirá que o castigo não era merecido? De então em diante, Mafra deixou de ser um refúgio de madraços e depravados; o edifício foi adaptado a usos nacionais e alberga hoje um colégio militar, um asilo para filhos de militares, o tribunal cível da comarca e uma escola prática de infantaria. A única parte dessa vasta construção que ainda conserva algo do seu antigo esplendor é a igreja, uma maravilha de trabalho ornamental e de valiosíssimos mármore.

O visitante que hoje deambula pelos tristes aposentos da régia Mafra deve reflectir sobre as circunstâncias que estiveram na sua

---

<sup>8</sup> Toby é o nome do cão (vivo) que nos inícios do século XIX passou a integrar o elenco de "Punch and Judy", peça de fantoches, versão inglesa do *Pulcinella* italiano.

origem. Alguma familiaridade com os factos aqui brevemente resumidos não irá, segundo cremos, diminuir de qualquer modo o interesse com que ele a contempla.

Depois de ver de Mafra o bastante para nos certificar de que estávamos perante "um facto concreto" e háo um mito, como certo clérigo céptico disse uma vez da Grande Muralha da China, fizemos inúteis esforços para conseguir uma leve refeição no "hotel" da vila.

Mas já eram horas do jantar, cerca das quatro e meia, e - como por mais de uma vez verifiquei, para meu desgosto e muito grave desconforto - a essa solene hora não vale a pena pedir nas estalagens portuguesas nada que se pareça com uma leve refeição. Jantar, pode-se; mas comer qualquer coisa de qualquer outra forma, nunca! Deste modo, fomos para uma pequena taberna onde obtivemos o sustento desejado.

Lembro-me de ter lido num velho livro de viagens que um dos bons efeitos da ocupação britânica de Mafra em 1827 foi a abertura de uma estalagem que podia competir com as da velha Inglaterra no tocante a conforto e a asseio. Ai! Muitas mudanças sofreu Mafra desde esses remotos tempos. A única estalagem que hoje ali tem as portas abertas aos viajantes é mencionada num livro-guia português com a qualificação de "aceitável".

## A. C. INCHBOLD

Em 1907, publicou *Lisbon and Cintra with some account of other cities and historical sites in Portugal* (Londres), opinando que “vale a pena visitar Mafra, quanto mais não seja para ver apenas a sua magnífica igreja”. Alude ao “curioso eco” da sala Elíptica, ao Refeitório, ao Claustro do buxo, à Biblioteca, “a sala mais nobre do edifício”, à Tapada e aos Carrilhões (p. 180-181).

### Lisbon and Sintra

[...]. The foundation of this edifice is attributed to a vow made by D. João V, when he was anxious to secure an heir to the throne; it was to the effect of erecting a monastery for poor monks of the Arrabida, who had a small hospice in the village of Mafra. As King João had already been blessed with a daughter and four sons before he laid the first stone of his colossal enterprise, others attribute its erection to his great desire to become celebrated by perpetuating his glory in this durable, stupendous shape to future generations. When the work began, the art of stone carving had been forgotten in Portugal. A new school was formed at Mafra that developed during the thirteen years of its construction, and continuing at Ajuda, has produced the masters of to-day. “When you return to your homes” D. João is stated to have said to his artists and sculptors, “it will be enough for you to say you have worked in the building of Mafra to receive the reply: Here then is a great artist“.

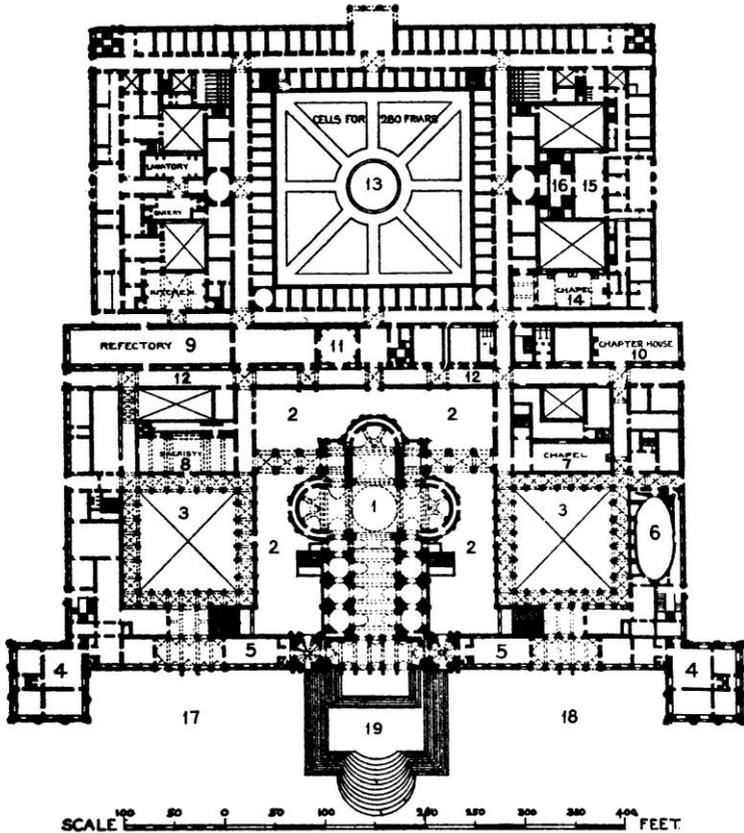
The church is in the centre of the long façade between the two towers. A gentle ascent, paved with the usual mosaic of black and white stones, leads up to the handsome peristyle formed with six Ionic columns, which, separating three arches, constitute the portico of the church. The whole interior shows a marvellous combination of different coloured marbles, superb bas-reliefs, and statues of Carrara marble, finely sculptured. The floor, the *zimbório*, the vaulted ceiling, are all inlaid with the same beautifully veined and polished marbles, the beautiful Corinthian columns are of marble, two high porticoes of black marble unite the lateral naves, and the sculptured flowers and foliage of finest finish are all executed in the marble. It is a perfect museum of marbles, and with the exception of the statues, all are from Portuguese quarries: the white, blue, pink, yellow, brown and black

marbles, veined and plain, all unite in the decoration and construction of what is pronounced by connoisseurs the most perfect and beautiful edifice of the Greco-Roman or Renaissance style erected in Portugal to the Christ of Rome. Mafra is worth visiting, if only for the sake of seeing this beautiful church alone. The palace and monastery are distinct, though often confounded together; in the latter the fine staircase of marble and the elliptical shaped Chapter House, with its marble tribune and curious, sonorous echo, are worthy of notice. The whole edifice is a perfect maze, in which the remaining points of interest are the sacristy, the *casa de lavatório*, the refectory, the great kitchen, the mortuary chapel, the rooms of the palace and the important mechanism of the wonderful bells. From one corridor is seen a beautiful garden in the square below, laid out in the fashion of Versailles, the box borders in their intricacy of pattern, presenting a charming lace-like effect. The great library is the noblest *sala* of the building. The whole of the vaulted ceiling and walls is richly panelled in Louis Quinze style, and a carved balustrade forms a gallery round the room. Thirty thousand volumes, systematically arranged, the most precious behind glass, line the shelves. Some rare *elzéviros* and valuable illuminated manuscripts are among them.

The Tapada and garden of the palace are delightful with their variety of trees and flowering shrubs, fountains and winding walks. There is a particular charm in the carillon of the noted Flemish bells, their melody vibrating in regular music phrases through the air like the tones of a sonorous musical box.

## WALTER CRUM WATSON

Na sua *Portuguese Architecture* (Londres, 1808), publica uma planta do piso térreo do Real Edifício, a qual peca por duas notáveis imprecisões, a saber: troca as posições da Sacristia e da Capela do Campo Santo; transforma a Sala dos Actos Escolares em Casa do Capítulo.





# **IMAGENS GERMÂNICAS**



## HEINRICH FRIEDRICH LINK

Médico, químico e naturalista (1767-1851). Visitou Portugal, entre 1797 e 1799, acompanhado pelo Conde de Hoffmannsegg. O futuro professor de História Natural, Botânica e Química nas Universidades de Rostok, Breslau e Berlim compôs na circunstância uma espécie de diário com o título original *Bemerkungen auf einer reise durch Frankreich, Spanien und verzuglich Portugal* (Keil e Helmstaedt, 1801-1804). A referência ao "castelo de Mafra com um convento imenso" ocorre no capítulo XXII. Acrescenta que a extraordinariamente dispendiosa obra de D. João V não abona em favor do bom gosto do seu autor. Opina que melhor havia sido empregar os tesouros do Brasil na criação de uma boa marinha.

### Capítulo XXII

[...]. Uma outra cadeia de montanhas, mais para Norte, estende-se paralelamente à serra de Sintra, unindo-se a esta por intermédio de outras serranias elevadas, mas interrompidas, como a Cabeça de Mentechique [Cabeço de Montachique], por exemplo. A partir do mar percebe-se que estas serras formam um vasto anfiteatro; [...]. No local onde baixam, em direcção ao oceano, acha-se situado o castelo de Mafra, com um convento imenso. Foi edificado pelo rei João V que era extremamente religioso e magnífico. Esta casa custou somas enormes. Quanto ao resto é uma massa informe que não abona a favor do gosto do seu autor. Podemos fazer uma ideia da dimensão deste edifício, se soubermos que a quantidade de metal empregado nos sinos, em barras, etc., em cada torre, ascende a 14.500 arrobas [cada arroba = 14,688 quilogramas]. João V teria feito melhor empregar os tesouros do Brasil na criação de uma boa marinha, único meio que podia e devia proporcionar a grandeza de Portugal.

## HEINRICH SCHÄEFER

Em 1836, iniciou-se em Hamburgo a publicação (que se prolongaria até 1854) da *Geschichte von Portugal* deste historiador (1794-1869). Nenhuma novidade apresenta, porquanto se baseia em obras anteriores. A tradução portuguesa, encetada por Sampaio Bruno, começou a ser editada no Porto, em 1893.

### **Construção de Mafra. A Capela de S. Roque. O Aqueduto de Alcântara**

Somas ainda muito maiores absorvia um outro empreendimento enorme do Rei D. João que foi começado no mesmo ano de 1716, a construção de Mafra; só que neste empreendimento boa parte daquelas somas caiu nas mãos de diligentes trabalhadores nacionais, artesãos, artistas e comerciantes e que a execução deste edifício promoveu e espalhou entre os portugueses a arte de talhar e trabalhar a pedra com rara perfeição assim como várias outras artes e a perícia técnica e ainda levou à descoberta das belas espécies de mármore na Serra de Sintra e nas pedreiras de Pero Pinheiro.

Sobre a construção deste mais belo monumento arquitectónico do novo Portugal, o qual compreende um Palácio, uma Igreja e um Convento cada um em grandes e magníficas proporções e ricamente adornado com os tesouros da arte, fornecem-nos pormenores as notícias dos ministros (embaixadores) e agentes franceses em Lisboa daquele tempo, a partir dos quais podemos formar uma ideia da dimensão das despesas e dos custos deste edifício esplendoroso mas também do desequilíbrio em que se encontravam as despesas para este único edifício e o conjunto das receitas e despesas do Estado.

Nos princípios do ano de 1716 o Rei lançou a primeira pedra da construção cujo final pareceu impossível como os contemporâneos acreditavam. O ministro francês escreveu então para a sua corte: Se o Rei continuar com o plano de construção desta obra incomensurável terá necessidade para a sua execução de todo o dinheiro que houver em Espanha e mesmo este não chegará; só que não é provável que ele persista uma vez que as receitas públicas estão esgotadas. Para a

continuação da magnífica construção o Rei mandou que se fizesse uma lista de todos os operários e artistas disseminados por todo o Reino. Os sinos foram fundidos em Paris e trazidos para Lisboa, por ordem de el-rei, em um navio, feito de propósito para esse fim. As sinetas dos carrilhões, essas, foram feitas em Antuérpia e Amsterdão, e custaram 50.000 moedas de ouro. Em Maio do ano de 1780, mandou el-rei trazer 1.500 cavalos regimentais para puxar os carros para Mafra; foram conduzidos pelo marquês de Marialva, que era então general da artilharia e ao mesmo tempo governador da província da Estremadura. Em um ofício do embaixador francês com data de 18 de Julho do mesmo ano, observa aquele que as construções custavam a el-rei, anualmente, passante de 12 milhões de cruzados mandando, para prova da sua asserção, as contas com o numero dos operários e dos jornaleiros, o qual subia a 47.836; a despesa anual, conforme esses cálculos, importava em 404.375\$400. Em Agosto do mesmo ano, participa o dito agente que el-rei mandara fabricar em Lisboa 2.000 carros para as obras, de maneira que todos os carpinteiros de carros estavam sobrecarregados de trabalho. Se por acaso acontecesse partir-se uma roda no coche de um embaixador ou ministro, não haveria ninguém para o concerto, e ele seria obrigado a ir a pé. Inaugurou-se a basílica de Mafra em 22 de Outubro de 1730.

Em Abril de 1731, ocupava el-rei em Mafra 12.000 operários, aos quais se devia o salário de 5 meses. Em Maio, o importe da dívida era, segundo o balanço de contas, de 3.435.000 cruzados.

A mesma extravagante prodigalidade que el-rei ostentara na grandiosa construção de Mafra, a concertou, em Lisboa, numa obra em ponto pequeno. Para se mostrar bem disposto ou grato para os jesuítas, mandou ele, na sua igreja deles, de S. Roque, edificio de exterior insignificante, construir e ornamentar do modo mais brilhante e dispendioso uma capela consagrada a S. João Baptista.

## FRIEDRICH HEINZELMANN

Escritor e viajante alemão, autor de *Reisebilder und Skizzen us der pyrenäischen Halbinsel* (Leipzig, 1851), obra na qual se reporta a Mafra.

Uma manhã, cavaleguei até Mafra, a três milhas de Lisboa, à qual os portugueses tanto gostam de chamar o seu "Escorial". O caminho passa por Cintra. A partir daí tem-se Mafra à frente dos olhos. Por fim chega-se ao longo muro do extenso parque do mosteiro, ou palácio e, depois de virar uma esquina, o viajante encontra-se no sopé do monumental edifício. A primeira impressão é fria e escura, quase medonha. Durante uma grave doença, D. João V tinha prometido mandar construir uma abadia no local do seu reino onde se encontrasse o mais pobre mosteiro. Após a sua convalescença, procurou-se por toda a parte e, a algumas milhas a noroeste de Lisboa, foi encontrada uma cabana habitada por alguns, poucos, capuchinhos. Aí foi cumprida a promessa do rei e edificado o palácio-convento, à imagem do Escorial espanhol. Também como aí, a igreja ocupa o espaço central, ocupando o convento, dividido em 300 celas, as partes laterais atrás do coro; também de ambos os lados da igreja há dois palácios, um dos quais destinado ao rei, o outro à rainha. [...] O edifício tem 1.150 pés quadrados e possui 2.500 janelas e portas, 860 salas, câmaras e celas, duas torres principais, cada uma com 350 pés de altura, uma cúpula central mais alta, um pátio extenso, dois pátios de tamanho médio e seis mais pequenos. Calculou-se que com a metade dos custos de aproximadamente quinze milhões de táleres, teria sido possível construir hospitais para todos os pobres do reino e casas de educação para todos os filhos de famílias pobres. Diz-se que o carrilhão das duas torres que consiste em 160 sinos, custou, só ele, um milhão de cruzados (cerca de 800.000 tálere). Os sinos pendurados em cima dos carrilhões, pesam, em cada torre, 3.295 meios-quintais. Durante treze anos (1717 a 1730) trabalharam em média, aproximadamente 15.000 trabalhadores, permanentemente, na sua construção. É incrível o número de capelas, meio perdidas nas partes mais distantes desta grande estrutura, destinadas ao rei, à corte, ao abade, a alguns santos, para missas de requiem para os defuntos, para doentes, prisioneiros, etc. Por toda a parte se repara numa abundância

de estátuas e obras em relevo feitas de mármore branco. As paredes das igrejas e dos seus altares estão cobertas com mármore preto e encarnado, de grão mais fino. Na igreja cabem mil pessoas, não contando com o coro, e está repleta de objectos preciosos de todo o tipo; para a estátua de prata no altar-mor, por si só, é indicado um valor de meio milhão de cruzados. O mosteiro contém uma biblioteca, instalada numa vasta sala arqueada, com aproximadamente 40.000 volumes que inclui variadíssimas obras antigas e raras. O telhado do mosteiro, revestido com placas de calcário branco, constitui simultaneamente um terraço. Dai se olha para o pátio central que, com as suas sebes de teixo e buxo, roseiras e toureiros, a par de alguns repuxos, forma um jardim ao gosto do antigo jardim francês. Vê-se também o parque que abrange três milhas portuguesas ao quadrado. Diz-se que está cheio de caça e que o rei o visita frequentemente para caçar. Na viagem de regresso, visitei ainda nos arredores de Cintra o famoso mosteiro de cortiça, que o grande vice-rei da Índia, João de Castro (t 1548) mandou construir entre os rochedos mais altos da montanha. O mosteiro foi totalmente picado no rochedo e a rocha está escavada de tal maneira que serve de abóbada para a igreja, sacristia e para a casa do cabido. Os aposentos subterrâneos recebem a sua luz através de aberturas obliquas furadas na rocha. Estas aberturas, assim como todas as paredes e o chão, estão cobertos de cortiça para não deixar entrar a humidade, recebendo daí o seu nome».

## GUSTAV VON HEERINGEN

Autor de *Meine Reise nach Portugal im Frühjahr 1836* (Leipzig, 1838), em cujo segundo volume descreve a sua visita a Mafra na Primavera de 1836 (p. 36-45).

### A Minha Viagem a Portugal na Primavera de 1836

[...]. Na manhã seguinte deixámos Sintra para viajar até Mafra a qual dista quatro a cinco léguas. Que manhã fresca, divina – que ar de ambrósia, que céu tão puro! Prazer desta beleza natural foi um pouco perturbado pelo mau caminho sem igual que em tempos foi uma estrada calçada na qual buracos profundos se alternavam com penedos quase impossíveis de trepar. As muares necessitavam de grande habilidade para ultrapassar estes obstáculos e caíam amiúde. Eu acho que é quase impossível passar por aqui com um carro e gostaria de saber qual foi o meio que os reis usaram para acalmar o sangue enfurecido quando nas suas carruagens pesadas e sem molas iam por esta estrada até Mafra o que acontecia frequentemente no tempo em que Mafra ainda era Convento Real ou o Escorial de Lisboa. Com certeza que nessa altura a estrada estava em muito melhor estado de conservação e que só se degradou a este ponto nos últimos tempos. Cavalgámos mais de quatro horas e alcançámos finalmente a Vila sobre uma pequena elevação cujos arredores se diferenciam nitidamente nos arredores de Sintra caracterizados por falta de árvores e uma espécie de deserto estéril. Tem cerca de dois mil habitantes e foi em tempos fortificada; muros altos com as suas travessas desconfortáveis pelas quais se tem que trepar cercam-na ainda porém logo que se sai destas tem-se a vista do fabuloso edifício diante do qual a Vila desaparece ou diante do qual jaz humilde como um escravo aos pés do seu orgulhoso senhor. Depois de nos termos saciado com arroz, galinhas, ovos e vinho na única hospedaria do lugar em casa de uma viúva com uma filha morena e alegre avançámos para a visita ao Convento o qual depois do Escorial é o maior e mais sumptuoso da península e que foi fundado pelo Rei D. João V nos princípios do século passado com um dispêndio de vinte milhões de cruzados. Compõe-se de uma magnífica basílica virada para a Vila, um

zimbório abobadado, duas torres sineiras, e para ambos os lados dois extensos palácios que terminam em torreões a partir dos quais começam em ângulo recto novas alas formam numerosos pátios interiores. O Monarca costumava passar uma parte do ano em comunidade com os monges os quais eram chamados frades arrábidos. Um construtor romano (mestre de obras - arquitecto) executou esta grande obra e artistas italianos, franceses e holandeses, decoraram-na com pinturas, estátuas e trabalhos em ouro e bronze. Esta obra é especialmente rica em relação a estátuas, encontrando-se expostas só no átrio da igreja chamado galilé e nas capelas laterais cinquenta e oito estátuas colossais de apóstolos e santos em mármore de carreira das quais algumas, tanto na forma como no acabamento podem ser chamadas verdadeiras obras primas. As pinturas dos altares foram trocadas mais tarde por baixos relevos em mármore executados efectivamente muito bem por artistas portugueses sob a orientação do romano Fusti [aliás, Giusti]. Contudo preferiria boas pinturas a estas obras de arte plásticas que pretas ou brancas, conforme a pedra, roubam à igreja o alegre jogo das cores e que talvez contribuam, apesar do esplendor incomensurável que a caracteriza, para lhe conferir aquele carácter sombrio e melancólico que todas as igrejas de Portugal têm. Esplendorosas ombreiras em mármore preto, degraus e escadas na mesma pedra, gradeamentos, vasos, ornamentos em metal, - especialmente os primeiros tão belos como eu nunca vi - e os infundáveis panejamentos de veludo ou damasco repetiam-se em todas as partes do colossal palácio. Vimos os aposentos reais, algumas centenas em número; as celas dos monges em não mais pequena quantidade; a rica biblioteca na qual descobri o *Theatrum Europaeum* e nele uma vista de Coburg - não é por causa disso que lhe chamo rica, mas porque tem expostos cinquenta mil volumes em duas magníficas salas; o refeitório dos monges onde ainda se encontravam sobre as mesas compridas a loiça branca de que se serviam às refeições; etc. Tenho de confessar que aqui cometi um pequeno crime pois roubei uma das inúmeras tigelas que se encontravam por todo o lado sem utilidade e em cujo fundo se pode ler a palavra Mafra. Não era mais que barro vidrado como quase todos os restantes pratos e chávenas que os santos padres tinham a uso. (nota de rodapé - esta tigelinha roubada deixei-a ficar por esquecimento alguns meses mais tarde a quando da minha partida de Paris no *Hotel des Princes*, Rue

Richelieu; ali onde só se usam recipientes de prata, deitaram-no fora como um caco sem sonhar que era de Mafra em Portugal)

Não posso deixar de falar dos magníficos e curiosos passadiços (singulares) sobre os telhados dos palácios cobertos com lajes de mármore branco. Ali a profundidade do panorama compensa a nudez dos arredores mais próximos. Estes soberbos e imensos passadiços nos quais é possível perdermo-nos como num labirinto têm as suas rotundas, os seus lugares de repouso, os seus terraços e ao tempo do Convento estavam luxuosamente ornamentados com vasos que continham plantas raras, provenientes do jardim botânico de Belém. O seu centro é o zimbório da igreja, tal como eles em mármore branco e de ambos os lados deste, à distância conveniente nascem dos pavimentos de tijoleira (que encandeiam ao brilho do sol) as duas belíssimas torres que igualmente em mármore branco são a glória de Mafra. Nestas se encontram carrilhões à maneira dos holandeses os quais a cada quarto de hora ainda agora fazem soar as suas vozes melodiosas, enquanto na igreja, grandes e solenes sinos soam e tocam. – O Convento e o palácio contêm em conjunto oitocentos e sessenta e seis salas e contam quase com seis mil janelas.

Em Mafra aliás poder-nos-ia ter acontecido um desastre e se não aconteceu foi mais graças à nossa boa estrela do que ao nosso comportamento que devo considerar pelo menos como descuidado. Vou aqui confessá-lo e contar o sucedido que o lugar e região de Mafra tinham a maior fama de Miguelistas em toda a Estremadura, já o sabíamos, o que é completamente natural dada a situação. O facto de lugares vazios, bolsas vazias, solidão e pobreza se verem onde antes opulência dos santos padres e da velha corte tinha sido uma fonte de gotas douradas para toda a região só pode ser suportado com desânimo e fúria, a qual os frades expulsos e espalhados pela região não estão em nada interessados em tornar em amor ou cordialidade. Assim chegámos à galilé, um grupo de jovens em cuja testa estava escrita nitidamente a nova ordem das coisas e exigimos bastante autoritariamente ao porteiro ou sacristão que depois de muito puxar pela sineta finalmente nos apareceu vestido meio secular meio religiosamente que nos deixasse entrar e um guiador para nos conduzir. Isto foi-nos recusado com um olhar quase desdenhoso e só o conseguimos porque lhe dissemos os nossos nomes e relações com a corte e sob a ameaça de que nos queixaríamos à Rainha se não satisfizesse o nosso pedido. Alfredo foi o nosso tradutor nesta

negociação da qual saímos finalmente vencedores. O sacristão – chamo-o assim porque julgo que de facto o era, pois na igreja construída para reis ainda se rezava missa para os pedintes de Mafra – deixou-nos entrar e conduziu-nos com explicações sucintas. Em breve não era o único a acompanhar-nos. Outro homem em que se reconhecia em todos os seus gestos o monge ou pelo menos o ex-monge e que estava vestido quase da mesma maneira como aquele veio ter com ele ou, melhor seguia-nos os passos; depois um segundo, um terceiro, mais alguns, o seu número multiplicava-se sem que nós soubéssemos ou tivéssemos dado conta de onde vinham. Pouco nos importava ser seguidos ou cercados por esta companhia sempre em crescimento; com aqueles modos brincalhões frívolos e desrespeitosos a que por vezes infelizmente nos entregamos e que na regra um círculo de juventude parte só de um, exigindo soberbamente onde só devíamos pedir, caminhámos pela igreja, pelo Convento e pelas intermináveis filas de salas. O número dos nossos seguidores em breve se tornou o triplo do nosso. Pareciam todos ser antigos monges ou empregados do Convento. Sussurravam entre eles e lançavam-se olhares significativos. De repente bem no interior do incomensurável edifício cujas saídas nenhum de nós conseguiria encontrar, num corredor bastante escuro e estreito onde à frente e a trás surgiu um ruído invulgar veio à mente de todos a ideia de que nos encontrávamos em perigo. Parámos e foi a nossa vez de sussurrar entre nós enquanto Alfredo confirmava que os monges não tinham nada de bom em vista. Decidimos tomar cautela mas não deixar transparecer a nossa preocupação. Ao descer de uma escada enquanto a porta da magnífica sala da biblioteca se fechava atrás de nós estávamos a dobrar uma coluna um som curioso e curto, uma espécie de resfolgo obrigou-me a mim que era o último a olhar para trás. Lá estava o nosso sacristão com o corpo inclinado para a frente o braço direito levantado ameaçando-nos no punho fechado o enorme molho de chaves, uma imagem do ódio provocado, da ameaça, da vingança. Os seus companheiros que o cercavam vendo-se notados agarraram-lhe o braço e baixaram-no e a seguir começaram a seguir-nos. Fui ter rapidamente com os meus camaradas e contei-lhes o que tinha visto; supusemos um ataque e íamos virar para o esperar embora isto fosse talvez o sinal para o ataque; daí contentámo-nos em mostrar tão francos quanto possível que não tínhamos armas, mas que estávamos decididos a defender a nossa vida. Conservámo-nos juntos uns aos

outros a partir daqui, tínhamos os olhos em toda a parte e assim conseguimos sem acidente voltar à galilé. Posso dizer que respirei fundo quando me encontrei fora do real Convento e palácio de Mafra.

Mas parecia que a ira dos ex-monges ofendidos se tinha comunicado ao lugar, a toda a região e eu tenho a certeza absoluta que eles dos terraços tinham dado um sinal contra nós através dos carrilhões (que tinham posto a tocar a nosso pedido) e que tinha sido percebido. Quando voltámos à nossa albergaria encontrámos a porta sitiada pelo povo do qual sobressaíam seis a oito homenzarrões com escopetas. Gente de que não precisávamos seguiram-nos até aos estábulos, empurraram-nos e tanto Alfredo como Aragon declararam seriamente que tínhamos um ataque pela nossa frente. Na verdade, a nossa situação não era a mais cómoda. Um percurso de sete horas em caminhos horríveis e ainda por cima a noite à nossa frente; muares fracos e já meio cansados sob nós – à nossa volta gente cujos olhares chamejavam ódio e má vontade e que só a sua cobardia nata impedia de nos atacar para nos matar – de facto fomos castigados pela nossa petulância. Apesar de tudo a nossa partida correu bem mas começou a cavalgada mais perigosa que eu tinha feito até aí e que talvez algum dia farei. Deixaram-me sair da vila onde o ataque talvez tivesse sido menos cómodo mas seguiram-nos e vimos atrás de nós os homens armados e à nossa frente para nos cortar o caminho esperando-nos atrás de sebes. Apenas a nossa formação cerrada e algumas pistolas de canos duplos que os seus possuidores seguravam nas mãos nos conseguiram proteger. No Vale de Alcântara ouviu-se um tiro atrás da esquina de uma cabana ao qual o nosso espanhol respondeu prontamente com a sua pistola sob o relinchar sonoro do seu cavalo. Depois silêncio. – “Attention!” disse Alfredo “c’est ici un vrai coup-gorge!” infelizmente isto é verdade no lindo Vale de Alcântara. [...].

## C. REISS

Gravura a buril (subsc.: C. Reiss; 148 x 121 mm; 1839 ou 1840 ?), com a insc.: *KLOSTER MAFRA / In Portugal / aus d. kunstanst D. BIBL. INST. in HILDBH. EIGENTHUM DER VERLEGER.* Ostenta o número de ordem CCCCXVII. Tem a peculiaridade, rara, de representar o prospecto axial do Monumento, embora com a simetria invertida, como patenteiam as sombras projectadas no edifício e o aparecimento do Alto da Vela do lado Norte.



Des. v. C. Reiss

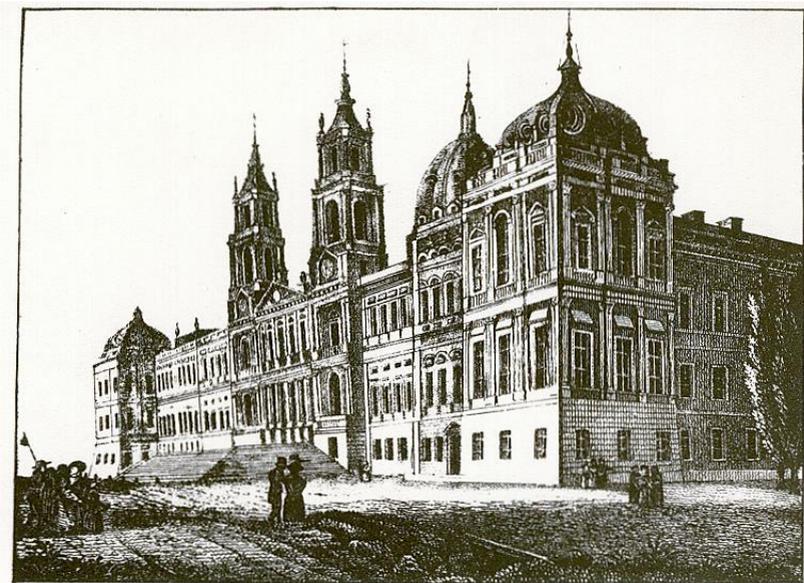
KLOSTER MAFRA  
in Portugal.

Aus d. Konstanst. d. Bibl. Inst. in Hildb.

Eigentum der Verleger

## ALFRED VON BERGH

Autor das *Letzte Reisebriefe* [...] über Portugal und Spanien (Berlim, 1841?), com referências a Mafra.



Das Kloster zu Mafra  
in Portugal

## ANÓNIMO

Litografia (168 x 136 mm; 1843?), com a insc.: *Das Kloster zu Mafra, / in Portugal*. Inspirada no desenho de Charles Landseer (gravado em 1832 por W. Finden) do qual, além de outras ligeiríssimas variações, desapareceram o carro de bois em primeiro plano no protótipo (substituído por um par de transeuntes), bem assim como algumas das figuras presentes na escadaria de

acesso à Basílica. O único exemplar conhecido denota ter sido arrancado de um dicionário alemão cujo título está ainda por determinar. Ilustra o verbete respeitante a Mafra, possuindo o n. 4728.



*Kloster Mafra*

## PRÍNCIPE FELIX LICHNOWSKY

Oficial do exército prussiano, o qual abandonou, em 1838, para servir D. Carlos de Espanha, de quem foi ajudante de campo. Lichnowsky (1814-1848) visitou Mafra na companhia do conde Teleky, conforme deixou consignado nas *Portugal: Erinnerungen aus dem Jahre 1842* (1843), cuja tradução portuguesa se intitula *Portugal - Recordações do anno de 1842* (Lisboa, 1845). "A primeira impressão é tão descomunal, tão fria e tão melancólica que o espectador se sente involuntariamente acometido por um sentimento de desconsolo. "Tece longa reflexão sobre a "vaidosa mania" que os monarcas portugueses "tinham de exceder em tudo a todos os soberanos e nações". Ocupa-se do voto de D. João V e assevera que o plano de Mafra "foi mandado vir de Itália". Depois, o costumado estereótipo, a que nem falta a citação de Murphy, o cálculo das despesas, etc. No palácio "não se depara uma única sala que corresponda a tanta grandeza", os aposentos são, regra geral, "incômodos" e "inabitáveis" e "em nenhum deles há um único banco onde se possa sentar quem sente cansadas as pernas de por horas inteiras atravessar corredores e salas e subir escadas". A Biblioteca possui 40 mil volumes e "é mantida com uma ordem exemplar por dois velhos eclesiásticos, um dos quais (frei João de Santana, certamente) está concluindo um excelente catálogo".

[...]. Restava-me ainda ver Mafra, que os portugueses não hesitam em chamar o seu Escorial. Escolhi uma linda manhã e parti antes do nascer do sol em companhia do conde Teleky, para esse convento afastado de Sintra três léguas.

Os nossos fogosos ginetes corriam a galope pela estrada coberta de pedras, calçada mesmo nalguns sítios — mas que se acha em um estado de extraordinário abandono, apesar da corte ir a Mafra quase todos os anos, e apesar de todos os estrangeiros que se demoram algumas semanas no país não deixarem de ir visitar o maior edifício de Portugal. Já à saída de Sintra descobrimos Mafra em frente de nós, e permaneceu à nossa vista quase durante todo o caminho. Finalmente chegámos a um comprido muro que cinge a extensa tapada de Mafra, prosseguimos ao longo dele durante algum tempo, demos a volta a uma esquina, e achámo-nos repentinamente ao pé do grande edifício. A primeira impressão é tão descomunal, tão fria, e tão melancólica,

que o espectador sente-se involuntariamente acometido por um sentimento de desconsolo. É a sensação que decerto se deverá experimentar quando se percorrem os desertos do Egipto para contemplar as pirâmides, e outros monumentos meio derrocados. Somente a D. João V, esse rei edificador e meio frade, podia ocorrer a lembrança de naquela solidão desperdiçar os milhões do Brasil em uma criação, que tinha na sua própria origem o gérmen de uma próxima decadência. Como todas as edificações reais portuguesas do século passado, Mafra foi empreendida com a magnificência própria de um dos maiores reinos do globo terrestre; e como se se quisesse fazer uma obra para a eternidade, começou-se de um modo gigantesco; porém as revoluções posteriores empobrecendo o país, fizeram-na parecer de uma grandeza totalmente desproporcionada. Quando se examinam com atenção os projectos, e fundações dos reis daquela época, acredita-se, que eles nunca anteviram a possibilidade de uma separação entre as longínquas possessões coloniais, e a sua grande e poderosa metrópole. Mediam o comprimento e largura dos seus bosques primitivos, e planícies na América do Sul, e a extensão das regiões desertas, que na África se prolongavam de uma até outra feitoria, e não comparavam isso tudo com o território dos mais poderosos reis da Europa, e julgavam-se iguais pelo menos aos primeiros de entre eles. Só desse modo se explicará a vaidosa mania, que tinham de exceder em tudo a todos os soberanos, e nações, de avantajarem-se-lhes no fausto, e de prodigalizar em vãs ostentações milhares de milhões, que empregados razoavelmente poderiam elevar o pequeno reino da península ao grau de prosperidade, que hoje ocupa a Inglaterra na hierarquia política de ambos os hemisférios. D. João V confirmou por muitas vezes esta observação no seu longo reinado de 48 anos. Comprou à custa de consideráveis sacrifícios o patriarcado de Lisboa, a fim de que o Patriarca nas ocasiões de solenidade pudesse representar o Papa, e o seu sacro colégio; quis ter o título de *Majestade fidelíssima*, pois que Luís XIV era o *Rei cristianíssimo*, e o monarca português queria ombrear com ele em lustro e dignidade. Gastaram-se inumeráveis milhões em conventos, capelas, doações eclesiásticas, préstitos, procissões e pompas religiosas. Conta-se dele entre outras coisas, que nos últimos anos do seu reinado mandava com tanta frequência dizer missas por alma dos finados, que por fim já se lhe não dava parte de grande número de falecimentos, pois que logo que sabia da morte — mesmo de pessoas para ele inteiramente

desconhecidas mandava-lhes logo rezar centenas de missas, no que eram consumidas somas imensas de dinheiro. É singular a frequência com que se observa nos reis da casa de Bragança esse mundano, e sensual deleite da pompa das cerimónias religiosas. Assim como se acha escrito do rei Frederico I da Prússia que ele por convicção se sujeitava diariamente a todos os preceitos da etiqueta por muito incómodos que fossem; assim também vemos que D. João V, D. Maria I, e D. João VI assistiam vestidos de gala, e com a maior pompa a inumeráveis festas de Igreja, e aí ocupavam constantemente o lugar, que segundo o ritual católico é reservado às primeiras dignidades religiosas, como patronos que são da igreja. A essa circunstância muito mais ainda do que a um verdadeiro sentimento religioso se deve atribuir a erecção dos colossais mosteiros e igrejas, que constituíram nessas eras passadas os soberanos, que mencionámos; mas seja isto dito sem intenção de por tal modo negar o mérito devido às boas obras desses monarcas.

Acerca da origem da fundação de Mafra, diz-se que D. João V, ou durante uma perigosa enfermidade, ou (segundo outros) para que o céu lhe concedesse um herdeiro, fizera voto de levantar uma abadia no lugar em que existisse o mais pobre convento do reino. Depois do restabelecimento, ou depois do nascimento de D. José I, indagou-se por toda a parte, e achou-se a algumas léguas de distância, ao noroeste de Lisboa, uma cabana habitada por um pequeno número de frades Arrábidos. Foi ali que o rei cumpriu o seu voto, e onde se edificou o actual convento de Mafra. O plano foi mandado vir de Itália; observa-se porém nas suas disposições, que dominou aí a desgraçada mania da imitação, e que se pretendeu seguir o pensamento do Escorial de Filipe II. Tanto em um como no outro edifício, a igreja acha-se no centro; e o convento, dividido em trezentas celas, ocupa a parte que é posterior ao coro; do mesmo modo, em ambos existem os aposentos para a família real nos dois lados da Igreja. Contudo, a todos os respeitos, D. João V foi apenas um ruim imitador de Filipe II. O Escorial, situado entre rochedos e em grande elevação sobre a importante serra do Guadarrama, domina um extenso território, veigas e rios, castelos e povoações, e finalmente a metrópole do reino. Mafra, pelo contrário, acha-se numa planície escavada, estéril e deserta. Do portal da Igreja vê-se unicamente a pequena e miserável vila, que jaz aos pés do colosso de pedra, como se fora um agregado de celas de pigmeus. Apenas da elevação do terraço se espriam as vistas

sobre o mar e sobre a terra, até às montanhas de Sintra, e até ao Tejo, e Lisboa.

Murphy, que como arquitecto, e como entendedor em artes, possui tão fundada reputação, traçou o severo juízo seguinte, acerca de Mafra: “Se os tesouros, que custou este convento, fossem empregados em executar um plano melhor, resultaria inegavelmente uma massa de construções, superior no mérito architectónico ao próprio Escorial. Contudo, infelizmente, o arquitecto nem possuía génio para inventar, nem mão para executar uma simples cabana, quando mais uma Basílica. Esse indivíduo chamava-se Frederico Ludovici, e exercia o officio de ourives de ouro”. Por desabrido, e menosprezador, que haja de parecer este conceito, deve ser ouvido e ponderado com respeito, por o ter proferido uma tão grande autoridade. Pode mesmo ter uma grande exactidão relativamente às regras, o preceito da arte; porém, apesar disso, uma tão colossal massa de pedra, e em que foram dissipadas os mais consideráveis capitais, não pode deixar de parecer pomposa, ao menos por causa da sua grandeza. Disse-me um dia um célebre marechal: “Cem mil frades cartuxos armados podiam apresentar uma respeitável aparência militar”. Não tenho dúvida alguma a respeito de Mafra: um edificio de 1150 pés em quadrado; com 2500 janelas e portas com 866 salas, câmaras e celas, com duas torres principais cada uma de 350 pés de altura, um elevado zimbório, um imenso pátio, dois de grandeza média, e seis mais pequenos; tudo isto considerado juntamente poderá embora parecer edificado tão viciosamente quanto se queira; porém, decerto não pode deixar de excitar a admiração e de parecer grandioso. Se se passa a examinar detidamente os pormenores, cada vez parecerá mais incrível como, apesar do tempo e dos milhões empregados, se pôde chegar a concluir uma edificação tão descomunal durante o espaço de um só reinado, e com os recursos materiais de um único país. A importância de todas as despesas que aí se fizeram nunca foi determinada com exactidão, pois que D. João V não quis que se fizesse nunca uma conta geral, talvez por desejar iludir-se a si próprio acerca da sua importância; contudo, alguns fazem montar a despesa total a 19 milhões de cruzados; outros orçam-na em muito menos ainda; nenhum destes cálculos porém está em harmonia com a tradição geralmente em voga em Mafra, e pela qual somente os dois carrilhões das duas torres custaram dois milhões de cruzados em Antuérpia. Na verdade, estes carrilhões são excelentes, e têm entre outras coisas a particularidade admirável de que, achando-

se afastados um do outro mais de cem passos, tocam simultaneamente a mesma peça de música como se fora a quatro mãos e com tanta perfeição, como quando Liszt , e Clara Wiek, em Leipzig, tocam em dois pianos, voltando as costas um para o outro. Os sinos que se acham colocados nos carrilhões, pesam 14.500 arrobas em cada um dos campanários. Em toda esta fábrica gigantesca fez D. João V que se trabalhasse incessantemente durante treze anos (desde 1717 a 1730); segundo alguns registos que ainda se conservam em Mafra, ocupavam-se naquela obra, termo médio, 14.700 operários de todas as partes do reino, uns trabalhando por salário, outros por *corveia*. Não se pode formar uma ideia da multidão de igrejas e capelas, que se acham no interior daquela vasta mole. Uma capela dos defuntos com revestimento de mármore negro, era destinada para nela se rezarem os ofícios de corpo presente. A capela da enfermaria é cercada de alcovas azulejadas, onde se achavam as camas; além destas, as capelas para os presos, para os que viviam em reclusão, para o abade, para o séquito real, e para a corte; no corpo do palácio havia a capela particular do Rei; e depois ainda outras destinadas para certos dias festivos, ou consagradas especialmente a certos santos, colocadas, e como perdidas nas partes mais remotas deste monstruoso edifício; finalmente um imenso número de capelas laterais da Basílica, todas cheias com profusão de estátuas e baixos relevos de mármore branco. Estes trabalhos de escultura substituíram um grande número de retábulos pintados por franceses, italianos e holandeses, que D. João V, mandou recrutar sem grande escolha nem exame. Esses quadros saíram muito maus; contudo as peças de escultura que lhes foram substituídas são também de diminuído valor com poucas excepções. Esses labores foram executados por escultores portugueses, dos quais um italiano, por nome Justi, formou uma escola. As pedras que se empregaram foram tiradas das montanhas de Sintra, e das escavações de Pêro Pinheiro, onde também se encontra o mármore negro e vermelho, de que são revestidas as paredes e ornados os altares da igreja principal. Este mármore de cores é da maior beleza, e de grão muito fino; o que é negro, não tem o menor veio branco. Os dois palácios reais que se acham dos dois lados da igreja, foram regularmente habitados pela corte ainda no tempo de D. João VI: o corpo do Norte chama-se palácio do Rei, e o do Sul, palácio da rainha. Nesses imensos palácios, apesar das suas longas enfiadas de câmaras, não se depara uma única sala, que corresponda a tanta grandeza; a

própria sala do trono tem dimensões moderadas; várias sofríveis pinturas a fresco, e grandes cortinados vermelhos de veludo, e damasco, dão-lhe de algum modo uma decente aparência. Os outros aposentos são incomodamente distribuídos e inabitáveis, têm nas paredes desaprimoradas pinturas, e em nenhum deles há único banco onde se possa sentar, quem sente cansadas as pernas de por horas inteiras atravessar corredores e salas e subir escadas. O almoxarife fez-nos observar, como coisa de grande importância, que toda a madeira de que eram feitas as portas e janelas dos quartos, tinha vindo do Brasil; o que na verdade não contribui nada para a beleza daqueles objectos, pois que sendo todos cobertos com uma camada de tinta verde azulada, aquela nobilíssima qualidade de madeira, vem a fazer a mesma vista como se fosse o pinho mais ordinário dos areais da Silésia.

Por muitas imperfeições que se notem no edifício pelo que respeita aos preceitos architectónicos, é, contudo, fora de dúvida, que são excelentes todas as obras de alvenaria. Os nossos cicerones, individuos amáveis, e inteiramente inofensivos, conduziram-nos por muitas casas abobadadas, entre-solhos, escadas em caracol, e corredores, tudo o que pelo espaço de cem anos havia permanecido em tão bom estado de conservação, que nem um fragmento de estuque tinha caído. Subimos depois ao terraço, que é lajeado com pedra de calcares branco, e que forma o tecto do convento. Dali vimos inferiormente e claustro que, com seus teixos, ruas de buxo, louro e roseiras, e alguns repuxos, forma um jardim pelo antigo gosto francês. Descobre-se também dali a tapada, que tem três léguas em quadrado e onde se encontra muita caça. O Rei vem aí caçar frequentes vezes. Vimos ainda depois a biblioteca, que se acha estabelecida numa grande sala abobadada, e que contém 40 mil volumes, entre os quais muitas obras raras antigas. É mantida com uma ordem exemplar por dois velhos eclesiásticos, um dos quais está concluindo um excelente catálogo. Na antessala do convento, chamada Galilé despedi-me dos representantes eclesiásticos e sacristãos, que durante seis horas com indizível paciência, me tinham conduzido por todos os recantos do colossal edifício de Mafra. Parti então para Sintra, de onde na manhã seguinte regresssei a Lisboa, a fim de me predispor para uma mais dilatada digressão no Norte do País.

## H. BRUNSWICK

Publicou, em 1881, o *Guide du voyageur en Portugal* (Lisboa), o qual seria editado no ano imediato em tradução portuguesa (*Guia do viajante em Portugal*). A p. 42-43 (93-94 da ed. portuguesa) destaca: a igreja, imitada da de S. Pedro de Roma, a sua capela-mor, onde se observa uma tela figurando Santo António em adoração à Virgem, bem como as estátuas de vulto e os retábulos em mármore, “obra de Giusti”; a “casa de espera do convento”, onde se acha a melhor tela do mosteiro (S. Francisco e S. Domingos em adoração a Cristo e à Virgem); o carrilhão, que “faz as delícias dos bons burgueses que visitam Mafra”. Conclui, afirmando que “este convento é uma obra monumental que não se pode deixar de visitar”, porém, avisa os visitantes que convém munirem-se em Sintra de algumas provisões para o almoço, uma vez que Mafra não dispõe de hospedarias.

## ERNST BARK

Viajou por Portugal durante os anos de 1881 e 1882, tendo avistado "as torres do Convento de Mafra" a partir do Palácio da Pena, em Sintra, conforme afirma no capítulo IV (p. 96) dos *Wanderungen in Spanien und Portugal* (Berlim, 1883).

## KARL BAËDEKER

Em 1898, foi comercializada a primeira edição do *Baëdeker*, famoso manual para viajantes, dedicado a Espanha e Portugal (Leipzig), o qual havia de tornar-se uma autêntica Bíblia do *touriste* romântico.

A segunda edição saíria em 1908 e a terceira em 1920. Mafra surge a páginas 517-518. Além de generalidades, como a altitude da vila (777 pés) e o valor da diária no Hotel Moreira (de 1.000 a 1.500 réis), aponta o convento como a razão de ser da fama de Mafra, anotando o cúmulo simbólico do número 17 no dia aprazado para a colocação da primeira pedra da Real Obra: “Diz-se que a data exacta (17, Nov., 1717) foi escolhida em virtude da tripla ocorrência do número 17”.

# **IMAGENS ESCANDINAVAS**



## CARL ISRAEL RUDERS

Sacerdote sueco, capelão da legação do seu país em Lisboa, no período entre 1798 e 1802. Visitou Mafra nos dias 20 e 21 de Setembro de 1801, conforme relato publicado nas *Portugisisk resa, beskrifven: breftill vänner* (Estocolmo, 1805). A missiva em causa é a Carta XXIII, datada de Lisboa, a 6 de Outubro. Descreve a viagem lamentando a extrema morosidade dela devido, sobretudo, ao mau estado dos caminhos, à escarpada vertente junto a Cheleiros e à longa volta em torno da Tapada Real que foi obrigado a dar por esta se encontrar "sempre fechada". Foi recebido por um jovem frade dirigindo-se de imediato para os terraços do monumento cuja vista o compensou "bem de todos os incómodos da viagem". Observou os carrilhões e, depois, foi levado "a toda a parte" pelo seu guia, que finalmente o conduziu até ao Refeitório. No dia seguinte, 21, ouviu missa, na "sumptuosa igreja" onde admirou o zimbório "muitíssimo alto". Percorrendo as dependências da igreja foram-lhe mostrados 11 esplêndidos paramentos que se conservam guardados em grandes e numerosos armários, de gavetas inteiramente cheias". Visitou ainda a Biblioteca, cujos catálogos considerou "mais explícitos que os da Biblioteca Real de Lisboa"; uma torre sineira e os aposentos régios que "quase nenhuma preciosidades continham e que não estavam lá [...] muito bem arrançados". Confessa que a visita à Real Obra lhe causou "uma impressão perdurável", porém, e à laia de moral da história, conclui: "Esta região é uma das mais feias e mais solitárias de Portugal. Fora dos meses em que lá reside o Príncipe Regente [...] não habita em Mafra quase ninguém. Indústria e comércio, se é coisa que ali existe, está em perfeita harmonia com a situação do Convento, mas está também, num contraste, por demais saliente, com a excessiva magnificência do edifício. A estalagem em que nos hospedámos e que deve ser uma das melhores de Mafra, tinha como aposentos pequenos e miseráveis chiqueiros. Não havia nem boa comida, nem boas camas. Passámos a noite inteira sem nos podermos despir. A única coisa atestando que nos achávamos num sítio célebre era a carestia da vida". De nenhum dos desenhos que, consta, terá executado nos chegou notícia.

### Carta XXIII

(Lisboa, 6 de Outubro de 1801)

Depois de Belas, o caminho era, de quando em quando, bastante mau; mas, desde que se deixa a estrada de Sintra e se toma à direita na direcção de Mafra, então é cada vez mais áspero e acidentado.

É certo que a natureza nestas paragens tornou difícil a construção de bons caminhos; mas quando a gente pensa que nessa imensa distância que vai de Lisboa a Coimbra se venceram bem maiores dificuldades para a criação de uma estrada que pode competir com as melhores da Europa, não era coisa extraordinária que se pusesse em estado transitável o caminho que separa a capital dos dois notáveis palácios de Sintra e Mafra; tanto mais que não só muitos membros do corpo diplomático como numerosas pessoas das classes mais elevadas costumam passar uma grande parte do verão em Sintra, e que Mafra tem a dita de hospedar todos os anos, durante muitos meses, a família real.

Mas, além disso, os caminhos destes lugares, são notáveis pela sua beleza e pelo seu pitoresco, são em todas as estações, percorridas por estrangeiros; não há pessoa de qualidade, com cultura e gosto, que viaje em Portugal sem visitar estes sítios tão celebrados, um pela extraordinária formosura da Natureza, outro pela magnificência e grandeza do seu convento e respectivas instalações.

A um terço de milha distante de Mafra há uma vertente tão longa e tão escarpada que não conheço nada de semelhante, pelo menos nas estradas da Suécia. Tem amparos de um lado e é calçada de pedra; mas apesar disso, se as cavalgadas do país não estivessem, como estão tão habituadas, dificilmente haveria quem se atrevesse a subi-la ou a desce-la em veículos. No curto percurso de milha e meia sueca, entre Belas e Mafra, gastámos nós tanto tempo que à chegada já o sol ia no ocaso.

Devo, porém, confessar que para esta demora contribuiu também a longa voltas que tivemos de dar em topo da tapada real, que está sempre fechada.

Mas, no dia seguinte, ao regressar a Lisboa, obtivemos licença para atravessá-la e, desta forma, encurtámos o caminho de mais um quarto de milha.

Sem nos preocuparmos com os cuidados do alojamento, apeámo-nos, apressadamente, da cabeça, eu e o senhor W., e dirigimo-nos logo para o grande e importante edifício que se erguia diante de nós. Fomos imediatamente recebidos por um jovem frade, que nos encheu de amabilidades, oferecendo-se para nosso guia.

Como a tarde descia, galgámos apressadamente as escadas e subimos a um terraço de tais dimensões que nos deixou boquiabertos. Encontra ali a gente um passeio, ao mesmo tempo agradável e seguro.

A ampla vista que de todos os lados se desenrola e o dia claro que lá fazia ainda compensaram-nos bem de todos os incómodos da viagem.

O frade mostrou-me a curiosa fábrica do relógio da torre, com todos os mecanismos, que, ao bater de cada hora, se punham em movimento, tocando como um carrilhão.

A coisa, era na verdade, muito digna de ser vista; mas nós também, por isso mesmo, para estimular o nosso guia, cada vez com mais frequência lhe testemunhávamos o nosso espanto e satisfação.

Animado, assim, no seu ardor, levou-nos a toda a parte, descrevendo-nos, conforme a sua capacidade, tudo quanto se nos deparava. Sempre que passava por outros monges - que neste convento devem ser em numero de 200 a 300 - não se cansava de exprimir a sua satisfação por ter, enfim, encontrado estrangeiros de gosto e esclarecidos, para compreenderem o valor das preciosidades que ele nos mostrava, e que em nada se pareciam - dizia ele - com os muitos portugueses incultos, que, de tempos a tempos, por ali passavam, olhando, de boca aberta e semblante inexpressivo, coisas tão maravilhosas.

No rés-do-chão fomos ver o refeitório, que é uma espécie de galeria dum tamanho considerável. A mesa de jantar toma todo o comprimento da sala. Podem sentar-se a ela, comodamente, 300 pessoas.

Nesta altura, como a noite já tinha chegado, deixámos para o dia seguinte, a visita às demais coisas notáveis.

Na manhã seguinte, 21, dia de festividade de S. Marcos, dirigimo-nos todos para a sumptuosa igreja, onde na presença de um número muito reduzido de ouvintes, se celebrou a missa. O espectáculo - não posso negá-lo - que, ao entrar no templo, se oferecia aos meus olhos, era majestoso e solene. O domo é muitíssimo alto e termina por uma cúpula redonda, que recebe a luz do alto.

Subimos, depois, a galeria que o contorna e, olhando para baixo, a altura é tão considerável que as pessoas na igreja pareciam crianças pequenas.

No frontal do altar mor há dois quadros de mármore preto tão bem trabalhados e brunidos que, segundo se consta, D. João V antes de os oferecer para ornato da igreja se serviu deles como de espelhos.

Finda a missa percorremos todas as partes da igreja e respectivas capelas.

Mostraram-nos, então, esplêndidos paramentos que se conservam guardados em grandes e numerosos armários, de gavetas inteiramente cheias.

Creio não me enganar calculando em número superior a cem todos os paramentos que vi; suponho, porém, que há muitos mais. Na grande sala da Biblioteca os livros acham-se muito bem dispostos, e a maior parte estão magnificamente encadernados, formando, no seu género, um belo aspecto. Diz-se que o número de volumes ultrapassa 50.000.

Os catálogos muito bem organizados por matérias e nomes, são mais explícitos que os da Biblioteca Real de Lisboa.

Murphy, cuja descrição da viagem tenho aqui aberta diante de mim, dá a esta biblioteca 381 alnas [cada alna = cerca de 60 centímetros] de comprimento e 23 de largura.

Disseram-nos que, em cima, na torre do palácio, havia muitos objectos notáveis; mas como a subida a essa grande altura fosse mais difícil e se nos afigurasse perigosa, contentámo-nos com chegar à casa do sineiro, que, todos os dias, das onze e meia ao meio-dia, se encontra lá.

Dando o devido desconto ao efeito causado pela circunstância de estarmos tão perto, creio que os sinos dessa torre são ainda mais poderosos que os da igreja alemã de Estocolmo, embora estes últimos já se façam ouvir muito bem a uma distância de mais de meia milha sueca.

Mas agora, pergunto eu: para que servem todas estas grandezas? Que utilidade ou gozo resulta de todo este pessoal bem nutrido e bem pago? Que mestre procura esclarecer-se ou aumentar os seus conhecimentos nesta rica biblioteca? A quem é que aproveitam as somas de dinheiro que se dissipam com a compra de todos estes ornamentos, de todas estas velas de cera, e com o custeio de tudo isto? Quem é que adora a Deus neste templo, com tanta frequência aberto ao público?

A isto respondo: quase ninguém. Esta região é uma das mais feias e mais solitárias de Portugal. Fora dos meses em que lá reside o Príncipe Regente, atraído não só pela comodidade de poder caçar na própria tapada, como pelas suas tendências para a devoção e para um género de vida mais tranquilo, não habita em Mafra quase ninguém.

Indústria e comércio, se é coisa que ali exista, está em perfeita harmonia com a situação do Convento, mas, está também num

contraste, por demais saliente, com a excessiva magnificência do edifício.

A estalagem em que nos hospedámos e que deve ser uma das melhores de Mafra, tinha como aposentos pequenos e miseráveis chiqueiros.

Não havia nem boa comida, nem boas camas. Passámos a noite inteira sem nos podermos despir. A única coisa atestando que nos achávamos num sítio célebre era a carestia da vida.

Pouco antes da partida fomos também ver os aposentos régios, que, por sinal, quase nenhuma preciosidades continham e que não estavam lá para que se diga, muito bem arrançados. Em certas salas, no entanto, havia paredes e tectos muito bem pintados e de lindo efeito. Numa das câmaras encontrámos alguns carrinhos e outros brinquedos destinados aos reais infantes.

A vista de tudo isto deixou em mim uma impressão perdurável. A grandiosa e gigantesca massa, formada pelo edifício, os muitos objectos preciosos nele acumulados, a representação de enormes tesouros, tempos e trabalho, que foram precisos para a construção e instalações do palácio, a ampla vista do seu terraço, donde se descobria, num fundo distante, a deliciosa região de Sintra, cujas edificações, dum estilo diverso e simples, a essa hora brilhavam aos raios do sol - tudo isto que se me representa na imaginação há-de sempre despertar em mim memória alegre desta viagem a Mafra.

Para dar uma ideia de grandeza desta construção basta dizer que, segundo Murphy, o edifício abrange 866 casas e tem 5200 janelas e portas.

O regresso a Lisboa, pela obscuridade da noite, com os cavalos estafados tropeçando a cada instante, e um dos cocheiros bêbado, fez-nos amargar o prazer da véspera. (Mesmo neste país de gente sóbria se encontram, às vezes, cocheiros ébrios). De forma, que, a chegar a casa, nessa noite, senti-me tão satisfeito como provavelmente o meu amigo, ao ver terminar esta carta tão pouco interessante. Se eu pudesse enviar com ela alguns dos belos desenhos de Mafra, e das suas coisas notáveis, poderiam eles, em certo modo, concorrer para completar a insuficiência e o laconismo da minha descrição. Mas na sua falta, peço mais uma vez aquela indulgente benevolência, que até hoje tenho recebido, etc., etc., etc.

## HANS CHRISTIAN ANDERSEN

Romancista e poeta dinamarquês (1805-1875). Visitou Portugal avistando o Convento de Mafra desde o alto da Serra de Sintra, em 1866. O episódio é narrado na obra *Et besøeg i Portugal* (Copenhague, 1868) nos seguintes termos: "Pode ver-se até bastante longe lá de cima, na direcção de Lisboa até aos montes na outra margem do Tejo, o Oceano Atlântico distante, e para os lados de Sintra, no fundo, a grande planície que se estende até ao Convento de Mafra. O ar estava tão límpido que julguei poder contar as janelas do palácio [...]" (*Uma Visita a Portugal*, Lisboa, 1971).

# **IMAGENS ITALIANAS**



## Conde FRANCESCO SPINEDA DE CATANEIS

Compôs um soneto panegírico ao célebre, nobilíssimo e sumptuoso Templo de Mafra: *Per il celebre Monastero, e Nobilissimo Tempio che la Sacra Real Maestá di Giovanni V. Ré di Portogallo, dell' Algarbie, dell' Indie etc. Ha fatti eriggere al Mafra. Sonetto* ([1730]).

### Soneto

Laltéra Mole u' 'l Pescator risiede  
Ceda a questa del Mafra ogni suo vanto,  
che quella, che un Di eresse entro a Bisanto  
Il Magno Constantín, vinta, le cede.

Cosi fan quante il vago Sol ne vede  
Al Tamígi, alla Scenna, e in ogni canto  
Del Pó, dell' Istro, e Manzanar. Pur tanto  
In pochi Mesì, il RE GIOVAN, cí diede!

Quanto il Mondo ha nel sen degno dí onore  
Quivi sí mira! Or' opra tal, chi féo,  
Sia Principe, sia Rè, sia Imperadore?

In questa Mole ecielsa, almo Trofeo  
Della Sua gran Pietà, del Suo gran Core,  
Il Figlivol dí David vincer protéo.

## **D. GABRIEL CIMBALLI**

Clérigo, convidado para a Sagração da Basílica de Mafra, no dia 22 de Outubro de 1730. Confessou que "assistindo a muitos Pontificais na capela do Papa não vira celebrar algum com tanta pompa e grandeza, assim nas riquezas dos paramentos como da multiplicidade dos ministros, perfeição das cerimónias e harmonia de vozes, e só poderia ter a diferença de em Roma administrarem Cardeais o que em Mafra fizeram Cónegos" (frei Cláudio da Conceição, *Gabinete Histórico*, v. 8, p. 114).

## **NICOLA ALBANI**

Regressando de Santiago de Compostela, em 1744, passou por Mafra a caminho de Lisboa, conforme o registo consignado no seu diário da peregrinação [Centro Italiano de Studi Compostellani de Perugia: fundo Caucci, ms. IS]. Ficou alojado num hospital de peregrinos (talvez o hospital do Espírito Santo, então ainda sito nos terrenos da actual Quinta da Raposa), onde durante três dias tomou as suas refeições, desfrutando ainda das esmolas que os arrábidos davam aos necessitados que se apresentassem na portaria conventual. Segundo afirma, conheceu um frade italiano que lhe terá mostrado todos os mais ínfimos pormenores do edifício, motivo por que apresenta uma minuciosa descrição do Monumento e das suas dependências (cf. *Viaje de Nápoles a Santiago*, ed. I. González, Madrid, 1993).

## JOSÉ MARCO ANTÓNIO BARETTI

Poeta e crítico literário (1719-1789). Viajando por Portugal, visita Mafra, a 15 de Setembro de 1760. Nas *Lettere familiari* XXVIII e XXIX (Milão, 1761), enviadas a seus três irmãos Filipe, João e Amadeu, narra a sua passagem por Mafra, louvando o refeitório conventual, as duas livrarias que observou atentamente, "com permissão do padre bibliotecário", e os órgãos da Basílica a cargo de Eugénio Nicolau Egan, irlandês e anão. Os carrilhões, tocados por um flamengo, "que produzem pouca e mesquinha música" e a estrada de Sintra mereceram-lhe as únicas notas negativas. *O Occidente* (v. 16, 1893) reproduziu as *Cartas familiares* em apreço, em tradução de Alberto Teles.

### Carta XXVIII

Mafra é uma vila distante seis léguas de Lisboa. El-Rei D. João V, pai do soberano actual, mandou ali erigir um convento tão grande que talvez não haja em todo o mundo dez edifícios maiores do que ele. A primeira pedra foi lançada em 1717 e desde então lá se têm gasto muitos milhares de cruzados sem que esteja de todo concluído. O edifício é quadrado, e cada frente mede trezentos e quarenta dos meus passos naturais. Fica no centro a fachada da igreja e para um e outro lado seguem duas extensas alas do palácio, que terminam cada qual por um torreão que me parece demasiadamente pesado para a base em que assenta. Se a construção desses torreões algum tanto mais esbelta e atrevida, creio que agradariam mais à vista. À esquerda de quem entra na igreja estão os aposentos do rei, à direita os da rainha. O plano inferior da fachada é dórico, romano o superior, se bem me recordo, passados dois dias que retenho com dificuldade essas magnificentes notas. A escadaria que do largo dá acesso à igreja acusa uma invenção muito feliz. O vestíbulo é excessivamente acanhado para tamanho edifício, e muitas das estátuas que ali há são grandes demais para as pequenas dimensões dele: - que se fosse proporcionado ao resto de fábrica e se as estátuas que têm o dobro do tamanho natural estivessem um pouco mais altas, ficariam melhor, a meu parecer. A igreja é rica de mármore e riquíssima em paramentos. Tem onze altares se a memória me não falha e seis órgãos que hão-de regalar os olhos e os ouvidos, quando estiverem acabados, e quando todos seis tocarem ao mesmo tempo. Todavia é muito pequena em relação ao

edifício; dá a lembrar uma criancinha adormecida no meio de uma cama grande; e é tão escura que não se vêem bem os mármore e as preciosidades que encerra. De uma ou de outra banda da igreja há dois pátios muito espaçosos e a meu juízo, belíssimos. A architectura é jônica e as colunas e arcarias de proporções tão elegantes que mais não pode ser. Têm as duas aposentadorias reais muitas salas e câmaras grandes, altas e dignas de um rei. A mobília estava arrecadada, porque na ausência da corte o palácio fica desguarnecido; mas faziam-se lá preparativos para o adornar, porque a família real deve passar quinze ou vinte dias em Outubro, como costuma todos os anos. As escadas desses palácios são também bastante nobres; e elegantíssimas a cúpula e as torres da igreja que contêm mais de cem sinos. Ocupam os engenhos dos relógios uma casa muito vasta e compõem-se de uma quantidade inumerável de rodas, suportes, molas, varas e vaquetas de ferro, e outras emburilhadas, capazes de aturdir o mais valoroso relojoeiro. E o dinheiro que tais engenhos custaram ao rei, e os tratos que à própria mente deu o artífice para os inventar foram sem dúvida muitos, mas o efeito não é proporcionado à causa; e a meu ver, foi coisa absurda e ridícula desperdiçar tanto ferro, tanto arame, tanto trabalho, tanta despesa e tantas cogitações para pôr em movimento embates e martelos que produzem pouca e mesquinha música. Isto basta a respeito da igreja e dos palácios. Venhamos ao convento, que, se é ou não vasto, digam-no trezentos padres e cento e cinquenta leigos que nele vivem, todos franciscanos desde o primeiro até ao último. Bem podeis crer que os seus dormitórios são extensíssimos, e as celas de um e de outro lado, mais parecem câmaras de prelados do que de frades. O refeitório merece verdadeiramente ser visto. Entrei lá pouco antes dos religiosos se sentarem à mesa. Para cada dois padres havia um belo cangirão de louça fina, cheio de vinho, e um pão grande; e sobre um prato de madeira do Brasil seis figos, duas óptimas peras, um cacho de uvas e um limão para cada um. Consta-me que são três as suas refeições, tudo à custa do rei. À mesa toda a caterva dos frades é servida por leigos, postos detrás deles como criados. No topo do refeitório há outra mesa grande, à qual se senta algumas vezes o rei que com D. Pedro e alguns grandes senhores e cortesãos, janta em companhia dos reverendos. Tem o convento duas livrarias. Uma já está cheia de livros e a outra vai-se enchendo. Nesta, todas as estantes de um lado contêm obras portuguesas, em número talvez de duas mil. Depois do terramoto veio esta a ser a maior

colecção de livros portugueses que havia no mundo, porque, entre outros grandes males que o terramoto causou a esta nação, um foi destruir pelo fogo muitas Bibliotecas de Lisboa. Fez-me sorrir o ver nas estantes de Mafra tantos livros *in folio*, em quarto e em oitavo, de genealogia. Oh! Quantos aqui não há! E estes livros genealógicos são talvez o alimento principal da insuportável altivez dos portugueses. [...]. Mas não saímos da biblioteca de Mafra. Afora os livros genealógicos, contam-se entre os de língua portuguesa muitos de teologia mística e escolástica, e de cronologia e história nacional. Há alguns volumes de sermões da Quaresma, entre outros os do seu padre Vieira que, na opinião dos portugueses é descaradamente anteposto a Bourdaloue, a Tillotson e a Segneri.

O exórdio de uma predica que, abrindo ao acaso um volume, me cai debaixo dos olhos, é coisa pueril e tola. Começa pelos louvores do círculo, e o orador sagrado fechou o extenso e importante elogio de tal figura, dizendo que, se Deus Nosso Senhor tivesse de mostrar-se em qualquer figura geométrica, escolheria o círculo de preferência ao triângulo, ao quadrado, ao hexágono, ao decágono e a outra qualquer conhecida dos géometras. Esta espécie de agudas futilidades encanta os ouvintes portugueses, quando a expressão é acompanhada de voz retumbante e de gesticulação de possesso. Eu abri o seu dicionário português, e latino que consta de nove ou dez tomos em quatro, e é de notar que o padre Bluteau, da Companhia de Jesus [aliás, Teatino], por quem foi composto, era francês e não português. Aqui é muito estimado e com razão. Mas, pelo que posso ajuizar como oficial do mesmo officio, não têm razão para o preferirem ao dos nossos da Crusca, e ao da Academia Francesa, posto que ambos eles sejam ainda muito deficientes.

Com permissão do padre bibliotecário, tomei e corri pela vista muitos outros livros portugueses; mas em mais de quatro horas que levei a ler aos pedaços, aqui e ali, não encontrei um pensamento que valesse a pena registar. O estilo daqueles autores que percorri é empolado e em desproporção com os assuntos que versam, e os nossos Achillini, e Ciampoli, e ainda os nossos Tesauri e Giuglaris, vertidos em língua portuguesa, não saíam mal! Pasmado de que ninguém tenha pensado em pôr em português o nosso Calloandro, a Diana, o Coralbo e a Eromena, e quejandos nossos primores de arte de intumescência e de natureza hidrópica. Desejei ver uma tradução recente de algum drama de Metastásio, mas ainda a não há na biblioteca. Afirmaram-

me que o tradutor português pôs muita coisa, de sua casa, dando criados de libré a Arbaces, a Ecis, a Temístocles, a Aquiles e aos outros heróis de Metastásio, e criados e amos a Mandane, a Vitellia, a Aspasia e a Deidamia e às outras heroínas, que todas vêm fazer cenas carnavalescas por detrás das cenas heróicas dos seus patrões e patroas: *Risum teneatis, amici!* Na outra biblioteca, que já está de todo cheia de livros, observei, de corrida, que os há bons em grande quantidade; porém, o meu grande empenho eram os livros portugueses, e os que eu mais ambicionava examinar; e, se não estivesse em companhia do Sr. Eduardo, apesar dos insectos que tinham querido devorar-me a noite antecedente na estalagem, teria passado em Mafra, pelo menos, uma semana inteira para os examinar com mais cuidado, e de pena em punho.

Saio agora da biblioteca e volto ao convento. Uma das escadas é ampla, cómoda e clara. O jardim dos padres não é bom, porque a rocha dos montes sobre o qual se construiu este edifício, foi quebrada à força de picareta e, por assim dizer, escavada. Esta singular escolha de sítio produz dois defeitos: um é ser o jardim estéril, nem poder deixar de o ser, excepto se levassem para lá, aos milhares, carros de terra para cobrir a rocha; o outro é que quem vai de Lisboa não vê o convento nem coisa nenhuma, senão já muito próximo de Mafra. Dos montes circumvizinhos avistam-se as sumidades do edifício, mas quem quer vê-lo de cima a baixo tem de ir à pequeníssima vila de Mafra (hoje denominada a *Vila Velha*), e observá-lo à distância de um tiro de funda. O conjunto, porém, de toda a fábrica enche muito bem os olhos do observador, e muitas das suas partes são perfeitas. O architecto foi um alemão que havia estudado muitos anos em Roma; esqueci o nome dele. As pedreiras de magnífico mármore branco, arredadas cerca de duas léguas de Mafra, forneceram o corpo do edifício, as colunas, e o pavimento; e os outros ornatos de igreja e de muitas partes do palácio e do convento são de mármore de diversas cores, todos muito belos e tirados também do outras pedreiras de vizinhança.

Mas eis o meu Africante com a caleça e as mulas. É mister cessar a escrita e ir jantar fora de casa. Até à noite, se ao jantar não me suceder beber à inglesa. Entretanto, adeus!

Fazei de conta, irmãos, que ainda estou em Mafra. Depois de ter visitado toda aquela grande fábrica, mostrou-me o organista do rei todos os engenhos de um dos órgãos da igreja, por ele acabado. Não percebo muito de órgãos, a dizer a verdade, e tenho pena de ser mais ignorante do que deveria ser a respeito do seu mecanismo; porque, desejando nestas minhas cartas representar de verdadeiro viajante, isto é, de filósofo que observa todas as coisas, carecia ainda possuir acerca de tudo um conhecimento mais que mediano para poder falar mais do que mediocrementemente bem. Oh! Quantas cousas me poria a aprender, se houvesse de recomeçar a existência, e máximas, qual mais vulgar e mais comum, que são as mais das vezes totalmente ignoradas daqueles que mais do que os outros presumem de saber! - Quisessem, ao menos, os senhores doutos confessar alguma vez a sua ignorância ingenuamente, como eu faço, que digo não entender de órgãos agora que o organista me faz examinar o que está terminado. Contudo, o seu trabalho parece-me ser de singular mestria. O organista é de pequena estatura e uma das pessoas mais magras que tenho visto; mas o engenho que se contém naquele seu corpinho é maravilhoso. Alcançou o emprego de organista real de preferência a outros oito afamados mestres de órgão que el-Rei tinha mandado vir de Itália, da Alemanha e da Flandres, vencendo-os todos com as suas subtis invenções, entre outras com uma trompa e um trémulo descobertos por ele no órgão que fez em competência com os outros. E os dois imortalíssimos cantores Caffarelo e Egiziello, e o mestre de capela David Perez e outros grandes músicos escolhidos pelo rei para emitirem a sua opinião sobre esses órgãos, sentenciaram a favor do organista pequeno, e declararam ser ele o mais pindárico organista do mundo. Chama-se Eugénio Nicolau Egan. Natural da Irlanda, aprendeu a sua arte em Londres. Não lhe pagam na proporção dos seus raros talentos, e o mais somenos dos quarenta cantores da real capela de Sua Majestade Fidelíssima tem três vezes maior salário que aquele engenhoso e vivaz pigmeu. Mas pouco se lhe dá a ele de riquezas. Refere a todos que encontra os seus passados triunfos, e repasce-se de imensa glória adquirida em combater e vencer esses organistas, seus competidores e rivais, que foram todos mandados para suas terras depois de, com eterna vergonha, se terem visto a braços com este Hércules em miniatura. Observado o órgão, e ouvido tocar por um dos trezentos padres franciscanos, o anão me levou a um flamengo que toca os sinos do convento, e é realmente o imperador

dos sineiros, porque além dos minuets, gigas e sarabandas, e outras habilidades que sabe fazer com os sinos para recreação de família real, quando está em Mafra, tem ainda em sua casa uma galanteria que merece por sua singularidade os olhares benignos dos viajantes. Quero dizer que inventou dois instrumentos músicos a modo de címbalos que não sei bem como descrever em palavras. O sol começava a descer no horizonte; dei no meu pequenino irlandês um abraço muito apertado e o mais extremoso adeus de todo o coração; depois subimos à caleça e voltámos para Sintra, povoação distante de Mafra nove a dez milhas. A estrada de Mafra para Cintra é das piores que há. Como saiu das mãos da natureza, assim os homens a deixaram e os carros a fizeram. Toda a região intermédia é um deserto vivo. Na jornada faltou-me o tempo para me apeiar e visitar as pedreiras donde se extraíram os mármore, e contentei-me com a vista passageira de muitos cepos grossíssimos e de algumas fortes e compridas colunas que ali jazem naquele deserto, e são destinadas para Mafra.

### **Carta XXX**

*Não se aprende numa segunda vida. A ignorância dos eruditos.  
Órgãos e relojoarias. Ornatos mouriscos.  
Lisboa, 13 de Setembro de 1760, ao fim do dia*

Depois de visitar com vagar o convento real, fui reconduzido à igreja pelo organeiro do rei, que me queria mostrar as partes interiores de um dos seis órgãos.

Examinei todas essas partes com a maior atenção e ouvi uma minuciosa explicação do uso de cada uma delas. Mas a minha ignorância da arte de construir órgãos é tal que não me atrevo a arriscar o mínimo esboço de descrição. Que descuidado fui em não ter concedido, no decurso de quarenta anos, um único pensamento aos tubos e aos foles de modo a compreender com facilidade como deles se pode extrair uma ampla variedade de sons encantadores! São muitas, porém, as coisas que um homem deve ter estudado para ficar devidamente habilitado como narrador de viagens.

Ao considerar as oportunidades que desprezaram de aumentar uma sabedoria que estava mil vezes ao seu alcance ampliar, a maior parte das pessoas forma a ideia de que, se tivessem de começar a vida

de novo, se aplicariam a todas as ciências com a mais ardente avidez e a mais persistente resolução e encheriam as suas mentes com tudo o que neste mundo se sabe desde os dias de Pitágoras e de Aristóteles.

Mas, na minha opinião, esses especuladores não têm a noção correcta das coisas. Ainda que sejam as nossas vidas tão prolongadas e a nossa aplicação sempre tão perseverante, eu penso que é providencial que não tenhamos muito cedo a noção do muito que há para aprender e do pouco que podemos aprender. Se assim não fosse, ficaríamos atemorizados com os caminhos da sabedoria, e é minha firme opinião que, em vez de adquirir a pouca que adquirimos, nunca teríamos coragem para tentar adquirir alguma.

É, de facto, uma felicidade que começemos a nossa viagem pelo oceano do aprender muito inconscientes da sua imensidade; de outro modo, os nossos pobres corações esmoreceriam imediatamente e faríamos como a jovem criada preguiçosa que, ao ver que tinha de limpar a casa, fazer as camas, lavar os pratos e preparar o jantar, entrou em tal desespero que correu para o sótão, lançou-se na cama e adormeceu.

Foi esta a enfiada de ideias que a minha ignorância sobre a construção de órgãos produziu. Que desprezo deve aquele artista ter sentido por mim ao descobrir que eu sabia tão pouco de tão nobre ciência! Conforta-me, contudo, o facto de o seu desprezo poder também cair sobre muitos grandes homens, pois os há muitos que são, como eu, completamente ignorantes de coisas muito inferiores à construção de órgãos. Quantos serão os eruditos das várias universidades da Europa que comem pão duas ou três vezes ao dia mas são totalmente alheios à arte de cozer pão? Ou aqueles que perpetuamente vão molhando a pena num tinteiro mas não sabem como se faz a vulgaríssima tinta? Ou os que todas as manhãs são barbeados mas nunca pensaram em investigar de que ingredientes se compõe o sabão?

Vou contar uma história a este respeito que me parece valer a pena referir. Três grandes inteligências britânicas - Walsh, Wycherley e Pope - andavam a passear à beira de um campo cultivado e começaram a discutir por causa de uma folha de erva que um deles apanhara despreocupadamente. "Ora aqui está uma bela folha de trigo - disse um -; nunca vi outra assim!". Isto não é trigo - disse o segundo -; quanto a mim é centeio". "Que parvos sois! - interveio o terceiro -; isto não é trigo nem centeio, é aveia, tão certo como eu estar vivo!". O

botânico Miller passou por eles quando já se olhavam de esguelha. Quis saber o motivo, e descobriu-se que nenhum deles tinha razão.

A maior parte daqueles a quem chamamos homens instruídos ignora as coisas mais vulgares, e os filósofos podiam aprender com as pessoas de mais baixa condição muito mais que o que alguns deles imaginam; portanto, não me devo aborrecer por um organista me ter tomado por néscio. Ele tinha razão.

Este homem é irlandês e chama-se Eugene Nicholas Egan. Mal tem quatro pés de altura, mas todo o seu corpo é vida. Não obteve este lugar em Mafra por acaso nem por ter protectores, mas por efeito da sua habilidade. O rei mandara vir a Portugal oito famosos organeiros de Itália, da Alemanha e de outros sítios: aquele que apresentasse o melhor órgão ganharia o emprego. Bem podeis imaginar como qual-quer deles se esforçou por suplantar os seus rivais. Mas o imortal castrato Caffarello e o famoso compositor David Perez, que haviam sido nomeados para julgar as suas várias provas, foram unânimes em decidir a favor do pequeno Egan, que conquistou, evidentemente, o lugar. Mais tarde, verificou que o seu salário não era tão generoso como ele esperava; mas que é o salário para um génio? Vencera os seus inimigos, e viu-os partir de Portugal envergonhados.

Mostrou-me o órgão e esteve depois um bom bocado a tocar nele, usando repetidas vezes um registo agudo de sua invenção; em seguida, levou-me a ver o melhor amigo que tem em Mafra, o homem que toca os sinos do convento real.

Não deveis rir quando vos digo que tive a honra de visitar o sineiro de Sua Majestade, o maior dos que até hoje têm puxado cordas de sinos e tão eminente no seu campo como Platão no dele. Além de saber fazer soar esses sinos em regular subordinação, também sabe tocar neles muitas interessantes músicas com que delícia toda a corte. Mas o que dele faz um grande homem e um génio são dois instrumentos que ele inventou: um, formado por muitos pedacinhos de madeira; o outro, por muitos pedacinhos de tijolo. Dispõe esses pedacinhos por uma determinada ordem no tampo de uma mesa, pega em dois martelinhos de madeira e toca. Que suavidade, a que se oculta na madeira e nos tijolos! Ele toca em ambos esses instrumentos as melhores aberturas de Handel e as mais difíceis lições de Scarlatti. O mestre Egan, que também acrescentou um novo agudo ao órgão e é, claro está, um bom juiz nestes assuntos, distingue e estima este

homem, apesar de ele ser apenas um sineiro, e não tem ciúmes das suas aptidões, pois não interferem com as dele.

O sol já se apressava para o poente quando me despedi destes dois maravilhosos homens. Apertei a mão ao sineiro e não pude deixar de abraçar o anão.

Como a estrada de Mafra para Sintra ainda está como ficou quando as águas retiraram depois da cheia, apeei-me vinte vezes da minha sege com receio de ser cuspido. Vi em muitos sítios, de ambos os lados da estrada, grande número de blocos de pedra e colunas de mármore, pois são ali as pedreiras que forneceram os materiais para o convento real. Já estava escuro quando cheguei a Sintra, e o meu negro levou-me para a Estalagem Inglesa, assim chamada por ser sustentada, principalmente, por uma sociedade de comerciantes ingleses que ali se deslocam de Lisboa para fins de recreio ou para comprar laranjas e limões. Quando lá estão, esses comerciantes ocupam os melhores quartos, e com boas razões, pois foram eles que os prepararam para os acolher.

Aconteceu que a casa estava completamente ocupada quando eu cheguei, e já era muito tarde para procurar outro alojamento. Fui obrigado a dormir em cima da já mencionada peça de lona, numa casa próxima. Depois, porém, quando eu voltei do convento da cortiça, os comerciantes já tinham partido e obtive uma cama excelente.

É agora a altura de vos dizer que, antes do terramoto, Sintra merecia muito bem uma visita. Havia lá um palácio real que está agora praticamente destruído. Dizem que ele foi, há muitos séculos, uma das residências dos reis mouros que arrancaram Portugal e a Espanha das mãos dos vândalos, que, por sua vez, tinham arrancado ambos os países aos romanos. Mourisco ou não, vejo pelas suas ruínas, bem como pelo que ficou de pé, que foi outrora um grande palácio. Ainda podemos ver três salas. O tecto de cada uma delas está dividido em pequenos espaços com pinturas de animais. Mas cada tecto só recebeu um animal para o adornar; deste modo, um só tem cisnes, outro só tem veados e o terceiro só tem pegas. Estranho gosto decorativo, e especialmente porque os cisnes, os veados e as pegas são uniformes, e a postura de cada um é igual à do vizinho. Cada cisne tem uma cadeia dourada em redor do pescoço; cada veado tem no dorso um escudo de armas; e cada pega tem escritas no flanco as palavras *per ben*; as quais palavras, precedidas de Pega, constituem um trocadilho alusivo mourisco que já esqueci.

As paredes das três salas têm incrustados quadrados de mármore de duas cores diferentes, dispostos em xadrez, e do mesmo modo o chão. No piso térreo há uma sala pequena onde antes do terramoto se fazia brotar água de muitos tubinhos, ocultos nas paredes, accionando uma mola; e isto é, mais ou menos, tudo quanto ficou deste palácio mourisco. Estão a reconstruí-lo, e o rei vai mandar que o restituam à sua antiga forma. Louvável ideia, pois a posteridade verá assim como era o gosto mourisco em arquitectura.

Das janelas da sala que tem os veados pintados, tem-se uma excelente vista, mas eu já estou farto de vistas e não vos darei mais descrições delas. Se gostais de vistas, trepai a campanários.

O convento real de Mafra não sofreu muito com o terramoto. Os frades fizeram-me notar que os toros dos plintos das duas grandes colunas que estão aos lados da porta da igreja tinham estalado, deixando cair alguns pedaços. Mas isso foi praticamente tudo o que o edifício sofreu - apesar de o solo ter estremecido tanto que alguns frades que estavam ajoelhados no coro caíram de bruços e muitas das pessoas presentes no templo andaram a cambalear umas contra as outras. Se o edifício tivesse abanado apenas mais uma ou duas polegadas, teria, provavelmente, desabado de uma só vez, esmagando instantaneamente todos os que nele se encontravam.

Despeço-me agora de Sintra, do belo local em que ela se ergue, das salas que ficaram do palácio dos mouros e dos altos montes das suas vizinhanças, onde muitos ingleses e muitos portugueses têm belas casas de campo. Disseram-me que há, não longe dali, um vale com cerca de uma légua de comprimento e uma milha de largura, todo plantado de laranjeiras e limoeiros que na estação própria perfumam uma vasta região em seu redor. Chamam-lhe vale de Colares e comparam-no ao jardim do Éden.

## Conde JOSÉ GORANI

O autor (1740-1819), residente em Portugal no período compreendido entre 1765 e 1767, visitou Mafra, coincidindo a sua estadia com a da família real e do corpo diplomático. No capítulo XLII das suas *Memórias (Portugal: A corte e o país nos anos de 1765 a 1767, Lisboa, 1945)*, retoma o argumento da doença de D. João V para justificar a construção do Mosteiro. A estatuária da galilé e, nomeadamente, o S. Sebastião mereceram-lhe os maiores encômios, tal como os jardins "vastos e belos, decorados com fontes, grupos e estátuas". A primeira edição integral das *Memórias* de Giuseppe Gorani remonta apenas a 1936-1939, tendo sido realizada sob a direcção de Alessandro Casati.

### Capítulo XXXVI

[...]. Então, ali como em Mafra, rezavam-se ofícios de noite e de dia e os monges salmodiavam por turnos. Quando visitei a Batalha existiam ali 173 monges professos e cerca de cem irmãos para serviço da comunidade. No tempo de D. João V os rendimentos deste convento haviam sido de cinquenta mil cruzados, sem contar com as achegas extraordinárias: em 1766 as suas rendas foram reduzidas pelo Ministro a oitenta mil. Os monges tremeram com a nossa chegada, pois recearam que viéssemos para os reduzir a metade, porque era voz corrente que tal se determinara. Tanto o prior como alguns monges estavam crenes que nós íamos incumbidos de os expulsar, para estabelecer no convento uma manufactura ou uma estância de recreio para Sua Excelência. Estes bons padres não ganharam para o susto.

Agradou-me imenso ver este convento, onde reinava por toda a parte uma admirável correcção e uniformidade de desenho. Com excepção do dormitório e das copas, tudo é em mármore. O comprimento do edificio é de 416 pés de este a oeste e de 51 de norte a sul, compreendidos convento e igreja. Na grande biblioteca conventual existem menos livros e manuscritos que na de Alcobaça. Entretanto, mostraram-me óptimas edições de Lourenço Valla, de Giorgio Trebisonda, de Bartolomeu Fazio, de Giovanni Aurispa, de António de Palermo, de Giovanni Pontano. Uma soberba edição da *História do Descobrimento das Índias* de Micle, a *Descrição do Convento da Batalha* do P. Sousa, a *História da Índia* de Faria e uma edição completa do grande historiadado português João de Barros [...].

## Capítulo XLII

### *Passeios a Sintra e Mafra*

[...]. Ao deixar, pela primeira vez, o Real Palácio de Queluz, dirigi-me para Mafra, a três léguas dali e a sete de Lisboa. O burgo de Mafra é, pouco mais ou menos, do mesmo tamanho de Sintra. Foi próximo dele que D. João V mandou construir um palácio de recreio e um convento, edifícios vastíssimos e da maior magnificência. Esse Príncipe, estando doente, fez a promessa de construir um Mosteiro se lhe voltasse a saúde e de povoar com monges da mais pobre das ordens religiosas do reino. Depois de laboriosas pesquisas, veio apurar-se que era o convento franciscano de Mafra o mais mísero de todo o Reino e foi esta a razão por que o Monarca o preferiu. Fez então construir, neste lugar, um palácio para si e um magnífico convento, após ter demolido o que existia. Mandou vir de Roma a traça do edifício e começou imediatamente a construção.

Do lado direito desta imensa mole, que é onde estão instalados os monges, está o grande palácio para o Rei, sua família, senhores e damas da Corte. À esquerda há outro belo palácio para hospedar o Cardeal Patriarca e os doze primazes da soberba Colegiada. Essa construção foi começada em 1717 e terminada em 1731, sendo arquitecto o alemão J. F. Ludwig, mas tendo o projecto, como já disse, vindo de Roma. Neste extraordinário edifício havia 870 compartimentos e 5.200 janelas. Entre estes compartimentos contam-se 300 janelas para habitação dos 300 monges que, revezando-se, deviam officiar continuamente noite e dia. Sempre que D. João V vinha para Mafra, deleitava-se em ir para o coro salmodiar com eles, o que aliás também usava fazer noutros conventos.

Durante a minha estadia em Portugal, a família real passava ali, todos os anos, um certo tempo para caçar o lobo e o porco-espinho. A caça era o principal divertimento desta família, distinguindo-se nele a rainha, que montava muito bem com botas e calções, e possuía pontaria certíssima. Por isso esta Fidelíssima Majestade tinha as mãos grosseiras, o que não constituía um encanto para aqueles que, nos dias de gala, estavam condenados a beijá-las.

Quando visitei Mafra, a família real encontrava-se lá, bem como parte do corpo diplomático, com excepção do ministro da França. Perante o meu espanto, informaram-me que os ministros desta coroa

eram sempre mal vistos pela Rainha que, ainda Infanta de Espanha, estando em França destinada a ser esposa de Luís XV, foi, como é sabido, devolvida ao seu país, por o Cardeal Fleury ter julgado urgente, depois da doença do Rei, em Metz, dar-lhe, sem mais delongas, esposa de quem pudesse logo ter sucessores. Foi depois deste repúdio que ela desposou o Rei de Portugal, mas conservando sempre rancor contra toda a nação Francesa.

O edifício de Mafra é construído com uma espécie de mármore branco. No pórtico de entrada vêem-se doze estátuas de Santos, em mármore de Itália, que são de bela execução. A de S. Sebastião é notável. Os altos deste edifício são constituídos por terraços onde se pode passear. Nas traseiras deste soberbo monumento estão os jardins, vastos e belos, decorados com fontes, grupos e estátuas. No palácio do Rei existia um grande número de quadros dos melhores Mestres, cuja descrição existe nos meus jornais assim como a de todas as outras belezas deste convento e do palácio real.

Em todos os passeios, a Sintra, a Mafra, a Setúbal, e durante a minha viagem ao Porto, notei a existência de grande número de moinhos de vento. já em Espanha vira bastantes. A sua composição é muito simples: as mós estão colocadas horizontalmente e as velas quase rasam o chão. Assim, D. Quixote não teve grandes dificuldades e não seria com a mesma facilidade que daria combate aos moinhos da Alemanha e dos Países-Baixos, cujas velas chegam a ter quarenta e cinquenta pés.

## **Conde GIUSEPPE PECCHIO**

Membro de uma família fidalga milanesa, literato e deputado, Pecchio (1785-1835) permaneceu uma temporada em Lisboa, durante o ano de 1822, antes de passar à Inglaterra. Nesse mesmo ano imprimiu uma obra intitulada *Tre mesi in Portogallo*. A referência ao Monumento de Mafra ocorre na *Carta IV*, datada de 5 de Março: segundo o autor, os conventos do Escorial e de Mafra são a demonstração cabal de que a conquista da América pelos espanhóis e pelos portugueses se destinou apenas a “assegurar o bem-estar dos frades”.

## **CÉSAR CANTU**

Poeta, romancista e historiador italiano (1804-1895), autor de uma monumental *Storia Universale*, composta durante os anos de 1836 e 1837. Considera o edifício de Mafra "lastimoso padrão do mau gosto da época e perpétua acusação contra a monarquia absoluta que na Europa e no século XVIII podia renovar à custa do povo os milagres arquitectónicos com que ficara assinalada no Egipto a tirania dos construtores das pirâmides de Gisé" (trad. de António Enes).

## **LUIGI CIBRÁRIO**

Historiador e político (1802-1870). Em 1849, viajou para o Porto com a missão de convencer o soberano destronado, Carlos Alberto, a regressar a Turim. Chama a Mafra, que não visitou, "Escorial de Portugal", a p. 154 dos *Ricordi d'una missione in Portogallo al Re Carlo Alberto* (Turim, 1850).

## H. CATENACCI

Autor de um desenho (159 x 119 mm), realizado a partir de fotografia de Lefèvre, que ocorre no *Le Tour du Monde* (v. 2, 1861, p. 320), ilustrando artigo de Olivier Merson (ver imagens francesas), mas, igualmente, num periódico britânico ainda não identificado (subs: *H. Catenacci/ Hoyot* ; insc: *Dessin de Catenacci d'après une photographi de M. Lefrèvre*). Editado em formato de postal pela Comissão de Turismo de Mafra, na década de 1930.



## FRANCESCO VARVARO POJERO

Publicou *Quindici giorni in Portogallo* (Milão, 1886), obra que inclui referências a Mafra.



# **IMAGENS ESLAVAS**



## KARL DEMBROWSKI

Escritor polaco que fez estampar em Paris (1841) a obra *Deux ans en Espagne et en Portugal pendant la guerre civile, 1838-1840*. O "famoso" Convento de Mafra é tão vasto "que em 1811 dez mil ingleses acamparam nele". Entre muitas raridades, destaca o carrilhão tocado a murro, a magnífica Biblioteca e as imensas Cozinhas. Não esquece os "mil moinhos de vento que povoam esta comarca encantadora" onde encontrou espaço para sonhar.

[...]. Em Mafra é indispensável ouvir um magnífico carrilhão de 104 sinos. Tocam valsas, contradanças, minuets, enfim, todo um repertório musical. O mecanismo que põe em movimento os sinos assemelha-se ao dos órgãos. Existe, além disso, um teclado de quatro oitavas para as obras de fantasia. O organista [aliás, carrilhanor] toca dando murros nas teclas que correspondem às notas agudas e enérgicos pontapés nas teclas que correspondem às graves. A majestosa harmonia destes sons toca a alma; basta para isso que o pobre organista, lutando qual louco com as teclas e os pedais do seu instrumento, não esteja à vista.

Entre outras raridades que oferece este convento, existe uma biblioteca magnífica e imensas cozinhas onde o mármore é pródigo nas suas mais ínfimas parcelas. Estas cozinhas igualam o número de pratos que eram servidos aos trezentos monges que outrora o habitavam. [...] os passeios de Mafra e de Sintra não podem ser mais agradáveis e absorventes, sobretudo se se escolher um dia ventoso. Nesse caso são acompanhados pelos lamentos dos mil moinhos de vento que povoam esta comarca encantadora, e mesmo não sendo adepto do sonho, tem-se muito campo livre para ele.

## TEODOR TRIPPLIN

Escritor polaco (1813-1881). Publicou, entre 1839 e 1843, os quatro volumes do seu *Wydaniedrugie poprawne* (São Petersburgo), cujo terceiro tomo inclui referências a Mafra, as quais haviam de ser reeditadas em: *Portugalia przez Dra T. Tripplina* (Varsóvia, 1851) e *Wspomnienia z podróży przez Dra T. Tripplina* (São Petersburgo, 1853).

Mafra encontra-se a duas compridas milhas geográficas a oeste de Sintra. A maior parte do caminho arrasta-se pelos picos e encostas dos montes, e não só é árdua como, até, verdadeiramente perigosa para os viajantes.

As mulas pareciam não querer andar, e o nosso guia não podia exigir ao seu burro um passo para diante sem lhe puxar a cauda para trás; o animal, supondo que ele o fazia para que recuasse, avançava a bom passo espetando alegremente as compridas orelhas. Há muita gente parecida com aquele burro.

Mafra é uma aldeia grande, situada nas proximidades de um edifício enorme que deveria servir de convento e palácio real, construído com incríveis despesas por João V e, de certo modo, segundo o modelo do Escorial espanhol<sup>9</sup>.

O mundo deve o original ao medo de Filipe li. A cópia, deve-a à vaidade de João V.

Este imenso edifício de 800 pés de comprimento e outro tanto de largura, enfeitado com uma formosa cúpula, duas torres altas e quatro baluartes impressionantes, compõe-se de blocos quadrados. Dentro dele se encontra a mais bela biblioteca de Portugal, que tem cerca de 100.000 livros e manuscritos de todos os tipos de ciências e línguas e é muito adequada à imensidade e ao esplendor do edifício.

Mas já ali não estavam os agostinhos que em tempos idos cuidavam dessa respeitável biblioteca. Foram desterrados, juntamente com outros frades menos dignos, porque se intrometiam excessivamente nos assuntos políticos do país e inculcavam ao povo demasiados ódios. Muitos deles foram para Espanha, onde serviram sob os estandartes de D. Carlos; alguns conseguiram manter-se no país como

---

<sup>9</sup> O autor usa o nome polonizado *Eskuryal*.

professores rurais e capelães mas muitos outros fugiram, infelizmente, para os montes e reuniram-se aos bandoleiros.

Todo o edifício ficou confiado a três ou quatro servidores do rei, bastante negligentemente vestidos.

Depois de visitar o convento e a igreja - que, apesar de o tesouro ter sido levado para Lisboa, ainda hoje possui muitos objectos de valor e bonitas pinturas-, subimos à cobertura do edifício, muito alta mas plana, de onde há muito bonitas vistas do mar próximo e das rudes montanhas.

Nesses terraços, amplos como quatro praças públicas e comunicantes entre si pelos pórticos que rodeiam os baluartes, poderiam manobrar comodamente quatro batalhões de soldados. Espantámos ali bandos de pombos que faziam ninho nas numerosas chaminés, das quais havia já muito tempo que não saia fumo. Esses pombos, meio bravos meio adaptados, eram maiores que as rolas, de cor de telha escura e mais ou menos todos iguais.

As nossas espingardas <sup>10</sup>, isto é, as escopetas portuguesas de dois compridos canos, nunca se separavam de nós. Foi difícil resistir à tentação. Em nome da zoologia e sob a cortina da autorização <sup>11</sup>, começou nos terraços do convento um terrível tiroteio militar <sup>12</sup> de que aquele templo nunca fora testemunha. Os pombos surdiavam, assustados, das chaminés e caíam um a um. Em seguida, levantaram voo bandos nunca vistos que davam voltas sobre os terraços. Os falcões, que ali também são muitos, espiavam a presa e atacaram-na do alto das nuvens. Ameaçado por dois lados, pelas garras e pelo chumbo, todo o bando dos pombos voltou, em pânico, para as chaminés; aí os recebemos com seis disparos, causando uma terrível carnificina. Mais de cem pombos tombaram, vitimados pelo nosso amor à ciência. Todos os museus europeus poderiam sentir-se felizes com os exemplares do pombo português. Parte do troféu foi oferecida aos servidores do rei, cujas famélicas fisionomias se alegraram muito agradavelmente com o bom resultado da nossa caçada.

Enviámos também uma dúzia deles ao professor rural, antigo frade de Mafra, que desatou a chorar ao ver os antigos hóspedes, tratados com tanta solicitude pelos frades e por estes só comidos, por

---

<sup>10</sup> No original, *espingardy*, plural em polaco da palavra portuguesa.

<sup>11</sup> O autor usa metaforicamente a palavra *firman*, que em polaco antigo significava a ordem ou disposição do xá, sultão ou vizir dirigida aos seus subordinados ou vassallos.

<sup>12</sup> Metaforicamente.

obra do limpa-chaminés, no estado da primeira juventude. Mas fez justiça à nossa cortesia e exclamou: "Ora vede! Os hereges sentem compaixão pelo meu destino, e os meus compatriotas, os portugueses, [...]! *proh dolor* <sup>13</sup>.

Convém saber que em Portugal chamam "herege" a qualquer ser humano ou animal que pela cor do cabelo e do rosto pareça inglês.

Àqueles macacos de pêlo claro e focinho barbeado, chamados gatos de mar, chamam os portugueses "hereges".

Entretanto, parte dos pombos - pois deles aqui se fala principalmente - fora já por nós enviada para a estalagem para assar, fritar, guisar, ou seja: cozinhar de quatro modos. Convidámos para o improvisado banquete o reverendo professor rural e mais quem quisesse aceitar o convite. Não faltava vinho. Uma garrafa inteira de vinho de mesa custava cinco *groszy* <sup>14</sup> polacos; e do velho, armazenado e selado, 20 *groszy*, mas este era de verdade muito forte para uso normal.

O padre professor falou-nos longamente das suas penas, queixando-se da depravação das pessoas, da impiedade do mundo, da pobreza e da constituição. Quis saber o que se ouvia das bandas de Espanha. Respondemos-lhe que eram coisas más: depois de perder o seu melhor general, o heróico Zumalacárregui <sup>15</sup>, D. Carlos não avançava e, apesar de todos os esforços do país e do estrangeiro, decerto teria de render-se e renunciar à coroa.

"Sim, sim - respondeu ele -, é verdade; infelizmente, é uma grande verdade. Vai ter de capitular perante o espírito dos tempos, o mau espírito do tempo. Que fazer? Mas em toda a parte há gente boa, e aqui ainda a encontramos". acrescentou com sincera cortesia, passando-nos a tabaqueira.

A tabaqueira é para o português um ramo de oliveira. Quem quiser estar em boas relações com ele, mergulhe neste momento os dedos no pó fino e macio e aspire-o cordialmente pelas narículas.

---

<sup>13</sup> *Ipsis verbis* no original.

<sup>14</sup> *Grosz*, do grosso (grande) italiano, nome da moeda de origem genovesa, a partir do final do século XIII; o *grosz* polaco foi cunhado em cobre entre os anos de 1752 e 1849 como 1/30 do *zloty* polaco, que se manteve até meados do século XIX apesar das partilhas da Polónia entre a Rússia, a Prússia e a Áustria nos anos 1772-1795.

<sup>15</sup> Tomás de Zumalacárregui (1788-1835), militar espanhol. Em Setembro de 1833, aderiu à causa de D. Carlos. A partir de Dezembro do mesmo ano, organizou o exército carlista do Norte enquanto seu chefe. Alcançou muitas vitórias contra os liberais. Em Junho de 1835, foi mortalmente ferido durante o cerco de Bilbao.

Dali a pouco, estávamos, como se costuma dizer, na melhor das companhias. Como não teríamos pena de um homem que envelhecia num bonito, cómodo e rico convento mas tivera de abandoná-lo em idade avançada e, para não morrer de fome, ensinava as primeiras letras às crianças da aldeia? Ao ver isto, parte-se-nos o coração; ao ver isto, temos de admitir que os direitos humanos, embora mais conscienciosos, nunca poderão prever as excepções e, em muitos casos, castigarão o inocente juntamente com o culpado.

O pobre agostinho despediu-se de nós ao entardecer, sem poupar bênçãos. E nós apressámo-nos a regressar a Sintra para que a noite nos não surpreendesse nos traiçoeiros despenhadeiros dos montes.

Devemos acrescentar que, muito conscienciosamente, já tínhamos enviado para o museu régio quatro exemplares do pombo agostinho, dissecados nas suas quatro posições mais interessantes, agregando-lhes a descrição zoológica e o método que tínhamos utilizado para obrigar os indivíduos ao serviço da ciência.

A partir de então, estive na moda a caça nos terraços de Mafra, coisa que anteriormente ninguém poderia imaginar.

## ATANÁSIO RACZYNSKI

Diplomata, crítico de arte e ministro de Frederico Guilherme II da Prússia em Lisboa, desde 13 de Maio de 1842 até 3 de Abril de 1848 (1788-1874). Visitou Mafra, no dia 13 de Setembro de 1844, na companhia do Cavalheiro Bertone, do Conde Crivelli e do Príncipe Löwenstein. Os resultados do minucioso estudo que levou a cabo sobre a arte em Portugal, a convite da Sociedade Artística e Científica de Berlim, encontram-se coligidos em cartas redigidas na língua francesa, compendiadas em *Les Arts en Portugal* (Paris, 1846). Aquela que se reporta à excursão a Mafra tem o número XIV e está datada de 14 de Setembro de 1844. Confessa que se revoltou contra os cicerones do edifício logo à chegada. A Igreja é, "como a da Estrela, uma imitação em miniatura" da de S. Pedro de Roma, "um trecho de arquitectura irrepreensível e produzido de um jacto. Não há ali anacronismo ou confusão de ideias e se o progresso não lhe tocar conservar-se-á bela até cair". Quanto ao Palácio "é imenso, mas deserto e silencioso" além de ter "um aspecto bolorento". Elegeu, como o mais belo, o quadro representando S. Domingos e S. Francisco em adoração diante de Cristo e da Virgem, exposto na Portaria do Convento. Referências adicionais nas Cartas I (6 de Dezembro de 1842), XXIX (1 de Agosto de 1845), no Apêndice B da VI e no *Dictionnaire*.

### Carta XIV

(14 de Setembro de 1844)

O maior proveito que tirei deste passeio foi o prazer da boa companhia, e um cansaço, em tais disposições, que me fez dormir como um bem-aventurado. Voltei moído, depois de ter andado em macho no mesmo dia, de Cintra a Mafra e de Mafra a Belas. A minha carruagem esperava-me neste último ponto para me conduzir a Lisboa, onde cheguei às 8 horas da noite. Não serão menos de sete léguas as que percorri montando em macho e com tempo quente. Dei este passeio com o cavaleiro Bertone, o conde Crivelli e o príncipe Lowestein. Estes senhores tragaram até às fezes a amarga poção do programa secular dos *ciceroni* de Mafra. Chegaram mesmo a palpar o famoso carrilhão. Quanto a mim revoltei-me contra os *ciceroni* logo na escadaria e, depois de tomar o fresco ali durante uma hora, fui ver a igreja e a biblioteca. Entre estas duas partes do edifício segui um

corredor em ziguezagues, que não tinha fim. Os corredores neste edifício têm um comprimento característico denunciando uma vasta concepção. A igreja é, como a da estrela, uma imitação em miniatura da igreja de S. Pedro. Tem aproximadamente 65 metros de comprimento e é revestida interiormente de mármore branco e cor de rosa. O quadro de altar mor, representando Santo António em adoração diante da Virgem, é uma bela obra do século último. Os outros altares estão ornados de baixos relevos em mármore branco, dum estilo que está longe de ser clássico. Contudo a igreja apresenta interiormente em conjunto harmonioso de proporções e de cores: é rica e simples ao mesmo tempo. É um trecho de arquitectura irrepreensível e produzido de um jacto. Não há ali anacronismo ou confusão de ideias e, se o progresso não lhe tocar, conservar-se-á bela até cair. Uma das coisas que mais me despertou a atenção nesta igreja foram dois enormes gradeamentos de ferro, dum bellissimo trabalho, ornados de dourado, separando a capela mor e uma outra capela lateral da nave.

O mais belo quadro de Mafra, enquanto a mim, é o que representa S. Domingos e S. Francisco em adoração diante de Cristo e da Virgem. Este quadro está colocado na casa de espera do Convento. É muito mais moderno que o Guido e o Guerchino, mas tem mérito que não creio muito inferior às boas obras destes dois pintores. O número de estátuas que ornam a igreja, o vestíbulo e a fachada, é muito considerável. Há algumas que nos satisfazem, mas encontrei outras muito amaneiradas e de fraco desenho. A biblioteca tem aproximadamente 143 metros de comprimento e contém 30.000 volumes.

Mafra, perto de Lisboa, ou nos seus arrabaldes, seria uma magnífica habitação real. Poder-se-iam ali aquartelar tropas, instalar os ministérios, estabelecer depósitos de armamentos e não sei que mais ainda. Ter-se-ia evitado o trabalho de construir o Palácio da Ajuda, esta grande e triste inutilidade, que provavelmente nunca se acabará e que encerra tão horríveis pinturas modernas.

O Palácio de Mafra é imenso, mas deserto e silencioso; está situado numa região de uma tristeza nunca vista. Este palácio tem um aspecto bolorento. Cobre-se de musgo como um velho tritão dos jardins de Le Nôtre.



# **UMA IMAGEM AMERICANA**



## GEORGE BAILEY LORING

Representante diplomático dos Estados Unidos da América em Lisboa (1817-?). No seu livro *A year in Portugal: 1889-1890* (Nova Iorque-Londres, 1891), sublinha a solidão e abandono dos campos em torno da vila de Mafra, considerando que, apesar de tudo, o Monumento de Mafra manifesta o poder civil e eclesiástico pretérito de Portugal (p. 31-35), merecedor, apesar de tudo, de todo o respeito e consideração.

Um apreciado passeio com partida de Sintra conduz-nos a Mafra, uma monstruosa mole arquitectónica, de há muito deserta, que se ergue em solitária grandiosidade perto do mar: um monumento de extravagância e loucura imperial, entusiasmo religioso e fraca ambição. O nome é o de uma pequena aldeia em que se encontra este palácio, convento e basílica: um enorme edifício mandado erguer em 1717 por D. João V em sinal de gratidão a Deus pelo nascimento de um filho e em cumprimento de uma promessa que fizera de, se lhe nascesse esse filho, erguer um convento magnífico no local do mais pobre priorado do reino. E esse priorado estava em Mafra: era uma cabana em que se abrigavam doze frades arrábidos, da ordem mais pobre de Portugal. A pedra de fundação foi colocada em 1717, e só esta cerimónia custou 200.000 coroas. Foi utilizada na construção uma força de trabalho diária de 14.000 operários durante treze anos, e ao longo de todo este tempo trabalharam na obra, ao todo, 45.000 homens. O edifício custou 19 milhões de coroas e, num dos oito dias ocupados pela sua consagração, o rei deu de jantar a 9.000 pessoas. O comprimento da fachada que corre de norte a sul é de 1.150 pés. Há 886 salas e 3.200 portas. O terraço da cobertura é tão amplo que se pode nele passar revista a 10.000 homens, e é de tal solidez que um coruchéu de pedra com pelo menos tonelada e meia não deixou qualquer marca na sua superfície ao cair nele, do alto de um dos campanários, a cento e cinquenta pés mais acima. Há um palácio para o rei e outro para a rainha, uma magnífica sala de audiências, uma igreja de grande beleza, casernas para os soldados e uma biblioteca com 300 pés de comprimento que contém 30.000 volumes; os mais antigos são missais de 1.450 com iluminuras. As harmonias dos sinos são maravilhosas: suaves no tom e impressionantes na potência. Essa

grande maquinaria já trabalhou durante cento e setenta anos, e está hoje tão perfeita como no dia em que foi instalada. Há dois conjuntos de sinos; cada um deles pesa duzentas toneladas e custou um milhão de coroas. O seu número foi duplicado por aquele extravagante rei quando lhe fizeram notar que seria preciso um milhão de coroas para pagar só um. Este imenso edifício ergue-se num amplo local plano, no meio de um pequeno aglomerado de casas de habitação tão notáveis pela sua humildade como o grande convento pela sua sombria grandeza. A grande fachada principal, já escurecida como todos os velhos edifícios da Europa, é uma acumulação de excelsas colunas, altas torres maciças, fundos nichos ornamentados por estátuas e toda a riqueza que o engenho arquitectónico pôde empilhar numa estrutura semelhante a uma montanha. A ampla entrada desta fachada abre para um vestíbulo cujas paredes estão adornadas com estátuas colossais de santos e apóstolos e que dá entrada para uma igreja de proporções imponentes, com ricas decorações, grandes arcadas e belíssimas capelas. Deste opulento edifício, passa-se para uma incontável sucessão de salas, algumas com os tectos adornados por belos frescos e outras tão brancas, mortas e vazias como uma gruta na neve do Ártico. Todas elas abrem umas para as outras, formando uma vista que parece de uma grande avenida. O vasto edifício que parte desta esplêndida fachada para as traseiras, com a sua igreja e as suas torres, campanários e estátuas, não é mais impressionante que as paredes de uma enorme fábrica de fiação. O exterior tem uma cor baça, amarelo-acastanhada; o interior compreende um hospital com os seus muitos compartimentos, o convento, com as celas dos frades, o grande refeitório, com as suas pesadas e compridas mesas, e uma soberba cozinha. Sentimo-nos obrigados a admirar as portas de pau-brasil, de boa factura, e a sentir assombro ao ver os simples batentes das janelas, já arruinados. E por ali vamos vagueando e reflectindo, esperando em vão descobrir um grupo de ocupantes, tentando povoar todas as solidões com assembleias régias, devotos e militares; e apuramos o ouvido para escutar ecos de antigos folguedos, cânticos e resposos. Mas tudo está deserto, parado e inútil, à espera de que o tempo conclua o seu trabalho. No seu apogeu, Mafra deve ter sido um cenário de glória militar e eclesiástica como raramente o mundo viu. Hoje, a desolação e a quietude são horríveis.

Quando este convento foi construído em Mafra, os recursos de Portugal eram grandes - grandes para os governantes e os nobres,

grandes para uns poucos privilegiados, mas pouco copiosas, como hoje, para a massa do povo. Sem olhar às carências dos seus súbditos, indiferente às necessidades do seu grande império, o rei forçou toda a gente e todas as indústrias a coberto da bandeira portuguesa a pagar tributos para esta temerária e extravagante fantasia. E agora todas as indústrias e toda a gente desapareceram da sua presença e deixaram-na sozinha. Já lá vai o poderio daquele que a construiu. O significado do edifício morreu. O objectivo para o qual ele foi erguido está esquecido e, se lembrado, é visto como uma fraqueza e uma loucura. E, no entanto, ele representa o que foram outrora o poder civil e o poder eclesiástico em Portugal: o primeiro está em decadência, e o segundo foi abolido por um grande ministro.

Passámos por uma ampla região de colinas secas e vales ocupados por magras searas de trigo e vinhas enfezadas onde um povo vitimado pela pobreza colhia o escasso grão e aguardava a fraca vindima. Não havia luxos: tudo mostrava um baixo nível de civilização, sem uma escola, tanto quanto eu pude ver, e de certeza sem uma casa municipal ou uma sala de reuniões. Não pude deixar de pensar no contraste deste cenário de agricultura pobre e sociedade morta com os férteis campos, os confortáveis lares e as belas aldeias onde um povo livre e grato erige estruturas monumentais aos seus heróis; uma civilização viva e activa empenhada em pagar tributo aos que tornaram a vida forte e ambiciosa. Mas não tardei a abandonar os contrastes e as comparações porque me inclino a pensar que todas as formas de civilização têm os seus fins e que as instituições estabelecidas por um povo têm tanto direito a que as contemplem com respeito como as que foram estabelecidas por outro.»

[...]. Mafra in full blast must have been a scene of military and ecclesiastical glory, such as the world has seldom seen. Now the desolation and repose are awful.

When this monastery was built at Mafra the resources of Portugal were great - great for her rulers and nobles, -great for a privileged few, and plentiful enough as they now are for the mass of the people. Regardless of the wants of his subjects, indifferent to the necessities of his great empire, the king compelled all people and all industries covered the Portuguese flag to pay tribute to this reckless

and extravagant conceit. And now all industries and people have withdrawn from its presence and left it standing alone. The power of him who built it is gone. The significance of the building has passed away. The object for which it was erected is forgotten, and even if remembered, is considered a piece of weakness and folly. And yet it represents what was once the civil and ecclesiastical power of Portugal, the former of which is in decay, and the latter of which its great minister abolished.

We drove over a wide region of dry hills and valleys occupied by thin wheat-fields and stunted vineyards, where a poverty-stricken people reaped the meagre grain and waited for the small wine crop. There was no luxuriance, all was a low level of civilization, without schoolhouse so far as I could discover, and surely without a town-hall or a meeting-house. I could not help contrasting this scene of poor agriculture and dead society with the fertile fields and pleasant homes and pretty villages where a free and grateful people erect monumental structures for their heroes; a living and active civilization engaged in paying tribute to those who have made life strong and aspiring. But I abandoned contrast and comparison early, because I am inclined to think that every form of civilization has its purpose, and that the institutions established by one people are as much entitled to respectful contemplation as those established by another. So much for Mafra, its building and its lesson.

# **UMA IMAGEM JAPONESA**



## KATISAKO ARAGWISA

Estudante laureado do *Kai-Sei-Gakko* (Colégio Imperial), depois Doutor em História e Ciências pela Universidade de Tóquio e, posteriormente, docente de Economia na mesma, desembarcou em Lisboa, a 19 de Dezembro, proveniente de Southampton, no paquete *Thames*, da Mala Real Inglesa. A sua amizade com Bebel e Benoît Malon e a circunstância de ter sido o introdutor das ideias socialistas no Império do Sol Nascente, valeram-lhe o exílio fora da pátria. Tendo percorrido os Estados Unidos da América e a Europa, foram os artigos que publicou no *New York Herald*, no *Daily Telegraph*, no *Times*, no *Tagleblatt Zeitung*, de Viena de Áustria, e no *Temps*, de Paris, sobre questões económicas e sociais nipónicas, que lhe trouxeram a fama. A sua vinda a Portugal crê-se tenha sido suscitada pela notícia da morte de um jovem português tuberculoso que conhecera durante a permanência na estância de Chamonix, o qual lhe havia feito a descrição das belezas lusas. O inventário dos relacionamentos que estabeleceu no nosso país não se encontra sequer parcialmente realizado. Um artigo subscrito por Manuel Saldida, e intitulado *Katisako Aragwisa e Gualdino Gomes* constitui a excepção (in *Mirante*, supl. do *Diário da Manhã*, 1957). Toda a correspondência que de Lisboa remeteu ao seu amigo e antigo condiscípulo, Kuroki, acha-se publicada em vernáculo, sob a responsabilidade do publicista Alfredo Gallis (*Cartas de um Japonês: crítica d'um oriental ácerca do nosso paiz*, Lisboa, 1907). Realizou visita a Mafra, em Agosto de 1904, na companhia do humorista Mardel, o *Bobo* do Rei D. Carlos, guia experiente e meticoloso do Monumento. Afirma, na sua *Décima Carta*, haver sido apresentado ao bibliotecário, Aires de Sá, tendo partido no dia seguinte para as Caldas da Rainha, “depois de uma noite bem passada e de um almoço suculento”.

### Décima Carta

(Lisboa, 30 de Agosto de 1904)

Kuroki

Meu querido amigo de infância,

Fui a Mafra, em companhia do Senhor Mardel, cada vez mais gordo e vermelho, do Gualdino, e de mais dois sujeitos amigos do Senhor Mardel, ambos pessoas de distinção falando o francês correctamente e possuindo valiosa cópia de conhecimentos como depreendi da sua conversa sempre variada e culta. O Senhor Mardel

não exagerou quando me dizia que Mafra, era uma bestialidade de mármore. Realmente assim é.

Depois do Vaticano é o maior edifício que tenho visto nas minhas viagens. Parece-se com o Escorial, célebre Convento de Espanha, faltando-lhe, porém, a imponente solenidade artística que aquele apresenta.

A sua massa geral é simplesmente monstruosa, e a sua construção liga-se a um facto da vida particular do rei D. João V, esse tal rei femeeiro e faustoso de que já te falei. Vou contar-te esse facto tal e qual o Senhor Mardel mo relatou o que é deveras interessante, embora banal. Sendo esse rei casado há dois anos com a princesa Mariana de Áustria, filha do imperador Leopoldo I, sem dela haver filhos, lembrou-se o piedoso monarca de prometer a Santo António (o tal Santo patrono das raparigas solteiras) e à Virgem Santa, que se a Rainha concebesse edificaria em Mafra, velho lugarejo tomado aos moiros por D. Afonso Henriques, o fundador do reino de Portugal no ano de 1147 da era cristã, um convento para 13 frades franciscanos, Ordem a que pertencera Santo António.

O santo ouviu a prece... e no espaço de seis anos a rainha partiu 4 varões e uma fêmea. Vendo o faustoso rei que o Santo fizera o milagre com pródigo cavalheirismo, não lhe quis ficar atrás no agradecimento, e em vez do modesto convento que prometera construir, resolveu edificar esse colosso que só encontra rival, nos antigos templos egípcios da época dos Faraós!!

A primeira pedra desta enorme inutilidade, sacra num país que ao tempo não tinha esquadra, nem exército, nem indústrias, nem instrução, e o povo agonizava de fome percorrendo as províncias bandos de salteadores temíveis, foi lançada no ano de 1717.

As festas desse lançamento importaram em 80 contos!! (80.000 ienes!!!)

Foi o arquitecto alemão Frederico Ludovice quem deu o risco, que consta de um convento para 300 frades, uma basílica majestosa no estilo da de S. Pedro de Roma, e dois palácios reais, tudo formando um conjunto brutal terminado por dois torreões de descomunal grandeza! Vou dar-te algumas das principais dimensões desta obra de gigantes, pela qual farás ideia do que ela é, assim como te remeto inclusa a sua fotografia.

Todo o monumento ocupa um quadrilátero irregular, cuja área mede quarenta mil metros quadrados. De Norte a Sul a linha frontal

mede 220 metros, a paralela 203, e as laterais 205 cada uma!!  
Simplesmente brutal!

O edifício, como vês pela fotografia, divide-se em três corpos. O do centro é o templo, e os laterais os palácios, cada um dos quais tem 50 metros de altura! O palácio do Norte era do rei, e o do Sul o da rainha, parecendo assim que o monarca já então farto de fazer filhos, quis pôr a sua consorte a respeitável distância, distância, que aliás era infinitamente menor, que aquela que mediava, do Paço de Lisboa ao Convento de Odivelas, onde ele tinha a amante, a tal madre Paula, freirinha brejeira e petulante de insinuosa beleza e voluptuoso coquetismo.

Todo o detalhe geral do edifício é pesado, sem estilo nem arte, à excepção das torres e zimbório do templo que são magníficos. Em cada torreão existe um subterrâneo onde ficam as cozinhas. No primeiro pavimento as ucharias; no segundo a capela, câmaras e aposentos para os dignitários e suas famílias; no terceiro as salas e aposentos reais, e no quarto oito divisões amplas e bem iluminadas.

De torreão a torreão existem oito salas enormes, ficando no centro delas a da *Benedictione*, toda em mármore preto, branco, amarelo, azul e vermelho, de cuja larga janela se deita a benção ao povo.

Cada torreão tem 62 janelas magnificentes, a cada palácio uma capela, ornadas de boas pinturas a óleo nos tectos e paredes representando assuntos sagrados. As torres da basílica, desde o solo até às grandes cruces de ferro forjado que as encimam, medem 69 metros de altura. O relógio é um disco de mármore de 4,30 m de diâmetro tendo o ponteiro dos minutos 2,20 m de comprimento, e cada letra 0,65 m! Mas, o mais curioso de tudo que vi nesta enorme mole de pedra que esmaga o espírito e desvaira o pensamento, foram os sinos.

Imagina:

Cada torre tem três ordens de sinos, a 1<sup>a</sup> de 8, dois para darem os quartos de horas e seis para o serviço do culto. Na segunda está o grande sino das horas que tem 2,80 m de diâmetro, 2,40 m de alto, e 2.000 quilos de peso! O badalo ou martelo que o fere pesa a bagatela de 280 quilos!! Na terceira, finalmente, existem 48 sinos providos de badalos e martelos devidamente afinados em tons e meios tons, de maneira que podem tocar todas as peças de música. A maneira de pôr em movimento esta filarmónica sacra é engenhosa. De cada um destes

sinos desce um arame em cuja extremidade há um engate que corresponde a uma unha de cobre cravada num enorme cilindro de ferro polido, onde estão por meio dessas unhas dispostas as peças musicais que da primitiva se colocaram nos cilindros. O mesmo sistema usado nas caixas de musica sem a menor modificação, além do pente de aço que dá as notas segundo a maior ou menor extensão de cada dente, é aqui substituído pelos tais arames que estão ligados aos martelos que ferem os sinos. Os cilindros ornados de magnífico trabalho de bronze cinzelado representando anjos, grifos, festões de flores, etc., são postos em movimento por meio de cabos e pesos de chumbo. Esses cilindros contêm quatro peças de música diferentes de 50 compassos quaternários cada uma e podem tocar em cada quarto de hora e horas.

Independente, porém, desta música automática, cada carrilhão, nome dado à soma total do grupo de 48 sinos montado em cada torre, possui uma disposição de dois teclados como o dos pianos, correspondendo o superior à parte de canto que se toca com as mãos, e o inferior ao acompanhamento, que se toca com os pés, podendo assim um organista hábil tocar as músicas que quiser, ainda as mais difíceis!! Cada cilindro tem 1,80 m de diâmetro e 2,40 m de eixo, e o bloco de chumbo que o faz mover pesa 800 quilos!

A pedido de todos nós, ouvi tocar uma peça de música e confesso-te que fiquei maravilhado. Não se pode imaginar nada de mais original e estranho do que esta harmonia de sons metálicos de uma afinação impecável chilreando como um bando de aves de desconhecido mundo a uma altitude de 60 metros e sob a pureza deslumbradora de um céu azul onde não pairava nem o mais ligeiro farrapo de nuvem! Jamais poderei apagar da memória a impressão que esta música me causou e que por momentos me arrancou da vida terrestre libertando-me a alma às vaporosas regiões do sonho. Quase me senti místico e disposto a acreditar nesse deus dos cristãos que merece obras de tão alta quão interessante valia! Pois, meu caro, esses dois carrilhões, únicos no mundo pela sua perfeição inexecedível, complexidade e delicadeza de maquinismo, custaram a bagatela de mil e duzentos contos, assim como quem diria no Japão, um milhão e duzentos mil ienes!!! O número total dos sinos das duas torres é de 114, pesando dezenas de milhares de quilos. O sino das horas tem o nome de Bizarro, que em português quer dizer - segundo o dicionário - bem apessoado, gentil, generoso - de alma boa ou de carácter enérgico.

Este sino já foi refundido em 1854. Quando toda esta sinaria toca em dia de festa, faz um barulho de tal intensidade que se ouve a quinze quilómetros de distância!

As torres têm trabalhos de escultura e de arquitectura bastante valiosos.

O templo é precedido de um vestíbulo, com 3 portas colossais em arco, entre seis colunas, e mede vinte e oito metros de comprimento por sete de largo. O chão é em xadrez e o tecto em apainelados de mármore preto e branco. Neste recinto e em nichos cavados nas paredes, existem catorze estátuas de mármore de Carrara de grandeza colossal, representando os seguintes santos do catolicismo: S. Vicente, S. Bruno, S. João de Deus, S. Sebastião, S. Filipe Néri, S. Bento, S. Caetano, S. Bernardo, S. Pedro Nolasco, S. João da Mata, S. Félix de Valois, S. Francisco de Paula, Santa Teresa de Jesus e Santo Inácio de Loiola. Esse último foi o fundador da Companhia de Jesus, essa portentosa Ordem religiosa que tem pairado sobre a terra como um véu de bronze, que conserva uma disciplina e uma tenacidade como ainda não existiram outra igual no mundo, que dispõe de riquezas fabulosas, que tem agentes em todos os países e em todas as camadas sociais, que trabalha na sombra com uma audácia e uma certeza fora do vulgar, e que até já ao nosso país tem mandado delegados seus a pregarem e a converterem almas ao cristianismo, ou para melhor, a arrebanharem pessoas para a sua numerosa e extraordinária grei.

Penetra-se no interior do templo por três imponentes pórticos, encimados por flores, sendo o do centro ornado por duas colunas coríntias, caneladas, coroadas por formosíssimos capitéis. Sobre este pórtico central vê-se um medalhão de jaspe, tendo em alto relevo as imagens da Virgem e de Santo António, a quem o monumento foi votado. Todo o interior da igreja é incontestavelmente um deslumbramento de luz, de mármore, de bronzes, de pinturas a óleo e de obra de talha. Possui a igreja onze capelas, seis no corpo geral, três à esquerda, três à direita, duas no cruzeiro, e três ao fundo. Todas estas capelas são admiráveis pelos seus painéis de mármore branco com figuras em baixo relevo, tectos de mármore de cores em meia laranja, colunas de mármore vermelho, grades de mármore azul e bronze, e primores de lavragem em todos os seus menores detalhes. De capela a capela existe um pórtico de mármore preto com florões de

mármore amarelo embutidos, que são uma verdadeira maravilha de arte.

O zimbório é a meu ver uma obra portentosa de architectura sacra. Consta de dois corpos concêntricos em octógono, por entre os quais corre a escada em espiral que conduz até ao lanternim, do alto do qual se descobre um horizonte majestoso e vastíssimo que abrange algumas dezenas de léguas. Desde o solo ao fecho interior do lanternim vai a prodigiosa altura de 62 metros! Toda a ornamentação desta magnífica obra é admirável em lindas colunas, capiteis deliciosos, flores, palmas, cabeças, etc., esculpturados com infinita arte pelos melhores esculptores portuguezes da época e outros vindos de Roma.

Por último visitei a biblioteca, que me dizem ser a mais bela que existe em todo o mundo pela sua sumptuosidade e grandeza.

Imagina uma sala com 88 metros de comprimento por nove e meio de largo, toda assoalhada a mármore branco e preto, recebendo luz por numerosas janelas de grande altura e ostentando nas suas estantes de madeira do Brasil, os trinta mil volumes que a compõem, alguns de inapreciável valor pela sua antiguidade, e farás ideia do que é esta biblioteca com um pé direito de 13 metros!

O Senhor Mardel apresentou-me o bibliotecário, o Senhor Aires de Sá, descendente do marquês de Sá da Bandeira, um dos generais da grande revolução liberal portuguesa. É um rapaz muito novo ainda, muito fino e distinto este Senhor Aires de Sá, autor de um trabalho eruditíssimo sobre as descobertas marítimas dos portuguezes, bibliófilo emérito e profundo conhecedor dos nossos clássicos, o que lhe mereceu a nomeação do alto cargo que exerce por escolha do rei D. Carlos.

Devo mais dizer-te que em Mafra não existem metais preciosos, o ouro e a prata, que eram prohibidos à Ordem dos frades de S. Francisco a quem o convento foi doado. Em compensação porém, os trabalhos em bronze cinzelado, e os bordados a matiz dos paramentos do culto, são de um valor artístico muito superior ao desses metais.

Vi capas, estolas e dalmáticas, verdadeiramente maravilhosas pela qualidade das sedas e execução artística dos bordados. O mobiliário do palácio do Norte, onde várias vezes se instala a família real, é pobre e em desarmonia com a majestade e imponência de todos os seus compartimentos. No convento vi, como coisa muitíssimo curiosa, o refeitório dos frades, as cozinhas gigantescas, e uma cela, tal

e qual eles as usavam, com o seu catre tosco, bilha de água, caveira, e mais *mise-en-scène* que mal se compadecia, com a grandeza do edifício que habitavam. Importou esse colosso de pedra na não menos colossal soma, para o tempo em que foi feita, de 19.000 contos, ou sejam, dezanove milhões de ienes da nossa moeda!!

Nela trabalharam milhares de indivíduos a isso compelidos violentamente!!!

E enquanto este capricho fanático de um rei femeeiro e religioso elevava para o céu as suas torres e zimbórios desconunsais, e no solo se alastrava uma verdadeira Babilónia de mármore e um pandemónio de vigamentos e ferragens, a miséria, a fome, o latrocínio e o roubo campeavam por todo o reino imerso no mais lastimável abandono, do qual só o braço de ferro de marquês de Pombal o pôde erguer.

Uma nota curiosa.

Contaram-me que foi facto averiguado por testemunhas oculares do tempo, que quando se deu o horroroso terramoto do dia 1 de Novembro de 1755, que reduziu Lisboa a um montão de ruínas, várias pessoas viram toda aquela protaica mole de pedra oscilar num formidável balanço, voltando, porém, à sua linha de equilíbrio sem se ter descolado uma só pedra, nem ter rebentado uma única trave!!!

\* \* \*

Depois de uma noite bem passada na vila, e de um almoço suculento, partimos cedo em busca do comboio que nos devia conduzir às Caldas da Rainha, onde em carruagem nos dirigimos para a Batalha, o mais célebre monumento sacro que existe na Europa.

[...].

Em Mafra, nos seus álcres carrilhões, cozinhas enormes e salas dengosas, paira como que o espírito alegre e irrequieto, mordaz e travesso, dessa madre Paula, amante do rei João V, que o senhor Marechal me historiou admiravelmente, com tal colorido e abundância de detalhes, que fiquei plenamente inteirado do assunto.

Na Batalha, com as suas naves lisas, as suas ogivas magníficas, as suas ogivas magníficas, as suas abóbadas extraordinárias e os seus túmulos de reis, perpassa como que o espírito do condestável Nuno Álvares, o herói de Aljubarrota, o salvador da autonomia de Portugal.

Mafra é o voto banal e quase pornográfico de um rei folião e faustoso como os nossos antigos *shoguns*; a Batalha representa a alma da pátria palpitando no cérebro de D. João I, prometendo à Virgem

um templo se ela lhe desse a vitória que salvava o seu país do predomínio estranho!

Que diferença entre estes dois reis, entre estas duas épocas históricas, e entre estes dois votos!

João V pedia filhos à Virgem e a Santo António! João I pedia liberdade e a independência do seu país!

Por isso, Mafra será sempre um colosso de prodigalidade inconsciente, e a Batalha a consagração sagrada da pátria portuguesa.

[...].

Cumprimentos à tua mulher e um beijo à rapaziada. Teu amigo certo que te abraça,

Katisako.